

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DA DIVERSIDADE
COORDENAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

EDUCAÇÃO DO CAMPO

CURITIBA
SEED/PR
2009

Série Cadernos Temáticos da Educação do campo, v. 2

Depósito legal na Fundação Biblioteca Nacional, conforme Lei n 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que seja citada a fonte.

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação
MEMVAVMEM

Revisão Ortográfica
MEMVAVMEM

CATALOGAÇÃO NA FONTE – CEDITEC-SEED-PR

Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. II Caderno Temáticos da Educação do Campo. Coordenação da Educação do Campo.

II Caderno Temáticos da Educação do Campo / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Coordenação da Educação do Campo – Curitiba: SEED – Pr., 2009. - 193 p. – (II Caderno Temáticos da Educação do Campo).

ISBN

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ

Superintendência da Educação
Departamento da Diversidade
Avenida Água Verde, 2140 Vila Isabel
Telefone (XX41) 3340-1737
Endereço eletrônico: educampopr@yahoo.com.br
CEP80240-900 CURITIBA-PARANÁ-BRASIL

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
IMPRESSO NO BRASIL**

Governador do Estado do Paraná

Roberto Requião

Secretária de Estado da Educação

Yvelise Freitas de Souza Arco-Verde

Diretor Geral da Secretaria de Estado da Educação

Ricardo Fernandes Bezerra

Superintendente da Educação

Alayde Maria Pinto Digiovanni

Departamento da Diversidade

Wagner Roberto do Amaral

Coordenação da Educação do Campo

Marciane Maria Mendes

Equipe Técnico-Pedagógica da Educação do Campo

Cassius Marcelus Cruz

Daniela Carla de Oliveira

Mirian Freitas de Paula

Luciana Maria de Matos e Silva

Willian Simões

Assessor Pedagógico

Cecília Maria Ghedini – UNIOESTE Francisco Beltrão

Silvana Cássia Hoiller Nonaka – UFPR Litoral

Solange Todero Von Onçay – ASSESSOAR

Colaboraram para esta Edição

Cássio Ayres da Silveira – NRE de Ponta Grossa

Edmilson Cezar Paglia – UFPR Litoral

Everson Grando – NRE de Toledo

Paulo Sérgio Boschem – NRE de Pitanga

Rodrigo Pereira – NRE de Laranjeiras do Sul

Rogéria Pereira de Melo - Assessor

Rosimari D. C. dos Santos – NRE de Dois Vizinhos

Sirlândia Schappo – UFPR Litoral

Wilson Winter – NRE de União da Vitória

APRESENTAÇÃO

Ao nos aproximarmos das nossas escolas, observamos as múltiplas determinações, sua cultura, as influências do ambiente e as diversas interferências do processo educacional nelas próprias e no seu entorno, trazendo o seu significado, as oportunidades criadas, os processos nelas vividos e as experiências ali realizadas.

O desafio maior é sem dúvida, o conhecimento em si, razão do nosso trabalho e função essencial da escola. No entanto, constantemente vai além, demonstrando-nos demandas novas, exigindo um posicionamento em relação aos novos desafios que se opõem para a educação e que devem ser trabalhados neste contexto, tanto para os profissionais da escola, como para educandos, seus pais e a comunidade, em toda a complexidade de cada um desses segmentos. Tais desafios trazem as inquietudes humanas, as relações sociais, econômicas, políticas e culturais, levando-nos a avaliar os enfrentamentos que devemos fazer. Implica, imediatamente, a organização de nossas tarefas e o projeto político-pedagógico que aponta a opção pela direção educacional dada pelo coletivo escolar, nossos planos, métodos e saberes a serem enfrentados, para hoje, sobre o ontem e com a intensidade do nosso próximo passo.

A reativação constante nos impele a pedir mais: mais estudos, pesquisas, debates, novos conhecimentos, e aquilo que nos abastece e reconhecemos como valoroso, inserimos e disponibilizamos nessa escola que queremos fazer viva – replanejamos e reorganizamos nossas práticas. Os princípios, sem dúvida, diretrizes que nos guiam são os mesmos, os quais entendemos como perenes. A escola é, na nossa concepção, por princípio, o local do conhecimento produzido, reelaborado, sociabilizado dialeticamente, sempre na busca de novas sínteses, construídas na e com a realidade.

A tarefa de rever a prática educativa nos impulsiona para que voltemos aos livros, analisemos os trabalhos desenvolvidos por nossos professores, adicionemos, co-participemos, contribuamos, façamos a releitura das realidades envolvidas e caminharemos para o futuro.

Este Caderno é um pouco de tudo isso e é parte de uma coleção que pretende dar apoio a diferentes propostas emanadas das escolas, em particular, das Escolas do Campo. É uma produção que ao socializar e problematizar práticas pedagógicas vivenciadas pelos professores, a partir de Grupos de Estudos da Educação do Campo, objetiva gerar novas experiências e auxiliar nossa ação escolar que precisa ser cotidianamente analisada e refletida para as necessárias intervenções e superações no contexto educacional.

Yvelise Freitas de Souza Arco-Verde
SECRETÁRIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

APRESENTAÇÃO DO CADERNO

É com grande satisfação que apresentamos a segunda publicação temática sobre a Educação do Campo, uma iniciativa do Departamento da Diversidade por meio da Coordenação da Educação do Campo.

Elaborado por muitas mãos – de professores, pedagogos, gestores, assessores, equipes da Coordenação da Educação do Campo dos NREs – esse nosso Caderno Temático nos vem instigar a leitura, a reflexão e a problematização das práticas pedagógicas desenvolvidas todos os dias nas escolas do e no campo. Objetiva, fundamentalmente, provocar nossa atenção e reflexão político-pedagógica sobre a identidade da escola do campo, esteja ela situada no meio rural ou na cidade, e que atenda educandos e envolva educadores residentes e trabalhadores(as) do campo.

Entendemos que construir uma escola do campo, pública, democrática e de qualidade significa também buscar a coerência político-pedagógica entre o que se ensina e o que se aprende, com a realidade, as expectativas e necessidades dos diferentes sujeitos que lá se encontram e dos que ainda não tiveram acesso à educação escolar.

Re-conhecer a escola do campo significa ainda debater, compreender e articular os desafios ligados à realidade do campo no Paraná, no Brasil e na América Latina – a luta pela reforma agrária, o respeito às diferentes culturas e identidades dos sujeitos do campo, a defesa dos direitos dos(as) trabalhadores(as) rurais, a preservação do meio ambiente, dentre outros – com o currículo, com o projeto político-pedagógico da escola, com os planos de aula, com os conteúdos, com as metodologias e, sobretudo, com as relações cotidianas entre educadores, educandos e comunidades no ambiente escolar.

Reafirmamos, através desse Caderno Temático, o compromisso do Governo do Estado do Paraná e da Secretaria de Estado da Educação com cada uma das escolas do campo, potencializando-as como espaços de acolhida e permanência de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos em processos de alfabetização e de escolarização.

A todos e todas, uma excelente leitura e aprofundamento dos estudos sobre essa temática, no intuito de efetivar uma educação dialógica, inclusiva, coerente e que atenda às diversidades do Estado do Paraná.

Wagner Roberto do Amaral

Chefe do Departamento da Diversidade

Alayde Maria Digiovanni

Superintendente da Educação

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL	04
Apresentação	05
Apresentação do Caderno	07
INTRODUÇÃO	11
Palavra de Quem Sistematizou	15
Compreensão do texto	17
(RE)CONHECENDO AS EXPÊRIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: GERANDO NOSSAS PRÁTICAS NA ESCOLA	23
Cuidando da Terra e Mobilizando a Escola: Levando comida a mesa em conjunto com a Natureza	25
Resgatando Cultura(s) e Identidade(s) mostrando a cara da comunidade	61
Movimentando os sujeitos do campo: por novas relações de trabalho e organização social ...	85
Trilhando os caminhos da sustentabilidade com novas práticas na agricultura familiar/ camponesa: responsabilidade do campo e da cidade	115
EXPERIÊNCIAS QUE ENVOLVEM A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO DA ESCOLA: DISCIPLINAS, METODOLOGIAS, PLANEJAMENTO, ESPAÇOS E TEMPOS	155
Educação de Nível Médio: Teorias e práticas integrando o currículo do curso	157
Educação do Campo e Desenvolvimento local - uma mudança para além da escola	171
SUGESTÕES PARA LEITURA, FILMES, SÍTIOS E REFERÊNCIAS	177
Filmes	179
Livros	185
Sítios	189
Referências	191

SIGLAS

- ASSESSOAR – Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural.
- ASPTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa.
- APMF – Associação de Pais, Mestres e Funcionários.
- CEASA – Centrais de Abastecimento.
- CFR – Casa Familiar Rural.
- COPAVI - Cooperativa Agropecuária de Produção Vitória.
- CPT – Comissão Pastoral da Terra.
- DCE – Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação do Estado do Paraná.
- EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.
- IAP – Instituto Ambiental do Paraná.
- MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens.
- MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores.
- MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.
- NPK – Nitrogênio, Fósforo e Potássio.
- NRE's – Núcleos Regionais de Educação.
- ONG – Organização não-Governamental.
- PCFE – Projeto Comunidade, Família e Educação.
- pH – Potencial hidrogeniônico.
- PPP – Projeto Político Pedagógico.
- PRONAF – Programa Nacional da Agricultura Familiar.
- PVC – Policloreto de vinila.
- PVR – Projeto Vida na Roça.
- SANEPAR – Companhia de Saneamento do Paraná.
- SEED – Secretaria de Estado da Educação.
- TNT – Tecido Não -Tecido.
- UEL – Universidade Estadual de Londrina.
- UNIOESTE - Universidade do Oeste do Paraná.

INTRODUÇÃO

Escrever a introdução deste caderno nos remete às práticas pedagógicas de tantas escolas do campo e da cidade deste estado e aos professores, educandos, gestores e outros que ousaram socializá-las.

Depois do contato com as experiências aqui narradas, analisadas, teorizadas, presente no cotidiano das escolas, tão presas em seus sentidos, afastar-se delas para melhor compreendê-las tornou-se um exercício bastante complexo e difícil, mas ao mesmo tempo apaixonante, rico em significados e em conhecimentos.

Gostaríamos de deixar cada experiência na sua íntegra, preservando a trajetória, os sujeitos envolvidos, contudo, trata-se de apenas introduzir o II Caderno Temático: Educação do Campo – “(Re) conhecendo experiências da educação do campo: gerando novas práticas na escola”.

A construção deste Caderno foi marcada por diversas concepções, intenções e objetivos. Quando se buscou uma metodologia que desse conta do que se queria para esta produção, três perspectivas foram importantes, considerando o momento vivido na Educação do Campo no estado do Paraná.

A primeira é que este material pretende ser referência para aquelas escolas e professores que nos olham e dizem: “Muito bem, acreditamos nisso, mas como fazer na prática, por onde começar? Como podemos fazer na nossa realidade?” A segunda, mostrar de que forma, ou com quais metodologias é possível articular as práticas pedagógicas específicas aos conteúdos científicos relacionados ao campo, ao desenvolvimento, buscando construir uma compreensão da relação que existe entre as condições de existência dos povos que vivem nestes espaços, as experiências e o conhecimento científico. E por fim, uma terceira perspectiva que se desafia a estabelecer relações entre as referências em curso e as Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação do Estado do Paraná – Educação do Campo (DCEs)¹, ou seja, concretizá-las, torná-las ação, que neste momento, ainda significa relacioná-las às práticas pedagógicas vigentes indicando avanços que partam do que encaminham e propõem.

O principal objetivo, contudo, foi partir do que se produziu pelos professores da Rede Estadual de Ensino através dos Grupos de Estudo aos Sábados, realizados no ano de 2007. Partindo dos inventários de trabalhos realizados nas Escolas e Colégios Estaduais e enviados à Secretaria Estadual de Educação (SEED)/Coordenação da Educação do Campo, procurou-se aproximar as diversas experiências desde a diversidade do Estado do Paraná, proporcionando assim uma oportunidade dos professores visualizarem o que vem sendo feito nas escolas.

1 A partir deste momento utilizaremos a sigla DCEs para se referir às Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação do Estado do Paraná – Educação do Campo.

Outro objetivo é que ele seja subsídio para novas práticas pedagógicas no interior da escola pública, provocando professores, equipes pedagógicas, direções e comunidade a repensar o modelo de escola que temos no campo, rumo à escola que queremos. Além disso, mostrar as aproximações feitas nas diversas experiências entre os conteúdos curriculares e a realidade do campo, como possibilidades, não para serem aproveitadas na íntegra, mas sim, referências de trabalhos para (re)criar as práticas pedagógicas, partindo e dando significado aos conteúdos das disciplinas desde a realidade onde se insere a escola e vivem os sujeitos do processo educativo.

Ao sistematizar estas experiências, vivenciamos um processo denso de trabalho que se estendeu por três meses onde uma equipe, ao reunir este conjunto de práticas, observou como os professores as fundamentaram e que componentes éticos estavam ali presentes em relação à trajetória até aqui construída na educação do campo, o que apresentam de novo e o que rompem em relação ao que deve ser mudado para construir uma escola que dê conta das questões propostas.

Num primeiro momento juntaram-se alguns Coordenadores da Educação do Campo dos Núcleos Regionais de Educação (NREs)², a equipe da Coordenação da Educação do Campo/SEED, professores da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral e da UNIOESTE - Francisco Beltrão, bem como profissionais da Assesoar (Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural). Tendo em mãos os quase duzentos inventários de experiências, iniciou-se o trabalho de leitura e análise de cada um deles, que foram organizados a partir das temáticas trabalhadas nas referências, tomando a forma de grandes eixos em torno dos quais se organizavam os trabalhos.

Esse material está organizado em quatro capítulos desenvolvidos em torno de um eixo central “(Re)conhecendo experiências da educação do campo: gerando novas práticas na escola”, que procura articular os sub-temas presentes nas experiências da seguinte forma: Capítulo 1 - “Cuidando da terra e mobilizando a escola: levando comida à mesa em conjunto com a natureza”; Capítulo 2 - “Resgatando cultura(s) e identidade(s): mostrando a cara da comunidade”; Capítulo 3 - “Movimentando os sujeitos do campo: novas relações de trabalho e organização social” e Capítulo 4 - “Trilhando os caminhos da sustentabilidade com novas práticas na agricultura familiar/camponesa: responsabilidade do campo e da cidade”. Convém assinalar, ainda, que cada capítulo é constituído por sub-títulos: 1. Fundamentação – apresenta, inicialmente, um apanhado das experiências e temas que serão explorados nos capítulos e, na seqüência, conceitos que os embasam teoricamente; 2. Relato organizado a partir do inventário de experiências – contém os relatos das experiências subdivididos de acordo com cada capítulo; 3. Problematização – composto por questionamentos que surgiram a partir das leituras das experiências, além disso, esse item pretende oportunizar o olhar para outras perspectivas.

2 A partir deste momento utilizaremos a sigla NREs para se referir aos 31 Núcleos Regionais de Educação do Estado do Paraná, aos quais estão jurisdicionados escolas e colégios mencionados neste Caderno.

Ao final, destacaram-se três processos que mostram referências que buscam construir um novo Projeto de Escola do Campo, a saber: “Educação de Nível Médio: Teorias e Práticas Integrando o Currículo do Curso” (Colégio São Francisco do Bandeira – Dois Vizinhos/Pr.); “O Projeto Político Pedagógico: é possível viver sem as disciplinas?” (Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral); “Educação do Campo e Desenvolvimento local – uma mudança para a além da escola” (Sistema Municipal de Ensino – Porto Barreiro/Pr.).

Além de tudo o que foi mencionado, o II Caderno também possui um espaço em que são apresentados sugestões de filmes e *sites* que poderão contribuir com os trabalhos das escolas que se desafiam a continuar essa construção de uma proposta de educação e escola do campo.

Boa Leitura !

PALAVRAS DE QUEM SISTEMATIZOU

“O grande desafio dos professores é proporcionar condições efetivas para que os educandos ascendam a percepção do conhecimento. Aliado a essa intenção, o aprendizado da construção, do trabalho coletivo, da vida harmoniosa na sociedade são possibilidades que a escola tem que oferecer. Essa construção do II Caderno Temático da Educação do Campo nos deu essa possibilidade de através de um passeio pelas escolas do nosso Paraná, das diferentes formas do aprender e do ensinar que nossos professores e educandos demonstraram, sistematizar a ousadia e a determinação diária de todos os envolvidos. Caminhar é preciso. Vamos nesse trabalho, inovar e continuar mostrando que a educação do campo, como todo processo educativo, só terá validade se realmente for emancipadora. Lembrando Paulo Freire ‘ensinar é uma aventura criadora’”

(Cassio Ajus da Silveira).

“Colocar uma semente na terra é sempre um risco... não se tem certeza do que virá pela frente: granizo, seca, vendaval ou tempo bom (isto as famílias camponesas entendem bem). Depois de ter vivido dez anos de educação do campo no Paraná, este Caderno é um pouco isto: uma colheita para quem acreditou, sem ter certeza do que viria pela frente!”

(Cecília Maria Ghedini).

“A construção coletiva do II Caderno da Educação do Campo é um marco histórico na educação formal, especialmente ao resgatar aspectos da agricultura familiar/camponesa, dando significado às histórias de vida de todos os atores envolvidos”

(Edmilson Cezar Paglia).

“Quando iniciei na Coordenação da Educação do Campo, os trabalhos de organização do II Caderno já haviam começado. O que me deixou mais entusiasmada com a proposta, foram as experiências já realizadas nas escolas do campo estarem sendo colocadas em evidência, pois como professora da rede estadual e como participante da trajetória da Educação do Campo no Paraná, sou testemunha de afirmações do tipo: “isso tudo é muito bonito, mas é só teoria, na prática não dá certo” ou ainda, de questionamentos ansiosos de como fazer esse diferente, como iniciar a nova proposta. Esse trabalho nos prova que a educação do campo é possível e que não é difícil realizá-la nas nossas práticas pedagógicas e, principalmente, nos aponta para a necessidade de pensarmos a educação com a intencionalidade de construirmos novas relações sociais”

(Luciana Maria de Matos e Silva).

“Participar da sistematização deste Caderno, significou empenhar-se para construir no coletivo novas formas de olhar o campo, a cidade, a cultura e os movimentos sociais, pois o caderno nasce das práticas dos próprios professores, re-significando o campo e a educação a partir dos seus sujeitos”

(Rogéria Pereira Alba).

“Participar do processo de elaboração do II Caderno Temático da Educação do Campo foi muito importante, pois contribuiu para o meu crescimento pessoal e profissional. Foi possível conhecer o trabalho dos professores através dos inventários de experiências e perceber que estes fazem o diferencial na educação do campo”

(Rosimari Donassolo Correa dos Santos).

Este processo de construção coletiva do caderno foi como construir uma casa no campo, cada um foi colocando um tijolinho e colorindo com diferentes cores e saberes. O resultado foi uma casa aconchegante, cheia de frutos, cheiros, sabores e festejos, reunindo amigos para contar causos e concretizar ideais comuns. Como já dizia Raul Seixas: ‘um sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade

(Sirlândia Schappo).

“Esse caderno representa o esforço de um coletivo que comunga, permanentemente, a educação do campo de forma a priorizar as relações entre professor, educando e comunidade, valorizando e incluindo toda uma história construída no campo. Cada um deixou nesse caderno um pedaço de si e criou laços de amor, amizade, carinho e de luta com a educação do campo”

(Silvana Cassia Hoeller).

“Fazer parte do processo de sistematização e construção coletiva deste Caderno, significou comungar de uma profunda experiência, acima de tudo, partilhando idéias, sonhos, ousadia, exigências... especialmente porque, ao concebermos que a educação do campo advém de seus sujeitos, assumimos o desafio de tornar o caderno, testemunho disso”

(Solange Todero Von Onçay).

Este caderno é uma amostra de uma outra realidade possível. Trata-se de uma grande socialização de conhecimentos, permeados por um regime de solidariedade. Conhecimentos e experiências que saem de suas escalas mais locais e se expandem às escalas ainda indefinidas, fortalecendo, influenciando, (re) encantando a educação. Nesse sentido, é preciso dizer que durante a produção deste II Caderno da Educação do Campo, percebi que há uma multidão de pessoas em movimento, mesmo que geograficamente separadas, se articulando, saindo das margens consideradas por muitos abandonadas, para ocupar o centro, mostrando que o conhecimento é infinito, e que há um campo de possibilidades. As possibilidades de um mundo culturalmente diverso e mais humano, economicamente solidário, ambientalmente sustentável, entre outras...

(Willian Simões)

Esse caderno pedagógico é a síntese de alguns processos abertos pela Coordenação da Educação do Campo no trabalho com a Rede Estadual de Educação e sua Estrutura Administrativa. É síntese de dois anos dos inventários de experiências pedagógicas construídos nos Grupos de Estudos. Síntese do trabalho realizado com alguns Coordenadores da Educação do Campo nos Núcleos Regionais de Educação. É síntese do desejo dessa Coordenação por uma Educação que contribua para a permanência da vida no Campo e para um projeto de sociedade ambientalmente equilibrado e socialmente justo.

(Cassius Marcelus Cruz)

Nossa intenção é que esta publicação coletiva possa contribuir com o debate sobre a Educação do Campo. Para isso, nos propusemos a ousar e arriscamos; com cientificidade, sentimentos, emoções, desejos, com as dúvidas e os medos.

Felizmente fomos capazes de arriscar...

E aqui estamos nós.

(Marciane M. Mendes)

“Compor a equipe de Sistematização desse Caderno é fazer parte do processo histórico que envolve a Educação Básica no Estado do Paraná e, sobretudo, contribuir para o fortalecimento da Educação do Campo”.

(Daniela Carla de Oliveira)

COMPREENSÃO DOS TEXTOS

ONDE leria o meu QUANDO?
QUEM leria o meu COMO?
COMO escrever o meu ONDE?
QUANDO escrever o meu QUEM?

O II Caderno Temático: Educação do Campo mostra a necessidade de partir de aspectos da realidade local, ao problematizar os conteúdos das disciplinas de acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná e das DCEs da Educação do Campo, desde as experiências cotidianas dos educandos, considerando que possuem uma História de vida, de cultura, de relação social e de interação com a natureza.

A educação do campo tem sido historicamente marginalizada na construção de políticas públicas. Tratada como política compensatória, suas demandas e sua especificidade raramente tem sido objeto de pesquisa no espaço da academia e na formulação de currículos nos diferentes níveis e modalidades de ensino. A educação para os povos do campo é trabalhada a partir de um currículo essencialmente urbano e, quase sempre, deslocado das necessidades e da realidade do campo. Mesmo as escolas localizadas nas cidades têm um currículo e trabalho pedagógico, na maioria das vezes, alienante, que difunde uma cultura burguesa e enciclopédica. É urgente discutir a educação do campo e, em especial, a educação pública no Brasil (PARANÁ, 2006: 25).

Este Caderno Temático deverá contribuir para repensar a prática pedagógica não somente nas escolas do campo, mas também nas escolas das cidades, pois a maioria delas recebe educandos oriundos do campo. Apresenta-se assim, também, a possibilidade de repensar a relação campo x cidade, oportunizando aos educandos do campo e da cidade uma reflexão que perceba este espaço “em relação” e não como mundos à parte, na perspectiva de superar o discurso dicotômico entre rural e urbano, campo e cidade.

O campo, nesse sentido, mais do que um perímetro não-urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições de existência social e com as realizações da sociedade humana. Assim focalizada, a compreensão de campo não se identifica com o tom de nostalgia de um passado rural de abundância e felicidade que perpassa parte da literatura, posição que subestima a evidência dos conflitos que mobilizam as forças econômicas, sociais e políticas em torno da posse da terra no País (BRASIL, 2002: 4).

A diversidade de experiências contidas no Caderno oferece aos professores uma oportunidade de conhecer as diversas realidades do Estado do Paraná que trazem consigo a esperança de uma escola que pensa seus espaços e tempos escolares, mostrando que estas mudanças, mesmo que tímidas, são possíveis. “Experiências radicais de ser, carregadas de sabedoria e lida, precisam virar letra, palavra e página para compor história. Para não se perderem em cacós – de mim, de nós, de vida – precisam ser registradas. Para se constituírem em cenário humano e rumo, significando o estar no mundo, necessitam de reflexão” (FALKEMBACH, 1995: 2).

Nomear e reafirmar esses sujeitos que desenvolveram essas práticas, significa recuperar um dos principais fundamentos que definem a educação do campo, ou seja, o direito destas mulheres/homens, jovens, crianças serem reconhecidos como sujeitos que pensam, elaboram, constroem sua vida, sua pedagogia no contexto onde estão. Parece algo óbvio, contudo, se olharmos do ponto de vista histórico, vamos constatar que as políticas, principalmente as educacionais, sempre foram pensadas “*para o meio rural*” o que é diferente de uma política que passa a ser gerada “no espaço do campo”, com os sujeitos que ali vivem e trabalham. Talvez seja este um dos principais diferenciais da educação do campo, a qual tem como ponto de partida seus sujeitos, com suas Organizações e seus Movimentos Sociais.

O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombolas. É no campo que estão as florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por tudo isso, o campo é lugar de vida e sobretudo de educação (FERNANDES, 2004: 137).

Assim, reconhecer os sujeitos, suas práticas, seus fazeres, significa também compreender estes professores, educandos, como sujeitos de cultura, que possuem história, que podem pensar o amanhã diferente do ontem e melhor do que o hoje. Significa projetar o futuro sem perder a dimensão da totalidade em que estão se constituindo. Significa também contribuir para construir a necessária identidade e organização destes grupos, (povos camponeses, indígenas, quilombolas, faxinalenses...) como sujeitos coletivos e históricos.

Estes lugares, onde estão as escolas, os professores, os educandos e suas famílias, que se juntaram as práticas que vão dar forma a este caderno que queremos nominar também de “Vítal”, pois estas práticas, “*partezinhas*” do desenvolvido na escola, foram como “*cacos que viraram vitrais*”, utilizando aqui a expressão trabalhada por Elza Maria Fonseca Falkembach (1995), ou seja, depois de organizadas as várias experiências pontuais, viraram páginas de um todo maior, que vão formando e constituindo a consciência, a qual por sua vez, vai se materializando em outras práticas, novas a cada (re) fazer permeado pela reflexão teórica.

Foi a partir desta concepção que escolhemos este método para escrever o II Caderno Temático, postura esta que ecoou como desafio quando nos propomos a desenvolver este trabalho tendo em mãos os aportes e fundamentos éticos e políticos que sustentam a metodologia utilizada e que procuramos tornar presentes nesta ação.

Se tomarmos a tradição da Educação Popular¹, de onde se origina a Sistematização², tomaremos também seu conceito básico qual seja: parte-se do senso comum do sujeito, vai-se até este senso comum percebendo qual teoria que existe ali, compreendida esta teoria, propõem-se outra possibilidade teórico-metodológica e, na reflexão, coloca-se um tencionamento provocando um avanço partindo do senso comum encontrado.

Neste sentido, ao organizar este Caderno com a Metodologia da Sistematização, partiu-se do “lugar” de onde os professores foram capazes de materializar a educação do campo através das práticas e ações aqui destacadas e, a partir deste concreto real, continuar avançando, através de um diálogo que poderá fortalecer o que estamos concebendo por educação do campo.

Nesta concepção de Sistematização, o concreto vivido faz avançar o concreto pensado, ou seja, são as práticas reais das escolas que nos permitem criar outras possibilidades de fazer educação escolar, ensino-aprendizagem, articulada ao desenvolvimento local e à socialização do conhecimento universal. Pode-se dizer que a Sistematização permite este movimento, possibilitando aos que desenvolvem a ação, neste caso, professores, educandos e comunidades, de refletir acerca de suas práticas escolares, potencializando sua ação.

Entendemos a Sistematização como um dos processos geradores de reflexões onde os sujeitos se “alimentam” por aquilo que aprendem na prática, com as perguntas que estas práticas instigam quando refletidas, com as leituras que as (re)fundamentam e a busca pelas inquietações que emergem.

... a Sistematização produz uma `reconceitualização` mediante a qual as concepções teóricas vigentes são re-definidas a partir da prática, a partir dos novos conhecimentos que se elaboram ao se refletir sobre a ação. Esses novos conhecimentos serão logo difundidos e por sua vez, confrontados com outras experiências, num processo em espiral, flexível e dinâmico, onde o aprendido é sempre base para novos conhecimentos. Assim, a sistematização e a socialização do novo saber produzido mediante ela, irá conformando um corpo de conhecimento, produto da prática, que estará em condições de confrontar-se com a elaboração teórica atualmente existente (JARA, 1996: 43).

- 1 Para melhor conceituar, trazemos presente Carlos Nunes Hurtado que define educação popular como: um processo de formação e capacitação que se dá dentro de uma perspectiva política de classe e que toma parte ou se vincula à ação organizada do povo, das massas, para alcançar o objetivo de construir uma sociedade nova, de acordo com seus interesses. Educação Popular é um processo contínuo e sistemático que implica momentos de reflexão e estudo sobre a prática do grupo ou da organização, é o confronto da prática sistematizada com elementos de interpretação e informação que permitem levar tal prática consciente a novos níveis de compreensão (1992: 44). Esta proposição, uma das mais legítimas proposições pedagógicas da América Latina, se expressa como instrumento de emancipação política e humana e busca, através da análise e reflexão dos problemas de cada época, o fortalecimento e a hegemonia das camadas populares.
- 2 Foram inúmeras experiências e iniciativas que vieram formulando esta concepção metodológica, a nível latino-americano. Destacam-se o Programa de Apoio a la Sistematización del Consejo de Educación de Adultos de América Latina (CEAAL) e o Programa ALFORJA com sede em Costa Rica. No Brasil o Centro de Educação Popular (CEPIS), localizado em São Paulo, o Instituto de Formação (Cajamar) e o SPEG (Seminário Permanente de Educação Popular) – Programa do Departamento de Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI) integrado ao CEAAL. Dentre os intelectuais que possuem vasta produção a cerca da Sistematização, destacamos Educadores Populares como Carlos Nuñez Hurtado, Elza Maria Fonseca Falkembach (Unijui) e o sociólogo Peruano Oscar Jara Holliday (ALFORJA) e o educador colombiano Marco Raúl Mejía.

A Sistematização organiza seu movimento entre o concreto vivido e o concreto pensado a partir de um eixo central, em torno do qual se organizam o relato e a análise.

No momento de análise e organização, os quatro eixos se tornaram pequenos para tantas diferenças e temas, o que nos levou a criar sub-temas dentro de cada eixo (que forma um capítulo), juntando as várias experiências desenvolvidas, de forma que se tornassem quase um único texto, mantendo a referência das escolas e professores que nela se envolveram.

Não é preciso dizer que grandes modificações foram feitas nos textos originais de forma a contemplar todos os trabalhos num único caderno, decisão esta que não foi fácil, pois dentre as várias argumentações, buscou-se superar a forma comum de “escolher”, “classificar”, “sortear”, “ver os melhores”, por conta da concepção que o método da Sistematização traz.

O grupo organizou-se em quatro equipes e passamos a trabalhar no formato de cada capítulo, entendendo que deveríamos trazer alguns elementos de fundamentação presentes nos grupos de estudo e acrescidos com a reflexão do grupo de trabalho, seguidos dos relatos das experiências. Estes relatos foram problematizados no sentido de afirmar o que trouxeram e apontar os avanços possíveis e necessários tanto no conteúdo quanto no desenvolvimento das referências, desenhando assim novas possibilidades na perspectiva da educação do campo.

Foram quatro momentos de trabalho coletivo que se iniciaram no mês de julho e se findaram em meados de agosto, mas há que se dizer que foram outros tantos momentos de trabalhos individuais dos integrantes do grupo, através de leituras e garimpagem para dar conta dos diversos aspectos que compõem o Caderno.

Certamente descobriremos lacunas, mas queremos reafirmar que é uma possibilidade de tornar concreta a proposta de educação do campo no estado do Paraná, desde as escolas públicas, ou seja, visibilizar o que se faz hoje e os desafios que os professores, escolas e núcleos de educação assumiram de construir esta proposta a partir das Diretrizes.

Trata-se de buscar coletivamente, como nos diz Jara (1995), a construção de referenciais que nos levem a perceber a realidade como uma totalidade, cujas partes não podem ser compreendidas, isoladamente nem como um todo ou podemos dizer numa concepção dialética, que possibilita compreender a escola como parte da sociedade e as práticas nelas desenvolvidas, como expressão da forma como vemos e concebemos, o mundo, a vida, as relações, o conhecimento. No caso da educação do campo, estas práticas se dão dentro de uma concepção de campo “em movimento”³, ressignificada, enquanto cultura, sujeitos e relações o que vem demandando um novo olhar para a escola situada neste espaço e suas práticas.

3 Esta forma de compreender as relações do campo “em movimento”, neste momento histórico, refere-se à trajetória dos Movimentos e Organizações do Campo na luta por direitos, da síntese histórica que foi o MST, das propostas de educação que ousou criar, propostas de educação formal, mas, “em movimento” que foi aprendida neste percurso. Caltart (2004), em sua Tese de Doutorado, traz uma reflexão que ajuda a compreender estas relações: “... nesse olhar, é possível enxergar que o princípio educativo por excelência está no movimento mesmo, no transformar-se transformando a terra, as pessoas, a história, a própria pedagogia, sendo essa a raiz e o formato fundamental de sua identidade pedagógica (...) Terra é mais do que terra; escola é mais do que escola; talvez porque o movimento seja mesmo Movimento.” (2004, p. 328-329)

Compreender desta forma, aproxima-nos a outro conceito que é entender a realidade como um processo histórico e produto da criação humana, assim a escola e suas práticas são, também, produção dos sujeitos envolvidos, professores, educandos, gestores, famílias e comunidades que fazem parte desta escola, não apenas o resultado estático da história. Se pensarmos que a realidade é feita pelos sujeitos, as inovações, as iniciativas, as elaborações e as re-criações sempre serão importantes e o devir está sob nossa responsabilidade.

Destaca-se também a realidade “em movimento”, a mudança que se produz dentro da própria realidade quando vai confrontando com “o outro” presente em elementos diferentes de si, por isso, as práticas aqui relacionadas, se confrontadas com os contextos de outras escolas, poderão gerar idéias, proposições, questionamentos, contradições, relacionando estes contextos, processo este que acreditamos, será provocador de mudanças, gerador do novo.

Partimos da compreensão de que educar os sujeitos do campo e da cidade, que vivem em condições (des)humanização é proporcionar meios para que se transformem. Nisso, a escola é parte, não há como termos uma escola humanizada, quando tudo à sua volta é desumanizador, como nos diz Arroyo (2005). Assim como não é possível melhorar as práticas pedagógicas se quem as conduz e media não estiver envolvido organicamente no processo. “É por isso que afirmamos que não há como verdadeiramente educar os sujeitos do campo sem transformar as circunstâncias sociais desumanizantes, e sem prepará-los para ser sujeitos destas transformações...” (CALDART, 2002: 32).

Acreditamos que são necessárias grandes mudanças na forma escolar para que se dê conta da lógica econômica, social e cultural deste tempo. Nos trabalhos evidenciam-se os limites de conhecimento com relação ao campo por parte dos professores e das escolas, resultado também da ausência destes temas nos currículos da Formação Inicial, desconhecendo, assim, as inúmeras relações que existem na questão da agricultura, por exemplo, que vão das formas de produzir no campo passando pela grande indústria fármaco-química, o controle das sementes, do mercado de alimentos e os representantes destas relações nos locais onde está a escola.

No trabalho desenvolvido pela Coordenação da Educação do Campo/SEED, NREs, escolas e professores da Rede Estadual, percebe-se este “movimento” de avanço no sentido de dar significado ao conteúdo do campo, de articular as várias disciplinas, de promover momentos em que as famílias e as entidades vão à escola, de assuntos/conteúdos que são inseridos nos planos a partir da materialidade do campo como a terra, o solo, o trabalho, a renda, os insumos químicos, as culturas como o fumo, o milho, a abóbora, temas como o lixo e os resíduos, a saúde das pessoas, as expressões culturais, os Movimentos Sociais e suas contradições. Estes temas e práticas trabalhados trazem a possibilidade de tematizar o campo ausente dos currículos até então.

... a análise da escola primária rural vem comprovar o princípio orientador e determinante do processo de definição curricular, onde o mundo rural, suas atividades produtivas, suas crenças, sua sociabilidade e sua cultura são caracterizados como arcaicos, atrasados e, obviamente, excluídos do currículo. (...) A cultura rural não é considerada como cultura dominante, razão pela qual não figura no currículo. (...) A contemplação de uma cultura urbana no currículo da escola primária rural, em detrimento das manifestações culturais presentes no meio rural, é uma demonstração de que a cultura dominante em nossa sociedade é aquela ligada ao setor urbano-industrial (GRITTI, 2003: 133-134).

Caderno da Educação

Não significa que agora o conteúdo será apenas neste enfoque, mas significa que o campo é conteúdo a partir do contexto onde está a escola, permitindo que se fale desde ali, que dali se aprenda a ler o mundo, estabelecendo pontes, debates, aprofundamentos com o conhecimento científico que deverá ser socializado com profundidade para se alcançar à função social da escola, do ensino, no contexto do campo.

As experiências mostraram que é possível a relação entre disciplinas que à primeira vista parecem distantes entre si como, por exemplo, a Química e a História; mostram, ainda, que a organização oficial das disciplinas se localiza em áreas diferentes. Percebe-se, então, que, como já se disse de outras formas, a vida tem um outro “movimento”, diferente da forma como se organizam as disciplinas e os conteúdos universais e este é um dos papéis da escola do campo na relação com a vida destes povos: partir do “movimento” real da vida, dando significado para o estudo e a socialização do conhecimento científico.

Em muitas experiências o trabalho apresenta-se isolado, apenas uma única disciplina aborda o tema da educação do campo evidenciando que, ainda, as escolas encontram dificuldades para fazer um trabalho articulado, que tematize e construa relações a partir das necessidades e potencialidades das comunidades do campo. Estes temas que poderiam ser base para o trabalho pedagógico das escolas, muitas vezes ficam apenas num projeto, que se limita a alguns dias e logo após é esquecido e o trabalho continua com conteúdos desvinculados do trabalho e da vida do campo.

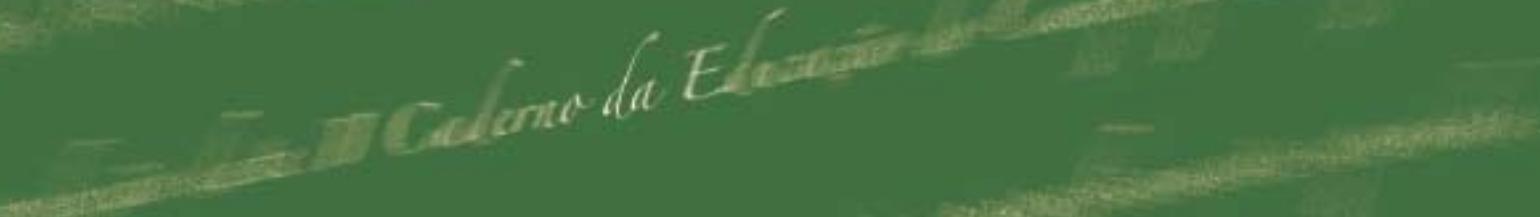
A escola precisa ultrapassar os limites dos projetos de trabalho, tendo um Projeto de Educação da comunidade, do território, fazendo com que educação do campo seja a energia motriz do trabalho pedagógico, aproveitando os momentos de parada como as semanas pedagógicas, os grupos de estudo, os conselhos de classe e as reuniões pedagógicas, para tratar dos desafios que esta proposta traz.

O percurso vivido na organização deste II Caderno nos faz acreditar que tais proposições anunciam maneiras de revelar como professores ousam no devir de fecundar suas práticas, encharcá-las na prática social e reflexiva. Autoriza-se a compartilhá-las, colocando-as em diálogo, publicizando-as, o que não deixa de ser, em seu tempo e lugar, uma forma de contribuir com a mudança necessária capaz de “combinar estudo com trabalho, com cultura com organização coletiva, com posturas de transformar o mundo, prestando atenção às tarefas de formação específica do tempo e do espaço escolar” (CALDART, 2004: 157).

Enfim, este Caderno é de alguma maneira, um testemunho, pois permitiu perceber que a educação do campo está palpitando nos diversos recantos do Paraná e que, uma vez semeada, poderá fazer germinar novos horizontes nas escolas deste Estado.

Calendário da Educação do Campo

(RE) CONHECENDO EXPERIÊNCIAS
DA EDUCAÇÃO DO CAMPO:
GERANDO NOVAS PRÁTICAS NA
ESCOLA





CUIDANDO DA TERRA E MOBILIZANDO A ESCOLA: LEVANDO COMIDA À MESA EM CONJUNTO COM A NATUREZA

“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”
Paulo Freire

1. Fundamentação

Este capítulo, “Cuidando da terra e mobilizando a escola: levando comida à mesa em conjunto com a natureza”, foi construído com experiências, de certo modo ainda pontuais e desarticuladas, mas, que entendidas no seu conjunto, podem nos dar referências de como construir uma relação com a vida e o cotidiano dos sujeitos do campo que estão em nossas escolas. As leituras e (re)escritas das experiências formaram cinco sub-temas: “Sementes de uma escola sustentável”; “Plantando na escola”, “Diversidade na alimentação”; “Plantas medicinais e alternativas de saúde - saúde preventiva”; “Água e preservação”.

“Sementes de uma escola sustentável”, é um sub-tema que tenta traduzir a preocupação vivenciada não só pelos professores, mas também pelos educandos e comunidade no que diz respeito às questões que envolvem o meio ambiente e, dentre elas, os impactos ambientais. Além disso, registra as iniciativas de escolas/colégios e de professores visando construir conhecimentos e alternativas como práticas de compostagem e de preservação, entre outras. Entendemos que são como sementes que, uma vez plantadas na escola podem ser também semeadas na comunidade.

Algumas foram desenvolvidas durante as aulas de Geografia, no Col. Est. José de Anchieta, jurisdicionado ao NRE de Pitanga, nesta ocasião, foram abordados problemas de impactos ambientais que afligem a população mundial. Em meio às discussões surgiu a oportunidade de aproveitar os resíduos orgânicos produzidos tanto no meio rural, quanto no meio urbano (hortaliças e leguminosas) objetivando diminuir a quantidade de lixo que se acumula nos aterros das cidades e nas comunidades rurais. No NRE de Ivaiporã, município de Rosário do Ivaí, a professora de Ciências na tentativa de

também diminuir o volume de resíduos orgânicos não só na comunidade, mas na escola, propôs aos educandos a construção de uma caixa de compostagem no terreno do colégio. Essas experiências possibilitaram a sensibilização dos educandos e familiares para práticas de conservação e utilização do solo.

O espaço escolar não é apenas um espaço constituído por salas de aula, há também um pátio, um refeitório, um jardim e, geralmente, há lugares ociosos, normalmente, localizados nos fundos da escola/colégio. Esses espaços quando olhados com atenção podem fazer a diferença na relação ensino-aprendizagem e entre educandos-professores-comunidade-escola/colégio.

Procurando não só ocupar o espaço vazio, mas dar sentido/significado ao conteúdo do bimestre e oferecer alternativas para uma alimentação saudável, os professores da disciplina de Matemática, História e Geografia do Col. Est. Frei Doroteu de Pádua, no município de Ponta Grossa, se reuniram para construir junto aos educandos uma horta. Cada uma das disciplinas contribuiu de forma diferente tanto para a construção da horta quanto para a construção do conhecimento. Além dessa experiência, há outras que também tentam melhorar os hábitos alimentares dos educandos, tais como: a inclusão de frutas na merenda escolar; a horta orgânica; a realização de feiras livres; a produção de biofertilizantes; entre outras que fazem parte do “Plantando na escola”.

“Diversidade na alimentação”, estas palavras são palavras chaves para uma boa alimentação, uma vez que diversificar o que comemos incluindo em nossas refeições frutas, legumes, carnes, entre outros, além de suprir as necessidades de nosso corpo, garantem uma vida longa e saudável. Entretanto, para que isso aconteça é preciso que estes alimentos sejam semeados, plantados e cultivados de preferência pelas famílias que trabalham a terra.

Pensando na questão do cultivo, por exemplo, da abóbora, um grupo de professores do NRE de Umuarama responsáveis pelas disciplinas de Geografia, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Artes, Ciências e Matemática uniram esforços em um trabalho interdisciplinar. Durante a realização desta experiência cada professor procurou desenvolver o tema de acordo com a sua área de conhecimento, abordando temas como: os tipos de solos; os tipos de abóboras existentes; as receitas que envolvem a abóbora; as medidas utilizadas nas receitas; a festa do *Haloween*; a realização de trabalhos manuais; o valor nutricional; entre outras tantas possibilidades. Já, no município de Assis Chateaubriand, na Esc. Est. Papa João Paulo II, os professores olhando para a realidade da região perceberam a presença da cultura de mandioca, além disso, entenderam que era o momento de desenvolver uma experiência capaz de trabalhar a realidade local. Além destes, desenvolveram-se também temas como apicultura, NRE de Umuarama e leite, NRE de Pitanga.

Saúde, também é o tema focado neste sub-tema, “Plantas Mediciniais e Alternativas de Saúde - Saúde preventiva”, que recupera um conhecimento historicamente acumulado (transferido de mãe para filha/de geração a geração) chamado de “comum”. Esta denominação se dá, simplesmente, pelo fato de não ser comprovado cientificamente, ou seja, as plantas medicinais possuem certas características capazes de auxiliar no tratamento de algumas doenças, mas que segundo médicos e especialistas devem ser utilizadas com cautela. Entretanto, esta visão vem gradativamente se modificando e estas plantas já começam a ser manipuladas em laboratórios comprovando que o conhecimento popular deve ser considerado.

Na tentativa de recuperar um pouco desse conhecimento acerca das plantas medicinais, professores do NRE de Toledo, município de Nova Santa Rosa, em um trabalho interdisciplinar que envolveu as disciplinas de Língua Portuguesa, Ciências, Matemática e Geografia, organizaram momentos de leitura e de pesquisas de campo, discussões a respeito das variedades de ervas, da seleção e da escolha das plantas, desenvolvendo atividades em sistemas de medidas, formas geométricas, tipos de solo, características climáticas entre outras. Assim trabalharam em Língua Portuguesa a produção de um livro de receitas de medicina caseira; em Ciências a produção de um catálogo de plantas; em Matemática a construção da planta de uma horta e, em Geografia a construção de um dicionário das plantas medicinais com informações sobre seu uso, localidade de origem, condições ambientais necessárias para o desenvolvimento da planta. Além dessa, há outras duas experiências sendo uma do NRE de Pitanga e a outra de Laranjeiras do Sul.

Outro tema recorrente nas experiências que assim como nos relatos anteriores, também, trabalha a partir da realidade e das angústias dos educandos e da comunidade, neste caso, “Água e preservação”.

Uma das experiências realizadas no município de União da Vitória, no Col. Est. Rio Vermelho partiu da observação local dos rios próximos ao colégio, onde os professores se reuniram em um trabalho que envolveu tanto os educandos do Ensino Fundamental como os participantes do Curso de Agroecologia desenvolvido pelo Senar. Já no município de São Jorge d’Oeste, NRE de Dois Vizinhos, o primeiro passo para a realização da experiência foi a construção de um plano de estudo sobre solos.

Além dessas duas experiências há outras que tratam de temas como: mata ciliar; produção de mudas de plantas nativas para revitalização das matas; construção de uma proteção para fonte de água; valorização e preservação ambiental; falta d’água; água e biodiversidade; impactos ambientais causados por práticas agrícolas equivocadas; abastecimento de água; rede de esgoto; a falta de água decorrente do desmatamento da mata ciliar dentro do perímetro urbano; as diversas formas de poluição e contaminação da água. Estas experiências vêm acompanhadas por diferentes e criativas atividades que possibilitam aos educandos uma visão mais crítica e a mudança de hábitos.

Pensar na formação integral dos sujeitos é refletir sobre a relação sustentável com a natureza, sem reduzir a educação a aspectos mercadológicos ou produtivistas. Nesse sentido a educação compromete-se com as necessidades essenciais do ser humano e da sua relação de pertença com a natureza. Isso já era expresso por um dos grandes pensadores brasileiros na década de 70, Josué de Castro (2003) ao se referir à civilização da produção frenética e do lucro como civilização poluidora por excelência:

Atualmente, o que se torna mais importante é a qualidade da vida, a qualidade do meio ambiente, mas se pode aumentar a produção, contanto que seja com técnicas não poluidoras. Até aqui elas não foram utilizadas, por obsessão dos lucros e dos preços competitivos. Neste aspecto, multiplicam-se os produtos inúteis, procurou-se estimular o consumo para além das necessidades reais, mas, em compensação, descuidou-se das necessidades essenciais.¹

1 A fala de Josué encontra-se em CASTRO, Anna Maria de. Josué de Castro: semeador de idéias. In.: FERNANDES, Bernardo Mançano. GONÇALVES, Carlos Walter. Josué de Castro: vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

Com o processo desencadeado pela revolução verde descuidou-se da produção voltada para as necessidades essenciais do ser humano, priorizando-se o modelo monocultor exportador, causando a perda ou redução da diversidade alimentar e biológica, gerando impactos sociais, econômicos, ambientais e culturais.

Em detrimento da unidade de produção camponesa, neste modelo optou-se politicamente pela grande propriedade que, por sua vez, priorizava alguns produtos mais lucrativos, sendo também a maior privilegiada no que diz respeito aos investimentos públicos. O pacote tecnológico difundido foi acompanhado do crédito agrícola de investimento e de custeio que serviu para consolidar a chamada revolução verde. O discurso propagado a partir deste modelo foi um dos principais fatores geradores da desvalorização do campo como um espaço de potencialidades.

Neste processo as grandes propriedades, foram tidas como as mais capazes de responder ao “progresso” esperado, porém, apesar do crescimento em termos de produtividade, grande parte da população mundial não teve e não tem acesso a estes alimentos produzidos. Esta situação confirma que não basta ampliar a produção, mas é preciso criar as condições para que as pessoas tenham acesso aos alimentos e as condições para produzi-los. Estas condições envolvem o acesso a renda, incentivos a agricultura familiar/camponesa/camponesa produtora de alimentos, reforma agrária entre outras.

É nesse contexto, quando emergem as conseqüências do processo de modernização, que se deflagra a organização dos movimentos ambientais ligados às agriculturas alternativas, as quais fomentam ações que questionam o modelo da agricultura capitalista. Assim, parte significativa da população do campo obriga-se a migrar para os centros urbanos, onde muitos passam a viver a partir de precárias estratégias de sobrevivência. Apenas a partir das últimas décadas do século XX, a sociedade brasileira pôde retomar o debate sobre as conseqüências deste modelo e a possibilidade de construção de alternativas mais justas, do ponto de vista social, cultural e ambiental.

Isso é evidenciado por Sevilla Guzmán (1999)², que discute o pensamento científico convencional, através do conceito de desenvolvimento, definiu como o “progresso” para as zonas rurais a sua homogeneização sociocultural e, com isso, levou à erosão do conhecimento local, que foi desenvolvido e apropriado mediante a interação entre os homens e a natureza, em cada ecossistema específico. Diante desta imposição e invasão cultural, as culturas locais reagiram de diferentes maneiras, ainda que, em geral, a estrutura de poder estabelecida neste processo e guiada pela lógica do lucro e do mercado tenha causado a submissão da agricultura camponesa. Essa dependência industrial tem seu reflexo na utilização dos recursos naturais que foi substituindo as formas de manejo camponesas, vinculadas às culturas locais, funcionando como um mecanismo homogeneizador, instalando o modo de vida “moderno”, dissolvendo dessa forma as relações estabelecidas às gerações pelas comunidades rurais. Mesmo com o desenvolvimento desse processo, dentro das comunidades há resistências que funcionam como respostas endógenas a agressão sociocultural, com inúmeras iniciativas que privilegiam a agrobiodiversidade.

2 Texto traduzido e adaptado por Francisco Roberto Caporal, mediante autorização do autor. Trata-se de parte do texto original intitulado *Ética Ambiental y Agroecología: elementos para una estrategia de sustentabilidad contra el neoliberalismo y la globalización económica*. Sevilla Guzmán, E., ISEC - Universidad de Córdoba, España, 1999: 30 (mimeo).

Um aspecto importante para compreender a agrobiodiversidade é revisitar

... as populações tradicionais e locais, como os povos indígenas, remanescentes de quilombos, pescadores Artesanais, agricultores familiares, caboclos ribeirinhos e sertanejos, entre outros, que acumulam um importante saber tradicional sobre a produção de alimentos, formas de cultivo e criação mais adaptadas às condições ecológicas, e que não utilizam adubação Química ou agrotóxicos. Detêm um conhecimento profundo sobre espécies e variedades vegetais e raças crioulas mais adaptadas à produção de alimentos e ao ambiente local. Esses conhecimentos devem ser resgatados e conservados para que se possa garantir a segurança alimentar das comunidades locais e regionais, pois são os pequenos produtores os principais responsáveis pela produção de alimentos para a população. A utilização de variedades e raças crioulas, associada ao uso sustentável de espécies silvestres de animais e vegetais para diversos fins, como medicinal, alimentação, condimentos, óleos, fibras, entre outros, recebe o nome de agrobiodiversidade (MMA – MEC – IDEC, 2005: 49).

Requer-se, portanto, a reflexão intensa em busca de uma sustentabilidade, que envolva não apenas os aspectos relacionados à produção agrícola, mas também o fortalecimento da agricultura camponesa, dos movimentos sociais e das suas relações socioculturais. A agricultura camponesa ocupa um papel muito importante em uma estratégia de desenvolvimento que engloba a Segurança Alimentar e Nutricional, que seja economicamente sustentável, com crescente equidade e inclusão. Ela estimula a produção diversificada e amplia a capacidade de consumo de alimentos e de outros bens pelas famílias.

Nesta direção, no campo científico, a agroecologia apresenta-se como uma oposição ao agronegócio, repensando o conhecimento a partir da interpretação das complexas relações existentes na vida do planeta. Prioriza-se um constante diálogo entre o Saber Científico e o Saber Popular. Na construção destes saberes, a participação da comunidade é o elemento central tanto em espaços rurais quanto urbanos, sendo os agricultores considerados atores na construção de seus próprios processos de desenvolvimento. O conceito de desenvolvimento proposto por Guzmán (1999), conforme já citado anteriormente, é amparado nos princípios da Agroecologia, se baseia no descobrimento e na sistematização, análise e potencialização dos elementos de resistência locais frente ao processo de modernização, para, através deles, desenhar, de forma participativa, estratégias de desenvolvimento definidas a partir da própria identidade local. A Agroecologia propõe o desenho de métodos de desenvolvimento endógeno para o manejo ecológico dos recursos naturais, utilizando elementos da identidade local.

É nesta perspectiva que se fundamenta a ciência agroecológica, extrapolando, portanto o âmbito da técnica, do manejo e da gestão de propriedade.

Baseando-se neste entendimento, e buscando permear a utilização de práticas pedagógicas coerentes, inclusivas e eficientes na construção de um modelo humano e sustentável de convivência do homem com o ambiente e considerando uma concepção de sustentabilidade, condição essencial à autonomia e perpetuação do patrimônio sócio-histórico e cultural camponês, a abordagem de temas como a destinação do lixo, o manejo e a produção de alimentos, a introdução e aperfeiçoamento de procedimentos de saúde preventiva, o estudo e aprimoramento da criação de animais e utilização de seus subprodutos, e os cuidados com a água, nascentes, fontes, afluentes, riachos, rios, etc., pretende, ao apresentar experiências realizadas em escolas públicas, contribuir para a concretização de práticas pedagógicas coerentes com as Diretrizes Nacionais e Estaduais da Educação do Campo e com a construção da consciência e atitude ecológica da população do campo.

Em relação ao destino do lixo nas escolas, uma perspectiva importante é relevar a influência das instituições de ensino nas atitudes dos educandos. Compreende-se que uma grande parte da educação e da formação de hábitos ocorre a partir de procedimentos adotados na escola e das ações das pessoas com quem se convive. Se existe a adoção de procedimentos apropriados, estes serão reproduzidos na extensão social da mesma que se concretiza nos ambientes familiares e comunitários. Portanto, se a redução na produção do lixo devido a uma escolha mais criteriosa e seletiva dos produtos consumidos, e se a destinação adequada dos resíduos forem posturas adotadas e praticadas na escola, os educandos atuarão como agentes disseminadores destes procedimentos. Cabe aqui citar a observação do *Manual de Educação sobre Consumo Sustentável*. Nela, constata-se que as preocupações com as ações relacionadas ao lixo são condizentes com as reflexões apresentadas acima.

Recentemente começamos a perceber que, assim como não podemos deixar o lixo acumular dentro de nossas casas, é preciso conter a geração de resíduos e dar um tratamento adequado ao lixo do nosso planeta. Para isso será preciso conter o consumo desenfreado, que cada vez gera mais lixo, e investir em tecnologias que permitam diminuir a geração de resíduos, além da reutilização e da reciclagem dos materiais em desuso.

Outro tema tratado no relato das experiências e intimamente ligado ao destino do lixo é a construção de hortas escolares, onde parte da matéria prima para a produção de adubo orgânico advém do aproveitamento das sobras de cozinha e outros resíduos gerados pela escola. As hortas representam uma fonte de alimento saudável e natural, além de compreender uma série abrangente de ações pedagógicas que se estendem desde a preparação do solo, que envolve conhecimentos de matérias como Biologia, Química, Matemática, etc., até a colheita e distribuição dos alimentos, onde é possível inserir reflexões históricas, sociológicas e filosóficas, trabalhando conteúdos como estatística, nutrição, geração de renda nas propriedades e outras. Um exemplo é cultivar na horta plantas medicinais, resgatando na comunidade local o uso, as espécies, os benefícios e a importância delas para a cultura das populações tradicionais. Outro exemplo é o manejo agroecológico, que permite o resgate de práticas que fazem parte do saber local, ampliando dessa forma a diversidade alimentar das famílias e consolidando hábitos saudáveis de alimentação.

A horta escolar, construída de forma coletiva e integrando uma diversidade de alimentos, manejadas de forma sustentável, assim como a proteção de fontes e o cuidado com os animais, possibilitam ao educando desenvolver estratégias de manutenção da biodiversidade natural dos distintos ecossistemas terrestres e aquáticos. Neste sentido, suas ações desenvolvem-se a partir de posturas e valores de cuidado, respeito à vida e a identidade camponesa, bem como de conhecimentos que contribuam para que os mesmos com suas famílias pudessem inclusive aumentar a sustentabilidade das atividades ligadas à unidade de produção camponesa.

Trazer estes temas para a sala de aula nos aponta pelos menos duas questões para refletir no sentido da relação dos conteúdos das disciplinas e o campo como espaço de vida, de certa forma, lugar onde a vida tem maiores chances de se reproduzir e conservar.

Uma primeira é que se voltarmos o olhar para o futuro da humanidade podemos dizer que

... se há 10 mil anos as sociedades humanas fizeram uma opção pela agricultura de cultivos e criações em sistemas domesticados que se tornaram simplificados, e se este modelo de agricultura chegou até nossos dias na forma de agricultura extremamente simplificada, e artificialmente controlada, incluindo a manipulação da transgenia, de baixos rendimentos e elevados custos, talvez nossa única perspectiva seja revolucionar novamente. Já existem novos caminhos que estão sendo percorridos. A resolução da crise passa a ser de significado, de conceitos, de idéias. É a percepção que deve mudar... (ASSESSOAR, 2007: 59).

Esta opção de construir novos caminhos, contudo, deverá se dar no sentido prático, do trabalho concreto e da vida dos camponeses e suas organizações, aspectos muitas vezes que parecem simples e cotidianos como produzir alimentos e transformá-los e também em aspectos que fundamentam estas práticas, o que deve reportar ao estudo, à teoria e suas relações com a vida concreta das famílias camponesas.

Neste sentido é necessário (...) refletir sobre “segurança alimentar”, sobre “alimento” e sobre “saúde”, e sensibilizar as pessoas para que percebam mais rapidamente o quão necessário e urgente é o resgate do que há muito vem se perdendo: os valores culturais e alimentares historicamente construídos pelos povos; a autonomia dos mesmos em relação à produção de alimentos com qualidade nutricional e para o autoconsumo; as sementes crioulas e a autonomia de produzi-las; as nascentes das águas e suas respectivas proteções, bem como, o respeito quanto a utilização dos recursos naturais (ASSESSOAR, 2007: 136).

Estas questões são amplas, porém a escola do campo poderá fazer sua parte, como uma das dimensões que está presente nas comunidades e que ainda faz sentido para a maioria das famílias. Abordar temas como os que estão no relato a seguir é um primeiro passo. Do ponto de vista teórico-metodológico, ainda temos muito que caminhar, como nos apontam também as DCEs:

Pensar em formas alternativas de como encaminhar as práticas pedagógicas já existentes nas escolas do campo também é uma forma de rever e prever novas possibilidades educacionais. O que corre hoje, pelos relatos feitos pelos professores, são projetos como: horta escolar, jardinagem, alimentação saudável, remédios caseiros, plantio de mata ciliar, etc; porém, muitos deles são desenvolvidos de forma isolada e desarticulada e ficam muito ligados à figura do professor. Esses projetos são importantes, todavia precisam inserir-se no contexto maior da escola e assumidos pela comunidade escolar. O diálogo e o encontro com o outro na escola, na comunidade são centrais na elaboração de uma prática interdisciplinar (Paraná, 2006: 40).

É com esta perspectiva que avançamos neste capítulo buscando construir uma leitura articulada das experiências que nos dão uma referência de “por onde partir” neste diálogo entre a escola, a comunidade e seus sujeitos, pela construção de novas relações com a natureza que podem trazer o que o mundo todo espera hoje: mais vida e saúde para o planeta e para a humanidade que nele vive. Há que se construir, passo a passo esta nova relação e a educação do campo, através das propostas desenvolvidas nas inúmeras escolas públicas, se coloca nesta perspectiva.

2. Relato organizado a partir do inventário de experiências

2.1. Sementes de uma escola sustentável

Durante as aulas de Geografia, em um dos municípios do NRE de Pitanga³, que tratou da agricultura e impactos ambientais, foram levantados diversos problemas vivenciados no Brasil e no mundo em relação a esse tema, surgindo a possibilidade de aproveitar tanto os resíduos orgânicos do meio rural quanto os dos mercados que comercializam hortaliças e leguminosas na cidade. O objetivo de aproveitar os resíduos é o de diminuir a quantidade de lixo que se acumula nos aterros da cidade e comunidades rurais. Este acúmulo de lixo passa a ser ambiente para criadouros de diversas doenças, assunto este estudado em uma experiência realizada na disciplina de Química, no NRE de Ibaí⁴.

Também o fato de estar ocorrendo altos índices de casos de dengue, motivou educandos e professores a desenvolverem um trabalho para compreender a relação do lixo com a proliferação dessa doença. O lixo de modo geral é mal aproveitado, porém, pode ser utilizado na compostagem em forma de adubo orgânico.

Numa experiência semelhante, realizada na região do NRE de Ivaiporã⁵, educandos foram pesquisar como se pratica compostagem para comprovarem na prática a sua utilidade e viabilidade. Após leitura e estudo em grupo, foram distribuídas as tarefas para construção das camadas de compostagem. Construiu-se uma caixa de compostagem no interior de um buraco no terreno do colégio, foram feitas camadas de resíduos orgânicos vindos da cozinha da escola e de um supermercado vizinho, além disso, os educandos trouxeram esterco de cavalo e grama para comporem as camadas do composto.

Após a montagem das camadas foi jogado um pouco de água e em seguida cobriram, com uma lona de plástico, a pilha de resíduos. Durante trinta dias os educandos acompanharam o processo de decomposição e mantiveram a umidade acrescentando água, percebendo dessa forma a transformação dos resíduos em adubo. Foi sugerido o aproveitamento do composto pela professora de Biologia, utilizando-o na sementeira e observando o desenvolvimento da planta em um solo com o composto e outro sem.

As experiências anteriores e a realizada no NRE de Cornélio Procópio⁶, com compostagem, possibilitaram a sensibilização dos educandos e familiares para práticas de conservação e melhor utilização do solo, bem como seu aproveitamento na horta da escola. Nesta atividade, a parte teórica foi trabalhada com textos, pesquisa e desenhos e a compostagem desenvolvida na prática onde se fez o aproveitamento de todo o lixo orgânico produzido pela escola que antes era jogado fora.

3 NRE - Pitanga – Município - Santa Maria do Oeste. Col. Est. José de Anchieta. Professora: Zeila Terezinha Silva Walter.

4 NRE - Ibaí – Município – Ibaí. Col. Est. Napoleão da Silva Reis. Professores: Graceli Bitzer; João Cardoso Rodrigues; Luciana Cristina Sanroman; Marciana Marciel; Maria Elizabete Pessoa; Natalina Aparecida da Silva; Neriane Christina Araújo Prado Lima; Roseli Aparecida de Medeiros.

5 NRE - Ivaiporã – Município - Rosário do Ivaí. Col. Est. José Siqueira Rosas. Professora: Aparecida Rosângela Parra Vieira.

6 NRE - Cornélio Procópio – Município – Bandeirantes. Col. Est. Cyriaco Russo. Professora: Rosângela Aparecida Palomares.

Para a atividade, os educandos foram divididos em pequenos grupos para coletar, separar material e executar os trabalhos. Depois de coletados, os materiais foram empilhados, organizados em camadas, a terra foi preparada e foi feita a compostagem. Realizaram-se observações, análises e registros fotográficos para entender o processo e chegar a possíveis conclusões, utilizando livros, revistas, jornais, internet e outros meios necessários.

Os coordenadores, juntamente com os educandos, fizeram aulas expositivas na horta e a campo, com a participação dos professores, que desde suas disciplinas realizaram diversas atividades: em Matemática trabalharam com gráficos, comparações e custos, com adubos orgânicos e químicos, medição de canteiros, etc; na área de Biologia e Ciências trabalharam com composições Químicas e evolução dos vegetais, em Geografia, as análises das vantagens e o cuidado com o meio ambiente, já em Língua Portuguesa e Artes, atividades que verificaram o conhecimento adquirido.

No NRE de Londrina⁷, outra experiência tratou da poluição, com o objetivo de observar os seus efeitos no ar, na água e no solo em alguns locais da escola e da região. Os materiais utilizados foram lâmina de vidro para microscópio, microscópio óptico, lupa, óleo de cozinha, vaselina e etiquetas. Foi espalhado um pouco de óleo de cozinha sobre algumas lâminas de vidro e, com a participação dos educandos, distribuíram-se essas lâminas em alguns locais da escola e da comunidade próxima, a céu aberto. Essas lâminas ficaram a mais de um metro do chão.

Os educandos etiquetaram as lâminas e anotaram os locais em que foi deixada cada uma delas, para que não se esquecessem de nenhuma lâmina na hora da coleta. Recolheram as lâminas no dia seguinte e as observaram ao microscópio ou usando uma lupa. Determinaram uma área na superfície da lâmina e contaram o número de partículas nessa área e compararam os resultados das lâminas colocadas em áreas diferentes. O Professor questionou os educandos sobre as causas dessas diferenças. Quais as características dos ambientes onde foram deixadas as lâminas? Em quais lâminas encontramos mais sujeira? Por que isso acontece? Em seguida, pediu aos educandos que descrevessem os locais onde foram colocadas as lâminas, demonstrando a quantidade de árvores, de construções e quantidades aproximadas de automóveis que passam pelo local. Nas lâminas que estiveram expostas mais longe das árvores e mais próximas à passagem de automóveis houve grande concentração de partículas de sujeira e resíduos. Naquelas que foram expostas em campo aberto, houve também um número grande de resíduos. No lugar com muitas árvores onde o ar era mais puro as quantidades de resíduos foram menores.

Foi realizada também uma pesquisa sobre a situação dos rios, lagos e do solo. O que essa poluição pode causar às plantas e aos animais? Para responder a essa questão, foi proposto o seguinte experimento em relação à poluição do solo: Plantaram-se sementes de feijão em copinhos descartáveis com um pouco de terra. Os copinhos foram enumerados de um a três. Durante uma semana, os copinhos receberam o seguinte tratamento: Um foi regado com uma solução de vinagre e água; o segundo foi regado com detergente e água; e o terceiro somente com água. Foram feitas as seguintes anotações: Quais sementes germinaram? Quais sementes se desenvolveram? As conclusões foram anotadas diariamente e os educandos puderam perceber a ação do vinagre e do detergente sobre as plantas.

7 NRE - Londrina – Município – Londrina. Col. Est. Willie Davids. Professor: Alexandre Orsi.

Em relação à poluição da água foram coletados três ramos de planta aquática chamada elódea e colocadas em copos diferentes, um com água, um com detergente e água e outro com vinagre e água. Durante uma semana foram observados quais produtos se mostraram poluentes e os educandos foram desafiados a responder o por quê? Para fundamentar foram feitas pesquisas e, após um mês de trabalho realizou-se um fórum de debates sobre a poluição e anotando-se as conclusões.

Sensibilizou-se a comunidade escolar e foram traçadas ações de trabalho com textos que estimularam a reflexão sobre a situação do meio ambiente no mundo e como isso pode afetar nossas vidas, levando assim os educandos a analisarem a realidade local, como os rios da cidade, o desmatamento excessivo, o lixo nas ruas e a falta de conscientização das pessoas.

Os educandos em equipes ficaram responsáveis pela confecção de cartazes, lixeiras para coleta seletiva, placas para o jardim, etc. Todos os dias uma equipe cuidou da manutenção da limpeza do pátio e das salas de aula, orientando também os demais educandos. A proposta de preservar e de cuidar melhor do ambiente surtiu tal efeito que os educandos levaram a idéia para casa onde passaram a separar o lixo, explicando às suas famílias a importância dessa atividade para o meio ambiente. Para finalizar, os educandos, professores e a comunidade começaram a plantar flores na escola tornando-a um espaço agradável aos momentos de aprendizagem.

2.2. Plantando na escola

O NRE de Pitanga⁸, também, foi cenário da experiência de construção de horta na escola e que envolveu a participação das famílias, possibilitando aos professores uma visão geral dos hábitos e saberes de seus educandos em relação ao tema e a valorização da educação do campo. A implantação da horta mobilizou educandos, funcionários, famílias, um agrônomo e técnicos em agricultura da Prefeitura Municipal, contando com diferentes momentos pedagógicos. Inicialmente foi feita a discussão sobre a implantação da horta na escola com os professores, funcionários e com os educandos, sendo definidas as plantas que seriam cultivadas, área de plantio e forma de obtenção das sementes. Essa seleção de espécies levou em conta o clima da região, a estação de plantio e o tamanho da área selecionada. As informações necessárias para essas decisões foram resultantes de uma pesquisa realizada tanto por professores como por educandos.

Numa segunda etapa foi solicitado que os educandos realizassem uma pesquisa, considerando os fatores que promovem a qualidade e manutenção do solo, como temperatura, ciclo do nitrogênio, ciclo do fósforo e enxofre. Esses temas foram reforçados em sala através de esquemas retirados de diferentes livros didáticos e aulas expositivas, e da classificação das plantas na horta. Após escolherem o espaço e as sementes, partiu-se para a implantação da horta. Nessa etapa, foram preparados os canteiros com terra e material orgânico doados pela comunidade e organizado um rodízio para a irrigação da horta com a participação de todos os envolvidos.

8 NRE - Pitanga – Município - Santa Maria do Oeste. Col. Est. Padre José de Anchieta. Professores: Edna Maria Wolki De Lima; Edson Luiz Wolski; Julieta Maria Cartelli Simon; Kelly Cristina Ferreira Cordeiro; Marcos Roque Wesseling; Maria De Lurdes Geffer Wesseling; Mariza Pereira Ianse; Silvana Boiko Martins Ribeiro; Zeila Terezinha Silva Walter.

Outra experiência relacionada ao assunto foi realizada, na região do NRE de Ivaiporã⁹, na feira livre dos produtores rosarienses, onde há barracas que vendem produtos orgânicos e convencionais. Distribuídos em equipes, os educandos se dirigiram aos proprietários e realizaram uma pesquisa a respeito do cultivo dos alimentos. Após colherem informações dos produtores eles se organizaram na sala para análise dos dados e apresentaram para os colegas as diferenças do cultivo dos produtos orgânicos e convencionais.

Os educandos assistiram aos filmes cujos temas incluem a valorização do camponês, meio ambiente, trabalho com reciclagem e classes sociais, foram pesquisados também materiais com charges e textos informativos sobre como plantar os produtos, prevenção de possíveis doenças e garantia de uma boa produção. Com estas informações, foram realizadas atividades em sala e extra-classe, como produção de Histórias em quadrinhos, paródias, poesias, cartazes, acrósticos, charges e receitas. Essas atividades foram avaliadas durante a construção até a exposição para os colegas da sala de aula, valorizando o desempenho e a criatividade dos grupos.

Continuando o trabalho, o grupo fez “turismo pedagógico” acompanhado de professores das áreas de Língua Portuguesa e Inglesa, Educação Física e Geografia para visitar os rios e plantas do local e a seguir realizaram atividades em sala de aula como, debates, relatórios e dissertação. Foi realizada também a distribuição de mudas de árvores nativas para que fossem plantadas na margem de um córrego em uma propriedade do município.

A proposta de plantar na escola, também, recebeu atenção dos professores do NRE de Pitanga¹⁰, que durante as aulas de Matemática, foi desenvolvida com os educandos da 7ª série com o objetivo de trabalhar na prática, medidas de área, porcentagem cálculo de volume, estatística, escala e problemas. Foi construída uma horta, determinando no terreno da escola a área e o perímetro relacionando as unidades de medidas como largura, comprimento, altura, a área de cada canteiro e da construção da estufa. Este momento foi oportuno para a introdução da simbologia Matemática necessária para efetuar essas representações e as quatro operações básicas da Matemática foram realizadas com a utilização do raciocínio e do conhecimento matemático que os educandos possuem, dessa forma, novos conceitos matemáticos vão sendo incorporados aos conceitos anteriores, onde se vai construindo o conhecimento, baseado em situações retiradas da realidade. Neste contexto, os educandos sistematizam conhecimentos a partir da real necessidade de se efetuar determinados cálculos matemáticos compreendendo sua utilidade.

De acordo com a prática na horta foram desenvolvidas atividades na sala de aula tendo por base alguns questionamentos: Determine o perímetro da horta. Qual é a área total da horta? Qual é a área total de cada canteiro com estufa? Quantas mudas são plantadas em cada canteiro sabendo que a distância entre uma muda e outra é de 25 cm, sendo que no início e nas bordas devemos deixar 12,5

9 NRE - Ivaiporã – Município - Rosário do Ivaí. Professores: Claudio Roberto de Souza Freire; Marilza de Lima; Luciane Soares Silva Costa; Rosângela de Souza Matos; Neide Aparecida de Godoi; Nilza Maria da Penha Ribeiro; Luiza Flausino da Costa; Célia Ribas Muschau Libanio.

10 NRE - Pitanga – Município – Pitanga. Esc. Est. Sítio Boa Ventura. Professor Luiz Kuzniarski.

cm de espaço? Quantas mudas de alface podem ser plantadas por metro quadrado? Se vingassem 80% das alfaces de cada canteiro, qual seria o valor recebido se fosse vendido cada pé a cinquenta centavos a unidade? Qual seria o valor total dos dois canteiros? Se conseguisse produzir oito safras anuais com um aproveitamento de 80% da produção, qual seria o total recebido por essa produção?

A horta escolar como educação de indivíduos se refere ao aprendizado das técnicas básicas de produção, dos cuidados especiais com a qualidade dos produtos, das formas e modos de preparo e consumo e dos aspectos nutricionais relativos à alimentação de hortaliças diversas.

Outra experiência¹¹ que também trabalhou estas questões, utilizou-se dos seguintes procedimentos: a escolha e preparação de uma área para a implantação da horta orgânica comunitária e a realização de cursos de capacitação para os educandos e comunidade da escola. Este trabalho se desenvolveu durante um ano e foi sendo ampliado progressivamente de acordo com as necessidades da comunidade e os resultados obtidos.

Buscou-se envolver as disciplinas de forma que em Matemática, as atividades desenvolvidas foram: delimitação da área, onde será implantada a horta; construção das leiras de plantio e formação de mudas; fechamento da área com telas; montagem do sistema de irrigação; preparação do solo. Na delimitação da área, foi calculado o perímetro da área para saber a quantidade necessária de cerca, para proteger a horta e a realização de vários cálculos, para chegar ao número ideal de plantas por canteiros, calculou-se a adubação necessária e houve acompanhamento do processo por meio de tabelas e gráficos. Foram feitos cálculos de porcentagem e custo da horta com foco no sistema de medidas (massa, comprimento, capacidade e tempo).

Na disciplina de História resgataram-se os saberes dos educandos, pais, mães, avós e até vizinhos, através de um questionário. Destacaram-se as principais dúvidas para o plantio e organização da horta orgânica, e quais destes conhecimentos poderiam buscar nos saberes das famílias e da comunidade. Partindo das respostas, os educandos iniciaram o processo do cultivo da horta orgânica. No questionário elaborado algumas questões como a utilização de agrotóxicos químicos, plantio convencional, valorização dos alimentos orgânicos, agricultura de exportação, foram pesquisados pelos grupos, junto à comunidade.

Destes dados e da pesquisa realizada, elaboraram-se textos que contaram a História do Brasil na Questão Agrária, desde a lei de terras até o Brasil atual. Os educandos compreenderam como o país foi sendo dominado por grupos de latifundiários que também dominaram a política do Brasil, através da pesquisa em documentos como livros e revistas.

A Geografia utilizou-se da produção de mapas da área da escola e da horta, e assim deram início ao estudo da paisagem. Pesquisas e relatos sobre todas as atividades desenvolvidas e experiências vivenciadas, motivaram a produção de textos. Em seguida foi feito o planejamento geral da horta,

11 NRE - Ponta Grossa – Município - Ponta Grossa. Col. Est. Frei Doroteu de Pádua. Professores: Andréa Ostrufk; Carlos Gilberto Masur; Fabiana dos Reis; Luciane dos Reis; Olavo Nelson Ferreira Ribas; Renato Jorge Leutério; Simone Guzo Rodrigues Zaika.

definindo a localização de cada canteiro, pesquisando características do solo, do clima e também dos alimentos cultivados na região e no Brasil, organizando-se um seminário.

A utilização da construção de uma horta escolar como instrumento de transmissão de conhecimento de Matemática, Geografia e História, estimulou o ensino-aprendizagem, evidenciando que os educandos têm experiências que podem ser aproveitadas, pois foi prazeroso ver como alguns deles mais ensinavam do que aprendiam. O trabalho da horta trouxe também a possibilidade do educando se auto avaliar e deixar transparecer suas emoções tornando-se um sujeito mais autônomo, ou seja, independente nas suas atitudes, com liberdade de escolha sobre sua futura profissão, mais comprometido com seus estudos e participante ativo da sua vida social.

Outro exemplo¹² que integra a realidade do estudante do campo ao espaço escolar é a produção de biofertilizantes. Em primeiro lugar, os educandos aprenderam a produzi-los com a ajuda de um agrônomo, trabalhando a idéia de “proporção” entre os ingredientes usados na receita. Com a preparação da calda, demarcaram uma área de 100 m², pulverizando-a munidos de equipamentos de proteção. Foram realizadas três aplicações, anotando o total de litros em cada uma, a fim de fazer uma média. Em seguida calculou-se para compreender a quantidade de calda necessária para ser diluída em água por cada bomba. Com esta atividade, trabalharam-se questões cotidianas e necessárias ao pequeno agricultor, embasados na Agroecologia.

Na região do NRE de Pato Branco¹³, horticultura foi o tema gerador para diversas disciplinas trabalharem o conteúdo de forma relacionada, de acordo com as seguintes etapas:

1º momento: Colocação em comum – educandos e técnicos discutiram e registraram num texto preliminar as idéias e opiniões sobre horticultura.

2º momento: Abordagem teórica - cada professor discutiu dentro da disciplina o conteúdo relacionado ao tema. Língua Portuguesa – verbos, construção do texto e vocábulos sobre os diversos tipos de horta; língua Inglesa – nomenclatura das hortaliças através de cartazes ilustrativos; História – tipos de solo e agricultura e países que praticam; Geografia – localização dos CEASAS no PR; Matemática – Cálculos e medidas na prática para construção dos canteiros, espaçamento entre mudas, proporção de adubo e tempo de germinação e colheita. Ciências – vitaminas de cada espécie e importância do consumo para a saúde.

3º momento: Aula prática e sala de aula - professores, educandos e técnicos foram à horta para o preparo inicial dos canteiros, capina e medição dos mesmos.

4º Momento: Cada disciplina trabalhou em sala, com as mídias impressas, jornais, revistas e cadernos didáticos para enriquecimento do conhecimento curricular.

5º momento: Retorno à Horta e visitas - com a coordenação dos técnicos e auxílio dos professores, os educandos construíram os canteiros previamente planejados.

12 NRE - Ivaiporã – Município – Ivaiporã. Col. Est. Barbosa Ferraz. Professores: Flávio Aparecido Correa, João Paulo Faria; Luzia Farias; Regina Kuerten; Eisele Rosalinda Lurdesç; Valmir Vagula.

13 NRE - Pato Branco – Esc. Est. Castro Alves – Casa Familiar Rural. Professoras: Bernardete Terezinha Denardi Costa e Rosméri Baptistella Andreatta.

6º momento: Visita a três tipos de horta: horta orgânica, horta com adubação Química e horta hidropônica.

7º momento: Produção do relatório e a interdisciplinaridade em sala de aula, de forma individual relativo às visitas e sobre o trabalho desenvolvido até então.

8º momento: Os professores utilizaram recursos de mídia, televisão e vídeos para ilustrar o conteúdo, aprimorando e embasando, profundamente, todas as etapas aqui trabalhadas.

9º momento: Retorno às casas - os educandos em suas residências preencherão a “Ficha de Alternância”, (ferramenta da Pedagogia da Alternância), sociabilizando com as famílias os conhecimentos adquiridos e construindo uma horta doméstica.

10º momento: Plantio das mudas - os educandos são divididos em grupos, onde cada grupo responsabiliza-se por um canteiro para posteriores cuidados tais como: acompanhamento do crescimento dos vegetais, regas, capina e ataque às pragas e formigas.

Outro assunto muito presente na realidade da escola do campo é a utilização excessiva de agrotóxicos e a relação com o meio ambiente. Essa experiência¹⁴, na escola, inicia com uma problematização, por meio de uma pergunta: “Onde vamos parar com tantas pragas, que aumentam sua resistência aos venenos cada vez mais fortes, aplicados nas lavouras que servem para nutrir as pessoas e torná-las vigorosas e cheias de saúde?” Esta atividade enfatizou a necessidade da redução de produtos químicos que causam danos ambientais aos microrganismos do solo e às pessoas.

Destaca-se a importância e a necessidade de desenvolver e utilizar novas técnicas de controle de pragas através do Controle Biológico. Este pode ser feito modificando ou alterando as condições ambientais que dificultam o aparecimento da praga ou doença, ou utilizando inimigos naturais do agente patógeno ou da praga alvo que se desenvolve nas lavouras. A turma foi dividida em três grupos que formaram três fileiras denominadas de: Plantas, Controladores Biológicos e Pragas. A identificação de cada fileira de educandos foi feita com uma faixa de TNT amarrada na testa com as seguintes cores: Verde para as plantas; Amarela para os controladores biológicos e Vermelha para as pragas. Os três grupos são formados por filas equidistantes de 2 m uma das outras, sendo que a fila dos controladores biológicos fica no centro. Com um assóvio ou apito o professor deu início ao jogo onde os educandos da fila, representando as pragas devem capturar plantas e devem ser impedidos pelos educandos da fila central, representada pelos Controladores Biológicos. Este jogo deve ter duração de trinta segundos e ser repetido 5 vezes. As Pragas que capturassem plantas, ficavam segurando-as até o final dos trinta segundos sinalizados pelo professor. Da mesma forma, os controladores biológicos seguravam e impediam que as pragas passassem por eles, para atacarem as plantas. As plantas que fossem capturadas pelas pragas deviam, ao final de trinta segundos, fazer parte da fila das pragas. Nova rodada do jogo foi iniciada até se completarem as 5 previstas.

Ao término da atividade foi feita contagem e somatória geral. Os resultados foram refletidos da seguinte forma: a) Se o número de plantas fosse maior que o de pragas, isso quer dizer que

14 NRE - Toledo - Município - Marechal Cândido Rondon. Col. Est. Eron Domingues. Professores: Angela Nowotny; Cirlei Matos; Edviges M. de Oliveira; Ilse Diesel Chaves; Joel Weçolovis; Maria de Lourdes R. De Andrade; Marlei Neis; Neusa Kreuz Pereira.

os controladores biológicos foram combatentes e eficientes e a lavoura ganhou em qualidade e produtividade; b) Se o número de pragas fosse maior que o número de plantas, isso quer dizer que os controladores biológicos não foram eficientes em sua ação e a qualidade e produtividade das plantas foi afetada significativamente. Com isso, os educandos passaram a entender melhor o papel dos controladores biológicos e sua importância ambiental na melhoria da qualidade de vida do homem. A aula teve continuidade com a elaboração de uma cadeia alimentar e refletiu-se sobre as vantagens e desvantagens do uso de controladores no combate às pragas das lavouras. Tanto a Matemática, como a Sociologia e a Química utilizam-se da contagem de cada grupo, realizando assim a interdisciplinaridade. Também foram trabalhados a porcentagem utilizando os dados das filas e das capturas feitas, as regras e atitudes de bom relacionamento e o risco da utilização do agrotóxico que agride o solo, a água e o equilíbrio biológico como um todo.

O solo foi um elemento do ambiente trabalhado e estudado por outra escola¹⁵ de uma forma que se envolvem as práticas de conservação do mesmo, adaptadas à realidade do educando. Os dados foram levantados por meio de um questionário aplicado na comunidade, que revelou os seguintes problemas: relacionados ao solo (erosão, perda de fertilidade, compactação, contaminação etc.); desmatamento e existência de mata ciliar e outras reservas de florestas; sistema de cultivo adotado: orgânico ou convencional; quantidade de agrotóxicos e fertilizantes químicos aplicados; classe toxicológica dos produtos aplicados; destinação das embalagens vazias; uso de equipamentos de proteção individual; irrigação na lavoura e perdas de água; situação tecnológica da propriedade e preocupação ambiental do produtor.

Após a entrevista foi elaborado um diagnóstico ambiental das propriedades rurais com posterior apresentação feita pelos educandos, onde surgiram temas como sustentabilidade do cultivo do solo; manutenção, em longo prazo do recurso natural do solo e da produtividade agrícola; minimização de impactos adversos ao meio ambiente; redução da dependência de insumos (fertilizantes e agroquímicos); produção de alimento que atenda as necessidades humanas; satisfação das demandas sociais e necessidades econômicas das famílias e comunidades rurais.

2.3. Diversidade na alimentação

Nas experiências relatadas¹⁶ relacionadas ao assunto tratava-se do cultivo de alimentos como um conteúdo trabalhado de forma interdisciplinar. Isso deu origem ao tema “Diversidade na alimentação”, que tentou sistematizar essas experiências de maneira que elas traduzissem espaços de aprendizagem integradores das várias disciplinas e conteúdos.

A cultura da abóbora foi trabalhada de forma transdisciplinar, onde cada professor desenvolveu

15 NRE - Cornélio Procópio – Município – Jataizinho. Professores: Ana Leia Antunes Raimundo Amaro; Edilene Alves Moraes; Eliana do Espírito Santo de Oliveira; Lucinei Y. Hirata Fukumoto; Márcia Marques; Neusa Antunes; Patrícia Fabiana Lemos; Vandira Loiola Nogueira.

16 NRE - Umuarama – Município – Iporã. Cafezal do Sul - Professores: Ângela Cristina Santos Rocha; Gênesis Zolin Vicente; Maria Cristina Afonso Branco Bertola.

o tema, enfatizando a sua área. A Geografia trabalhou na 8ª série os tipos de solo propícios para o cultivo de cada espécie. Em seguida os educandos fizeram uma pesquisa no laboratório de informática da escola sobre a origem e os tipos de abóbora existentes em todo mundo. Este trabalho foi coordenado pela professora de Língua Portuguesa. A pesquisa resultou ainda em uma grande variedade de receitas, utilizando esse produto que originou um caderno de receitas. Foi comentada também a presença da abóbora em outras culturas, como no livro da Cinderela, no qual a abóbora vira uma carruagem, e na festa de *Haloween*, onde a abóbora é presença marcante no cenário festivo. Esse tema da cultura inglesa – foi trabalhado também pela disciplina de Língua Inglesa, que auxiliou de maneira fundamental no desenvolvimento do trabalho. A disciplina de Artes ficou encarregada da decoração do trabalho na “Mostra Cultural”. Entre outras tarefas, foram confeccionadas lembrancinhas, painéis com mosaico e cestas decorativas. Os educandos também visitaram casas agropecuárias para pesquisarem sobre como fazer o plantio. A escola propôs uma palestra com um agrônomo para falar sobre o produto. Em seguida, houve o plantio de vinte e um tipos de abóboras. Durante o tempo de germinação, a planta foi observada com frequência pelos educandos, que fizeram observações e anotações sobre o desenvolvimento de cada planta. Assim a professora de Ciências desenvolveu o conteúdo, trabalhando as propriedades, o valor nutricional e os benefícios da abóbora para a saúde. Em seguida montou-se um mural coletivo.

De posse das receitas, os educandos, junto aos professores de Matemática e Língua Portuguesa, prepararam inúmeros pratos como: salgados: pizza, torta, charque na abóbora, abóbora frita, abóbora refogada; doces: sobremesas, cristalizados: formando figuras geométricas, em pedaços formando lindos mosaicos com chocolates, em pasta: formando faixa decorativa com motivos geométricos, *mousse* e pudim; massas: pão, bolo, rosca e sucos. Assim os educandos foram estimulados a olhar, analisar, interpretar a realidade, discutir, questionar, compreender limites e valores estabelecidos, vivenciar a riqueza das experiências da flexibilidade e reversibilidade de pensamentos e atitudes. Os textos de receitas culinárias proporcionaram o ensino de números, operações, medidas, geometria e tratamento da informação. Houve plena articulação entre medidas e números na confecção dos deliciosos pratos; utilização de geometria e de medidas na metragem do solo para o plantio da abóbora; raciocínio proporcional associado à estatística e probabilidade vinculadas ao tratamento da informação na linguagem gráfica e análise quantitativa da produção da abóbora; frações e porcentagem nas porções oferecidas a cada educando após apresentação do trabalho. Dessa forma, observou-se que a prática docente ganha significado na medida em que o desenvolvimento do conteúdo parte de relações sociais e culturais próximas articuladas com a disciplina.

Outra experiência¹⁷ que envolveu a diversidade na alimentação foi estimulada pelo estudo das plantas, a qual desembocou em uma pesquisa sobre “Morango”. Nessa pesquisa, os educandos tiveram a oportunidade de conhecer suas estruturas, seu fruto, e entendendo, por exemplo, o que é pseudofruto. Inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico e de campo, encontrando sua origem, sua utilização para as necessidades do ser humano como alimento e, principalmente como fonte de renda às famílias agricultoras/camponesas. No decorrer da pesquisa os educandos perceberam que além de ser uma fonte de renda, o investimento é baixo, considerando desde a preparação do solo até sua comercialização.

17 NRE - Pitanga – Município - Mato Rico. Col. Est. Adélia Bianco Seguro. Professor: Cezar Antunes.

Perceberam que na região não há pessoas ou famílias que se dedicam ao cultivo do morango, embora exista uma família que tenha uma pequena lavoura de morango, no entanto não conseguem retirar seu sustento exclusivamente da renda deste produto, por ser uma plantação muito pequena e também pela falta de apoio e incentivo. Realizou-se uma entrevista com um dos produtores de morangos da região, onde se obteve informações referentes ao processo de plantio, preparação do solo, a colheita e comercialização dos produtos *in natura* e industrializados.

Para esclarecer algumas dúvidas foi solicitado ao produtor e também a uma nutricionista que informassem aos educandos algumas das principais características do morango. O maior valor medicinal do morangueiro, entretanto, está mesmo no seu fruto, que pode ser considerado um remédio, por possuir minerais, como cálcio, ferro, magnésio, fósforo, potássio, sódio, zinco, cobre, manganês, vitaminas C e B5, niacina, riblofamina e antocianidina – um potente antioxidante, o morango serve não só para tratar, mas para prevenir diversos males. Outras vantagens, é que cada 100 gramas de morango cru tem apenas 32 calorias. Além dos benefícios para a saúde, é um alimento indicado para dietas e sobremesas de baixas calorias. Para melhorar tanto o desempenho de atletas, como para melhorar a estética, foram criados energéticos e barras a base de morangos, que servem para aumentar a resistência e massa muscular.

A cultura da alface também foi escolhida para ser trabalhada¹⁸, como um tema gerador, também por ser época do plantio, utilizou-se essa cultura para trabalhar alguns conceitos na disciplina de Ciências, tais como: produtos orgânicos, tipos de solo e práticas agrícolas; na disciplina de Língua Portuguesa trabalhou-se produção de texto sobre o assunto; na disciplina de Matemática, com medidas e cálculos necessários para a realização de um trabalho que recebeu a denominação de “plantando alface”.

O desenvolvimento do trabalho deu-se na disciplina de Artes, pois tanto na disciplina de Matemática como na de Ciências, os professores precisaram introduzir primeiramente os conteúdos para depois ir para a prática. No caso de Matemática os objetivos foram: compreender que área é a medida de uma superfície e que por meio de composições e decomposições de figuras de áreas conhecidas podemos obter áreas de qualquer figura; compreender que o perímetro é a soma dos lados de uma figura e que é fácil fazer uma relação entre ambas e também a relação entre centímetro e metro com centímetros quadrados. Tendo em vista os diversos momentos de retomadas e ampliações de idéias e conceitos relacionados às grandezas e às medidas, o principal objetivo desse momento é que os educandos construíssem um conhecimento matemático a respeito do tema área e perímetro e para que se desse início ao trabalho prático.

18 NRE - Toledo – Município - Santa Helena. Esc. Est. São Francisco. Professores: Janisse Strege; Valmir Strege; Beloni Celso; Ilena ludwig; Anecler Fátima A. Alba; Elizandra Zimmerm.

Foi na cultura da mandioca que escolas viram a oportunidade de desenvolver uma experiência^{19,20} que se integrasse à realidade local que é essencialmente agrícola. Num trabalho em grupos, com os educandos, foi abordada a cultura da mandioca tendo como motivação a Lenda da Mandioca, entendendo-a como alternativa de renda nas pequenas propriedades, sendo também realizada uma pesquisa, entrevistas e debates que trouxeram informações relacionadas ao solo, clima, época de plantio, doenças, adubação, mudas, sementes, mercado e comercialização. E em uma área próxima à escola, foram desenvolvidas as atividades práticas (plantio, controle e manejo de pragas, identificação de doenças e comercialização).

Visto que o município tem indústria de processamento da mandioca (fécula), os educandos observaram o processo de transformação da mandioca, nos diversos produtos e o destino final que seriam os mercados consumidores. Para finalizar, foram realizadas atividades culinárias com a matéria-prima da mandioca e na Matemática desenvolveram-se ações concretas, onde foram abordados vários aspectos relacionados à realidade dos sujeitos envolvidos, resgatando concepções, tradições e práticas Matemáticas de um determinado grupo social que desenvolveu determinados conhecimentos empíricos matemáticos formais desde a plantação, passando pelos subprodutos até a comercialização da mandioca.

Outra experiência²¹ partiu de palestras sobre o tema apicultura, desenvolvendo diversas atividades seguindo o tópico principal de cada disciplina. Ações como a confecção de cartazes, produção de textos e estudos dos aspectos geográficos do município orientaram o trabalho. Os questionamentos a seguir problematizaram as atividades desenvolvidas pelos educandos: Como se organizam as abelhas? Como se comunicam as abelhas? Como produzem o mel e a cera? Quais são os aspectos morfológicos das abelhas? Por que os favos de mel têm a forma de hexágonos regulares? Depois de realizado o estudo, todo aprendizado sobre apicultura foi apresentado à comunidade por meio da Feira de Sensibilização Ecológica, através de maquetes, colméia artificial, equipamentos de proteção, produtos feitos à base de mel, própolis e cera, etc. A comunidade escolar, por sua vez, reuniu-se com autoridades e com agricultores do município para obter informações sobre a montagem de apiários.

Em muitas regiões, uma das principais fontes de subsistência relatadas é a produção do leite. Uma experiência²² resultante de um grupo de estudos concentrou-se neste tema, e iniciou com uma pesquisa em relação ao assunto. De acordo com a pesquisa verificou-se que muitas das famílias agricultoras/camponesas utilizam de formas inadequadas para a produção de leite, propiciando assim muitas vezes um leite de baixa qualidade, e por isso um preço menor.

19 NRE - Assis Chateaubriand – Município - Assis Chateaubriand. Esc. Est. Papa João Paulo II. Professores: Janice Wutzke; José Renato Augusto; Luiza Peraçoli Cozer.

20 NRE – Ponta Grossa – Município – Castro. Col. Est. Profª. Joana Torres Pereira. Professores: Jucilene Mello Milek de Jager; Mario Pereira Machado; Veronica Kava. Experiência semelhante.

21 NRE - Umarama - Município de São Jorge do Patrocínio Professores: Antonio Aparecido Henrique; Ciro Yoshimi Yabushita; Graice Aparecida de oliveira Braguetto; Maria de Fátima Bertoncelo da Silva; Maria Estela Albuquerque; Terezinha Bolonhesi Alves; Tereza Maria de Jesus Faria Orlandini.

22 NRE - Pitanga – Município - Santa Maria do Oeste. Col. Est. José de Anchieta. Professor: Edson Luiz Wolski.

Na escola, desenvolveu-se um trabalho de incentivo à agroindustrialização com o objetivo de agregar valor ao que é produzido pela Agricultura familiar/camponesa e, com isso, ampliar a renda. Foram realizados trabalhos diversificados, com palestras, pesquisas, charges, entre outros. Através de palestras com o veterinário do município, as famílias agricultoras/camponesas e educandos obtiveram informações importantes sobre a produção de leite, que levaram a perceber as dificuldades que existem para desenvolver uma produção de leite de qualidade.

No NRE de União da Vitória²³, um trabalho semelhante foi realizado junto às turmas de 5ª e 6ª séries. Ele foi desenvolvido por meio da inserção das frutas no cardápio da merenda escolar. Os produtos foram experimentados, discutindo-se a importância das frutas para nosso organismo, e também como melhorar a merenda escolar, incluindo-as no cardápio. Aproveitou-se também para trabalhar o solo com conteúdos como preparo de adubação orgânica e inorgânica, erosão e formas de evitar erosão e produção vegetal. Com isso conseguiu-se que as aulas de Ciências se tornassem mais criativas e produtivas, uma vez que os educandos são de famílias agricultoras/camponesas e já possuem conhecimentos referentes ao preparo do solo e cultivo de vegetais.

Ainda sobre a relação entre saúde e alimentação, assunto proposto por um professor de Ciências²⁴ através de uma pesquisa, focou-se o aspecto dos vegetais estarem presentes na vida das pessoas como um escudo protetor contra determinadas doenças em função da grande quantidade de vitaminas que possuem, mostrando que as várias doenças podem ser prevenidas através da alimentação com vegetais. Depois de realizada a pesquisa, trabalhado e apresentado o conteúdo, foi convidada uma nutricionista para uma palestra, que fortaleceu a importância dos vegetais.

O desperdício dos alimentos foi outro tema abordado por uma escola do campo²⁵, onde foi ressaltada a importância de se desenvolver uma ação capaz de valorizar a produção de cada família, colaborando também com o ambiente escolar. A experiência pedagógica relatada, que tem como título: “Alimentação Saudável sem Desperdício – Prato Limpo” foi desenvolvida em dois bimestres e teve como eixo a interdependência camponesca.

O interesse de trabalhar com este tema partiu, em um primeiro momento, da observação das crianças na hora do intervalo e em pesquisa feita na sala de aula, pois, diariamente, as crianças recusam-se a comer legumes, verduras e até mesmo frutas, tão necessários ao seu crescimento e desenvolvimento. Alimentos que são preparados com todo carinho e capricho são muitas vezes desperdiçados e jogados no lixo. Houve a necessidade de estimular e despertar a curiosidade e o gosto por estes alimentos.

Trabalhou-se previamente em sala de aula, de forma interessante e lúdica para despertá-los em relação à alimentação. Foi realçada a necessidade de se ter hábitos saudáveis com uma alimentação bem variada, salientando-se que é preciso comer o mais colorido possível face à característica das vitaminas estarem presentes em vegetais de cores fortes, pois uma boa alimentação é de extrema importância para se ter uma vida mais saudável. Estimulou-se também o plantio de mudas de árvores frutíferas e verduras,

23 NRE - União da Vitória – Município - Cruz Machado. Col. Est. Estanislau Wrublewski. Professora: Edvirges Sedlaczek.

24 NRE - Pitanga – Col. Est. Pe. José de Anchieta. Professora: Julieta Maria Cartelli Simon.

25 NRE - Pitanga – Município - Santa Maria do Oeste. Col. Est. Pe. José de Anchieta. Professora: Maria de Lurdes Geffer Wesseling.

pois só assim as famílias podem ter certeza de que não possuem agrotóxicos e têm um custo menor.

Com relação à alimentação escolar, mostrou-se que é necessário aprender a servir no prato só o suficiente, para que não ocorra o desperdício, fazendo com que na alimentação escolar as sobras de comida no prato servido acabem no lixo.

Para isto faz-se necessária a construção de hábitos e atitudes contra esta prática, tarefa esta que teve a presença e colaboração das famílias para que juntos se possa criar hábitos mais saudáveis e responsáveis com relação à alimentação.

Os conteúdos trabalhados foram a identificação e nomeação dos alimentos (leite e derivados, frutas, verduras e legumes, guloseimas), informações dos valores nutritivos e alimentos livre de agrotóxicos.

Foram previstas etapas para a realização do trabalho de acordo com: a elaboração de um cronograma de distribuição dos conteúdos a serem desenvolvidos nos bimestres e as atividades para cada turma, etapas para a pesquisa em equipes com quatro educandos, em que os temas norteavam a importância das frutas na nossa alimentação; maneiras mais indicadas para comê-las; melhores sucos e como consumir; como devem ser cortadas as frutas; propriedades das frutas; estágio ideal para se comer as frutas; características de algumas frutas; aumento do nosso consumo de frutas e verduras diariamente; como ajudar nossas famílias a se organizarem e produzirem mudas frutíferas e verduras para o consumo próprio. Além disso, cada equipe ficou com quatro frutas/verduras para pesquisar e apresentar.

Como produto final, os educandos compuseram e apresentaram várias músicas relacionadas ao tema, leituras de Histórias variadas, escrita coletiva de receitas, construção de lista de frutas, legumes e verduras, elaboração e degustação das receitas, pesquisa e construção de um painel, apresentação da pirâmide dos alimentos, cruzadinhas, jogos: roleta de frutas e legumes caça palavras. Pesquisa dos preços de frutas e verduras no mercado, verificando como são vendidos, quais os preços, vantagens de produzir em casa e através dos dados resolverem problemas de operações básicas.

Para concluir foi feita uma apresentação desses trabalhos em uma reunião das famílias com a palestra de uma nutricionista e de um engenheiro agrônomo de órgãos públicos.

A conclusão da experiência levou os próprios educandos a perceberem a importância de ter uma alimentação saudável, de iniciar o dia ingerindo frutas, de preferência, da época, frescas e, sempre que possível evitando o uso de agrotóxicos largamente empregados na produção, fazendo-os perceber a importância de serem eles mesmos produtores de frutas e verduras e de como fazer o plantio. Foi um trabalho que veio de encontro com a necessidade da escola, alcançando os objetivos previstos de uma alimentação equilibrada no próprio ambiente escolar, onde desenvolveram a consciência do prato limpo

sem desperdício, com mudança de hábitos alimentares, buscando-se também o compromisso de cada educando ajudar a sua família e sua comunidade nesta conscientização.

2. 4. Plantas medicinais e alternativas de saúde: saúde preventiva

Este trabalho²⁶ ocorreu durante um semestre e como é um trabalho transdisciplinar, ficou organizado da seguinte forma: apresentou-se aos educandos a proposta de trabalho sobre medicina caseira, os chás da vovó, os objetivos e como seria organizado durante o semestre. Na disciplina de Língua Portuguesa, trabalhou-se com um almanaque antigo, no qual constavam dicas da saúde e plantas medicinais, em seguida preparavam-se a leitura do texto “Curas da vovó” de Rose Mercatelli, realizando atividades de interpretação e compreensão textual. Foi sugerido que os educandos pesquisassem juntos aos seus familiares, como as vovós, os remédios e chás e apresentassem à turma. Como proposta final, foi feito um livro de receitas de medicina caseira, com o resultado da pesquisa junto aos familiares dos educandos.

Na disciplina de Ciências trabalhou-se o recurso terapêutico das plantas, a importância de registrar as plantas e seus nomes científicos, pesquisou-se as variedades de plantas medicinais que foram cultivadas na horta, a seleção e escolha das plantas. Foi feita a elaboração e preparo de adubo, montagem de um canteiro, ressaltando o preparo do solo, plantio e cuidados com as mudas. Montou-se também um catálogo das plantas que foram cultivadas, com placas de identificação nos canteiros. Foi questionado qual efeito elas têm em nosso organismo e como prepará-las.

Na disciplina de Matemática, trabalharam-se sistema de medidas: quilos, dúzia, cento, tamanho dos canteiros ou recipientes a serem usados e as quantidades de sementes; as formas geométricas, formas dos canteiros, tempo de plantio e colheita, croqui da horta, tabelas e gráficos. A Geografia abordou as características do solo e do clima da região e de outras partes do Brasil. Conduziu a construção de um dicionário das plantas medicinais, com informações sobre seu uso, localidade de origem e condições ambientais necessárias para o desenvolvimento da planta.

Tendo como base todo o conhecimento dos educandos e de seus familiares, especialmente os idosos, foi desenvolvido um trabalho²⁷ de valorização da cultura local, que mostrasse ao educando que nem todo o conhecimento está nos livros. Ao mesmo tempo se iniciou o trabalho com uma pesquisa em livros, internet, sobre as plantas medicinais e seus respectivos usos nos mais diversos casos. Descobriu-se que havia várias plantas com o mesmo nome, mas com propriedades diferentes e plantas com as mesmas características, mas, com indicações variadas em cada localidade, e que a nomenclatura popular varia em cada região e há muitas variedades semelhantes, apesar de não serem indicadas para o mesmo fim.

Num segundo momento, usaram-se bulas de remédios farmacológicos para sabermos que ervas estavam presentes nos medicamentos industrializados comercializados. Com os estudos realizados foram apontadas várias informações importantes para as discussões com a comunidade e em sala de aula, como a diferença no preparo de cada planta, para utilização medicinal; a importância da higiene

26 NRE - Toledo – Município - Nova Santa Rosa. Professores: Clarice Urgani Dilkin; Inês Krüger Moura; Lauri Dilkin; Marli E. Juan; Rosmeri T. S. Phillipsen.

27 NRE - Pitanga – Col. Est. Pe. José de Anchieta. Professora: Silvana Boiko Martins Ribeiro.

no preparo; como coletar as plantas; a utilização de plantas medicinais cultivadas de forma orgânica; a dosagem e quantidade de plantas para cada uso e a existência de medicamentos fitoterápicos para quase todos os casos de doença como para dores de cabeça, prisão de ventre, dores musculares, enxaquecas, problemas circulatórios e até varizes entre outros.

A “Saúde da família” foi um tema desenvolvido com o auxílio dos instrumentos da Pedagogia da Alternância e descritos nesta experiência realizada na região do NRE de Laranjeiras do Sul²⁸. Inicialmente foi realizado um plano de estudo composto por uma entrevista que foi trabalhada com a comunidade, a partir dos seguintes questionamentos: a) No seu ponto de vista o que é saúde? b) Quais são os problemas de saúde mais comuns em sua família? c) Existe alguém da sua família que faz uso contínuo de medicamentos? Que tipo ou quais? d) Pergunte para pessoas idosas, que tipo de doenças existiam antigamente e, hoje, não existem mais? e) Cite algumas doenças que existem hoje e que não existiam ou não se ouvia falar delas no passado. f) Sua família costuma fazer mais uso da medicina preventiva ou curativa? Por quê? g) Que nota você daria ao atendimento público da saúde em seu município? Por quê? h) Quais sugestões você daria para que a saúde de seu município melhorasse? i) Faça uma relação das plantas medicinais que existem na tua propriedade e para que são utilizadas. j) A alimentação de sua família é balanceada? Vocês consomem frutas e verduras com regularidade? l) A sua família bebe a quantidade de água recomendada para ter uma boa saúde? Como é a qualidade da água que vocês consomem? m) Na sua família existem casos de alcoolismo e tabagismo? Qual sua opinião a respeito? n) É comum a prática de atividades Físicas pela sua família?

Num segundo momento, ao retornar para a CFR, relataram aos colegas, professores e monitores as informações coletadas, bem como as experiências vividas. Neste momento, acontece a intervenção dos professores e monitores, onde os saberes dos sujeitos servem de base para a construção do conhecimento científico. Em seguida foi montado um painel com os principais tópicos do assunto da semana a ser estudado. Foi realizada uma visita de estudo, em que, com a orientação dos professores, foram elaboradas questões dirigidas à enfermeira chefe do Posto de Saúde. Neste questionário, foram levantadas as principais doenças da população, as ações preventivas e curativas feitas por esta entidade e a qualidade de seus serviços. Também foi feita uma visita ao herbário da CFR, onde foram conhecidos os efeitos metabólicos secundários. A partir de todo este trabalho desenvolvido, nas disciplinas específicas e da base nacional comum, articularam-se os conhecimentos encontrados, que ficaram assim:

DISCIPLINA	CONTEÚDO
Arte	As obras de Artes que mostravam as maiores epidemias da História da humanidade.

28 NRE - Laranjeiras do Sul – Município - Nova Laranjeiras. Col. Est. Rui Barbosa - Casa Familiar Rural. Professores: Adriana Provin da Silva; Arlete Terres Queiros; Nelci Passarin; Rosely Dalla Santa.

Matemática	Trabalho com bula de remédio, medidas e intervalos
Biologia	Plantas Medicinais e suas funções no organismo. Alimentação correta, saúde completa.
Língua Portuguesa	Texto sobre os alimentos e a saúde. Uma produção textual enfatizando as variadas formas de prevenção da saúde no campo utilizando as plantas medicinais.
Física	A importância dos movimentos corporais.
Química	Composição Química de alguns medicamentos, a História da indústria farmacêutica e destilação de algumas plantas medicinais.
Geografia	Países que mais consomem plantas medicinais e as indústrias maiores produtoras de remédios.
Solos	Tipos de solos propícios para certos tipos de plantas medicinais.
Criações	Fitoterapia e medicina preventiva animal.
Práticas Agropecuárias	Plantio de algumas plantas medicinais. Colheita, secagem e armazenagem de plantas medicinais.
Cultura e Irrigação	Estudo das plantas adaptadas à nossa região.

2.5. Água e preservação

A partir da observação da grande riqueza das águas nas imediações de uma escola do campo,²⁹ e vendo os problemas que alguns países têm passado com a questão da falta de água, verificou-se a necessidade de trabalhar o assunto, numa perspectiva de futuro. Baseados na premissa de que “É

29 NRE - União da Vitória - Município: União da Vitória. Col. Est. Rio Vermelho. Professores: Mary Petry Stec; Adriana Saldanha; Daiane Glaza Lopes.

preciso conservar e preservar, mas principalmente educar”, o trabalho envolveu toda a equipe de professores e educandos do Ensino Fundamental e os participantes do curso de agroecologia do Senar. Utilizou-se a internet, a TV-Multimídia com fotos e vídeos, reportagens da TV e de revistas, passeios com algumas turmas, para observar a biodiversidade e registro com fotos, para repasse aos demais educandos, bem como músicas e a produção de frases que problematizassem o tema.

A seguir algumas interpretações dos sujeitos da escola:

A água é uma riqueza que não merece ser desperdiçada. Preservemos essa riqueza.	Estela Weisshaar - 6ª série)
Preservemos a água, ela é fonte de vida, da biodiversidade, da humanidade e do planeta.	Daniele Aparecida Zaulski - 7ª série
A simplicidade dos rios e árvores pode salvar o planeta pois os seus valores são inestimáveis à vida da humanidade.	Daniele Fersch - 7ª série
Preservemos nossos rios, nascentes e lagos, pois se os destruímos, a vida e o planeta estarão ameaçados de extinção.	Aline Sobieranski - 5ª série
Preservemos as serras, pois nelas existem nascentes de belos rios.	Clara Caroline Uniat - 8ª série
Temos um bem precioso em nossas mãos: a água. Não deixe que ela escorra.	Camila Reali Pedreira, Caroline Andressa Golanowski e Daiane Aparecida dos Santos - 8ª série
O Rio Vermelho é privilegiado, temos muitas águas, mas se não preservarmos, um dia esse bem acabará.	Paula Andréia Fersch, 6ª série
A Natureza é linda e ainda dá tempo de salvá-la. Vamos ajudá-la a ser grandiosa de novo.	Thomas Augusto Ruaro, 6ª série
Desmatamento ou preservação? Essa batalha depende da nossa ação!	Dalila Roberta de Souza da Luz - 7ª série

O trabalho teve como objetivos que os educandos refletissem sobre valorização do ambiente, sobre a importância da preservação da água e da biodiversidade, desenvolvendo ações na escola e na comunidade, buscando a interação do educando com o problema e construindo um saber com responsabilidades individuais e coletivas.

Essa experiência³⁰ foi elaborada por meio de um plano de estudo, instrumentos construídos pelos educandos e direcionados às famílias para verificação do conhecimento sobre o tema do solo. Nesta atividade atribuiu-se aos educandos a função de pesquisar, analisar e construir, com questões como: O que é o solo? Como ele é formado? Qual a sua importância para o ser humano? O que é um solo fértil e um solo não produtivo? Que fatores causam a degradação do solo? Iniciativas para a conservação do solo?

A partir destas indagações, que nossas atividades começaram a fluir para novos caminhos. A interdisciplinaridade foi uma das ferramentas discutidas para se chegar as finalidades, aos objetivos. As aulas de Língua Portuguesa trabalharam o que é linguagem oral, linguagem escrita e língua culta. E então começaram a surgir os textos, após as entrevistas. A poesia fazia refletir a realidade de cada educando, nas paródias, no conhecimento dos autores vinha como complemento, pois desta maneira o educando também estava sendo autor de sua própria obra literária.

A disciplina de Artes delimitou o estudo da estética: as casas e seus significados, desde sua conjuntura estrutural até na aquisição de imobiliário. Do solo surgiram as esculturas, a interpretação de Tarsila do Amaral no Agriporu (resultado do Abaporu + agricultor). Na Língua Inglesa os mercadinhos para compra e venda de seus produtos valorizou o produto a ser plantado, os descontos, os trocos, conciliando com a Matemática. Os mapas entre Geografia, História, Língua Inglesa situou-os no espaço que estão inseridos, navegando através de programas como o Power Point, ou o Paint, utilizando o Tema Gerador Solos.

Das principais atividades realizadas destacam-se: levantamento de dados sobre a situação do solo no município de São Jorge, utilizando-se de um resgate histórico, conhecimento de saberes elaboração de entrevista e texto informativo. Contribuindo com a expressão oral e escrita, a professora de Língua Portuguesa repassou aos educandos a importância das entrevistas, enfatizando o objetivo, a ética e o resultado das informações. Os educandos elaboraram os questionários e retornaram às propriedades, em seguida apresentaram a entrevista e elaboraram um texto coletivamente com a participação de todos os professores (interdisciplinaridade) que contribuíram para a observação de tempo histórico, do momento cultural, social, político e ambiental.

Outra experiência procurou conscientizar e mostrar aos educandos e a comunidade de Porto Barreiro³¹⁻³² sobre a importância da mata ciliar para um rio, uma nascente ou até uma fonte de água, bem como problema sócio-ambiental relacionado ao desmatamento e à degradação das matas ciliares. Também teve como finalidade desenvolver atitude ética e cidadã entre os educandos, professores e comunidade em geral, assim como realizar o reflorestamento da mata ciliar em fontes de água na região que abastece a maioria dos moradores do referido município. Além disso, procurou aliar a prática de ensino e extensão, buscando desenvolver o monitoramento das mudas que foram plantadas.

30 NRE - Dois Vizinhos – Município - São Jorge D'Oeste. Casa Familiar Rural. Professores: Janice Parcianello; Juliane Parcianello; Marizete Rupp; Marizete Bortoloto; Ione Picoli; Iliane Cardoso; Geraldo Borghesan.

31 NRE - Laranjeiras do Sul – Município - Porto Barreiro. Casa Familiar Rural. Profissionais: Engenheira Agrônoma Sandra Cristina Gnoatto Pinto; Professores: Péricles Aires; Eliane Farteski Tamioso; Vilma Grzybowski; Monitores: Nilton Tavares Cordeiro; Ricardo Mânica Neto; Ana Paula Artuso.

32 NRE - Umuarama - Município – Douradina. Col. Est. Douradina. Professores: Cleide Aparecida Beraldi Cervinhani; Luzia de Queiroz Cassiano; Maria Aparecida Fineti; Marilza Aparecida Cabrera; Selma Maria Furlan; Sueli dos Santos. Experiência semelhante.

Além dos educandos da 5ª e 6ª série do ensino fundamental da CFR, envolveram-se professores, monitores e profissionais que acompanham os educandos da CFR. As mudas de plantas foram doadas pelo Viveiro Municipal de Porto Barreiro bem como o material utilizado para a proteção da fonte. Uma engenheira agrônoma acompanhou todo o processo de escolha das mudas e plantio.

Para o desenvolvimento da segunda etapa, foram utilizadas as fontes das propriedades de famílias do município e da área onde está sendo construída a nova Casa Familiar Rural. Trabalhou-se sobre o prejuízo causado pelo desmatamento e a importância da mata ciliar para proteger o rio e evitar seu assoreamento, através de aula expositiva, teórica e do desenvolvimento de cartazes.

Os educandos da CFR ministraram aulas nas escolas municipais do município, abordando a importância da mata ciliar e buscando sensibilizar os pequenos educandos quanto à relevância de preservar-se essa mata, e quando isso não ocorrer é fundamental que ocorra o reflorestamento na área degradada. Foi desenvolvida uma maquete da área onde foi feita a proteção da fonte e o plantio de mudas nativas para a conservação da mesma. Por meio desta maquete os educandos puderam visualizar que, com a chuva e com a presença de mata ciliar, não ocorre erosão, e na situação oposta, acontece o assoreamento do rio.

Elaborou-se, por um dos integrantes do grupo uma música temática, como uma forma didática para que os educandos incorporem os assuntos que foram trabalhados. No final, os grupos receberam cartolinas, nas quais podiam desenhar e refletir sobre o que apreenderam com as aulas teóricas e a maquete. Posteriormente foi explicada a importância da mata ciliar e os professores levaram os educandos para uma atividade de campo, onde cada criança plantou várias mudas ao redor da fonte protegida e acompanhou o seu crescimento. Semanalmente, os educandos vão até o local do plantio para regarem as mudas, além de colocarem estacas para garantirem o crescimento das mesmas e analisarem possíveis agentes nocivos à planta (parasitas, formigas, etc.), realizando o controle quando for necessário. Outra atividade realizada incluiu a construção de um canteiro de plantas medicinais em forma de Mandala³³.

A produção de mudas de plantas nativas foi desenvolvida também pelos professores do NRE de Ponta Grossa³⁴, para revitalização da mata ciliar de alguns afluentes do Rio Tibagi envolveu os professores de Geografia, Biologia e de Ciências. As atividades permitiram aos educandos reconhecer áreas degradadas de mata ciliar, ou seja, identificar os problemas ambientais mais comuns da região. Procurou-se sensibilizar a população sobre a importância da mata ciliar para o ambiente, estimular a comunidade a trabalhar na proteção dos rios da região, proporcionar aos educandos conhecimento prático dos estudos em sala de aula, mostrando como são cultivadas as árvores no horto do IAP, construindo um viveiro dentro do colégio, produzindo mudas de plantas nativas e iniciando a revitalização de pequenos trechos de afluentes do Rio Tibagi com mudas cultivadas no viveiro do colégio.

33 A palavra mandala vem do sânscrito, e significa círculo. Qualquer que seja o juízo que lhe façamos, fato é que está associada a ação artística de nossa espécie, desde o tempo em que habitávamos cavernas. Pela natureza de sua essência, diz-se que são arquétipos, e ilustram tudo que se refere as noções de ordem, centro e totalidade no Universo. Fonte. Formar e arquétipo: um estudo sobre a Mandala. Fernando da Silva Ramos. Disponível em < <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000378924>>

34 NRE - Ponta Grossa – Município - Tibagi . Col. Est. João Francisco da Silva. Professores: Antonio Carlos Bittencourt; Clédina Soares Ferreira; Eliane Apª de Oliveira; João Apª Pereira Garcia; João Dias da Silva; José Erasto B. Antunes; Silvio César Prestes Prado; Wilson José M. Gomes.

Em seguida foram realizadas atividades como a revisão bibliográfica, aulas teórico-explicativas sobre o meio ambiente, degradação, mata ciliar com disponibilização de recursos didáticos e não didáticos (revistas, artigos, textos) para estudo sobre o tema, elaboração da parte teórica. Os educandos também visitaram a EMATER, o viveiro do IAP, áreas com e sem plantio direto, bem como áreas degradadas.

Também foi construído um viveiro móvel, que consiste em um equipamento simples feito com uma mangueira acoplada a uma estrutura de canos de PVC, onde há micro-aspersores feitos com cotonetes e cobertos com sombreamento. Tal equipamento permite que em pequenos espaços as mudas possam ser cultivadas e por ser móvel, pode ser transportado. Foram utilizadas sementes de Pata-de-vaca (*Bauhinia forficata*), Aroeira (*Schinus terebinthifolius*), Bracatinga (*Mimosa flocculosa*), Gurucuia (*Parapiptadenia rigida*) e Maricá (*Mimosa bimucronata*).

Outro exemplo³⁵ relacionado ao tema compreendeu uma visita de estudo, onde os educandos da 6ª série, juntamente com os professores e monitores da Casa Familiar Rural de Dois Vizinhos, participaram de todo o processo de construção de uma proteção de fonte na comunidade de Santa Terezinha. De início os educandos observaram o estado precário da proteção que havia na fonte, a qual estava sujeita a entrada de animais como ratos, sapos, insetos bem como folhas, galhos, terra e até defensivos agrícolas.

Este assunto foi debatido na disciplina de Ciências com as orientações de higiene, saneamento básico, prevenção de doenças entre outras. O estudo do lençol freático, o processo de drenagem da fonte, a utilização de “pedra de calçamento” sem a parte amarela (ação do intemperismo), pedra brita e solo cimento, fizeram parte da disciplina de Geografia.

Em Matemática, aproveitamos a oportunidade para trabalhar medidas de volume e relação entre volume e capacidade. Antes de fazer a proteção, a vala da fonte tinha forma retangular. No processo de construção da proteção foi colocado um tubo de concreto de forma cilíndrica para servir de depósito d'água. Junto com os educandos foram tiradas as medidas das dimensões da vala, também diâmetro e altura do tubo. Após essa visita, os educandos calcularam o volume de terra retirado da vala de forma retangular, quando a mesma foi feita, volume e capacidade de água comportada pelo depósito de forma cilíndrica da fonte, quando cheio e com água pela metade, com problemas que envolveram volume e capacidade de vasilhas e reservatórios de forma cúbica, retangular e cilíndrica. Em uma segunda visita na comunidade, foi possível trabalhar medidas de superfície com o primeiro ano, e também integrar lições de História e cidadania e, na Matemática, a composição do solo.

Da mesma forma, a necessidade de se fazer proteção de fontes de água em propriedades das famílias dos educandos da escola de Missal³⁶, permitiu que fossem trabalhadas questões de valorização e preservação ambiental. Uma propriedade foi escolhida junto aos educandos e professores, para a

35 NRE - Dois Vizinhos – Município - Dois Vizinhos. Casa Familiar Rural. Professores: Ângela Cruzetta; Elenir Rohden Minuzzo; Edelson dos Santos; Helena Aparecida Rodrigues; Ionara R. M. Romani; Janete K. Marques; Jussara Mânica; Maria Gorette S. Spielmann; Sandra F. Thomas; Solange Godoi.

36 NRE - Foz do Iguaçu – Município – Missal. Col. Est. Caetano de Conto. Professores: Cristiane Pricilla Sottomaior; Colombeli; Dirce Inês Roglin Malacarne; Merice C.K. Nicolay Odete Teresinha Hartmann; Roseli K Mai Volmir Spanholi.

concretização dos trabalhos. O proprietário providenciou o material necessário para fazer a proteção, assim como recebeu orientação de um técnico para fazer a limpeza da área, ampliando o local da vertente e esgotando a água.

Essa experiência³⁷ ao constatar o problema, tanto em entrevistas com os educandos, como nas visitas dos professores da Casa Familiar Rural realizadas nas propriedades e nas comunidades em que eles vivem, constatou-se que a água é o maior problema enfrentado por essas comunidades, pois sempre que há alguma estiagem, muitos sofrem com a escassez, sem contar aqueles que têm águas contaminadas, fontes ao céu aberto, outras secando por falta de mata ciliar e invasão de animais, com doenças na família proveniente dessa água. Isto lhes mostrou que se nenhuma providência urgente, for tomada, é possível, num futuro próximo as famílias terem que abandonar o campo, por causa da ausência da água, já sentida por muitos deles e essa ameaça atinge a maioria das comunidades atendidas pela escola.

Assim, os educandos tiveram a oportunidade de analisar o problema ambiental e da água na própria propriedade, tornando-os capazes de perceber ações em favor da coletividade, buscando soluções ao problema da água, primordial à vida e que, se não for preservada poderá faltar para as futuras gerações. Com a realização da experiência da proteção de fonte, visitaram-se as propriedades dos educandos no sentido de se fazer um trabalho individual com cada família.

A experiência³⁸ a seguir inicia-se com uma palestra sobre a água, destacando a quantidade presente em diversos alimentos sobre os seres vivos e sua importância para o organismo humano. Abordou-se o tema “Água e Biodiversidade”, discutindo-se textos e reportagens sobre os temas, através da leitura de momentos históricos, fotografias, filmagens do ambiente escolar e do distrito em que ela está inserida mostrando aos educandos as modificações ocorridas em nosso ambiente. Com esta atividade perceberam as diferenças entre o antes e o agora e as mudanças fizeram análise do material apresentado e sugeriram o que poderia ser feito em alguns casos, como: ter protegido algumas nascentes, árvores, tipo de madeira utilizado para construção, entre outros fatos. Foi feita entrevista com moradores, para relatar como o ambiente em que está inserido era há algum tempo atrás e como é hoje.

Baseado nos estudos e propondo de que forma poderão colaborar para a preservação ambiental, os educandos elaboraram paródias, poesias, desenhos e charges, objetivando a reflexão e compreensão do comportamento humano em diferentes épocas e atitudes realizadas, com o tema sobre água, mudanças climáticas e efeito estufa. As poesias serão publicadas no VI Livro de Poesia que o colégio edita a cada ano.

37 NRE - Cascavel – Município – Guaraniaçu. Col. Est. Antonio Franco Ferreira da Costa. Professores: Beloni Pelizzoni Daron; Fátida Prudente; Josias Araujo dos Santos; Ledit Ferlin; Marildes Pasa; Pierina Gissela Zanin; Rejani Maria Basso; Silvana Kamppf; Valmir Cordeiro dos Santos; Alexandra Kirts.

38 NRE - Cascavel – Município – Cascavel. Col. Est. São João. Professores: Adely de Aquino Ochoa; Ângela Maria Limberger; Cassiana Húngaro; Cláudia Rosa de Souza; Elenir Teresinha Balestrin Marmentini; Ireonívia de Jesus Vicira; Ivanete Toffolo; Simone Aparecida kaibers; Silvio César Oliveira Gomes.

Uma outra experiência³⁹ com proteção de fontes de água a ser compartilhada realizou-se, tendo como objetivos: reconhecer a qualidade da água através de análise; conscientizar os educandos em relação aos problemas climatológicos; mostrar através de exemplos e estatísticas do efeito estufa e a problemática em relação às geleiras; esclarecer a importância do não uso dos agrotóxicos; encarar a natureza como recurso para o ser humano; estimular a leitura, reflexão, discernimento e a capacidade de opinar sobre a importância da água para os seres vivos; ter uma visão crítica e fundamentada sobre o futuro da água no planeta e capacitar os educandos no sentido de planejar soluções para os problemas ambientais, sabendo apreciar a natureza em todos os seus aspectos, não apenas em se tratando da água.

A metodologia adotada compreendeu a realização de uma pesquisa sobre o uso adequado da água, explorando o conteúdo através de internet, livros, revistas, jornais e conversas com as famílias dos educandos que residem no campo. Após esses relatos de experiências demonstrados através dos educandos, foram visitadas as nascentes, inclusive as que não existem mais. Também foi realizada uma visita à SANEPAR, conhecendo a captação da água. Depois se realizou um reflorestamento em uma nascente escolhida pelos educandos, seguido de palestras com especialistas na área. A realização de uma estatística do consumo diário da água no Colégio, conduzida pela professora e a utilização da experiência do volume de água consumido por um educando, foram outras atividades significativas.

A economia foi abordada a partir da realidade: “Em primeiro lugar se um educando economizar um litro de água por dia: somos em 400 educandos, multiplicando os educandos por 400 litros por dia, depois semana, mês e ano”. Verificou-se a importância da possibilidade de economia no final do ano. Depois foram produzidos cartazes e folhetos pelos educandos sob orientação da professora com a finalidade de serem distribuídos na Escola e Comunidade. Através desse trabalho houve muitas idéias de como economizar a água, como cuidar o máximo das torneiras com defeitos; usar a água do enxágüe das roupas para lavar as calçadas; não tomar banho com o chuveiro constante aberto (ligado), evitando banhos demorados; fechar a torneira ao escovar os dentes, e também ao fazer a barba; manter a válvula de descarga do vaso sanitário sempre regulado e não usar o vaso como lixeira ou cinzeiro.

Um dos diferenciais nas experiências é que houve participação interdisciplinar em que Química, Artes e Língua Portuguesa trabalharam com reciclagem, sendo o lixo orgânico para a horta e o lixo reciclável organizado e armazenado pelos educandos, professores e funcionários e posteriormente vendido revertendo o dinheiro para compra de material de limpeza.

Dentro da disciplina de Geografia as questões relacionadas ao meio ambiente estão em grande evidência. Essas questões tornam-se mais relevantes para o campo quando o uso do solo deixa de ter um caráter de subsistência para atender ao agronegócio, aspecto este que vem causando sérios problemas ambientais como: o desmatamento, a erosão, a poluição das águas e outros. Por isso este trabalho⁴⁰

39 NRE - Apucarana – Município – Cruzmaltina. Col. Est. Pe. Gualter Faria Negrão. Professores: Irmã Malfertarmes Zeni; Maria de Fátima Roncarati Alabi; Maria das Graças Ferreira; Marilza C. Trizotti; Regina Martins Moreira; Tânia Mara Scandorieiro; Maria Edna Dutra.

40 NRE - Apucarana – Município - Kaloré - Col. Est. Abraham Lincoln. Professores: Ana Cláudia Vicentin; Carina Elizabete da Silva; Cleonice da Silva Santos; Emerson da Silva Oliveira; Leila Aparecida Keller; Marta Lourenti dos Reis; Noeli Cividini; Rita

procurou abordar estas questões como forma de minimizar os impactos ambientais causados por práticas agrícolas equivocadas, que atendem apenas aos interesses capitalistas, prejudicando a qualidade de vida dos moradores do campo.

O Colégio, onde esta experiência foi realizada, fica a dezesseis quilômetros de Kaloré, onde até a pouco tempo a agricultura era praticada de forma tradicional, ou seja, com apenas alguns proprietários utilizando maquinário em suas práticas de policultura (feijão, trigo, milho, amendoim, algodão, soja, girassol e outros).

Após o questionamento inicial, alguns livros didáticos foram utilizados para esclarecer a questão do uso do solo e da qualidade da água que consumimos. Depois deste trabalho de pesquisa bibliográfica foi proposto aos educandos que elaborassem questões para uma entrevista com o encarregado da manutenção da mina que abastece o distrito, localizada numa propriedade rural. Durante a visita, a professora sugeriu aos educandos que observassem a preservação da mata original, a proteção da mina⁴¹, distância entre a lavoura e o local de captação de água e o tratamento recebido, enquanto explicava a necessidade de preservação dos mananciais e os cuidados com a poluição de resíduos. As visitas foram fotografadas e filmadas para posterior exposição aos demais educandos do Colégio. Participaram da experiência os professores de Língua Portuguesa, que auxiliaram na elaboração das perguntas para a entrevista; a professora de Ciências encarregou-se das explicações acerca dos produtos utilizados no tratamento da água e dos produtos químicos utilizados nas plantações e a professora de Artes, na produção de cartazes e na composição das fotos.

Outra experiência⁴² semelhante foi realizada no Rio Herval que abastece a cidade de Bituruna. Durante as visitas, os educandos perceberam como ocorre o abastecimento de água, o funcionamento da rede de esgoto, a biodiversidade da fauna e da flora da nascente e seus arredores, a falta de água decorrente do desmatamento da mata ciliar dentro do perímetro urbano, as diversas formas de poluição e contaminação da água e o desaparecimento de espécies no curso do rio, no perímetro urbano.

Esta experiência foi fruto das aulas de Ciências, Geografia, História, Matemática e Língua Portuguesa. A disciplina de Ciências abordou questões como água e as doenças que podem ser transmitidas através dela, medidas de prevenção, tratamento e cuidados com a água, questão muito importante, pois os educandos em sua maioria não possuem rede de água tratada em suas propriedades. A disciplina de Geografia abordou questões como poluição ocasionada pelo esgoto sem tratamento adequado, lixo jogado às margens do rio e os problemas gerados pela falta de mata ciliar. Já a professora de História, realizou entrevistas com antigos moradores a fim de identificar mudanças no decorrer das últimas décadas. A Matemática baseou suas aulas em gráficos referentes aos dados coletados, como: a biodiversidade observada nas proximidades das nascentes e a quantidade de lixo no curso do rio. Todas estas atividades foram reunidas em uma produção textual orientados pela disciplina de Língua

de Cássia Tassi Melo.

41 “Local onde se verifica o aparecimento de água por afloramento no lençol freático” (Resolução nº 04, de 18.09.85, do CONAMA).

42 NRE - União da Vitória - Município – Bituruna. Casa Familiar Rural. Professores: Clarinda Antonelli da Maia; Joécio Ricardo; Cleonice Ravello de Souza; Cleide Dalila Soares; Gisele Lanzarini.

Portuguesa.

3. Problematização

As experiências demonstram práticas pedagógicas que adotam como princípios as possibilidades das DCE da Educação do Campo: a escola sai das quatro paredes, alcançando espaços mais amplos da comunidade local e regional.

Segundo relatos de professores e educandos, este trabalho trouxe uma diferença nas aulas ministradas, pois mudou a metodologia, ou seja, teve outro ponto de partida, partia-se de algo que já era conhecido, de uma realidade do meio social do educando, o que amplia a compreensão e, principalmente, aproxima professor e educando, escola e comunidade, saberes locais e conhecimento científico.

Estas são talvez as primeiras questões que um escrito como este deva apresentar, provocando os professores à reflexão: Como sua escola situa-se em termos de espaço de aprendizagem? Que tal sair a caminhar com seus educandos no entorno da escola, conhecer os moradores mais antigos, as práticas de produção alternativas ou inovadoras, os cultivos tradicionais sustentáveis, as Histórias de vida, a História da comunidade?

Abrir espaços para compreender o mundo que cerca o educando como um ponto de partida é um dos caminhos que estes relatos apontam, pois é comum encontrarmos muitos adolescentes e jovens que não dão conta de compreender o que acontece à sua volta, normalmente apenas repetem o discurso mais comum na mídia e que se reproduz nos contextos locais.

As Diretrizes afirmam que a pesquisa, a investigação é uma das grandes possibilidades para alcançar o que se espera com a educação do campo.

A pesquisa é elemento essencial para que o professor aprofunde os seus conhecimentos, ou para que entre em contato com os aspectos da realidade vivida pelos povos do campo. Ela requer observação, experimentação, reflexão, análise, sistematização e estudos para aprofundamento teórico. As crianças são pequenos cientistas, indagam a respeito de tudo. (...) Com Freire, pensamos que ensinar exige pesquisa, paciência e respeito. Em se tratando da educação do campo, a pesquisa é essencial para que se desvelem as relações sociais de produção, os saberes que estão presentes no cotidiano do trabalho, da organização política, da negociação econômica dos produtos. Ao descobrir os saberes da vida cotidiana, o professor terá mais elementos para construir o planejamento de ensino, selecionar textos para estudo, organizar a aula, o processo pedagógico (DCEs, 2006: 40).

Num primeiro momento, portanto, o professor que está na escola do campo precisa investigar e pesquisar para seu próprio conhecimento, pois sabemos o quanto a formação dos professores esteve distante do debate do desenvolvimento do campo. Normalmente o campo foi ausente dos currículos, tanto no processo de formação inicial como na formação continuada, com raras exceções.

Os relatos instigam a compreensão de várias questões relacionadas ao campo e, se os professores aceitarem o desafio de aprofundar o estudo a partir dos trabalhos desenvolvidos, é possível iniciar

analisando quais destas questões se consegue responder num primeiro momento: Existe produção agrícola com princípios agroecológicos no contexto da escola? A escola pode contribuir para divulgar e proporcionar saberes nesta área? Qual a relação do trabalho local onde vivem as famílias dos educandos, com questões mais amplas da sociedade, a questão agrária, as políticas públicas, os incentivos à agricultura familiar/camponesa/camponesa e as possibilidades para a construção de uma vida sustentável? Quais as potencialidades econômicas, sociais, ambientais e culturais existentes no entorno da escola? Tais potencialidades estão escondidas, isto é, ainda não foram potencializadas ou não são priorizadas em termos de investimentos públicos pelos governos?

Os conhecimentos trazidos por estas respostas podem dar início a uma nova relação entre o trabalho do professor, os conhecimentos que ele deve socializar e a relação da escola com seus educandos e comunidades, como nos mostram os relatos.

As diferentes práticas evidenciadas nas experiências das escolas, citadas na seção anterior, apresentam práticas em equipe explorando a multiplicidade das formas de aprender, a valorização do trabalho e da cultura das famílias que vivem no campo, a identificação de saberes relacionados ao manejo sustentável do solo e a valorização da produção de alimentos, entre outras.

As experiências também poderiam problematizar as relações que se estabelecem entre solo e o desenvolvimento das plantas, a identificação de processos de produção como semeadura, adubação orgânica e colheita, o contato com informações sobre o valor nutritivo dos alimentos cultivados e sobre a importância de um cardápio diário com uma boa alimentação e aproveitamento de alimentos sem desperdícios, incentivando também o cultivo de frutíferas e verduras no contexto familiar, construindo nos educandos responsabilidades no cuidado com a horta, com aspectos do preparo dos alimentos, com o entorno da escola, situando-os como sujeitos que fazem parte do processo.

Um aspecto pouco tratado nesta relação de ocupação do espaço do campo é a energia produzida ou desperdiçada, tema este também desconhecido, tanto pelos professores como pelos educandos e suas famílias, principalmente quando se trata de reaproveitamento. Aspectos como adubos orgânicos, materiais recicláveis, lixo orgânico fazem parte deste debate da energia do planeta, porém, são temas que parecem estar apenas aliados as pequenas práticas que querem livrar as pessoas da poluição e seus desagradáveis efeitos.

Percebeu-se no relato que a compostagem possibilitou desenvolver nos educandos uma relação de cuidado e aproveitamento dos resíduos, compreendendo que essas sobras, restos, raspas, beneficiam a fertilidade do solo, reduzindo também a contaminação e a poluição, porém é preciso estabelecer outras relações além do que a experiência poderia ser enriquecida, relacionando-a com outras práticas também importantes para a sustentabilidade, por exemplo, ao se construir uma horta agroecológica como: plantas companheiras, policultivos, proteção do solo, plantio sem agrotóxicos, práticas de equilíbrio da população de insetos e plantas espontâneas, entre outras.

Contudo, esta ampliação de conhecimentos remete a uma pesquisa prévia do professor, partindo dos saberes presentes na realidade das famílias do local, tanto os que estão ausentes, quanto os que já são vividos, pois, podem representar perspectivas de uma vida melhor.

Várias experiências procuraram buscar na prática o desenvolvimento de um espaço interdisciplinar de motivação concreta aos educandos, além de contribuir diretamente para despertar reflexões referentes ao trabalho do campo, produção e consumo de alimentos saudáveis. Entretanto, a escola precisa avançar neste debate e proposição, pois esta forma de cultivo fica muito vulnerável às estações e intempéries, com dificuldade de manter-se de forma permanente. A alternativa hoje visualizada aponta para uma prática que está sendo chamada de Quintais agroflorestais. Quintal porque é um espaço agradável no entorno da casa que tem vários cultivos desde flores, temperos, chás envolvendo também a horta e agroflorestais porque, pela sua diversidade, assume a lógica de agroflorestas.

Os quintais agroflorestais combinam várias culturas intercaladas horticultura, embelezamento, adubação verde, alimento para as pessoas e para a fauna. Como são várias culturas têm-se maiores oportunidades de usar os adubos verdes, compostos orgânicos e biofertilizantes, podendo também observar com os educandos o controle natural de pragas e doenças. Na relação para dentro da escola, podem criar uma dinâmica que permite estudar vários processos analisando diretamente a recriação e reconstrução da natureza, sempre articulado aos conteúdos das disciplinas e as ações que os educandos conhecem ou precisam aprender e ressignificá-las.

Práticas pedagógicas como estas que brindam a interdisciplinaridade, podem ser o caminho para a superação do trabalho fragmentado de currículos estáticos e, num processo de aprendizagem, diferentes professores se envolverem com diversos saberes que possibilitarão uma compreensão mais ampla, que ultrapassem um único ponto de vista, por exemplo, no caso dos temas apresentados nos relatos, estabelecer uma relação com a importância de preservar o meio ambiente e o cuidado com a saúde, por meio da ingestão de produtos saudáveis.

Além disto, as famílias e a comunidade passam a ter oportunidade de resgatar práticas tradicionais sustentáveis e sua valorização, contribuindo para contar ou relatar Histórias de vida e a memória do local, onde a escola encontra-se inserida, estabelecendo uma troca entre saberes populares e conhecimento científico.

A respeito da utilização adequada da água, um aspecto essencial que a escola deveria dar conta é criar a consciência que a água potável é um bem finito, por isso, conservá-la é tarefa que deve ser aprendida.

Além disto, têm-se as discussões sobre a captação de água da chuva, através de cisternas que a grande maioria das famílias da região sul do Brasil ainda desconhece. O trabalho com cisternas é uma atividade excelente para iniciar o debate da água na escola. A escola poderá construir uma cisterna que abasteça a lavagem dos pisos, banheiros, a irrigação do jardim e da horta, entre outras utilidades. Além disto, poderá servir de parâmetro para as comunidades e famílias, pois as escolas têm grandes telhados e muita água pode ser captada. Este trabalho de rever a forma de captação e cuidado da água pode estender-se por vários anos numa escola, podendo ser base para discutir inclusive uma política

pública para o município, onde as fontes sejam protegidas, as famílias tenham captação de água da chuva, todos cultivem água com matas ciliares e outras formas como a proteção dos cumes de morros e montanhas, etc.

Um dos aspectos discutidos se refere aos alimentos produzidos pelas famílias que trabalham e vivem no campo, debateu entre outras questões, o desperdício de alimentos. Pode-se inferir que é um tema que poderá articular fortemente o debate da relação campo cidade.

Se o professor compreender que a função da agricultura familiar/camponesa é produzir alimentos, poderá ampliar este debate com temas que vão desde a identidade camponesa e a auto-estima dos povos do campo, até a relação de oligopólio na produção de alimentos, hoje, protagonizada por algumas empresas no mundo, que pretendem controlar este mercado. Este controle se passa desde as sementes até a comercialização no mundo todo.

Aqui voltamos ao debate inicial. Onde estão estes conteúdos? Estes conteúdos estão dispersos, não se organizam da mesma forma como fazemos a reflexão, isto só é possível para um professor que conhece a problemática do campo e consegue articular esta reflexão desde o conhecimento dos educandos, até as informações sobre o grande mercado. O que dizer, por exemplo, aos educandos sobre a nanotecnologia e suas conseqüências para a agricultura familiar/camponesa? É preciso pesquisa e estudo.

Alimento parece um assunto simples, cotidiano, fácil, porém há grandes relações, talvez as mais profundas, se considerarmos que a lida com o alimento esconde a função social e a identidade dos agricultores. Basta lembrar de nossas avós e avôs e seu sorriso, sua alegria em nos servir um bom prato com comida, ou melhor ainda, em mostrar a fartura da colheita, o tamanho das morangas e batatas doces ou das espigas de milho, os belos cachos de uva, o bom vinho... Reside aqui o segredo de sua realização como trabalhadores do campo com identidade e resultados concretos que os fazem sentirem-se sujeitos.

Cabe reforçar também o aspecto estudado, onde se discutiu que uma boa alimentação implica em conhecer o valor nutritivo de um refrigerante em relação a um suco natural de frutas, por exemplo. Esta reflexão também se amplia tanto no sentido de compreendê-la na perspectiva da saúde, bem como da organização das famílias e suas entidades para a transformação dos produtos.

Cabe considerar, por exemplo, que existem no campo *in natura* muitos alimentos que se perdem por falta de oportunidades que criem condições para as políticas públicas absorverem esta demanda, tanto a quem precisa do alimento para consumir, como aos que precisam transformar para ter renda do seu trabalho.

Certamente, em nossas escolas, numa mesma sala de aula, convivem educandos que moram no

campo e tem laranjeiras cheias de frutos a se perder, e outros que vivem na cidade não têm acesso a estas frutas seja *in natura*, seja em forma de suco, pois para quem vive de salário mínimo, o consumo de frutas no mercado convencional tem um custo alto e nem sempre os trabalhadores da cidade conseguem ter este acesso.

Estas são algumas questões para refletir no sentido das inúmeras relações que se pode discutir na escola através da problematização das condições de existência dos educandos e suas famílias, sejam do campo ou das pequenas cidades. A partir do contexto dele, exigirá uma postura nova do professor que: inclui estudar, pesquisar, conhecer as organizações dos povos do campo e acompanhar os debates dos camponeses que estão presentes nas conjunturas atuais. É preciso lembrar que é direito dos educandos o acesso a uma educação que considera e adota como princípio educativo, as especificidades do modo de vida e de trabalho do campo.

RESGATANDO CULTURA(S) E IDENTIDADE(S): MOSTRANDO A CARA DA COMUNIDADE.

“Estamos convencidos de que a mudança histórica em perspectiva provirá de um movimento de baixo para cima, tendo como atores principais os países subdesenvolvidos e não os países ricos; os deserdados e os pobres e não os opulentos e outras classes obesas; o indivíduo liberado partícipe das novas massas e não o homem acorrentado; o pensamento livre e não o discurso único.”

Milton Santos

1. Fundamentação

Este capítulo tratou de reunir experiências pedagógicas realizadas por professores de diferentes disciplinas do currículo em diversos contextos da Escola Pública do Estado do Paraná, que instigados por leituras e debates proporcionados pela participação nos Grupos de Estudo da Educação do Campo, procuraram realizar um resgate de cultura(s) e identidade(s) dos povos e comunidades do campo. Não mais de forma preconceituosa ou negativamente estereotipada, mas sim, de forma a valorizar suas práticas, como algo que se mantém vivo ao longo da História e perspectivam o futuro.

É uma tentativa de resgatar as experiências vividas no cotidiano das escolas/colégios, e para tanto, é composta por quatro sub-temas: “Festas: entre histórias, crenças e tradições populares”; “O conhecimento na memória e no cotidiano da comunidade”; “Valorizando a Cultura e a Identidade dos Sujeitos do Campo” e “Ultrapassando os limites atuais do tempo e do espaço escolar”.

Primeiramente, apresentam-se as experiências que buscaram retomar os sentidos e os valores das festas típicas do campo, suas peculiaridades e significados, questionando suas atuais formas de organização e realização no espaço escolar, buscando gerar novas práticas. Estas vivências estão agrupadas no sub-tema: Festas.

Este tema foi abordado pela professora de Inglês do NRE de Foz do Iguaçu, na turma de 7ª série do Ensino Fundamental, que utilizou um texto na mesma língua para demonstrar aos seus educandos que também nos Estados Unidos se realizam festas típicas. Outra experiência realizada com educandos do Ensino Médio no Colégio Estadual Vinícius de Moraes, na disciplina de História, enfocou as diversas danças que caracterizam aspectos da cultura brasileira.

Em seguida, os trabalhos desenvolvidos se mostraram preocupados em resgatar práticas, valores, crenças, Histórias, causos, lendas, entre outras características do passado, que deixaram de existir e que estão guardados na memória dos moradores mais antigos da comunidade, ou que resistem na atualidade como atividade costumeira e identitária. Estas experiências se resumem no sub-tema: O conhecimento na memória e no cotidiano da comunidade.

Dentre elas podemos citar a experiência do Município de Francisco Beltrão, intitulada “Conversa com os Avós”, momento em que se reuniu os educandos da 5ª série e representantes da comunidade para uma roda de conversa sobre hábitos, costumes entre outros. Mais um exemplo é o do Colégio Estadual Campina da Lagoa, onde os educandos do Ensino Médio, na disciplina de História, a partir de dois filmes e de entrevistas, iniciaram um trabalho para resgatar a memória da comunidade.

No terceiro sub-tema: Valorizando a Cultura e a Identidade dos Sujeitos do Campo, as experiências pedagógicas desenvolvidas no ambiente escolar utilizam-se de livros, filmes, textos, poesias, lendas, charges, entre outros materiais pedagógicos, são pontos de partida dos trabalhos para debater as manifestações culturais dos sujeitos do campo em sala de aula, buscando sempre valorizá-las na abordagem e no fortalecimento dos conteúdos.

Na região do NRE de Pitanga, educandos da 5ª série do Colégio Estadual Antônio Dorigon, incentivados pelos professores de Língua Portuguesa e Arte realizaram um trabalho de produção de textos que culminou na publicação de uma coletânea denominada “Revelando Almas de Poeta”. Já em outro NRE o professor de Geografia aproveitando a charge “Enxadas Paradas, Inchadas Paradas”¹, trabalhou junto à turma de 6ª série, questões relacionadas a urbanização e a mecanização.

No quarto sub-tema, “Ultrapassando os limites atuais do tempo e do espaço escolar”, reuniram-se experiências, que resultaram das visitas de campo e que podem auxiliar os professores no seu trabalho pedagógico, relacionando teoria e prática, visualizando novas perspectivas e metodologias que rompem com o tempo e o espaço escolar.

Em outra escola professores do Ensino Médio, das disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna Inglês, Geografia, Biologia, Física e Educação Física, realizaram atividades, em que os educandos fizeram um levantamento das tradições que, ainda hoje, são mantidas pelas comunidades da Pedra Branca e Jumirim no NRE de Campo Mourão.

Considerando cada um destes sub-temas, podemos verificar que todos abordam um tema em comum: Cultura e Identidade dos Povos do Campo. As experiências mostram de diversas maneiras as possibilidades de fazer com que as singularidades culturais não se percam e, ao contrário, estejam presentes no cotidiano escolar. Portanto, estes são os elementos que orientam a fundamentação deste capítulo: Cultura e Identidade.

1 Márcio Baraldi, chargista, colaborou com vários jornais e revistas, dentre os quais Globo Ciência e Jornal do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, neste último foi publicada esta charge. O texto compôs, em 2007, o material do III Grupo de Estudos da Educação do Campo, devido a isso é constantemente citado nos relatos como parte das experiências.

O Brasil rural caracteriza-se por ser um espaço composto por uma grande diversidade étnico-racial, cultural, política, econômica e sócio-ambiental. Trata-se do resultado de um processo de colonização marcado pela exploração humano-social e físico natural das riquezas do território, que de um lado, deu origem às elites econômicas deste país, e de outro, gerou as resistências, a partir de inúmeras indignações da camada mais pobre e dominada, muitas delas, fruto das miscigenações dos povos, com diferentes manifestações culturais, entre outras características.

Desta forma, o território rural é uno e múltiplo ao mesmo tempo. Uno por tratar-se de um só país, e múltiplo, porque apresenta um povo plural, com características diversas, com modos específicos de existir e resistir, de manifestar-se no tempo e no espaço.

Nesse sentido, seria muito mais simples dizer que o substantivo *diversidade* significa variedade, diferença e multiplicidade. Mas, essas três qualidades não se constroem no vazio e nem se limitam a nomes abstratos. Elas se constroem no contexto social e, sendo assim, a diversidade pode ser entendida como um fenômeno que atravessa o tempo e o espaço e se torna uma questão cada vez mais séria quanto mais complexas vão se tornando as sociedades (GOMES, 2007: 19).

Assim, mais do que um simples substantivo, mas principalmente como fruto das relações humanas, a diversidade “é um componente do desenvolvimento biológico e cultural da humanidade”. Ela se faz presente na produção de práticas, saberes, valores, linguagens, técnicas artísticas, científicas, representações do mundo, experiências de sociabilidade e de aprendizagem (GOMES, 2007: 18).

No entanto, a História da diversidade neste país, em particular para este capítulo, a do espaço rural, é marcada pela marginalização e pela exclusão. O colonizador, e sucessivamente a elite agrária, impõem as suas formas de vida, seus interesses, seus valores, suas tradições, seus costumes, suas representações, conceitos, ou seja, sua cultura de maneira geral. O que acabou por levar a extinção ou a invisibilidade de diferentes manifestações da vida de outros povos, gerando na atualidade uma realidade de conflitos.

Neste espaço rural conflituoso e de grandes tensões, o colonizador ganha outro nome, agronegócio, que de um lado busca manter um contexto de exploração e de domínio, que pautado pela lógica urbano-industrial, objetiva a concentração das riquezas e da terra nas mãos de poucos, dando ênfase a um campo mecanizado e sem vida, apenas sendo considerado um espaço de produção monocultora voltada à exportação.

De outro lado, estão as resistências, muitas destas representadas pelos movimentos sociais populares, a exemplo dos Atingidos por Barragens, os Trabalhadores Rurais Sem Terra, os sindicatos rurais, associações, algumas Organizações não-governamentais, as Populações Tradicionais de Quilombolas, Faxinalenses, Ribeirinhos, Ilhéus, Indígenas, Caiçaras, Pescadores Tradicionais, Pequenos Produtores Rurais, entre outros, que buscam através de suas práticas tradicionais mostrarem que outra realidade é possível, que o campo é mais do que um espaço de produção, que também é um espaço de cultura e de vida.

Assim, a diversidade é fruto dessas grandes tensões, que emerge nas resistências dos povos do campo para afirmar que há outras possibilidades de se relacionar com a natureza, de desenvolver trabalho, de manifestar-se social, cultural e economicamente, contra o agronegócio homogeneizador, explorador, que tem provocado uma série de impactos negativos, colocando em risco a vida na Terra e a soberania alimentar dos povos. As DCEs da Educação do Campo destacam:

O que caracteriza os povos do campo é o jeito peculiar de se relacionarem com a natureza, o trabalho na terra, a organização das atividades produtivas, mediante mão-de-obra dos membros da família, cultura e valores que enfatizam as relações familiares e de vizinhança, que valorizam as festas comunitárias e de celebração da colheita, o vínculo com a rotina de trabalho que nem sempre segue o relógio mecânico (PARANÁ, 2006: 22).

São os povos do campo e toda sua diversidade, organizados coletivamente, que emergem contrariando a sua História de negação, de marginalização, cobrando do Estado uma outra forma de fazer política, e da sociedade em geral, uma nova compreensão sobre seus modos de vida.

Desta forma, como conquista da diversidade, a educação do campo se torna política pública, e vem de encontro com as resistências, procurando subsidiar as suas lutas, dando visibilidade aos conflitos, às suas necessidades humanas, suas características historicamente negadas, marginalizadas, trazendo este debate para dentro da escola, espaço que acaba por ganhar um outro sentido, reconhecendo e valorizando a cultura dos sujeitos que a freqüentam.

Pois, estas culturas resultam das relações sociais, são manifestações do trabalho humano, os costumes, as tradições, as religiosidades, os ritos, as festas, as atividades artísticas, esportivas, o convívio familiar, entre outros. São as práticas culturais que dão identidade aos sujeitos, que mostram o que verdadeiramente são, como são, e como organizam suas vidas. É o ser humano, individual e coletivamente, se reconhecendo a partir do outro e com o outro (LARAIA, 2006).

A educação do campo reconhece que “há uma produção cultural no campo que deve se fazer presente na escola. Os conhecimentos destes povos precisam ser levados em consideração, constituindo ponto de partida das práticas pedagógicas na escola do campo”. Pois, a “não inserção desses conteúdos nas práticas pedagógicas provocou, ao longo da História, a negação da cultura dos povos do campo nas escolas. Quando esta é apresentada, na maioria das vezes, aparece de forma estereotipada e preconceituosa” (PARANÁ, 2006: 27-32).

2. Relato organizado a partir do inventário de experiências

2.1. Festas: entre histórias, crenças e tradições populares

Na Educação do e no Campo, compreende-se que é necessário reconhecer e valorizar as diversas práticas e experiências culturais da comunidade, transformando-as sempre que possível em referenciais, em pontos de partida para a abordagem dos conteúdos escolares, articulando desta forma, a escola à realidade. Nesse sentido, lembram as Diretrizes da Educação do Campo (2006, p.32), que estas práticas e experiências, não podem ser resumidas “apenas as manifestações artísticas, devendo ser compreendidas como os modos de vida, que são os costumes, as relações de trabalho, familiares, religiosas, de diversões, festas, e etc.”

Assim, professores e professoras da rede pública estadual resgataram em experiências pedagógicas com educandos da Educação Básica, o significado das Festas da Colheita, do Campo e as Festas Juninas.

Nestas experiências, educandos foram orientados a buscar informações, ampliar os conhecimentos sobre as Histórias, as tradições e localidades. Os educandos, individual ou coletivamente, analisaram charges, e a partir do resultado das pesquisas, organizaram textos escritos, criaram personagens e peças teatrais, realizaram danças e festas, buscando destacar as crenças, os costumes, muito utilizadas para homenagear os deuses e santos responsáveis pela boa colheita.

Em experiência com educandos da 7ª série do Ensino Fundamental², o trabalho iniciou com a leitura de um texto em Inglês chamado “Thanksgiving Day”(Dia de Ação e Graças), mostrando que nos EUA também se realizam festas que celebram a busca pela liberdade de expressão, pela sobrevivência, valorizando a cultura local.

Já em outra escola, professores³ de Geografia, Matemática, Ciências, Língua Portuguesa, baseados na História do nascimento da música caipira, instigaram educandos a pesquisarem e conversarem com pioneiros da região em que habitam, verificando que as festas caipiras como conhecemos na atualidade foi fruto de fartas colheitas que aconteciam no passado, quando a vizinhança se reunia para as comemorações. Foi onde surgiram as danças de quadrilha, pau de fita e modas de viola.

2 Núcleo Regional de Educação – Foz do Iguaçu – Município de São Miguel do Iguaçu – Professor(a): Margô Mantovani Albônico

3 Núcleo Regional de Educação – Pitanga – Município de Nova Tebas/Distrito de Cataporanga – Colégio Estadual Vinícius de Moraes – Professores(as) : Heloisa Ivaszek Jensen, Ione Alcântara Monge Sereira, Solange Reiguel, Lucinei Camargo, Crisiany Santos Vujanski, Simone Heida.

As pesquisas realizadas entre os educandos e os professores, forneceram elementos para a realização de Festas da Colheita ou do Campo aproveitando o ambiente escolar⁴. Suas organizações exigiram maior participação da comunidade, criando um ambiente de socialização de conhecimentos. Havendo exposição de produtos oriundos do campo, tais como: pães, doces, compotas, Artesanatos e produtos *in natura* de modo geral. E também de outros produtos costumeiros como: a cuia para chimarrão, a chaleira e panela de ferro, o facão, a vassoura de palha, a guanxuma, a roda de madeira, o saco de estopa, a lenha, a cadeira de balanço, a enxada, o balaio, a cangaia, o cesto, o jornal, o chapéu de palha, a carroça, a charrete, o milho, a abóbora, a pipoca, a mandioca, os ovos caipira, a cesta, a máquina de plantar manual, o tacho, o torrador de café, a fogueira, as bandeirinhas, entre outros.

Em alguns casos ocorreram importantes interações dos professores. Em uma escola, na sala de aula, a professora de Geografia trabalhou a vegetação, relevo e hidrografia, tempo de plantio e colheita, solo, clima e efeito estufa; a professora de Matemática trabalhou o que é quarta, pé, jarda, palmo, atilho de milho, quantidade que vai no balaio, no cesto, mão de milho, braça, etc; a professora de Ciências trabalhou o valor nutritivo do alimentos para os seres humanos; e a de Língua Portuguesa trabalhou com os educandos, a construção do relatório de todas as atividades desenvolvidas.

Historicamente, a não consideração das diversas manifestações e práticas culturais das comunidades, contribuiu para distorcer a realidade, associando a figura dos sujeitos do campo ao atraso, ao ridículo de forma preconceituosa. Um exemplo típico são as “festas juninas que fazem uso de roupa rasgada e remendada, dentes estragados, maquiagem exagerada, etc, como características dos camponeses, em detrimento da valorização das músicas, das danças e das comidas típicas, e da própria origem da festa” (PARANÁ, 2006: 32).

Assim, a concepção de educação do campo, além da Festa da Colheita, ou do Campo, problematiza uma prática festiva comum na grande maioria das escolas públicas estaduais: a Festa Junina.

Contrapondo-se às atuais práticas que orientam a organização e efetivação de Festas Juninas, e com objetivo de resgatar a cultura local, valorizando e mantendo as tradições, desenvolveram-se em escolas do campo⁵, diversas experiências com danças e comidas típicas, envolvendo toda comunidade escolar.

Em uma das escolas, comunidade, professores e educandos, realizaram tradicionais cerimônias religiosas durante nove dias anteriores à festa, sendo no último dia, a comemoração. Durante a

4 Núcleo Regional de Educação – Laranjeiras do Sul – Município de Quedas do Iguaçu – Colégio Estadual Alto Recreio – Professores: Angelina Prasniewski, Claudia Regina Ferron, Elena Hoffman, Eunice Souza Becker, Josiane Ratti, Lenir Jacoboski, Marivani Fátima Petry Chagas. NRE – Campo Mourão – Município de Mamborê. Col. Est. Rui Barbosa. Professores: Ana Eudete Schuab Moreira, Cilene dos Santos De Vidis, Edimar Teixeira Dias, Lúcia Korczovei Lemes, Rosiani Mydlo Sardi, Zélia Paiva Nogueira.

5 NRE – Telêmaco Borba – Município de Curiúva. Col. Est. Maria Diva Ribeiro de Proença. Professores: Cristiane de Souza, Edimar do Rocio Ribeiro, Irene Aparecida Gonçalves, Jussara Aparecida Matos de Pádua, Laertes José Palmeira, Márcio Aurélio Miléo, Maria Goretti de Oliveira, Maria José Fagundes Barbosa. NRE – Apucarana – Município de Califórnia. Esc. Est. Sebastião Pereira Filho. Professores: Elaine Kellen da Silva Souza, Elizângela Pedra Rovani, Irene Martins Ferreira, Ironice da Fonseca Mazeto, Maria Regina Alves Vicente, Marcio Fancino de Souza, Robson Antônio Desiderá.

comemoração ocorreu o acender de uma fogueira, o levantamento do mastro, e se fizeram presentes costumes como andar descalço sobre as brasas, soltar fogos de artifício e subir no pau-de-sebo. Houve a preparação de pratos como cartuchos de doces, carnes assadas para o almoço, amendoim, pipoca, bebidas como quentão.

Educandos de Ensino Médio⁶ investigaram a história das danças e sua influência na cultura brasileira e, divididos em pequenas equipes, pesquisaram sobre o xote, o vanerão, o forró, a marchinha, pau de fita e quadrinhas. As apresentações foram reveladoras, superando a visão estereotipada e distorcida do caipira.

As festas sendo problematizadas em sala de aula pelos professores, mostrando, principalmente, como o caipira retratado era uma forma de discriminar o sujeito local, permitiu trabalhar de maneira em que os personagens e os costumes fossem valorizados, que as roupas escolhidas para as apresentações e festas fossem atuais, coloridas e cotidianas, e que se mantém como costume permanente da comunidade.

2.2. O conhecimento na memória e no cotidiano da comunidade

Investigar a comunidade é um exercício que pode revelar um conjunto de características, elementos da vida cotidiana, que quando articulado com os conteúdos escolares podem contribuir muito para valorizar as especificidades locais dos sujeitos do campo, suas manifestações políticas, culturais, econômicas e socioambientais, tornando-os protagonistas do processo educativo.

Nesse sentido, algumas experiências pedagógicas instigaram os educandos a buscarem nos avós, nos vizinhos, ou seja, na História de vida da comunidade, seu cotidiano, informações sobre o passado, promovendo boas discussões sobre os costumes e tradições presentes na memória e as que fazem parte da realidade na atualidade.

Em uma experiência intitulada “Conversa com os Avós”⁷ uma professora do município de Francisco Beltrão, localizada na comunidade de Secção Jacaré, definiu com o educandos da 5ª série que iriam realizar uma roda de conversa com os avós, buscando interagir com o tempo passado, objetivando entender como era a alimentação, a moradia, o vestuário, os modos e costumes, a organização das famílias, a chegada até o lugar onde habitam, o uso do solo, dos rios, os espaços de lazer, entre outros assuntos.

Para que a experiência se efetivasse, produziram convites para que os avós viessem a participar da roda de conversa. Logo após, elaborou-se perguntas, um intercâmbio com os assuntos trabalhados em aula.

6 NRE – Pitanga – Município - Nova Tebas. Col. Est. Vinícius de Moraes. – Professores: Ione Alcântara Monge Serceia, Solange Reiguel, Lucinei Camargo, Cristiany Santos Vujanski, Heloísa Ivaszek Jensen, Simone Heida.

7 NRE – Francisco Beltrão – Município - Francisco Beltrão. Esc. Municipal Eptácio Pessoa. Professores: Ângela Rosani Fontana, Ida Maria Longo Borges, Mariza Nesi, Marizete Vaccari Simioni, Rosângela Vansan Parise.

No dia da roda de conversa, avós, educandos e professores, registraram tudo que puderam através de textos e imagens.

Ao retornar à sala de aula, tudo foi sistematizado de forma espontânea, procurando reproduzir o que se ouviu com maior fidelidade possível. Alguns causos foram escolhidos e reproduzidos em forma de pequenos banners, sempre fazendo uma relação com o presente, trazendo a cultura do educando para dentro da escola.

Esta atividade abriu caminhos para levantar alguns aspectos importantes que podem fazer parte das abordagens dos conteúdos disciplinares, a exemplo:

Cidade origem	Imigrantes do Paraná e introdução através de pesquisas em números fracionários
Vieram à procura de terras boas	Solo e o relevo paranaense e vegetação e beltronenses
Origem do nome Jacaré	Animais e plantas (flora e fauna)
Lazer da época	Hidrografia do Paraná e do Município
Alimentação de boa qualidade	Alimentos
Bodegas e cavalina	Comércio e a indústria
Pequenas construções	Moradia, tecnologia, utensílios
Mutirões	Formas de organização de trabalho
Parteiras	O corpo humano

No desenvolvimento do cinema brasileiro, muitos cineastas se debruçaram para mostrar através de seus filmes um pouco da realidade da vida no campo. Em sala de aula, de forma crítica, contextualizada e problematizada, eles podem contribuir muito para ser ponto de partida, para contextualização, ou de fortalecimento dos trabalhos pedagógicos.

Educandos de Ensino Médio⁸, após assistirem nas aulas de História, os filmes “Narradores de Javé e Tapete Vermelho”, e utilizando-se da metodologia da entrevista, procuraram através de suas narrativas históricas, trazer à tona a memória da comunidade, podendo fazer comparações entre passado e presente.

Após, as memórias foram sistematizadas e expostas em murais, possibilitando aos educandos refletirem sobre a construção da narrativa histórica familiar envolvida, uma vez que ao montar o mural com fotos e documentos, puderam perceber que as atitudes e ações coletivas ajudam a construir a identidade de um povo, associando o passado e o presente.

Em aula expositiva através de textos históricos selecionados, discutiu-se a questão do preconceito na sociedade sobre o modo de vida dos sujeitos do campo. Logo em seguida, novos textos foram produzidos pelos educandos, possibilitando a aproximação do conteúdo histórico com a realidade presenciada pelos mesmos, que discutiram questões históricas tratadas no presente, revelando a maneira como o saber histórico é apropriado e construído.

Noutra experiência⁹, os elementos pesquisados na memória e no cotidiano da comunidade pelos educandos fez parte das aulas de Língua Portuguesa, quando foram lidas e interpretadas buscando suas essências textuais; da disciplina de Ciências, onde os educandos puderam compreender como as superstições afetam a vida do ser humano; a palavra folclore foi trabalhado pela disciplina de História; em Geografia, várias festas, contos e lendas de diferentes regiões brasileiras se uniram com as locais pesquisadas pelos educandos; na disciplina de Inglês se resgatou as parlendas, os travas-línguas e as cantigas de roda; as danças, os brinquedos e as brincadeiras foram práticas das aulas de Educação Física.

Muitos debates foram travados, e textos foram construídos, e por fim, a disciplina de arte trabalhou para transformar tais textos em dramatizações, as quais foram apresentadas para todos os educandos.

Nestas práticas, percebe-se que as Histórias ganham vida e sentido para todos, valorizando os costumes e as tradições como práticas do presente, que podem ser mantidos vivos no seio da comunidade.

Nesse mesmo caminho, a realização de uma gincana em uma escola do campo¹⁰ marcou a vida de educandos e mostrou a eles que estudar História pode ser ainda mais interessante. Para sua efetivação,

8 NRE – Campo Mourão – Município - Campina da Lagoa. Col. Est. Campina da Lagoa. Professores: Olinda Foroni Consani, Rosana Altoé, Cleonice Aparecida C. de Almeida, Maria Castorina P. Spreáfico, Claudinéia Rafael, Loricly de Mattos Cursi, Francisco Leite S. Júnior, Sérgio Murilo F. Mazer, Arivonil de Paula.

9 NRE – Pato Branco – Município – Clevelândia. Col. Est. João XXIII. Professores: Ana Paula da Silva, Janaína Barbosa, Juliana Innocência Cantele, Lorimar Aparecida Benetti, Nadiani Scheffer Zago, Rosane P. do Amaral Rossini, Simone Julianotte, Tânia R. F. Camargo, Zaíde F. Inocência.

10 NRE – Foz do Iguaçu – Município - São Miguel do Iguaçu. Professores(as): Eliane Gonzatti, Lélia das Chagas Lima, Luzia Borghezian Perón Boschi, Márcia Ubiali Kreutz, Margô Mantovani Albônico, Neiva Terezinha Knapp Gilson, Sílvia Kaufmann Andrzejewski.

num primeiro momento, foi pedido a todos os participantes que pesquisassem em suas casas as carteiras de trabalho e as notas fiscais mais antigas que encontrassem, que coletassem o depoimento de pessoas idosas da família, reunindo fotografias de familiares em situação de lazer ou de trabalho, objetos antigos, registros da vida escolar.

No processo foi orientado quanto às providências e procedimentos para a realização das pesquisas, ressaltando e explicando o valor dos documentos que ficam guardados em casa, os cuidados a serem tomados na sua preservação.

No decorrer do desenvolvimento dos trabalhos foi identificada a presença de 6 educandos que moravam no interior do município e estavam estudando na cidade, então entrou-se em contato com estas famílias, para juntas enriquecerem a gincana.

As famílias desses 6 educandos são de pequenos agricultores e com os depoimentos de duas famílias e algumas fotos, foi realizado um trabalho de mobilização sobre a permanência no campo, apesar da modernização. Mostraram-se fotos do tempo antigos quando ainda não existiam os diversos recursos tecnológicos, confeccionaram-se cartazes e painéis com recortes de jornais mostrando as mudanças ocorridas de acordo com o tempo, tendo como consequência maior o êxodo rural.

A finalização dos trabalhos da gincana é o momento de compartilhar resultados. Foi produzido um texto com alguns documentos encontrados, fotos e imagens e distribuiu-se para algumas turmas da escola do campo do Distrito de São Jorge, fazendo com que não apenas a comunidade escolar participasse, mas também a comunidade local valorizasse sua própria História e de sua região.

Nesta experiência, a escola ouviu o depoimento de alguns educandos, participantes desta experiência, muitos se perceberam como sujeitos do processo de produção do conhecimento histórico, pois as fotos de família também são História.

A riqueza do material encontrado e as possibilidades apontadas pelas atividades de ensino que acompanharam a realização da gincana são pontos de partida para uma nova relação dos educandos e professor com o conhecimento histórico. A gincana ajudou a entender aspectos que educandos e professores desconheciam, pois as demonstrações das mudanças ocorridas mostraram o papel de cada um na história como sujeito que constroem sua participação e realização nos eventos sociais e culturais de cada lugar.

2.3. Valorizando a cultura e a identidade dos sujeitos do campo

Sabe-se que nem sempre é possível um forte contato com toda comunidade em que a escola se insere, o cotidiano escolar na maioria das vezes condiciona ao espaço-tempo das aulas, sendo este, o contexto em que os professores se desafiaram para trabalhar os conteúdos, e quase sempre, tiveram que usar a imaginação e diferentes materiais de apoio pedagógico para tornar ainda mais dinâmico o desenvolvimento dos trabalhos. Em alguns casos, com um pouco mais de ousadia, foi possível ao menos socializar os conhecimentos com outras turmas, mesmo que ainda, não ultrapassando os limites do espaço escolar.

Nesse sentido, o uso de textos, poesias, charges, filmes, livros, jornais e revistas, são materiais pedagógicos que quando usados individualmente ou de forma articulada podem levar a conhecer outros tempos e espaços, mesmo quando fisicamente se está condicionados ao espaço da sala de aula e o tempo/hora da disciplina, gerando novas práticas e novas experiências, como produção de textos e charges de opinião, dramatizações e debates, entre outras atividades.

Em trabalho com educandos de 5ª série nas aulas de Língua Portuguesa e Arte¹¹, a partir de uma análise crítica de textos e músicas, foram produzidas poesias e paródias com temas voltados ao campo, destacando-se principalmente a alusão ao meio ambiente, a natureza, e incentivando, não só a permanência no campo, mas o seu desenvolvimento integral, debatendo principalmente educação ambiental. As produções poéticas dos educandos já foram até publicadas numa coletânea chamada “Revelando Almas de Poeta”.

O uso de diferentes gêneros textuais faz parte das práticas pedagógicas nas escolas do campo¹², a exemplo de textos literários como “Morte e Vida Severina”, entre outros, se destacando os que manifestam a cultura afrobrasileira e indígena como as obras de Bernardo Guimarães - Escrava Isaura, Jorge de Lima - Essa negra Fulô, José de Alencar - Ubirajara, O Guarani e Iracema, entre outros.

Durante as aulas, educandos¹³ se dividiram em equipes para desenvolver a leitura do livro “Açúcar Amargo” de Luiz Puntel, que trata do difícil trabalho dos bóias-frias nas lavouras de cana-de-açúcar. Feita a leitura, realizaram debates, e após, produziram um roteiro para dramatização, definindo: Personagens envolvidos; onde se passa a História; o que causou o conflito; no que resultou o conflito; que desfecho teve a História, entre outros.

A partir das dramatizações, houve diversas reflexões sobre a necessidade de permanecer no lugar de origem, continuar a história de vida familiar, transmissão da vida e produção de alimentos *versus* mudanças para os grandes centros, objetivando melhores condições de estudo, trabalho e praticidade no dia-a-dia. Além do trabalho com músicas e literatura, a utilização de charges também ganhou destaque.

Em outra experiência com educandos de 6ª série¹⁴, iniciou-se um trabalho com a charge de Márcio Baraldi, intitulada “Enxadas paradas, inchadas paradas”, onde fica explícito o abandono do campo em busca de melhores alternativas na cidade, o que acaba sendo uma ilusão. Em seguida, a charge sobre “Árvore”, de Fetter, onde um homem procura o significado da palavra árvore em um dicionário, pois não a conhece. Seguiu-se com a análise e comentários das charges, conceito de charge e produção de uma nova, com tema “Campo”.

11 NRE – Pitanga – Município Pitanga. Col. Est. Antônio Dorigon. Professores: José Dirceu Silveira, René Roque P. Lopes e Solange Dal Santos.

12 NRE – União da Vitória – Município Cruz Machado. Col. Est. Estanislau Wrublewski. Professores: Ana Joana Zimolong, Josmar Mikczuk, Márcio Alan Wionzek, Maurício Zawadzki, Ruth Budin.

13 NRE – Cornélio Procopio – Col. Est. Vandyr de Almeida. Professora: Mara Lúcia Salvat Vanini.

14 NRE – Francisco Beltrão – Município - Enéas Marques. Casa Familiar Rural. Professores: Chana Basegguio Marques, Edicléa da Silva Lupatini e Edson Luiz Flores.

Em seguida, foi estudada a letra da paródia “Agricultor em Construção”, de Plínio Fortes Alcântara Filho. Concomitantemente houve o comentário das estrofes, sendo analisado os tempos verbais, os tempos básicos do modo indicativo, enfatizando a valorização do agricultor presente em toda a música. Além disso, ocorreu uma distribuição das estrofes entre os educandos e declamação da paródia para toda a escola.

Durante aulas de Matemática, em uma das Escolas Públicas do Paraná¹⁵, houve a análise estatística e construção de gráficos a partir do levantamento da descendência dos educandos. Após foi realizado uma abordagem teórica da ocupação, colonização e participação no processo de formação cultural do município.

Com base nas análises estatísticas, e formação cultural da comunidade, foi realizada uma pesquisa sobre costumes, festas, religiosidade, culinária, música, artesanato, e outros temas característicos da comunidade e suas origens, a fim de perceberem a sua riqueza cultural.

Como resultado, foi realizada uma exposição do colégio, onde grupos de educandos puderam trazer amostras da riqueza cultural de que fazem parte, desde a religião, bastante forte no campo, até os instrumentos de trabalho, como enxadas, foices e etc. Além disso, foi exposto as diferentes formas de arquiteturas típicas do homem do campo. Houveram ainda, apresentações de teatro, dança, música e poemas, contemplando as várias etnias (poloneses, ucranianos, indígenas, alemães e africanos) e a sua contribuição na comunidade.

Utilizando-se das mesmas charges, um professor de Geografia¹⁶, junto com seus educandos de 6ª série leram e debateram textos sobre o espaço agropecuário, enfatizando os temas: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; reforma agrária e assentamentos. Num segundo momento, foram estabelecidos critérios para um trabalho, onde os educandos deveriam entrevistar pessoas que tinham morado no campo e agora vivem na cidade. Entre as questões, destacaram-se: tipos de trabalho realizados no Campo; formas de lazer no Campo; motivos que o levaram à cidade; principais diferenças entre a vida que levavam no campo e a vida que levam agora; como vivem na cidade e em que trabalham. Com os resultados das entrevistas, os educandos realizaram uma discussão e compararam com os textos estudados na sala.

Após, foi problematizado a charge “Enxadas Paradas, Inchadas Paradas”, buscando analisar os impactos sociais da mecanização da agricultura e do processo de urbanização.

Na seqüência, discutiu-se o preconceito sofrido pelos sujeitos do campo, sempre considerados atrasados, caipiras e ignorantes. Observou-se que este pensamento tem sofrido transformações, pois, hoje, há um processo de valorização da vida no campo.

15 NRE – União da Vitória – Município - Cruz Machado. Col. Est. Estanislau Wrublewski. Professores: Ana Joana Zimolong, Josmar Milczuk, Márcio Alan Wionzek, Maurício Zawadzki, Ruth Budin.

16 NRE – Cornélio Procópio – Município - Cornélio Procópio. Col. Est. Vandyr de Almeida. Professora: Mara Lúcia Salvat Silva Vanini.

Nessa perspectiva de valorizar o campo e seus sujeitos, em aulas da Disciplina de Arte¹⁷, educandos da 8ª série construíram uma lista das vantagens da vida no campo. Apareceram alguns tópicos como: melhor qualidade de vida, ar puro, pouca violência, respeito entre as pessoas, menor custo de vida, alimentos naturais e mais saudáveis, maior valorização da família, vivência religiosa mais intensa, convivência harmoniosa entre vizinhos (ajuda mútua em tempo difícil).

Divididos em grupos, a partir das vantagens apontadas, os educandos construíram cartazes e apresentaram os mesmos.

Na experiência a seguir, a escola, a exemplo de outras já vistas, trabalhou com a charge “Enxadas Paradas, Inchadas Paradas”, quando houve a possibilidade de interpretá-las criticamente. E assim, a partir da realidade vivenciada pela comunidade, os educandos confeccionaram suas próprias charges, enfocando questões como preconceito com os sujeitos do campo sobre o modo de vida, costumes e tradições. Também problematizaram questões ambientais, as quais as pessoas que vivem no campo estão sujeitas as queimadas, desmatamentos, uso de agrotóxicos, poluição dos rios entre outras.

Como no debate inicial, estes mesmos educandos apontaram que era costume escutarem os mais velhos contando causos e lendas, solicitou-se que estes trouxessem as Histórias escritas. Houve ainda, uma coleta de aspectos ligados ao folclore, tais como, simpatias, crenças, superstições, fatos ligados à religião, materiais artesanais produzidos nas comunidades.

A partir do material coletado e socializado, construíram peças de teatro, valorizando a questão da dramatização como expressão verbal, facial, corporal, gestual e dicção. Ao final, apresentaram as peças construídas para todos os educandos da escola, assim como todo material coletado e produzido durante a realização das atividades, montando uma pequena feira de exposição com produtos artesanais.

Em outra escola¹⁸, a realização de uma noite folclórica, foi motivo para articular professores, educandos e comunidade, buscando resgatar através de pesquisas sobre lendas, contos e dizeres populares, parlendas, adivinhas, cantigas de roda, danças, jogos folclóricos, entre outros costumes populares, tudo sob a orientação dos professores.

No decorrer dos trabalhos, percebeu-se o envolvimento das seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, que instigou a pesquisa sobre o assunto, havendo a produção de textos, confecção de Histórias em quadrinhos, parlendas, adivinhas, lendas, trava língua. Na disciplina de História, houve a contextualização temporal de cada elemento pesquisado. Em Artes, houve a produção de desenhos, confecção e exposição de cartazes. Na Educação Física, trabalhou-se com danças, brincadeiras lúdicas e jogos. Na Matemática, a partir de toda produção, trabalhou-se com espaço, tempo, tamanho, formato e espessura. Em Química, explorou-se a composição Química de todos os materiais apontados na pesquisa.

17 NRE – Laranjeiras do Sul – Município – Marquinho. Col. Est. João Rysicz. Professores: Eder Cláudio Cieslak, Elói Carlos dos Santos, Simone Maria Gonsiorkiewicz Esteche, Solange Barbosa Varella Staine, Terezinha Aparecida Fernandes, Terezinha Cieslaci da Silva, Vera Luci de Souza Pereira.

18 NRE – Assis Chateaubriand – Município – Jesuítas. Col. Est. Humberto de Alencar Castelo Branco. Professores: Deusa Machado da Cruz, Ivanês Claudino da Silva, Leonice de Andrade, Lucimar Antônio Ramos, Neide Prandini Cardoso de Oliveira, Roseli de Fátima Pinho Zanferrari, Ovanda Maria Bongiorno.

Em outra escola¹⁹, partindo do livro didático de História trabalhou-se sobre a abolição da escravidão, ampliando a discussão para entender o contexto quilombola e suas lutas pela terra. Houve análise de textos e gravuras, e após, os educandos criaram seus próprios desenhos, realizaram pesquisas, produziram textos e construíram cartazes ressaltando a escravidão, a abolição e os quilombolas. Por fim, se constituiu uma peça teatral, buscando representar a realidade quilombola.

Partindo para esta mesma discussão, educandos de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental e 3º ano da Formação de Docentes²⁰ assistiram ao filme “Kiriku e a Feiticeira”. Posteriormente, a essa atividade foram feitas algumas questões. Em círculo, foram tecendo os comentários sobre a idéia e inserindo conceitos como a confiança da mãe para com o filho, a auto-dependência, o modo de vida de antigamente, onde não existia energia elétrica e nem tecnologia. Abriram espaço para direcionarmos um debate sobre a vida diária de cada um e como é o relacionamento em casa, se os pais e mães lhes dão liberdade, para caminhar sozinhos e correlacionar o passado e o presente.

Houve relações com todas as disciplinas pelo fato de trabalhar a conservação dos alimentos, a solidariedade e a opressão que aconteceu no filme pela feiticeira. Também foi levada em conta a opressão das pessoas que vivem campo.

Discutiui-se também, sobre a fortaleza que o Kiriku traz dentro de si, a garra que esse menino consegue para tentar vencer os desafios impostos pela dureza da vida. E hoje? Questionou-se também sobre o compromisso da turma, com relação a estudos e tarefas que poderiam ser desenvolvidas em casa para ajudar os pais, pois o Kiriku além de ajudar a sua comunidade, tinha que lutar contra as discriminações que sofria por ser pequeno.

Por fim, foi proposto uma relevância importante do filme que é a questão do pré-julgamento, com relação ao modo de ser das pessoas, por conta de que no filme a feiticeira não era má, então quando o segredo foi revelado pelo avô de Kiriku, este quebrou o encanto do preconceito ajudando a feiticeira a se transformar numa pessoa do bem, porém ele continuou sendo rejeitado pelo seu povo, até o amor da sua mãe falar mais alto e assim, eles viveram felizes para sempre.

Este trabalho foi finalizado com uma produção e relatório sobre o filme, segundo a escola, o resultado foi muito bom, pois o filme, o tempo todo chamava a atenção para vencer os obstáculos e superar a discriminação através do personagem que sabe ser solidário e liberta toda sua aldeia da opressão.

O filme “Jeca Tatu” foi ponto de partida para outro debate com os educandos do 3º ano do Ensino Médio²¹; alguns fragmentos do livro, “Urupês”, de Monteiro Lobato foram lido e algumas histórias em Quadrinhos do Chico Bento foram analisadas.

19 NRE – Wenceslau Braz - Município - Sengés - Col. Est. Prof. Lauro Sangreman de Oliveira. Professores: José F. Grigolato, Cristina Demeu Ilário, Sílvia R. de Mello.

20 NRE – Apucarana – Município - Faxinal – Col. Est. João Plath. Col. Est. Érico Veríssimo. Professores: Maria Aparecida de Azevedo, Maria Aparecida Navarro Bergossi, Maria Luiza Silva, Marilza Rios de Castro Turra, Romilda Wielewski Trierveiler, Zeni Silva Gallo.

21 NRE – Apucarana – Município – Marumbi. Col. Est. Marumbi. Professores: Adriana Benedetti Villa Labegalini, Aparecida Travaglini, Célia Regina Marrone, Cyrene Gomes Labegalini, Doralice Cividini Gloria, Izabel Teston Furlan, Josiani Romani Rabassi, Luis Henrique da Silva Fernandes, Maria Lucia de Oliveira Berbel, Maria Luiza Zanão Bedin.

No encaminhamento deste trabalho, os educandos foram instigados a pesquisar sobre reformas e ações governamentais que melhoraram as condições de vida do homem do campo e quais medidas podem ser adotadas para que haja condições de desenvolvimento.

Além do Jeca Tatu, outro filme proposto foi a “Tristeza do Jeca”, que nas disciplinas²² foram trabalhadas da seguinte forma: 1) Português: Oralidade, variantes lingüísticas; 2) História: Questão da terra, Lei de terras de 1850, reforma agrária, Conflitos no campo e modernização no começo do século XX; 3) Geografia: Estrutura Fundiária, êxodo Rural. Objetivos: 1) Identificar e respeitar as diversidades lingüísticas; 2) Perceber que a estrutura fundiária limita o progresso da agropecuária e bloqueia o efetivo desenvolvimento do país ocasionando vários problemas.

Dando continuidade à experiência, a atividade se efetivou da seguinte forma:

1º) Plenário: Inteirar-se de que todos entenderam o proposto, retornando a História do filme, questionando a classe: Como iniciou o filme? E depois? O que aconteceu? Como terminou a História?

2º) Partir para a análise crítica do filme, questionando os educandos: Fornecer questões para o estudo em grupos. Identifique e conceitue a partir do filme os aspectos: a relação do homem com o homem e homem com a terra (a determinação de um sobre o outro); A produção dos bens materiais, dos bens que garantem a sobrevivência; Linguagem e consciência; A transmissão da experiência; Apesar dos preconceitos a cultura do interior acaba conquistando o seu espaço; Jeca Tatu, retrato do homem do campo; Discurso da elite dominante; Formas de divertimento popular; Estereótipos e mensagens ideológicas.

Em uma Casa Familiar Rural²³, num trabalho da disciplina de História, a turma de 6ª série resolveu aprender um pouco mais sobre a Revolta dos Colonos do Sudoeste do Paraná.

O primeiro momento da experiência pedagógica (a prática social inicial) foi considerar o saber inicial, o saber que os educandos já tinham em relação à Revolta que se deu contra as companhias colonizadoras de terras. Eles procuraram saber junto às suas famílias e vizinhos (principalmente junto às pessoas mais idosas), como havia ocorrido essa revolta na região, especialmente no município de Enéas Marques – Pr.

Após, foi confrontado com os educandos os conteúdos relacionados a este tema abordado. Foi quando os educandos passaram a comparar seus saberes iniciais, acumulados a partir de pesquisas com a comunidade com os conhecimentos científicos tirados de várias obras, entre elas a de Hermógenes Lazier - “Análise Histórica da posse da terra no sudoeste paranaense”, e de Iria Gomes - “1957: A revolta dos posseiros – organização e resistência no sudoeste do Paraná”.

22 NRE – Área Metropolitana Sul – Município - São José dos Pinhais. Esc. Est. Colônia Malhada. Professores: Adilson Costa de Carvalho, Beatriz Joana Rendoki, Bernadete Maria Rendoki, Eunice de Fátima Ryndack, Inês Silvana Moreira, Kátia Tomaz Milleo, Marcos Antônio Morello Maria Albertina C. Anerswald, Teresinha Inês Claudino.

23 NRE – Francisco Beltrão – Município - Enéas Marques. Casa Familiar Rural. Professores: Chana Baseggio Marques, Edicléa da Silva Lupatini, Edson Luíz Flores.

Ao confrontar os saberes iniciais e científicos, os educandos realizaram uma síntese entre o conhecimento que obtiveram com as discussões realizadas em sala de aula.

Objetivando compreender as diversas manifestações populares do Brasil, como religiosidade, costumes e festas populares, turmas de 6^a e 8^a séries²⁴ construíram painéis, a partir das conversas e debates, com imagens culturais, letras musicais, imagens, textos de literatura e idiomas.

Outro aspecto destacado foi relacionado às áreas das reservas indígenas e quilombos. Usando material de apoio como revistas, recortes de jornal, livro didático, geoatlas, foram identificadas algumas áreas dentro do país que seriam reservas indígenas, como também quilombolas. A partir da localização procurou-se buscar outras informações, como o tipo de solo, características do lugar e atividades realizadas por estes povos em seus territórios.

A partir dos filmes “Madadayo” do diretor Kurosawa, e “Meu Japão brasileiro”, professores de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Matemática e História²⁵, discutiram com seus educandos a imigração japonesa no Brasil, e também as estratégias de criação de cooperativas agrícolas comunitárias. Ao término do filme, com os pontos importantes das discussões a turma realizou uma produção dissertativa.

O trabalho em sala, utilizando-se dos filmes, foi focalizado no discurso, complementados através da leitura de diferentes gêneros textuais (informativo/publicitário) que trouxeram fatos relacionados ao campo e aos sujeitos do campo, inserindo conteúdos de diferentes disciplinas.

Foram realizadas ainda pesquisas na internet, sobretudo sobre a cultura japonesa e brasileira, sendo que alguns textos trabalhados eram em inglês.

Cabe destacar que na disciplina de Matemática, através das experiências obtidas pelos estudos relacionados com a educação do campo, foi possível trabalhar alguns conteúdos, tais como em estatística com pesquisa, coleta de dados, montagem de tabelas e construções de gráficos e ainda, foram aprofundados os conteúdos de porcentagem e regra de três.

Na fronteira Brasil – Paraguai habitam os “brasiguaios”, que genericamente é definido como o indivíduo de nacionalidade brasileira que migrou para o Paraguai em busca de uma melhor condição de vida.

Em aula de Língua Estrangeira – Espanhol²⁶, buscou-se explorar como a identidade desse cidadão é construída, bilíngüe na língua espanhola e portuguesa, conhecedor de uma cultura hispanohablante

24 NRE – Irati – Município Prudentópolis. Professores(as): Ricardo Alexandre Pires, Antônio Carlos Boiko, Dirceu Beló Primo, Danielle de Fátima Américo, Maria Anice Mlynarczuk.

25 NRE – Campo Mourão – Município - Engenheiro Beltrão. Col. Est. Gabriel II Scipione. Professores: Ana Paula Ceola, Clarita dos Santos Trento, Cleonice Bonfim Garcia Duarte, Marciele Brunetta dos Santos, Orlando Marcelo Nalin Busignani, Sara Cristina Romeiro, Rosélia Busquim.

26 Núcleo Regional de Educação – Foz do Iguaçu – Município de São Miguel do Iguaçu – Professora: Denise Teis.

e camponês tanto no Paraguai quanto no Brasil. Para isso, foi utilizado no debate com os educandos, notícias e reportagens que tematizavam o brasiguaios.

Foram selecionados fragmentos de notícias dos jornais das fronteiras entre Paraguai e Brasil, as quais, em sua grande maioria, procuraram divulgar a precária situação em que vivem esses migrantes no Paraguai, suas lutas para o repatriamento e posteriores dificuldades para uma reintegração no Brasil.

2.3. Ultrapassando os limites atuais do tempo e do espaço escolar

Nesta escola o trabalho com turmas de 8ª série e 1º ano do Ensino Médio²⁷ teve por finalidade levar os educandos, tanto os da Zona Rural como da Zona Urbana, a valorizar suas tradições, raízes; a olhar para a vida dos sujeitos do campo com o respeito que lhe é devido. E assim, objetivos foram traçados de forma coletiva: A Agricultura familiar/camponesa; A permanência do jovem na pequena propriedade; O preconceito em relação ao homem do campo (inclusive o lingüístico).

A partir daí, alguns passos foram dados de acordo com a disciplina trabalhada.

1º passo – Língua Portuguesa	1º passo – Matemática	1º passo – Física
<p>Música “Herdeiros do Pampa Pobre” – (Engenheiros do Havaí) - os educandos acompanharam a canção, analisando as palavras desconhecidas com uso de dicionário; interpretou-se a canção com debate; interpretando termos regionalistas; expôs-se o assunto “Herança” e atentou-se para o fato “Que Pampa é essa que recebo agora”? E houve intertextualidade: “Que terra é essa que recebo agora?” Produziu-se um texto reflexivo, argumentativo partindo de toda a temática abordada.</p>	<p>Música “Herdeiros da Pampa Pobre” – (Engenheiros do Havaí) - os educandos expuseram opiniões obtidas nas aulas de Língua Portuguesa; foram a campo pesquisar sobre o potencial da população palmitalense que vive hoje “na” e “da” roça; retornaram a fim de observarem as matas, rios e sentir a realidade drástica da situação encontrada; construíram gráficos a partir das informações; trabalharam probabilidade e problemas de raciocínio a partir dos dados; elaboraram pesquisa sobre o tipo de alimentação dos educandos que moram no campo e na cidade; elaboraram gráficos comparativos entre os tipos de alimentação. Comparou-se o consumo de alimentos industrializados e de alimentos naturais.</p>	<p>Os textos produzidos nas aulas de Língua Portuguesa foram lidos e analisados discutindo os resultados das pesquisas e gráficos feitos em Matemática. Foi feita uma pesquisa a campo sobre o uso dos agrotóxicos relacionando-os à agricultura convencional, debatendo o tema. Após a visita à Casa Familiar Rural município de Santa Maria do Oeste, alguns gráficos demonstrativos foram construídos sobre “quantidade – qualidade – custo – preço final – preservação do meio – destruição e outros”.</p>

27 Núcleo Regional de Educação – Pitanga – Município de Palmital – Colégio Estadual Dr. João Ferreira Neves – Professores(as) Ana Lúcia Berti Cecura, Eliane Souza Martins, Nilva Demate Zolandeck.

2º passo – Língua Portuguesa

Leitura do poema “Triste Partida”, de Patativa do Assaré; chamando atenção para o “jeito diferente” dos “vários falares” das palavras e expressões usadas pelo poeta; Após lembrou-se das tantas músicas sertanejas, onde as expressões caracterizam ou “rotulam” as pessoas do campo; analisou-se o texto de Monteiro Lobato sobre Jeca Tatu; incitou-se para a questão: Quem é o “Jeca” no Brasil? A quem é ligado o termo Jeca? Pediu-se que na próxima aula cada educando trouxesse uma letra de música, uma piada ou uma lenda. De posse dessas letras, ouviram-se as piadas e lendas e cantando algumas canções sertanejas. Por fim, realizou-se um trabalho sobre preconceito lingüístico em relação aos camponeses; a professora salientou, que no modo de falar do sertanejo há uma riqueza genuína e peculiar que transmite pureza e inocência; destacando, a importância de preservar o vocabulário nas canções e poesias que falam dos camponeses; frisou-se que o conceito de “certo e errado” na fala é muito relativo e tem a ver com cada comunidade ou região.

2º passo – Matemática

Filme “Morte e Vida Severina”, chamando atenção para a questão da migração no Brasil, fazendo uma analogia do problema do migrante com a questão dos palmitalenses que vão a Santa Catarina para o corte de pinus; pesquisou-se sobre o número de assentamentos e de (re)assentamentos no município de Palmital; indagou-se na pesquisa sobre o número de “pequenos agricultores” – “agricultores tradicionais” (aqueles que herdaram terrenos de pais, aos ou adquiriram sem recorrer à posse por assentamento); visitou-se um dos assentamentos onde conversou-se com líderes comunitários descobrindo as principais culturas e produções. Ao voltar para a sala os dados foram sistematizados e debatidos.

2º passo – Física

Palestra com profissionais ligados ao Programa Compra Direta que trabalham através da Emater e da Secretaria Municipal da Agricultura; entrevistaram-se profissionais: agricultores, educandos beneficiados - professores – feirantes – profissionais de creches – APMI e pessoas da comunidade a fim de detectar o nível de aceitação do programa.

3º passo – Língua Portuguesa, Matemática e Física

O trabalho foi finalizado com a leitura da reportagem da Revista Mundo Jovem: “O Mundo artificial e fascinante dos alimentos”, cantando a música “Planeta Azul”, de Chitãozinho e Xororó. As duas turmas e as professoras envolvidas foram até à feira local para que os educandos pudessem verificar a variedade de produtos e saborear as delícias de nossa terra; com o debate ressaltou-se a importância “daqueles” produtos que eles viram na feira para a alimentação inclusive de quem vive na cidade.

Em uma saída de campo, os educandos de 8ª série²⁸ participaram de toda rotina desenvolvida por um de seus colegas e morador de uma pequena propriedade, iniciando pela ordenha que teve início às 6 horas da manhã, e logo após, contribuindo no corte e trituração da ração verde. Feito o trabalho matinal, os educandos prepararam seu próprio almoço, colhendo verduras e legumes, recolhendo ovos para a refeição. No período da tarde, desenvolveram-se trabalhos para compreender o funcionamento cotidiano da zona rural, com momentos de descanso e recreação.

Ao anoitecer, após o jantar, criou-se um momento de debate para avaliar as atividades desenvolvidas durante o dia, ao som de modas de viola, rodas de prosa e contação de causos.

Em outra escola, professores do Ensino Médio²⁹, das disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna – Inglês, Geografia, Biologia, Física, Educação Física fizeram um trabalho em conjunto, na expectativa de ultrapassar os limites do tempo e do espaço escolar.

Primeiramente, foi trabalhado em sala de aula sobre a tradição que é mantida nas pequenas comunidades do campo até os dias de hoje, fazendo um levantamento das mesmas, e como estas são mantidas atualmente diante do avanço tecnológico sem perder as suas características originais. Promovendo o debate entre os educandos, relataram a experiência vivida por suas famílias, comparando-as com o momento em que vivem acompanhando o avanço tecnológico que lhes permite, mesmo estando no campo, isto é desfrutar do conforto da vida urbana.

Na segunda etapa desta atividade, foram levados para visitar algumas comunidades do campo, entre elas, Pedra Branca e Jumarim, que ainda mantém suas tradições vendo na prática como preservam e tiram do campo os recursos para a sua subsistência. Foram realizadas entrevistas com os camponeses para saber como preservam suas tradições. Além disso, realizou-se um levantamento junto a estas comunidades sobre as comidas típicas servidas na ocasião das festas tradicionais da comunidade e acompanharam uma das festas.

Por fim, os educandos, organizaram sua própria festa na escola, resgatando o trabalho de campo, na perspectiva de manter as tradições e culturas vivenciadas.

3. PROBLEMATIZAÇÃO

A realização de festas no ambiente escolar é uma prática freqüente nas Escolas Públicas do Paraná. Contudo, é legítimo questionar as formas em que elas são organizadas, os discursos que permeiam seus significados, e se há ou não uma articulação com o currículo, os conteúdos trabalhados na escola. Cabe salientar, que uma festa pode ter apenas fins econômicos, com interesses individuais, que passam

28 NRE – Campo Mourão – Município – Peabiru. Col. Est. Olavo Bilac. Professores: Elisley Antônio Rodrigues, Enilda Rocha, Lucia Helena Avanço Honda, Marli Aparecida Sturion, Neusa Savarin, Roberto Rocha, Viviane Pante Avanço.

29 NRE – Campo Mourão – Município - Engenheiro Beltrão. Col. Est. Padre Antônio Vieira. Professores: Laura Corte dos Reis Medeiros, Helena Senger de Godoy, Marly Perdoná Boni, Evanilda Maria de Campos, Leonard Van Spitzenbergen, Iluina P. Gimenez, Marcelo de Brito, Christina Samsel, Ivani J. Fantucci.

despercebidos pelas comunidades, mantendo práticas históricas de preconceito, ou ainda, podem transformar-se em espaços e momentos de aprendizagem, fortalecendo a cultura e a identidade de um povo, de uma comunidade.

Desta forma, contribuir ou coordenar a construção e a realização de festas não é algo simples e comum, muito menos neutro. Pelo contrário, é uma ação que movimenta a comunidade, que trabalha com seus valores e costumes, mexendo com seu cotidiano, tirando-a da rotina cansativa do trabalho, mas não desarticulada dela, pois é o ato de agradecer pelos resultados alcançados, abrandando o desgaste humano e valorizando o prazer e a satisfação de ter o sustento da família e a presença dos amigos.

Assim, cabe questionar: que celebrações são realizadas na comunidade em que se insere a sua escola? Quais delas são realizadas no ambiente escolar? Quais as intenções de realização destas festas? Que metodologias são utilizadas em sua organização? Estas metodologias não estão contribuindo para reforçar o preconceito com o modo de vida do campo? Em que medida torna-se possível uma articulação entre os significados, as simbologias e as práticas festivas e os conteúdos escolares?

Em tempos de globalização, predominam as práticas produtivas, tornando o pequeno agricultor cada vez mais dependente do tempo e do negócio comercial (agronegócio), fato que desconsidera que viver é mais do que isso, é também poder compartilhar uma vida familiar, relações interpessoais com amigos, vizinhos, contando Histórias, causos, mitos, ou ainda, festejando. Pois o campo, como já afirmado pelas experiências pedagógicas aqui consultadas é mais do que espaço de produção, é um espaço de vida e de cultura, onde existe, resiste e se manifesta uma grande diversidade do povo brasileiro.

Sendo assim, com toda transformação ocorrida no mundo do trabalho e da economia e suas influências no cotidiano do campo, que na maioria das vezes torna o pequeno produtor dependente de financiamentos e pacotes agrícolas, e que nem sempre garantem subsídios suficientes para custear a produção e sua subsistência, ainda há o que comemorar? Como a festa pode se tornar um instrumento educativo, libertador, de modo a contrapor a lógica imposta pela globalização que se apresenta através das práticas do agronegócio? O agronegócio também produz festas, celebrações, comemorações, em que medida estas festas diferenciam-se das realizadas em nossas comunidades? Além das festas, como repensar a escola de forma articulada ao contexto da comunidade, de modo em que ela se torne um espaço de lazer, de encontros, de reuniões e outras práticas culturais?

Este capítulo demonstrou que o Brasil, e em particular o Paraná, é marcado pela diversidade cultural, marcada por diferentes práticas ou manifestações humanas. Reconhecendo que há esta diversidade, que outras festas são realizadas em âmbito regional, nacional e internacional, e que poderiam ser elencadas e estudadas para ampliar os conhecimentos?

A fragmentação existente na escola faz com que ocorram muitas dificuldades desde a interação entre as disciplinas até o convívio entre as esferas de ensino municipais e estaduais. Muitas vezes, o prédio utilizado é o mesmo, tanto pelo Município quanto pelo Estado. No entanto, na hora de realizar algumas atividades, ou até mesmo as festas, estas não são feitas conjuntamente. Porque isso ocorre? O que esta divisão produz? Será que não confunde a comunidade e os próprios educandos? Isso não faz com que se perca o sentido de unidade? Será que essa divisão não ajuda a reforçar o modelo de sociedade individualista, defendido pelo modelo capitalista?

Numa sociedade em que tudo se torna cada vez mais descartável, quando a escola se propõe realizar um trabalho de pesquisa cuja finalidade é resgatar cultura(s) e identidade(s), uma retomada histórica através da memória, da oralidade, da investigação, de documentos e dos conhecimentos do cotidiano comunitário, podem se mostrar valiosos como método inicial de um processo educativo.

Cabe destacar, porém, que tratar da memória e cotidiano da comunidade, pouco adianta se os resultados da pesquisa não forem problematizados, analisados profundamente e articulados aos conteúdos escolares. Trata-se de partir de um cotidiano concreto, reconhecendo a comunidade enquanto sujeitos do processo educativo, valorizando seus saberes, e destes, ampliar e fortalecer com outros conhecimentos historicamente construídos pela humanidade, possibilitando desta forma, que a escola seja um espaço de diálogo e de produção de novos conhecimentos.

Pensar uma prática pedagógica a partir de características, costumes, apontados pela memória das pessoas, é intencional, podendo os elementos levantados ganhar um tratamento preconceituoso, como algo atrasado, do passado, que não existe mais no cotidiano das pessoas que ali habitam, que precisam ser superados. Por outro lado, esta mesma prática pedagógica pode tratá-los de forma positiva, como algo que faz parte das raízes culturais daquele lugar e daquelas pessoas, que mesmo passando por algumas modificações, fazem parte da realidade atual da comunidade, como algo vivo e contínuo.

Assim, até que ponto o resgate e a utilização destas memórias, oralidades, documentos, entre outros, na abordagem de nossos conteúdos, entre outras atividades desenvolvidas na escola, podem ajudar na formação dos sujeitos, ampliando suas capacidades de intervenção na realidade em que se inserem, tanto em escala local quanto global?

Resgatar as práticas do passado, perceber suas permanências e mudanças, é permitir entender as raízes históricas que fundamentam a atualidade, que configuram a identidade da comunidade. Desta forma, como a busca do entendimento sobre as raízes comunitárias, suas práticas, seus valores podem ajudar a criar um sentimento de pertença ao lugar em que eles vivem, freqüentam, a exemplo das igrejas, das feiras, das escolas, entre outros? Como que certas práticas e valores foram se perdendo ao longo da História? É possível perceber em sua comunidade práticas consideradas costumeiras como: mutirões, trocas de sementes e alimentos, religiosidades, rodas de prosa, visitas aos vizinhos, entre outros?

Sabemos que é fundamental que a comunidade escolar participe das decisões tomadas na escola, ou seja, participe ativamente de todas as ações que esta realiza. A educação do campo acredita que os povos a quem esta educação se destina deve ser pensada em conjunto com eles, pois “[...] o povo tem o direito de ser educado no lugar onde vive. [Do, pois] “o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais” (CALDART, 2002: 26).

Diante disso, devemos nos perguntar: Como fazer para que professores, equipes pedagógicas e direção encontrem uma maneira de conhecer a comunidade atendida? E, além disso, como fazer para que esta comunidade possa efetivamente ser ouvida? Como fazer para que suas necessidades estejam contempladas no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola? E se a escola pertence à comunidade, há um plano de formação para as famílias?

A escola pública deve ser um espaço de formação da classe trabalhadora, pois, atende a classe trabalhadora. Até que ponto a escola está trabalhando para que esta classe trabalhadora seja uma classe livre? A escola está conseguindo fazer com que os conteúdos curriculares das diversas disciplinas dialoguem com a realidade local e global? Estes conteúdos são significantes para entender o mundo em que vivemos?

Entendemos que a escola deve ajudar seus educandos a serem sujeitos capazes de refletir sobre o mundo e suas diferenças e lutar para transformá-lo. A escola está conseguindo trabalhar os conteúdos curriculares de forma que ajudem a enxergar além do censo comum ou está contribuindo para alienar ainda mais seus educandos?

Sabemos que em todas as ações, a escola posiciona-se a favor de um determinado projeto de sociedade. Queira ou não, esse posicionamento existe, pois não há neutralidade. A escola tem claro o projeto de sociedade e de educação o qual almeja? Este projeto está claramente colocado no PPP da Escola? Como a educação do campo está contemplada neste PPP? A comunidade atendida, realmente teve vez e voz na discussão deste projeto?

A escola atual, como já mencionado anteriormente, está inserida num contexto cujo modelo de desenvolvimento para a vida humana é pautada pela lógica urbano-industrial, que no campo se expressa principalmente através do agronegócio, que acaba sendo considerado moderno, produtivo, economicamente viável, entre outras características, em detrimento das pequenas propriedades. Apesar do contexto, ainda se mantém práticas comunitárias nestas unidades de produção, que dão conta de atividades, onde a presença humana é maior que a máquina, produzir muito não significa apenas o lucro, mas também a sobrevivência das famílias, dos costumes, das tradições festivas, religiosas, da ajuda mútua, entre outras características, dependendo de cada realidade vivenciada.

É nesse contexto que a Escola acaba por reproduzir essa mesma lógica, esse mesmo conflito, principalmente quando fragmenta o conhecimento, limitando-se somente ao tempo da sala de aula e dos conteúdos, não dando a devida importância para as avaliações, e até mesmo utilizando-as como instrumento disciplinar, de manipulação e controle sobre os educandos, não considerando os índices de reprovação, evasão e abandono escolar, em detrimento, de um trabalho cuja metodologia pode problematizar o cotidiano da vida humana, conectando-a aos conteúdos escolares, ultrapassando os limites do tempo e do espaço da sala de aula, permitindo dialogar com outras disciplinas, acreditando que outros espaços da escola, e para além dela, podem ser espaços educativos.

Algumas experiências ousaram ultrapassar os limites que a Escola impõe ao reproduzir a lógica urbano-industrial, ou do agronegócio, ou seja, do isolamento e da fragmentação, das limitações do tempo e do espaço escolar. Para isso, como vimos, foram através de saídas e entrevistas com a comunidade, muitas vezes, resgatando através da memória e do discurso popular, culturas e identidades do passado e do presente, tornando-as vivas e atuais, que esta ação se concretizou, ou ainda, com saídas de campo, que permitiram ter diferentes percepções sobre o modo de vida dos povos do campo, seu cotidiano de trabalho, sua alimentação, vestimentas, práticas de lazer, as paisagens naturais e agrícolas que os rodeiam, entre outras características.

Diante destas contradições, cabe nos perguntar, nossa escola está preocupada em romper com os limites de tempo e de espaço escolar? Há possibilidades de que uma outra metodologia seja adotada para tal ação? A sua escola já realizou debates, ou construiu alguma proposição de mudança? Em que medida, a forma de organização destes tempos e espaços contribuem ou atrapalham para a formação dos educandos, de modo que estes entendam criticamente a realidade em que vivem?

Pensando na possibilidade de que outra metodologia possa ser adotada para evitar o desgaste histórico promovido pelos limites do tempo e do espaço escolar, que atividades poderiam ser elaboradas para o desenvolvimento de nossos conteúdos escolares, permitindo um diálogo entre disciplinas e a utilização de outros espaços educativos, tais como, um sítio, uma floresta, um rio, uma roça, uma horta, entre outros? O recreio, por exemplo, pode ser um espaço educativo?

Em uma das experiências anteriormente mencionadas, houve um diálogo entre as disciplinas de Matemática, Física e Língua Portuguesa, extrapolando o tempo-espaço escolar, no entanto, torna-se necessário problematizar alguns pontos: Os conteúdos trabalhados fazem parte da proposta curricular das disciplinas? O diálogo estabelecido entre estas disciplinas, nesta experiência, rompeu de fato os limites do tempo-espaço escolar, ou se manteve uma prática fragmentada e isolada, cada um na sua aula e com seu conteúdo? Em relação a esta experiência, que limites e avanços podem ser apontados?

Muitas escolas estão localizadas em perímetros urbanos, mas, no entanto, muitos de seus educandos são oriundos do campo. Vale ressaltar também que muitos dos municípios paranaenses possuem uma economia estritamente vinculada às atividades agrícolas, florestais, pecuárias, e em alguns casos, com a maioria da população vivendo no espaço rural. Feitas ressalvas, qual é o campo dos educandos que freqüentam a sua escola? O PPP contempla em seu texto estas diferenças territoriais? E nas práticas pedagógicas, a escola percebe a presença desta heterogeneidade?

Algumas experiências contemplaram saídas a campo, contatos diretos com a comunidade, para compreender principalmente o funcionamento cotidiano da zona rural. Porém cabe problematizar: A partir destas experiências presentes neste texto, como podemos relatar a visão dos professores e dos educandos sobre a realidade do campo? Um passeio, uma aula, é suficiente para entender os contextos em que as comunidades estão inseridas?

Falou-se num certo conforto da vida urbana, e que é possível ser desfrutada também por quem vive no campo. O que pode ser entendido como conforto? Este conforto depende apenas da vontade individual dos sujeitos que vivem no campo? Estaria incluído neste conforto o acesso aos serviços públicos que são de direitos, como saúde, habitação, educação, alimentação, geração de emprego, lazer, estradas de boa qualidade, entre outras? Assim, de que maneira a Escola pode ser um espaço importante para a comunidade, que contribua na formação, busca e efetivação destes direitos?

As reflexões realizadas neste texto, e suas questões problematizadoras, não pretendem esgotar de forma alguma os assuntos aqui pontuados. Pelo contrário, há uma forte pretensão de estabelecer um debate contínuo que envolva os diferentes protagonistas da escola e da comunidade. Um debate capaz de subsidiar a produção de novas reflexões e problematizações, potencializando desta forma, as possibilidades de transformação da realidade.

MOVIMENTANDO OS SUJEITOS DO CAMPO: POR NOVAS RELAÇÕES DE TRABALHO E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

O Cântico da Terra

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, e veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

A ti, ó lavrado, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste e o pão de tua casa.

Plantemos a roça.
Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho, do gado e da tulha.
Fartura teremos e donos de sítio
felizes seremos.

Cora Coralina

1. FUNDAMENTAÇÃO

Este capítulo interroga a atual realidade dos sujeitos do campo, apontando para as lutas que caracterizam a resistência pela permanência no campo. Foi organizado a partir da leitura das experiências que compõem os três sub-temas: “Vida no campo”, “Êxodo e suas conseqüências no campo” e “Reforma Agrária”. Numa tentativa de trazer presente componentes que identificam cada um dos sub-temas e a relação que estas temáticas fazem com as DCEs da Educação do Campo, o capítulo apresenta as experiências desenvolvidas pelos professores, as quais trouxeram para o espaço da sala

de aula importantes reflexões a respeito do contexto sócio-histórico-cultural do campo. A partir das mesmas, algumas reflexões são pontuadas, procurando problematizar categorias conceituais e como foram dando suporte ao desenvolvimento destas práticas.

No primeiro sub-tema “Vida no Campo”, nas experiências realizadas pelos professores, refletiu-se sobre as diferentes formas de vida no campo, suas relações, identidades, culturas, as tradições familiares, as relações com a natureza, com o trabalho no campo. Destaca-se como historicamente as relações de trabalho que se configuraram no Brasil, desde o período da escravidão até o implemento da modernização conservadora na agricultura, o que gerou profundos impactos e interferência na relação campo e cidade.

Estas temáticas foram trabalhadas nas diversas áreas do conhecimento, utilizando-se de metodologias diversificadas, tais como: teatros, pesquisas, entrevistas, visitas a feiras e a propriedades de agricultores familiares. Dentre tais atividades um grupo de professores desenvolveu um trabalho na região do NRE de Laranjeiras do Sul, no município de Vírmond, sobre a origem do Trabalho Escravo no Brasil, com educandos da 6ª série, nesta fora possível, integrar as áreas do conhecimento. Experiências assim são trazidas para esse escrito, como de ponto de partida para que possa perceber possibilidades de re-criar as práticas pedagógicas. Outra experiência desenvolvida no NRE de Umuarama enfocou os debates a respeito das lutas de classe, meios de produção, questões agrárias, aspectos culturais que caracterizam a constituição da sociedade brasileira.

O segundo sub-tema, “Êxodo e suas conseqüências no campo”, retrata os conflitos, as dificuldades que os sujeitos enfrentam para permanecerem no campo, e também os problemas existentes para aqueles que vão em busca de uma vida melhor nas cidades. Problematiza, porque as pessoas deixam a terra, o que leva a essa situação e o que poderia ser diferente. Foram trabalhados com os educandos a partir de músicas, charges, filmes, feiras do conhecimento, entre outras formas metodológicas, o que permitiu desenvolver conteúdos em Português, História, Filosofia, Geografia.

Considerando essa temática, um grupo de professores de Engenheiro Beltrão, NRE de Campo Mourão, observaram que os educandos desconheciam a luta pela terra empreendida pelos movimentos sociais. Na tentativa de ampliar conceitos, utilizaram-se da charge “Enxadas paradas, inchadas paradas” para discutirem questões pertinentes à permanência do homem na terra. Outro recurso utilizado pelos professores de Alvorada do Sul, NRE de Londrina, foi à utilização do vídeo-clip “Um dia, o caos”, que abordou a problemática da violência generalizada (cidade e campo).

O terceiro sub-tema “Reforma Agrária”, refere-se as experiências realizadas pela luta da terra apresentando os inúmeros conflitos enfrentados pelos sujeitos do campo, trazendo o latifúndio como um dos problemas da concentração de renda. A questão agrária é um fato histórico no Brasil e não se pode falar de campo sem falar da problemática de reforma agrária. Neste tema, realizaram-se atividades como: produção de textos, filmes, charges, pesquisa, entrevistas, visitas a acampamentos do MST e Túnel do tempo.

Este tema foi desenvolvido com educandos de 5ª a 8ª séries, na região do NRE de Cascavel, por um grupo de professores de Braganey, que partiram de um levantamento realizado no seu próprio município, confrontando dados da década de 50 com a atualidade. Foi possível trabalhar sobre os movimentos sociais, os latifundiários, a agricultura familiar/camponesa, a monocultura e a política agrícola. Nesta mesma temática, os professores de Tibagi do NRE de Ponta Grossa, desenvolveram um trabalho interdisciplinar para conhecer o MST e através dos próprios educandos que vivem em assentamentos, pode-se buscar novos componentes que permitam ampliar a concepção em relação a estas questões.

Ponderando esses sub-temas, busca-se situar historicamente as temáticas, aproximando alguns componentes que refletem e fundamentam a mesma. Considerando que estas temáticas passam pela concentração de renda e pela luta dos movimentos sociais, percebe-se que, principalmente, a partir do século XIX, a chamada Modernização Conservadora¹, alterou significativamente o contexto do campo intervindo nas relações sociais, culturais, econômicas e de produção.

Enraizado em grande parte do mundo, esse modelo de sociedade estrutura-se através do princípio da exploração do trabalho, na industrialização como produção coletiva de mercadorias e no acúmulo privado dos bens produzido pelos trabalhadores e pelos donos dos meios de produção.

No Brasil, a entrada do modelo fortaleceu-se principalmente com a Revolução Verde, a partir da década de 1970, intensificando a produção em grande escala, conforme a lógica da industrialização e do mercado internacional. Desta concepção, estabeleceu-se a lógica da grande propriedade, gerando impactos de toda ordem, dentre eles, produzindo o ciclo do êxodo rural. Essa situação cria uma gama de população deslocada para os centros urbanos, sendo apenas uma parte utilizada pelo setor industrial com um número alto de trabalhadores desempregados servindo inclusive de exército regulador do mercado de trabalho.

Esse modelo, além de produzir impactos nos centros urbanos, alterou as relações de sociabilidade no campo, interferindo nas relações de produção e no modo de vida das famílias que resistiram. O campo passou a ser visto como apenas um espaço de produção, ignorando aspectos culturais, sociais, políticos, alterando até mesmo a identidade destes grupos sociais.

O projeto de modernização conservadora e a intensificação destas relações levaram a emergência de várias organizações e movimentos sociais que se constituem como forma de luta pela garantia de permanência, acesso e redistribuição de terra. Assim, recuperar a terra, democratizar a propriedade e as condições de nela viver, promovendo a reforma agrária e a mudança no modelo tecnológico, torna-se necessário e acima de tudo, garantem um complexo sistema de relações sociais, históricas, políticas, culturais e ambientais que interferem no projeto de desenvolvimento e na sociedade que temos.

1 Também conhecida como Revolução Verde, nos anos de 1970, deu início ao processo de modernização da agricultura brasileira, estimulando o uso intensivo de insumos, adubos químicos e as chamadas sementes melhoradas – híbridas, incentivos para crédito e produção em larga escala. (...) Modernização porque introduz novas técnicas de cultivo – mecânicas, Químicas e biológicas. Conservadora porque não altera em nada, antes aprofunda a concentração da terra, as relações sociais e as relações de trabalho. O resultado concomitante é o aumento da produção, junto com o aumento da miséria, da exclusão social, do trabalho escravo e da degradação ambiental (GÖRGEM, 2004: 39).

(...) ao trabalhar a terra, o camponês realiza outro trabalho: o da ideologia, que, juntamente com a produção de alimentos, produz categorias sociais, pois o processo de trabalho além de ser um encadeamento de ações técnicas, é também um encadeamento de ações simbólicas, ou seja, um (...) processo ritual. Além de produzir cultivos, o trabalho produz cultura (WOORTMANN apud STÉDILE, 1997: 15).

Neste paradigma, os sujeitos do campo agricultor/agricultora, camponês/camponesa colocam-se em movimento, construindo-se e constituindo novas relações sociais de existência, de vida, de trabalho, “*nos formamos e produzimos, produzindo, pelo trabalho*” (Arroyo, 2006: 11). Ao elaborarmos algo, também produzimos conhecimentos, saberes, identidades e subjetividades. Fortalece-se assim, uma concepção de trabalho, enquanto produção humana (Marx 1986), a qual instiga uma consciência de classe. Marx (1986) define que são as ações, como relações humanas com o mundo, que constroem o próprio homem. Aproximando a isso, o sentido de trabalho para Marx é produção humana, ou seja: os homens diferentemente dos animais, ao agirem sobre a natureza para suprirem suas necessidades, produzem-se a si mesmo, construindo capacidades humanas.

É neste cenário que se inscrevem as lutas dos Movimentos Sociais, afirmando-se enquanto agentes de resistência e transformação. Buscam através da práxis, construir sujeitos críticos que assumam seu papel na História, intervindo no atual modelo de produção e, conseqüentemente na sociedade desigual que temos. Segundo Souza (2008)² Movimento Social é um conceito que permite compreender as ações coletivas de caráter propositivo, reivindicatório e político. Movimentos Sociais denunciam contradições sociais que são (básicas e secundárias) e anunciam possibilidade de efetivação de direitos.

É preciso ter presente que nem todos os Movimentos Sociais se desenvolvem desde a intencionalidade que viemos aqui apresentando. Roseli Salette Caldart (2005) preocupada com esta questão, em seu escrito “Teses sobre a Pedagogia dos Movimentos” sugere que construamos um raciocínio teórico desde a realidade específica dos Movimentos Sociais do nosso tempo, vinculados as classes populares cuja construção histórica combina as marcas da luta social e de uma coletividade organizada.

Os Movimentos Sociais podem ser interpretados como um sinal do novo, não apenas produto da crise, mais que isso, profetizam o que está nascendo. Com suas organizações e lutas, constituíram-se como Sujeitos Sociais e Políticos tendo uma dimensão educativa que questiona concepções, dentre elas, a concentração dos bens nas mãos de poucos. Lutam, pois, os valores que hoje são hegemônicos na sociedade capitalista, não ajudam a construir a humanidade, pelo contrário desumanizam, não respeitam a alteridade dos povos do campo, muito menos a sua natureza e dinâmica produtora que os fazem sujeitos.

A luta que veio garantindo a afirmação econômica, política, social e cultural, foi sendo capaz de gerar consciência da condição humana, nascendo assim o germe da organização social e da luta por direitos. Esta vem desempenhando um papel importante no reconhecimento do campo como um lugar de possibilidades, com especificidades próprias, onde vivem pessoas que vão concebendo-se como *sujeitos de direitos*, constituindo-se nas relações com a produção das condições de sua existência social.

2 Conceito trabalhado na oficina: Movimentos Sociais e Educação do Campo – Simpósio Estadual de Educação do campo, Faxinal do Céu, 2008.

Esse processo, instaura a necessidade de interrogar a educação e o sistema de ensino do país, a qual historicamente negava as especificidades do campo. Diante disso, uma nova concepção vem sendo forjada pelos próprios Sujeitos Históricos e Coletivos do campo que, mobilizados, caminham rumo ao resgate de uma dívida social e histórica: uma educação do/no campo.

A essa concepção de educação do campo, confere-se o reconhecimento desses novos sujeitos que vem interagindo com formas de resistência pela sobrevivência no campo, com a luta pela terra, por políticas públicas que deem condições de tirar da terra o sustento de suas famílias, constituindo uma nova forma de produzir cultura, valores, conhecimentos, *sujeitos*, bem como de compreender o campo para além do aspecto produtivo e econômico. Nisso, há ainda muitos passos a serem dados na perspectiva da construção de um projeto da classe trabalhadora, o qual poderíamos começar por compreender, as relações campo e cidade, como relações de complementaridade.

Em seguida seguem os relatos de experiências desenvolvidas nas escolas que passam por estes viés. Constituem-se em sinais, que demonstram que é possível re-conceber a educação, a escola, o campo e as práticas pedagógicas. Revisam posturas silenciadas, fragmentadas, ocas de conteúdo social, ainda tão predominantes nos contextos educacionais.

2. Relato organizado a partir do inventário de experiências

2.1. Vida no campo: recuperando saberes e construindo conceitos

Na tentativa de resgatar a identidade dos sujeitos do campo, um grupo constituído por sete professores de dois municípios pertencentes ao NRE de Ivaiporã³, se organizaram e colocaram em prática o trabalho intitulado “Vida no Campo: trabalhando com Estatística”, onde recuperaram aspectos da vida dos educandos.

Traçados os objetivos, o próximo passo foi dividir a turma em grupos. Essa proposta centrou-se na apresentação de uma série de questionamentos como: “o que sabemos sobre o campo”; “que contribuições culturais podemos destacar como oriundas do campo”; “que forma essas culturas influenciam na nossa vida”; “como é viver no Campo e quais as diferenças que existem entre o campo e a cidade” assim, gerou um momento de intensa discussão e reflexão que resultou na confecção de “mapas conceituais” acerca do campo.

Feito isso, o passo seguinte foi à construção de um instrumento de pesquisa e sua aplicação para colher informações referentes à vida no campo que norteavam: produção, costumes, tradições da família, entre outras. Com as informações, concedidas por 40 famílias do município, em mãos, era preciso tabulá-las; neste momento, o professor aproveitou a oportunidade para explicar alguns conceitos estatísticos.

3 NRE – Ivaiporã – Municípios – Godoy Moreira. Col. Est. Godoy Moreira. Professores: Alexandra Scaramal Rech, Anete Jean Domingo, Jacir Miranda Campo, Maria Aparecida Bassaco, Maria Luiza M. Zanetti, Silvia Renata Fornel, Sonia Maria Basniack Alves.

A forma escolhida, pelos professores, para realizar a sistematização dos dados foi a construção de gráficos de diversos tipos (coluna, barra, linha, pictórico, histograma, setor, entre outros), para tanto, os seguintes conteúdos matemáticos foram explorados: porcentagem, regra de três, ângulos (para o gráfico de setor).

Concluído os gráficos e após sua exposição em sala, os educandos passaram a analisá-los e a interpretar as informações durante as aulas de Língua Portuguesa, Geografia, Ciências e História.

As atividades realizadas foram: em Língua Portuguesa, produção de textos; em Geografia, discussões acerca dos contrastes existentes entre o campo e a cidade; em Ciências, o aspecto estudado foi à qualidade de vida baseada na alimentação saudável, haja vista que a maioria das famílias possui horta e não se utilizam de agrotóxicos em suas plantações; e, em História, houve debates a respeito das políticas agrícolas, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e da reforma agrária.

No NRE de União da Vitória,⁴ um trabalho transdisciplinar comunitário foi desenvolvido através da construção de uma estufa na escola, no sistema de mutirão com a participação das famílias, membros da APMF.

Depois de pronta a estrutura, houve a preparação da terra, com calcário e adubação orgânica providenciada pelas famílias dos educandos que participaram de todo o processo, incluindo a preparação da terra, dos canteiros, das mudas, o plantio, as regas e o controle das demais plantas.

Os professores levavam os educandos à horta orgânica, para desenvolver atividades de observação, pesquisa e utilização dos produtos em suas diversas fases. Em Ciências, investigaram-se questões como a formação, as partes, o crescimento, o amadurecimento e a reprodução das plantas.

Em Biologia, aproveitou-se a horta para os estudos de genética sobre o cruzamento de diferentes tipos de ervilha. Como na estufa, estavam em pleno desenvolvimento os dois tipos de ervilhas, rugosa e lisa, os educandos tiveram a oportunidade de observar as diferenças das flores, vagens e sementes na prática, o que motivou o estudo do tema apresentado.

Outra questão importante foi a implementação da merenda, pois os educandos participavam da colheita e higienização das verduras, que eram encaminhadas à cozinha. Os alimentos da estufa também eram utilizados para os educandos que ficam à tarde na escola para outras atividades (aulas de espanhol, curso de agroecologia, salas de apoio e de recurso, aulas da escola municipal).

Quando a produção de mudas em bandejas atingiu seu nível máximo, havia uma grande variedade de verduras, e depois que todos os doze canteiros da estufa estavam ocupados, as mudas eram distribuídas para os educandos voluntários que participavam das atividades, para os professores, funcionários, famílias de educandos e vizinhos da escola, que as plantavam em suas propriedades.

4 NRE - União da Vitória – Município – União da Vitória. Col. Est. Rio Vermelho. Professores: Mariliza Cristina Jagher, Rosicler Kusma, Valdeci José de Oliveira, Vera Lúcia Pichek, Wilson Winter.

Aspectos importantes deste trabalho foram as oportunidades dos educandos aplicarem e ensinarem inúmeras técnicas de produção e tratos culturais, de conhecerem plantas que não eram cultivadas na região, de observarem na prática aspectos estudados teoricamente em diversas disciplinas e de ocuparem horários livres com uma atividade útil, produtiva e prazerosa.

Houve também o envolvimento da comunidade na proposta de transformação da educação, voltada para aspectos urbanos para a integração do ensino à realidade campesina, suas características e particularidades, considerando a inserção de uma perspectiva educacional moderna que incluísse a agroecologia, o desenvolvimento sustentável, a agricultura familiar/camponesa, a independência econômica, a produção diversificada, a utilização de técnicas alternativas, a racionalização do uso da água e da energia, a valorização cultural e a inclusão social.

Os conteúdos trabalhados incluíram preparo e enriquecimento do solo através de compostagem e uso de esterco; semeadura e produção de mudas em bandejas; épocas de plantio e tipos de culturas de acordo com as estações; seleção de sementes para o melhoramento genético e formação de um banco de sementes; esquema e técnicas de irrigação; utilização das verduras e flores para consumo e ornamentação e aspectos nutricionais das plantas produzidas.

Na região do NRE de Apucarana⁵, os professores procurando realizar a interação e a integração do campo com a escola urbana, propuseram aos educandos uma visita à propriedade de uma das famílias do município.

Durante a visita os educandos deveriam atentar para aspectos referentes ao plantio, safras, colheitas, festejos, entre outros. Dessa forma, eles poderiam vivenciar a realidade da vida no campo, tais como feira do produtor; feira da lua; diversidades agropecuárias, maquinários e implementos agrícolas.

Além disso, o professor procurou demonstrar aos educandos o trabalho da Emater, bem como de outros órgãos governamentais que subsidiam os pequenos agricultores e colaboram com a interação e profissionalização das mulheres do campo, para ajudar no sustento da família, auxiliando-as na transformação de alimentos da culinária caseira para comercialização (fabricação de pamonha, lingüiça caseira, cudiguim, doce de leite, queijos).

“Desvendando o contexto do campo e suas relações”, foi o tema escolhido por um grupo de professores do NRE de Cianorte⁶. Para tanto, propuseram aos educandos a realização de um trabalho em equipe, em que cada um deveria relatar o seu dia-a-dia. Essa atividade objetivava reconhecer e ressignificar a presença da diversidade existente no município.

Cada equipe teve liberdade de escolher uma metodologia para apresentar o resultado de sua

5 NRE – Apucarana – Município – Apucarana. Col. Est. Talita Bresolin. Professores: Elza Serra, Fabíola Heil de Araújo, Guiomar Ribeiro Guimarães, Helena Pereira Cazarin, Leda Aparecida Matias, Maria Salette Sasso, Mônica Martins Portelinha, Nilza Miquelão.

6 NRE – Cianorte – Município – Cidade Gaúcha. Col. Est. Marechal Costa e Silva. Professores: Ivana Nunes Sandri, Miriam dos S. Teodoro, Rosângela A. De S. Tonin.

pesquisa – cartazes: com falas, com as vantagens e desvantagens de viver no campo e vice-versa, com fotos dos sujeitos do campo desenvolvendo suas atividades (cultivando a terra, no trato com o gado, nos momentos de lazer, entre outras); outra metodologia utilizada foi o relato de uma educanda - dificuldade da família em manter a pequena propriedade, outra descreveu a condição de sua família de agricultores assalariados que cultivam a terra do patrão, outros apontaram os motivos que levaram suas famílias saírem do campo em direção à cidade. Além disso, os educandos também produziram um teatro em que retrataram a realidade do campo, sob um ponto de vista urbano.

Em outra turma, os educandos trouxeram as falas e as fotos que retratam a realidade de um grupo de Trabalhadores Rurais Sem Terra que vivem na estrada do Ipiranga desde 2003. Expuseram a entrevista realizada com os moradores, em que relatam as dificuldades enfrentadas, as perspectivas e os sonhos.

A realidade e as condições de vida dos moradores da Vila Rural do município, também, foram apresentadas, assim como a importância da Feira do Produtor que acontece no município às sextas-feiras.

No NRE de Laranjeiras do Sul⁷ o tema desenvolvido, com as 6^a séries nas disciplinas de História, Ciências, Artes e Língua Portuguesa, trata da diversidade cultural brasileira e tem como ponto de partida a origem do trabalho escravo no país.

Cada uma das disciplinas mencionadas abordou o tema, considerando seus conteúdos, conforme:

Em História, o professor explorou o conceito “Etnia”, observando os aspectos pertinentes à igualdade dos seres humanos, garantida por lei a todos. A turma foi dividida em grupos para análise e debate a respeito das diferenças existentes entre o trabalho escravo e a exploração salarial, essa atividade deixou explícita a existência de discriminação e suas diversas formas.

Em Artes, o professor trouxe para a sala de aula aspectos relacionados à cultura africana - música, trajes típicos e religiosidade.

Em Ciências, o enfoque foi dado à formação da pele, à produção da melanina, entre outros.

Em Língua Portuguesa, após a leitura de trechos de textos que relatam a discriminação racial, o professor organizou momentos de debates que possibilitaram a estruturação conceitual e a manifestação de idéias permitindo, assim, um trabalho baseado na oralidade.

Já os professores das disciplinas de Geografia, História, Sociologia, Química, Biologia e Solos, do NRE de Pitanga⁸, da Casa Familiar Rural, desenvolveram junto aos educandos do 1^o e 2^o anos do

7 NRE – Laranjeiras do Sul – Município – Virmond. Col. Est. General Eurico Gaspar Dutra. Professores: Estela Waczak Fedrechski, Márcia Roseli Mierzva, Maria Elizabete Kastel, Tereza S. Kaschak.

8 NRE – Pitanga – Município – Santa Maria do Oeste. Casa Familiar Rural. Professores: Inêz Corrêa, Luciana Geffer Moreira da

Ensino Médio do Curso Técnico em Agropecuária um trabalho voltado para a agricultura familiar/camponesa rural.

Nas disciplinas de Geografia, História e Sociologia, os professores com o objetivo de que os educandos pudessem entender a estrutura fundiária instalada no país, pautada na concentração da propriedade rural nas mãos de poucos, organizaram um retrospecto histórico da agricultura no Brasil, partindo do período colonial até os dias atuais. Para isso, os professores usaram diversos recursos bibliográficos e didáticos - textos diversos, músicas, gráficos, tabelas e poesias. A partir dessas leituras, outros temas relacionados ao assunto foram levantados, como por exemplo: o êxodo rural, freqüente na região; a atuação dos movimentos sociais, especialmente o MST, na sua luta pela reforma agrária; entre outros.

Concluída a etapa de fundamentação teórica e a partir das discussões suscitadas em sala de aula, algumas atividades foram propostas - a) leitura da música “Cabocla na Cidade”, de Dino Franco e Nhô Chico; b) concurso de charges, produção de poesias, desenhos, paródias; c) debates acerca da atuação dos movimentos sociais; d) saída de campo (visita á uma família que passou pela experiência de deixar o campo em direção à cidade); e) relatórios – com a intenção de provocar os educandos a proporem soluções capazes de auxiliar os pequenos proprietários rurais, a fim de mantê-los no campo, dentre elas apontaram a diversificação de produção nas pequenas propriedades rurais.

Nas disciplinas de Química e Biologia a transgenia foi o tema destacado. Para tanto, foi elaborado, junto aos educandos, um instrumento de pesquisa – entrevista – com a intenção de identificar o que a comunidade pensa a respeito dos transgênicos, feito isso, o instrumento foi aplicado às famílias e à comunidade. Na seqüência, a turma foi dividida em dois grupos A e B – o primeiro ficou responsável em fazer a defesa do plantio de sementes transgênicas, enquanto que o segundo argumentaria contra. Além disso, houve a produção de poemas, paródias e desenhos e a confecção de cartazes.

Já na Disciplina de Solos o enfoque recaiu sobre o Planejamento de Uso e Manejo Sustentável da Propriedade. Com esse tema, o professor apresentou aos educandos um roteiro de atividades, a saber:

- a) construção do croqui da propriedade: apresentação gráfica dos pontos de referências, instalações, divisões de glebas e o uso atual das atividades agropecuárias desenvolvidas na propriedade;
- b) construção de um croqui dos aspectos críticos: apresentação gráfica simples da topografia visual da propriedade, sem se preocupar com aferições de declividade, objetivando situar as áreas heterogêneas;
- c) diagnóstico dos problemas: descrição dos problemas de uso e manejo encontrados na propriedade, como por exemplo, áreas pedregosas, áreas de maior declividade, áreas de baixada, áreas de erosão, entre outros; apresentados no croqui dos aspectos críticos;
- d) propostas de uso e manejo da propriedade: frente aos problemas anteriormente

Silva, Marilde Bronholo, Marli Terezinha dos Santos de Oliveira, Milena Barcellos, Valdete Padilha Batista de Paula, Vera Lúcia dos Santos.

- diagnosticados os educandos, juntamente com suas famílias, discutiram essas questões e apresentaram possíveis soluções, visando o desenvolvimento sustentável da propriedade;
- e) construção de um croqui das propostas: apresentação gráfica localizando as propostas de uso e manejo e readequando a divisão e atividades da propriedade de acordo com essas soluções.

Voltando à região de Laranjeiras do Sul⁹, agora com uma turma do 2º ano do Ensino Médio, os temas abordados durante as aulas foram: tipos de propriedades e formas de produção. Para o desenvolvimento dessas temáticas, os professores se utilizaram de mapas e gráficos para demonstrarem os tipos de propriedades existentes no Brasil e os produtos cultivados nessas áreas. Também, levantaram discussões a respeito de questões que tocam o campo, tais como: trabalho temporário, infantil, escravo e semi-escravo; problemas ambientais; uso de agrotóxicos; agricultura orgânica; reforma agrária; agronegócio; fome; desigualdades sociais entre outras. A metodologia utilizada foi, em primeiro lugar, um trabalho em grupo e, em segundo lugar, uma atividade individual, a partir da análise da música “Meu país” (composição: Zezé di Camargo e Luciano).

No NRE de Umuarama¹⁰ a permanência e a sobrevivência no campo motivaram as aulas, assim como os debates a respeito da luta de classes; dos meios de produção impostos pelo sistema capitalista; das questões agrárias entre outros. Feito isso, os educandos construíram paródias e dissertações, também, organizaram uma entrevista que foi realizada junto a uma família de agricultores e junto a alguns integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, acampados à beira da estrada. Essa atividade culminou com a produção de cartazes que compuseram um mural, além disso, criaram uma peça teatral. Todos esses trabalhos foram apresentados durante a “Noite de Talentos” realizada na própria escola.

“Escola atenta aos problemas da comunidade: analisando documentação agrária”, foi o ponto de partida escolhido pelos professores do NRE de Irati¹¹, entretanto, não foi uma escolha aleatória ela surgiu da observação das necessidades da comunidade local, mais exatamente do desejo de aderir aos programas do PRONAF e PRONAFINHO. Adesão que por falta de conhecimento em relação à documentação adequada não se concretizava e, sendo assim, os pequenos proprietários se viam impedidos de usufruírem desses subsídios agrícolas.

Para o desenvolvimento do tema, os professores organizaram um encontro em que estavam reunidas a comunidade, as famílias dos educandos e os representantes das turmas para a identificação dos problemas e proposição de ações a serem realizadas pela escola. Na seqüência, atividades de leitura, interpretação e compreensão de documentos comprobatórios de posse da terra foram realizadas. Além

9 NRE – Laranjeiras do Sul – Município – Cantagalo. Col. Est. Olavo Bilac. Professores: Angela D. Kossoski, Janete Klossoski, Janete Stronczek, Elizabete Guimarães, Ines A. Muller, Ivonete Belinski, Marlene A. Castilho.

10 NRE – Umuarama – Município de São Jorge do Patrocínio. Col. Est. Petrônio Portela. Professores: Claudinei Leonel, Cleide Panarali de Oliveira, Divina Vieira Lopes, Elaine de Oliveira Araujo, Maria Aparecida da Costa Rodrigues, Rita de Cássia Mantovanelli, Rosemeire Natalícia da Costa Silva.

11 NRE – Irati – Município – Prudentópolis. CEEBJA. Professores: Antonia de Paula Veiga, Kelli Cristina Warcholyk Honesko, Maria Célia Honesto, Marinês Gerega.

dessas, outras atividades ajudaram a compreender a importância e o valor de um documento, tais como: construção de um o mapa do município (relevo, vegetação, hidrografia para compreensão da produção econômica, cultural, social das micro-bacias do município); medidas de conversão de áreas e perímetro bem como juros e porcentagens; também foram realizadas reuniões com palestrantes da EMATER e visita ao Cartório municipal.

Na região do NRE de Pitanga, no município de Santa Maria do Oeste¹², uma professora, baseada nas Diretrizes da Educação do Campo, desenvolveu um estudo acerca do processo de produção agrícola da cana-de-açúcar estabelecendo relação de um lado com o agronegócio e a exploração dos recursos naturais e de outro com a agricultura camponesa e o campo.

Para a realização do estudo com as turmas do Ensino Fundamental, a professora utilizou como subsídio textos informativos e reflexivos, a partir dessas leituras e das discussões suscitadas, outras atividades foram organizadas, tais como: estudo do poema, “*O açúcar*”, de Ferreira Gullart e textos relacionados à produção e exportação de produtos primários no Brasil, com ênfase ao trabalho da monocultura de cana-de-açúcar. Esses recursos, possibilitaram aos educandos confrontar as realidades existentes, explicitando suas contradições, além disso, construíram charges para ilustrar desde o plantio da cana até o consumo.

Ainda no NRE de Pitanga¹³ outra professora, objetivando conhecer a realidade de cada um de seus educandos da 8ª série, propôs a eles a realização de uma pesquisa para reunir informações a respeito do que cada família produz em sua propriedade, qual a principal fonte de renda e a variação do valor da saca dos produtos, durante o ano, em algumas cidades do estado do Paraná.

Concluída a pesquisa, em seguida, foi organizada uma tabela para demonstrar os cultivos e as criações realizadas nas propriedades, tais como: milho, arroz, soja, mandioca, feijão, leite, criação de galinhas, porcos e gado.

A próxima etapa incluiu análises, leitura e interpretação da tabela que gerou gráficos. Durante esse momento os educandos foram tirando dúvidas que surgiram no decorrer da atividade. Sabendo que a maioria dos educandos mora no campo e sobrevive da lavoura e da venda do leite, foram escolhidos alguns produtos para serem expostos e, posteriormente, analisados em diferentes gráficos.

Na etapa seguinte, já com a identificação da fonte de renda de cada família, os educandos confeccionaram um novo gráfico para representar essas informações. Em seguida, construíram uma nova tabela que reuniu produtos, como: mandioca, batata, amendoim, cebola, batata doce, batata salsa, pipoca entre outros; feito isso, outro gráfico foi elaborado.

Com todas essas informações, o estudo e análise das questões referentes às famílias cuja renda vem do leite, verduras, frutas, qualidade de vida, condições de produção entre outras, tudo isso levou à construção de outros gráficos (colunas, setores, barras, linhas).

12 NRE – Pitanga – Município – Santa Maria do Oeste. Col. Est. José de Anchieta. Professora: Kelly Cristina Ferreira Cordeiro.

13 NRE – Pitanga – Município – Santa Maria do Oeste. Col. Est. José de Anchieta. Professora: Mariza Pereira Ianse.

Com o tema “Identidade e cultura dos povos do campo”, professores do NRE de Guarapuava¹⁴, com a proposta de compreender a concepção e o histórico de vida de seus educandos, realizaram um diagnóstico a partir das visitas a algumas propriedades do município. Os educandos, durante esses momentos e em conversas informais com as famílias, anotavam todas as informações acerca do modo de vida, da produção, das necessidades e das preocupações em relação ao futuro. Essa atividade possibilitou aproveitar o conhecimento que o educando já possui do campo, pela experiência vivida na propriedade, além de buscar informações que permitissem uma (re)leitura do contexto histórico, sociocultural, em que as famílias estão inseridas.

Para o desenvolvimento da proposta, participaram professores de Matemática (tamanho da propriedade, quantidade de sementes por cova, distâncias entre as propriedades); Ciências (organização, aspectos de limpeza e saúde das famílias); Língua Portuguesa (relatos orais, termos utilizados); História (relações sociais, história de família, origem) e Geografia (qualidade de vida no campo, diversificação da produção, alimentação a partir de produtos naturais, relações sócio-econômicas, culturais e políticas).

Para aprofundar alguns conceitos, os professores utilizaram a letra da música, “*O Colono*”, de Teixeira, partindo do pressuposto de que as canções podem ser trabalhadas como elementos contextualizadores.

Voltando ao NRE de Pitanga¹⁵, um grupo de professores se propôs a desenvolver um trabalho, a partir de textos e de letras de músicas que tocam em questões que envolvem o campo. São eles/as:

“Além da terra, além do céu” - poesia de Carlos Drummond de Andrade, que suscita questões em relação ao amor para com a terra, enquanto, lugar de cultivo e morada;

“Cio da Terra” - letra da música de Milton Nascimento e Chico Buarque, que suscita questões relativas à remuneração, etapas e melhores condições de trabalho, relação homem e natureza;

“Casa no Campo” - letra da música de Tavito e Zé Rodrix, que suscita questões referentes modo de vida no campo e/ou na cidade refletindo sobre os prós e contras, a rotina, hora em que acorda para vir à escola, anseios, desejos, sonhos;

“Os rios assassinados” e “O assassinato das terras do Nordeste” - Eduardo Galeano, que suscita questões a respeito da monocultura e do processo de desertificação;

“O rio” - letra da música de Chitãozinho e Xororó e “O milagre do trigo” - Dante Ramon Ledesma.

14 NRE – Guarapuava – Município – Pinhão. Col. Est. Santo Antonio. Professora: Divanir de Fátima de Camargo.

15 NRE – Pitanga – Município – Palmital. Col. Est. João C. da Costa. Professores: Adriana Barbsa, Aldemara de F.S.N. Lopes, Cleverson Cionek, Kátia Mery Felipe, Lourdes de Mattos, Marluce Loli Moro, Soelene Sabatovicz.

Os textos foram lidos em grupo e individualmente, jogral, monólogos e dramatizações; as músicas foram ouvidas, lidas e cantadas; e, os poemas, declamados. Além disso, os textos permitiram trabalhar a interpretação escrita, a leitura, a linguagem conotativa e a produção textual (poéticos, relatos, paródias entre outros). Nessa última atividade, os textos foram lidos e trocados entre os educandos para que realizassem a correção, feito isso, fixados ao mural do colégio.

Essas atividades pretendiam fazer com que os educandos percebessem o quanto são importantes e que sua permanência no campo é fator fundamental para o bem estar de sua família e da comunidade rural e urbana.

Ainda considerando a temática, professores do município de Cantagalo¹⁶, na disciplina de Geografia, desenvolveram algumas atividades com educandos do Ensino Médio. Inicialmente apresentou-se o tema agropecuária, em aula expositiva sobre os diversos tipos de propriedades e formas de produção, trabalhando com mapas e gráficos que demonstraram os tipos de propriedades existentes no Brasil e os produtos cultivados nestas diferentes áreas fazendo uma relação com regiões mais pobres. Em grupos, destacaram os principais problemas do meio rural: trabalho temporário, escravo, semi-escravo e infantil, problemas ambientais, o uso de agrotóxicos entre outros.

Desenvolveram uma atividade individual, analisando a música “Meu país - Zezé de Camargo e Luciano, descrevendo as questões nela apontada fome, desigualdades sociais, etc.

Foi feito trabalho em grupo onde se destacou os aspectos positivos que existem no campo e as possíveis soluções para resolverem os problemas citados nas atividades anteriores, realização de um debate, envolvendo a reforma agrária e agronegócio.

A região do NRE de Ivaiporã foi o cenário¹⁷, da realização da Primeira Semana Campesina, experiência vivenciada pelos educandos que compõem as turmas de 5ª a 8ª Série do Ensino Fundamental e educandos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio da Escola José Marti, assentamento 8 de Abril. Essa proposta partiu do debate acerca das seguintes problematizações: o que buscamos saber na escola? e, o que buscamos saber em uma escola de assentamento?

A partir disso, houve três momentos para o desenvolvimento dos trabalhos, a saber: a) reunião dos professores para a construção de uma relação de conteúdos; b) reunião envolvendo o coletivo da escola para a definição dos conteúdos a serem ministrados; e, c) construção de um cronograma.

Os temas definidos foram: a relação biológica de pragas e ação das doenças no crescimento das plantas, os movimentos sociais e a contribuição para o regaste dos conhecimentos produzidos pelos povos sobre sementes crioulas e trofobiose.

16 NRE – Laranjeiras do Sul – Município – Cantagalo. Professores: Angela D. Kossoski, Janete Klossoki, Janete Stronczek, Elizabete Guimarães, Inês A. Muller, Ivonete Belinski, Marlene A. Castilho.

17 NRE – Ivaiporã – Município – Ivaiporã. Col. Est. Bento Mossurunga. Professores: Lister Ricardo dos Santos, Silvana, Maria Pereira Boing, Ana Carla Nadal Ribeiro, Vilma Borges Leal Dias, Elainalu Vanlandi Camargo Cezar.

Em sala de aula, os professores apresentaram um mobilizador (texto, imagem, debate) para cada série, levando em conta o nível de conhecimento e os conteúdos específicos para cada uma. Os educandos, também, puderam opinar e trouxeram ao debate a necessidade de mais conhecimentos a respeito das práticas que envolvem a agricultura orgânica, tais como: fertilizantes, caldas e compostos. Feita a solicitação, uma pesquisa foi organizada para reunir as receitas desses compostos e, a partir de então, outros temas foram levantados: viabilidade de produção dos compostos nas pequenas propriedades; relações das reações químicas que ocorrem na natureza (relação micromiótica); formação das plantas; formação do solo; relações entre solo e plantas; plantas indicadoras; plantas medicinais; olericultura; relações comerciais; formação da Roça Mandala; calendário de produção; consumo e saneamento básico.

Desta feita, organizou-se uma mostra cultural dos trabalhos à comunidade e, a partir das necessidades dos professores e educandos, outros temas foram aprofundados em uma seqüência de palestras com profissionais da saúde, do saneamento e da agricultura.

No NRE de União da Vitória¹⁸ a experiência que será aqui relatada foi realizada com os educandos de 5ª e 6ª séries (aulas de 90 minutos semanais reunindo as duas turmas) e de 7ª e 8ª séries (aulas de 90 minutos semanais reunindo as duas turmas), diferente das demais, tem como ponto de partida uma solicitação da comunidade do assentamento Santa Bárbara, que ao questionar o papel da escola, propõem a participação dos educandos, professores e funcionários na Construção da Vida da Comunidade.

A partir da solicitação e da necessidade sentida pelos professores em conhecer a rotina, a prática, a história dos assentados, dos movimentos e associações ligadas ao campo foram inseridos nos conteúdos disciplinares temas, como: a luta pela terra; os movimentos sociais; os modelos econômicos; agroecologia; saúde e cultura; além da realização de trabalhos práticos - horta; mandala/medicina popular; primeiros socorros; apicultura; viveiro; agrofloresta; teatro; música e artes (danças).

Teve como objetivos: a) trabalhar as faces da história em que se desenvolve a agricultura e como se consolidam hoje - agricultura familiar/camponesa e agricultura extensiva/agronegócio; b) propiciar dentro dos espaços da escola o desenvolvimento de práticas agroecológicas com ênfase no desenvolvimento da horta, da apicultura e do viveiro, em uma proposta de auto-sustento, tanto para escola como para comunidade; c) contribuir para que os educandos, professores, funcionários e comunidade partilhem esses espaços respeitando iniciativas colaborando para a manutenção das experiências práticas e se empenhando para a implementação de trabalho, junto a saúde, os recursos hídricos e agrofloresta.

18 NRE - União da Vitória – Município – Bituruna. Esc. Est. Santa Izabel. Professora Tavane do Rocio Manosso e Valdenir dos Santos (dirigente do MST).

2.2. Êxodo e suas conseqüências no campo

Em um dos municípios do NRE de Guarapuava¹⁹, um grupo de professores, objetivando explorar as questões em torno do “êxodo do campo”, realizou junto aos educandos de 5ª e 6ª séries da Casa Familiar Rural um trabalho de valorização do campo. Para tanto, tomaram como ponto de partida a letra da música “João Saudade”, de Dante Ramon Ledesma, que retrata a realidade daqueles que deixaram o campo em direção à cidade em busca de uma proposta de uma vida melhor, além da temática, o texto também permitiu explorar aspectos característicos, como: rima, estrofe, verso entre outros.

Após os debates levantados, os educandos foram convidados a produzirem, com material reciclável, artefatos como: arado, pá, enxada, pilão, martelo, serrote, foice, picão, matraca (para plantio de feijão e milho), monjolos, roda d’água, cercas de palitos de picolé, casas e galpões de papelão, facão, rastelo e outros utensílios presentes no campo. Na seqüência, professores, educandos e toda a equipe da CFR, participaram da montagem de um “sítio em miniatura” (maquete) composto por roda d’água, monjolo, mini-horta, lavoura, mangueiras entre outras características.

Já no NRE de Campo Mourão²⁰, os professores desenvolveram um trabalho junto aos educandos que freqüentam a sala de recursos de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, com o objetivo de esclarecer questões referentes aos movimentos sociais e a luta pela terra. Para isso, utilizaram a charge como recurso lingüístico, uma vez que essa tipologia textual por conter uma parte gráfica chama a atenção dos educandos.

O trabalho foi realizado em seis etapas:

- 1a.) discussão acerca da tipologia textual – charge: esses textos aparecem em quais meios de comunicação? o que eles comunicam? entre outras;
- 2a.) leitura da charge “Enxadas paradas e inchadas paradas”, de Márcio Baraldi²¹;
- 3a.) análise crítica da charge (um bloco de cada vez) levantando aspectos como: o abandono da terra; a aglomeração nas cidades; desemprego; êxodo rural; moradia entre outros;
- 4a.) questionamentos – qual a ação dos governantes frente aos problemas do campo e da cidade?; o que é reforma agrária? entre outros;
- 5a.) pesquisa - em livros, jornais e internet;
- 6a.) debate.

Além dos aspectos mencionados, a realização desse trabalho oportunizou a integração entre as disciplinas, uma vez que a charge, em destaque, pode tanto ser discutida nas aulas de Artes, Língua Portuguesa, Geografia, História, Filosofia entre outras.

19 NRE – Guarapuava – Município – Pinhão. Col. Est. Santo Antonio. Amélia Kunz Brignoni, Claudia Maria Celso, Divanir de Fátima de Camargo Strugal.

20 NRE - Campo Mourão - Município - Engenheiro Beltrão. Esc. Est. Arthur Ramos. Ângela Regina Sone, Abigail Dagmar Bouduque Regis, Dirce Manihk, Lucineide Margarete Ravazi, Maria da Conceição Silva Martineli, Maria Luiza Mari Lopes, Nanci Alher, Rosimar Andrade Campos.

21 Marcio Baraldi, chargista, colaborou com varios jornais e revistas, dentre os quais Globo Ciencia e jornal do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, neste ultimo foi publicada esta charge. O texto compôs, em 2007, o material do III grupo de Estudos da Educação do Campo; devido a isso é constantemente citado nos relatos como parte das experiências.

Na região do NRE de Cornélio Procópio²², o professor trabalhou junto à 6ª série o tema “Compreendendo as realidades do Campo” e, na tentativa de tornar mais compreensiva essa questão, utilizou o filme “A tristeza do Jeca”, de Amacio Mazzaropi.

Compreendendo que as temáticas referentes às questões do campo, podem ser abordadas de forma a intercalar os conteúdos estruturantes, o trabalho com o filme foi desenvolvido segundo os desdobramentos apresentados a seguir: a) dimensão da produção: formas de produção agrícola; b) dimensão sócio-ambiental: os impactos ambientais segundo os tipos de agricultura; e, c) questão cultural e demográfica: o êxodo rural.

Violência, tema desenvolvido por professores do NRE de Londrina²³, apresenta importantes contribuições para desmistificar essa questão no campo. Para tanto, utilizaram recursos como jornais, revistas, vídeo-clipe e letras de músicas que abordam a temática.

Êxodo Rural, tanta vezes aqui citado também, foi uma questão que motivou os trabalhos dos professores de um dos municípios jurisdicionados ao NRE de Ivaiporã²⁴, região essencialmente agrícola e que, portanto, vivência, além do êxodo rural, outras dificuldades inerentes ao homem do campo - persistência em permanecer na agricultura, trabalho temporário.

Esse trabalho foi desenvolvido com educandos do Ensino Médio e os recursos utilizados para as discussões foram: textos informativos, vídeos, pesquisas individuais e coletivas, visitas aos pequenos agricultores e entrevista.

Após a realização desses procedimentos, outras atividades foram desenvolvidas em sala de aula, tais como: relatórios, debates, montagem de gráficos, utilização de mapas entre outras; para isso, houve a participação das seguintes disciplinas: História, Geografia, Artes, Português, Matemática e Ciências.

2.3. Reforma agrária

A questão agrária é fato histórico e está no centro do poder político desde as bases fundadoras desse país. Desta forma, não é possível discutir o contexto do campo sem trazer presente esta problemática. A experiência apresentada no NRE de Umuarama²⁵: “A Lei de Terras e a Reforma Agrária”, desenvolveu suas atividades motivando os educandos a pesquisar nos meios de comunicação (jornais, revistas, internet) fatos ocorridos no Brasil a respeito da luta pela terra.

22 NRE – Cornélio Procópio – Município – Cornélio Procópio. Esc. Est. Major João Carlos de Faria. Professor: Raul de Oliveira Tolentino.

23 NRE – Londrina – Município – Alvorada do Sul. Col. Est. 14 de Dezembro. Professor: Carlos Antonio Tanajura da Silva, Fátima Nehyta de Quadros, Flávia da Silva Camilo Tavares, Lucinéia Garcia dos Reis, Marilene Garcia Gazarini, Sandra Mara Tanajura da Silva.

24 NRE – Ivaiporã – Município – Lidianópolis. Col. Est. D. Pedro I. Professores: Aparecido Osmar Ferreti, Claudeir Gordiano, Cleodete Gomes Dionísio, Florides Bernadelli Maia, Marcelo Pires Rodrigues, Sueli Celeide de Souza.

25 NRE – Umuarama – Município – Perobal. Col. Est. Ana Neri. Professores: Emerson de Souza Rocha, Marlene Crivoi, Márcio Ribeiro Duarte, Sônia Maria Zabotini de Souza, Sonia Mara da Costa Hernandes.

Feito isso, os educandos foram convidados a apresentarem suas pesquisas. Nesse momento, uma interrogação surgiu: o que teria levado ao surgimento dos movimentos de luta pela terra no país? Para aprofundar esta questão o texto, “Lei de Terras de 1850”, foi apresentado aos educandos que durante sua leitura deveriam observar: quem tinha possibilidade de acesso à terra antes e depois da promulgação da lei, que passou a vigorar durante o Período Imperial do Brasil. Na seqüência, outros movimentos agrários no Brasil - Contestado, Cangaço, Canudos – foram citados e pesquisados e assim uma linha foi traçada até chegar no surgimento de movimentos agrários organizados na década de 1960 e no aparecimento do MST em Cascavel, no Estado do Paraná, em 1984.

Os educandos pesquisaram, ainda, a reforma agrária realizada em países da América do Norte e Europa. Essa atividade proporcionou a comparação com a implementação da reforma agrária no Brasil atual.

A partir das pesquisas, das leituras e reflexões, os educandos passaram a entender que a reforma agrária, no Brasil, é uma das formas de minimizar as desigualdades sociais e agrárias.

Professores do NRE de Cascavel²⁶, procurando recuperar a história do município, apresentaram um desafio aos educandos do Ensino Fundamental - 5ª a 8ª séries - com o tema “Percebendo Mudanças Históricas”.

Com essa temática, os professores procuraram instigar os educandos a observarem o movimento histórico de seu município, a partir de questões como: aqueles que residem na cidade e possuem propriedade agrícola; por que estão na cidade; por que deixaram o campo; aqueles que, ainda, vivem no campo possuem a posse da terra; qual era o número de famílias na comunidade; por que elas deixaram o município; se havia igrejas, escolas e comércio no local.

Após reunir as informações, os educandos realizaram um trabalho crítico-reflexivo acerca dos movimentos sociais; da superpopulação nos grandes centros; da existência de latifundiários, apesar da política de reforma agrária; o agronegócio; a agricultura de subsistência; a prática de monocultura; política agrícola x tecnologia.

As estratégias didáticas utilizadas foram: a) leitura de textos que abordam a problemática local e/ou regional e sua discussão, trazendo à tona a pré-concepção dos educandos a respeito das relações existentes entre o campo, a tecnologia, a sociedade e o ambiente; b) atividades didáticas diversificadas, seguidas de discussão como, por exemplo, o desenvolvimento dos projetos de pesquisa sobre assuntos de interesse seguidos de elaboração de relatório analítico descritivo e da socialização desses saberes na escola; c) atividades de leitura, reflexão e discussão, promovendo um aprofundamento teórico e assimilação de conhecimentos científicos de modo a garantir aos educandos a participação reflexiva e crítica.

26 NRE – Cascavel – Município – Braganey. Col. Est. José de Alencar. Professores: Elisabete Presa da Silva, Gislaine Pântano de Oliveira, Rosmari Sgarbi Ianesko, Solange B. Barbosa.

Com o tema “A Luta pela Terra” professores do NRE de Paranaguá²⁷, também, colocaram um desafio aos educandos e a partir da história oral, da recuperação de fontes, foi proposta a realização da “gincana da memória”, composta por atividades e provas criadas a partir de temas que constituem o planejamento curricular de História, como o trabalho, a família, o lazer e a cultura.

As provas escolhidas para gincana foram: a) trazer a carteira de trabalho e a nota fiscal mais antiga; b) coletar o depoimento de pessoas idosas da família; c) reunir fotografias de familiares em situação de lazer e de trabalho, objetos antigos, registro da vida escolar, manuais didáticos antigos.

A finalização da gincana foi o momento de compartilhar resultados, que aconteceu através da produção de um jornal pelos próprios educandos, para tornar público alguns dos documentos encontrados, textos e materiais produzidos durante as aulas.

Tendo como base o estudo a respeito dos movimentos sociais e a reforma agrária, outras atividades foram propostas: a) construção de uma linha do tempo explicando a historicidade da distribuição de terras no Brasil, retomando conteúdos já abordados; b) resgate de informações a respeito de movimentos sociais que aparecem na mídia; c) resgate da história da luta organizada pela terra no Brasil.

Outro tema desenvolvido e que possibilitou um entendimento histórico da região em que estão inseridos, educandos e professores foi realizado no NRE de Pato Branco²⁸, com a recuperação dos Cinquenta anos da Revolta dos Posseiros no Sudoeste do Paraná e a atual luta pela terra.

Tendo a comemoração como pano de fundo e as conversas realizadas em sala de aula, com os educandos a respeito do assunto, ficou nítido que a maioria, mesmo os que já haviam ouvido comentários, pouco ou quase nada sabiam do contexto histórico de sua região. Partindo desse princípio, os professores propuseram aos educandos a realização de uma pesquisa.

Concluída essa etapa houve um momento de socialização em que os educandos puderam apresentar e relatar as informações reunidas (dados estatísticos, história oral entre outras). Essa atividade permitiu, ainda, momentos de discussões e reflexões a respeito dos conflitos gerados na luta pela terra e dos movimentos sociais envolvidos diretamente com a questão - MST.

Na seqüência, os professores trabalharam, em primeiro lugar, um texto que trata especificamente da Revolta dos Posseiros e, em segundo lugar, uma história em quadrinhos. Essas leituras suscitaram a construção de um paralelo entre a Revolta dos Posseiros e a luta do MST, levantando questionamentos como, por exemplo: “você é a favor ou contra ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra?”.

27 NRE – Paranaguá – Município – Paranaguá. Professores: Amarildo Cabral Valdano, Arthur Silva Filho, Danilo Demétrio, Digiovana Pinheiro dos Santos Mocelim, Jussméry Amélia Castro Silva Alves, Márcia Elaine dos Santos, Osiclécia do Rocio Nascimento Pereira.

28 NRE – Pato Branco – Município – Clevelândia. Col. Est. Oreste Tonet. Professores: Angela Pedroso, Alcimari Dolci, Carmem Lúcia Bombardeli, Ema Maria Goedel, Marínes Monteiro Kleinibing.

As contradições apresentadas durante o processo de investigação a respeito do assunto foram trabalhadas em um júri simulado, para isso a turma foi dividida em três grupos (de um lado os educandos que são contra e de outro aqueles que são a favor e aqueles, ainda, sem uma opinião ficaram incumbidos de ouvir, impor regras ao debate do grupo que, de frente um para outro, iniciaram o debate, justificando o porquê da sua posição. Houve 15 minutos para a discussão e, ao final, o júri deveria sair com uma posição formada a respeito do assunto).

Ao término da atividade, os educandos perceberam a importância do movimento na luta pela terra e da necessidade de se fazer a reforma agrária para o desenvolvimento da agricultura.

Na etapa seguinte, os educandos produziram individualmente textos e, em grupos, confeccionaram cartazes e painéis, posteriormente, apresentados em murais, em seminários, debates e discussões sobre o tema em questão. Essas atividades, também, foram conduzidas com o apoio dos professores das disciplinas de Língua Portuguesa, Geografia, Filosofia e Inglês.

Além das atividades realizadas dentro do espaço escolar, os educandos participaram de uma visita técnica a uma granja de suinocultura, durante a visita receberam orientações do produtor e do veterinário responsável.

Assim como no relato anterior, os professores do NRE de Maringá,²⁹ também, organizaram uma visita dirigida, mas nesse caso foi a um assentamento que possui uma cooperativa - Cooperativa Agropecuária de Produção Vitória (COPAVI). Mas, antes foi preciso um trabalho de leitura para que os educandos conhecessem um pouco mais acerca da questão agrária no Brasil (conceituação; formação da propriedade agrária no país; capitâneas hereditárias; legislação sesmarial; regime da Lei de Terras n. 601/1850; sistema jurídico do Código Civil de 1916; sistema legal do estatuto da Terra; regime fundiário a partir da Constituição Federal).

Ainda na região do NRE de Maringá³⁰, com a temática “Estrutura fundiária brasileira”, um grupo de professores, junto aos educandos do 2º ano do Ensino Médio, escolheram uma forma diferente para discutir o tema em destaque, após a pesquisa a respeito do MST (origem, objetivos, ações), optaram por uma dramatização.

Para tanto, a turma foi dividida em grupos para representar as diferentes camadas sociais - havia o grupo dos moradores de acampamentos do MST, caracterizados: pela luta pela terra; havia o grupo dos pequenos produtores, caracterizados: por recursos limitados, pequena propriedade, falta de apoio e utilização de mão de obra familiar; havia, também, o grupo dos grandes fazendeiros latifundiários, caracterizados: por recursos financeiros, tecnológicos, utilização de mão de obra assalariada, produção voltada para o mercado capitalista; havia, ainda, o grupo dos especuladores, caracterizado: por grandes empresas que adquirem terra não para plantar, mas para esperar sua valorização.

29 NRE – Maringá – Município – Colorado. Esc. Est. Cecília Meirelles. Professores: Elisabete Aparecida Rosseto, Tânia Regina Blonski Carnelosi, Valdisnei Dias, Viviane Segantin.

30 NRE – Maringá – Município – Maringá. Col. Est. Branca da Mota Fernandes. Professores: Adevan Brumate, Ângela R. Crozeta Barbosa, Eliane Lelhis Martins, Ione Ogawa, Vilma A Bellanda Espires.

Cada grupo expôs suas idéias defendendo seus interesses. A atividade serviu para a turma refletir sobre a desigualdade social existente no campo e as relações de exploração do trabalho.

O MST, também, foco de estudo de professores e educandos no NRE de Ponta Grossa³¹, em que a proposta era “Conhecendo o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.”

Para o desenvolvimento do estudo, os professores organizaram um trabalho interdisciplinar que envolveu as disciplinas de Geografia, História, Arte, Matemática, Ciências, Biologia e Química.

Os professores de Geografia e História exploraram questões acerca da formação do MST. Ainda, na disciplina de História, um debate foi promovido entre educandos em que, após pesquisas e análise do assunto, alguns desempenharam o papel de defensores do movimento e outros o papel dos contrários ao MST. Essa atividade permitiu observar e analisar as posições dos educandos frente às questões sociais.

Já em Arte, o professor optou por trabalhar com a confecção da bandeira do movimento explicitando: seu significado e a simbologia dos desenhos ilustrados na mesma.

Na disciplina de Matemática, o professor propôs a realização de uma pesquisa para levantar informações quantitativas, tais como: número de educandos que vivem em assentamentos, número de assentamentos e acampamentos na região e no Paraná, qualidade de vida, formas de sustento da família entre outras.

Nas disciplinas de Ciências, Biologia e Química os professores trabalharam a questão da conscientização quanto aos problemas, como: dengue, acúmulo de lixo, desmatamento, uso indiscriminado de produtos químicos lançados na natureza, bem como o efeito dessas ações nas futuras gerações.

A reforma agrária e o MST – “Aproximando-se da realidade do MST” – foram os temas trabalhados na região do NRE de Apucarana³².

Os professores, dentro de suas disciplinas, procuraram trazer para a sala de aula discussões em torno dos conteúdos relacionados ao tema, desenvolvendo atividades, como: produção de textos; interpretações de filmes e charges; entrevistas; visitas ao acampamento do MST e outras localidades.

Uma das professoras, envolvida no grupo, visitou um dos acampamentos do MST, na ocasião conversou com integrantes do movimento. A visita tinha como objetivo o resgate histórico e cultural daquelas pessoas. De volta à sala do Ensino Médio, relatou a visita feita ao acampamento; os educandos

31 NRE – Ponta Grossa – Município – Tibaji. Col. Est. Baldomero B. Taques. Professores: Adélia Aparecida Martins de Freitas, Adenilson José Miléo, Ana Paula de Araújo Andrade, Ana Paula Pinheiro, Cristiane Gomes de Lima Daphne, Marcelle Valentim Bley, Dirécia da Aparecida Eidan, Douglas Grzebieluka, Jucélia Aparecida Carneiro Prestes, Neliane Cristiane Ribeiro Preisnher, Solange Ferandes Correia.

32 NRE – Apucarana – Municípios – Cambira. Col. Est. Rosa Delúcia Calsavara. Professores: Andréia Aparecida Salvarani, Ieda Cristina de Oliveira, Edival Angelo Samenzari, Janete Guiraldeli Lenartovicz, Jane Terezinha de Oliveira, Leonice Liberato da Silva, Margareth Ambrósio Bengozi, Rosane Czekalski Barbosa, Rosangela Maculan Carrenho - Município de Cambira.

começaram a se interessar mais sobre o assunto e se identificaram com a questão, visto que a maioria são filhos de pequenos e médios produtores rurais e vivem o drama da falta de políticas públicas voltadas para o pequeno produtor.

A professora, então, elaborou juntamente com os educandos uma entrevista direcionada ao líder do MST, anteriormente, visitado. Após essa atividade, o entrevistado foi convidado a ministrar uma palestra no colégio para todo Ensino Médio. Nesse momento, esclareceu dúvidas realizando um retrospecto histórico da luta do povo pela terra, depois foi aberto um espaço para o debate, as principais questões levantadas versavam sobre: o dia-a-dia do MST; as conquistas do movimento; a importância da terra e de quem trabalha nela; a educação como prioridade no movimento; a valorização da mulher no MST.

Na busca de outras possibilidades metodológicas, professores do NRE da Área Metropolitana Sul³³ solicitaram aos educandos, do 3º ano do Ensino Médio, uma pesquisa, em grupo sobre: migração; reforma agrária e êxodo rural. Feito isso, os professores trabalharam com o filme “O pagador de promessas”, da obra de Dias Gomes que tem nítidos propósitos de evidenciar questões sócio-culturais da vida brasileira. Após foram realizadas outras atividades, tais como: um seminário, um júri simulado e a produção de um texto dissertativo. Essas atividades foram trabalhadas de forma interdisciplinar envolvendo as disciplinas de Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática e Arte.

Outra possibilidade, também desenvolvida pelos professores do NRE de Laranjeiras do Sul³⁴, num trabalho iniciado com uma explanação sobre a Colonização Brasileira, as divisões de terras e a história da colonização municipal e, após o embasamento histórico, foi promovido um seminário para oportunizar aos educandos momentos de reflexões. Em outra atividade, os educandos receberam os técnicos da região para um contato maior sobre a Colonização tanto do Brasil quanto do município, além disso, os professores utilizaram charges e o filme “Canudos” para um aprofundamento maior sobre a história da Colonização.

No NRE de Pitanga³⁵, os professores com o objetivo de identificar a origem dos educandos promoveram um levantamento na sala de aula, para saber quantos educandos vieram do campo. Para aprofundar a temática – vida no campo - foram trabalhados textos, como: a) “O Rancho da goiaba”, de João Bosco – Aldir Blanc; b) “Quem tem medo da Reforma Agrária?” - texto extraído de um ensaio feito por Antonio Calado, no qual analisa a evolução da questão da propriedade da terra no Brasil (aproximação interdisciplinar com a disciplina de História); c) “Reforma Agrária: questão de terra ou de gente?”, de Paulo Matinez; e, d) “Morte e vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto. Após as leituras,

33 NRE – Área Metropolitana Sul – Município – São José dos Pinhais. Col. Est. Chico Mendes. Professores: Adalgisa Aparecida Przybycien, Cristiane Mari Carvalho de Oliveira Ferreira, Francisco de Paula Moreira Neto, Joelma Ana Przybycien, Julia Salete Grebogi, Maria Schirlei Cordeiro da Rocha, Mireile Luciane Pinto, Patrícia Luzia Przybycien, Sonia Batista Gomide .

34 NRE – Laranjeiras do Sul – Município – Quedas do Iguaçu. CEEBJA. Professores: Adriana Ferdandes de Matto, Ana Paula Pelinson, Graciele Roberta Spezia, Iselda Canton, Márcia T. Veronese, Marta Jarenczuk, Nelsa de Andrade Moraes, Sirlei Martelli, Sueli Ribeiro.

35 NRE – Pitanga – Município – Pitanga. Esc. Est. Tiradentes. Professores: Adelia dos Santos Arruda, Cássio Jaqueline Cechele dos Santos, Lúcia Vивиúrka, Luciana D. Aguiar Kammer, Vilma Maria Hey.

uma campanha de esclarecimento sobre a questão agrária do país foi organizada e cada grupo escolheu a melhor forma para a concretização da campanha - cartaz, dramatização, textos entre outros.

Na região do NRE de Ponta Grossa³⁶, professores municipais, estaduais e a comunidade local uniram forças para realizar um trabalho com o objetivo de contribuir para o resgate da história do município de São João do Triunfo e de propor alternativa de metodologia de ensino-aprendizagem, voltada para a comunidade local.

A comunidade escolar do Colégio Estadual Francisco Neves Filho busca construir o resgate da memória viva, tentando chegar o mais próximo possível da história real de seus antepassados até os dias atuais, essa iniciativa ocorre devido à constatação de que, apesar de seus 118 anos de emancipação política, há poucos documentos escritos capazes de contar sua história.

“Túnel do Tempo” foi o título dado a essa experiência anual que se iniciou em 2002 e, que através de sua metodologia participativa, foi reconhecida pela sociedade local e regional como uma forma criativa de se trabalhar a transdisciplinaridade.

Considerando que as ações didático-pedagógicas no Colégio são articuladas, então, para a confecção do “Túnel do Tempo” foram desenvolvidas um conjunto de palestras sobre temas ligados à vida campesina com técnicos da EMATER, membros da ONG Terra de Direitos, representantes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, coordenador do Departamento Municipal de Agricultura, representante da ADARA (Associação de Desenvolvimento Regional de Agroecologia e Reforma Agrária) e militantes do MST. A experiência permitiu compreender que professores e educandos devem transcender o espaço escolar, participando de ações concretas junto aos movimentos camponeses.

No NRE da Área Metropolitana Sul³⁷, um grupo de professores realizou uma pesquisa diagnóstica para perceber o conhecimento prévio dos educandos sobre o trabalho, a cultura e os movimentos sociais. Na seqüência, propuseram algumas atividades tais como: construção de maquetes, elaboração de murais, teatro e debate. Tudo isto culminou com uma mostra de trabalhos entre as equipes.

A exemplo de outras experiências já descritas, o tema reforma agrária é retomado pelos professores do NRE de Londrina³⁸ que partindo do conhecimento, que os educandos possuíam sobre o tema e, através de questões problematizadoras, objetivaram refletir a respeito da realidade agrária do país. Para isso, os professores utilizaram diferentes tipologias textuais que de uma forma ou de outra, abordam questões relacionadas à luta pela terra, cujas: a) texto poético - “Reforma Agrária”, de Patativa do Assaré; b) texto informativo - “Porque o modelo da reforma agrária do país fracassa” e “A importância da

36 NRE – Ponta Grossa – Município – São João do Triunfo. Col. Est. Francisco Neves Filho. Professores: Jorge Ronaldo Dziadzio, Marco Aurélio Gaspar, Sivone Ernest Silva, Osni Cachuk.

37 NRE – Área Metropolitana Sul – Município Contenda. Professores: Ana Paula Montes Míquel, Ângela Gurski Faot, Cláudia Sirlei Leiva, Cleide Cristina Schebeski, Cristiane Baumel, Rozinei de Fátima Gonçalves Stanislovski.

38 NRE – Londrina – Município – Porecatu. Col. Est. Ricardo Lunardelli. Professores: Edneia Maria de Oliveira, Cristiane Gonçalves Teixeira, José Cláudio Gusmão Corrêa, Márcia Regina Pereira dos Santos, Micheline Tavares Paduan, Valéria Cristina de Almeida Barretos.

reforma agrária para o futuro do país”; c) entrevista - “Só a reforma Agrária acaba com pobreza”, de Carla Lisboa (texto retirado do Jornal Notícias do Planalto); d) “Cadê o povo”, de Mariano Ferreira; e) “Terras Ociosas: invasão ou ocupação”, de Fernando Portela e Bernardo Mançano Fernandes. Todos foram trabalhados envolvendo as diferentes áreas do conhecimento que trataram de questões como: a luta pela terra no Brasil ao longo do tempo; os limites na implementação da reforma agrária; a visão do MST; terras ociosas e a sua ocupação.

A reforma agrária, também, foi o tema abordado pelos professores do NRE de Cascavel³⁹ que tomando como ponto de partida a luta pela terra em diferentes épocas e espaços, nesse caso, a redistribuição de terras realizada em Roma. Além disso, algumas questões nortearam os trabalhos, a saber: a quem interessava as reformas? por que os interessavam? quem eram os prejudicados? por que essa reforma não aconteceu?

Para responder as essas e outras indagações, os professores solicitaram aos educandos que realizassem, em grupos, levantamentos, construísem mapas e textos. Desta feita, algumas relações, entre Roma e Brasil, começaram a tomar corpo nas discussões - há quanto tempo fala-se em reforma agrária? como está sendo feita? quem são os “Caio” e os “Tibérios” greco-brasileiros? o que têm em comum com Chico Mendes? essa forma de fazer a redistribuição de terras por parte do governo funciona? o que dizer dos casos de Xapuru e da Fazenda Syngenta? A conclusão a que se chega é: a terra sempre foi um meio de produção para a humanidade e como tudo o que produz riquezas é cobiçado, pelo homem a terra também é um desses bens.

Em outras turmas, os professores organizaram um levantamento de propriedades que abrange município, essa atividade permitiu identificar que 90% das propriedades estão classificadas como média e grande e a principal razão apontada para explicar essa realidade foi o esvaziamento do campo.

As metodologias utilizadas para a concretização dessa proposta foram: trabalhos em grupo e seminários.

De acordo com os professores envolvidos nesse estudo, o trabalho está apenas no início, pois eles já estão pensando na próxima etapa – mapeamento das áreas do município, a partir de 1970 até os dias atuais com o objetivo de verificar as mudanças ocorridas na questão da terra, pois, atualmente, todos aqueles que saíram do campo são “sem terra”.

3. Problematização

O eixo “Movimentando os sujeitos do campo: por novas relações de trabalho e organização social” discute temáticas como: a) a difícil condição de resistência da agricultura familiar/camponesa frente à sedução do agronegócio, do transgênico, da dependência das empresas integradoras; b) a realidade daqueles que não resistiram no campo e caminharam rumo às cidades gerando o êxodo; c)

39 NRE – Cascavel – Município - Guaraniaçu. Col. Est. Otávio Folda. Professores: Anderson Luis Folda, Elsi Mioranza Defaveri, Margarete Ceni de Mello, Zenaide Donizete Silveira Matté.

os que lutam, por meio de organizações, e coletivamente buscam saídas, re-concebendo o campo e a si como sujeitos de transformação; d) a presença do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), os que não têm e os que perderam a terra e que integram-se na luta pela re-distribuição e condições de viver e trabalhar no campo.

Aproximar estes componentes ao currículo escolar é impulsionar uma concepção de escola que passa fecundar-se da prática social. Os professores que ousaram socializá-las colocam-se, também, “em movimento”, no movimento de dialogar, registrar, elaborar, refletir, pedagogizar sua ação educativa. Aprenderam ao partilhar, tornar sua prática objeto de reflexão e estudo.

Essas ações, por pequenas que sejam, suscitam indagações sobre o sistema de ensino como um todo e levam a perguntar quais conteúdos, metodologias, concepções e visões se fazem presentes no dia-a-dia das escolas. Por que estes e não outros conteúdos? Qual a representatividade das lutas e causas sociais? Quais são os fatos históricos que permeiam as discussões? Que sujeitos estão neles representados?

É preciso ter consciência do que significa utilizar um ou outro conceito, fazer a opção por uma ou outra visão, perceber o que eles trazem de forma implícita como, por exemplo, quando é falado sobre a reciclagem ou a produção do lixo, também é necessário refletir porque se produz tanto lixo. Por que os produtos precisam vir com tantas embalagens? Isso é mesmo necessário? Por que as indústrias não utilizam menos embalagens? Quais são os interesses contemplados? Estas reflexões permitem aos educandos analisar os fatos, aprofundando-os do ponto de vista científico. Assim reafirma-se, também, a importância das áreas do conhecimento.

A escola comprometida com a emancipação humana investiga também as fontes de pesquisa, compara e identifica de quem estão a serviço, quem as financia e com quais interesses. Porque algumas pesquisas avançam e outras não são levadas adiante, como é o caso do consumo dos produtos transgênicos, que até o momento não se tem divulgado as reais conseqüências em caso do uso freqüente dos mesmos.

Em se tratando da educação, nos lembra Paulo Freire (1987), que não existe neutralidade. Quando se propõem a fazer uma educação neutra, também se faz uma opção, que inevitavelmente será da manutenção da sociedade.

As Diretrizes da Educação do Campo propõem “que o estudo tenha a investigação como ponto de partida” (Paraná, 2006: 27). Nas práticas aqui trabalhadas pelos professores percebeu-se um assumir deste desafio. Estes professores partem dos contextos em que estão implicados e passam a investigá-los. Ao pesquisar, possibilitam aos educandos também se tornarem parte da investigação, fazendo o processo de construção do seu aprendizado, a medida que pesquisam, dramatizam, comparam, medem, entrevistam, indagam, garantem o diálogo com a comunidade, com os múltiplos rostos e vozes que se fazem presentes, firmando posturas de uma escola comprometida e viva, que revisa concepções estáticas e conteudistas.

As ações metodológicas encaminhadas mostraram possibilidades de abrir a escola em seus tempos, espaços, sujeitos e representações, contemplando outras metodologias e outros temas. Revisando Freire (1987) encontramos: “Quanto mais investigo o pensar do povo com ele, tanto mais nos educamos juntos. Quanto mais nos educamos, tanto mais continuamos investigando. Na concepção problematizadora da educação, educação e investigação temática tornam-se uma coisa só, ou momento de um mesmo processo” (1987: 102).

Diante disso, podem-se fazer alguns questionamentos quanto à condução metodológica nos processos educativos, problematizando se há abertura aos diferentes olhares sobre o pesquisado, e se na relação dialógica as diferentes concepções se expressam e são tematizadas de forma que se possam construir novas sínteses, explicitando as contradições e desencadeando uma tomada de consciência frente às mesmas.

As próprias Diretrizes Nacionais e Estaduais da Educação do Campo instigam a abertura dos currículos às novas temáticas, metodologias, considerando as especificidades e subjetividades próprias de cada realidade que compõem a nação.

Pode-se perceber a intencionalidade dos professores ao abrir a escola à prática social, deixando a prática pedagógica ser nutrida de realidade. Identifica-se a atitude pedagógica inovadora destes professores em romper com os espaços e tempo da sala de aula e ir a campo, confrontando os conteúdos abstratos com a ação concreta. Possibilitou-se que os educandos trabalhassem medidas agrárias, gráficos, estatísticas, os quais foram sendo comparados, testados, comprovados, trazendo ao cotidiano escolar, novas temáticas e novas formas metodológicas de aprendizagem.

Todavia, vincular a prática pedagógica à prática social tanto pode levar a emancipação como também produzir conformações. Ao dizer que a prática é o ponto de partida não significa dizer que nela se permanece de forma estática. É preciso estabelecer redes de diálogo com as diversas concepções presentes (o que pensam os sujeitos da comunidade, o que pensam os educandos, o que dizem os professores das diferentes áreas do conhecimento) para, através da relação dialógica entre os mesmos, criar novas leituras, interpretar o pesquisado sob o ponto de vista das áreas do conhecimento, analisar criticamente. Há ainda outro passo a ser dado, na perspectiva da escola comprometida com sua comunidade, que é estar implicado com a transformação desta realidade investigada, procurando intervir no que é opressor, alienante e desumanizador.

Assim, quando a escola começa a trabalhar com aspectos da realidade do educando, comprometendo-se com ela, olhando para onde ele vive, para seu entorno, a escola contribui para o fortalecimento e emancipação destes sujeitos. Estes passam a entender e a lutar por seus direitos, muitas vezes possibilitando efetivação de políticas públicas, dando novas oportunidades de vida e conseqüentemente re-concebendo o papel da escola e o seu próprio papel de sujeito na sociedade.

Destaca-se como avanço na maioria das práticas presentes, o envolvimento das diferentes áreas de conhecimento, rompendo com as “caixinhas” e permitindo a compreensão e interpretação da própria temática. No entanto, há ainda vários projetos trabalhados de forma desarticulada e muito ligados a figura do professor. A iniciativa é importante, entretanto precisa inserir-se no contexto maior da escola. O diálogo com o outro, a troca, a reflexão, a sistematização do processo são essenciais para o avanço e envolvimento mais amplo. A superação da desassociação da ação concreta com o momento do trabalho na sala de aula é outro desafio a ser revisado.

Nisso, recupera-se a importância do tempo planejamento a ser feito coletivamente com os sujeitos envolvidos e, principalmente permitir que as diversas áreas do conhecimento passem a visualizar, em que seus conteúdos podem contribuir para ajudar a interpretar a realidade pesquisada, ou ainda, permitir que amplie o conhecimento sobre as questões presentes na mesma.

É preciso reconhecer que nem sempre se percebe que há uma notória intencionalidade pedagógica expressa nos planejamentos das escolas; ou seja, há evidência de quais conceitos precisam ser trabalhados e quais fundam os planejamentos necessários às ações pedagógicas? Os mesmos estão expressos em um programa básico presente no PPP da escola? Estão assegurados, na ação pedagógica, garantindo uma continuidade, um aprofundamento, abrindo-se para as novas dimensões que os processos vão desencadeando? Há uma abertura que possibilita identificar novas demandas, inquietações, dúvidas, próprias da natureza educativa?

Sabe-se que o tempo de organização e planejamento coletivo, não é algo presente no cotidiano das escolas, é preciso negociar, construir este espaço, reconstruir o tempo e a hora atividade, de forma que haja possibilidade dos professores se reunirem para dialogarem, refletirem, planejarem coletivamente a ação pedagógica. Este espaço/tempo está assegurado ou vem sendo forjado em sua escola? Neste sentido, entra em debate o modelo de gestão de escola, e como se concebe a mesma, ou ainda como se dá o passo na construção de novas relações que possibilitem construir os espaços necessários e os acordos possíveis, seja ele com os gestores, famílias, comunidade e outros sujeitos coletivos.

Está presente neste capítulo que trata dos Movimentos Sociais na interface com o debate que perpassa todos os componentes (ideológicos, políticos, culturais...) que se vinculam quando temas como estes vêm à tona e são problematizados, possibilitando o debate, desvendando, desocultando realidades e contradições, como uma postura libertadora. Saber conduzir o processo de forma que, mais do que passar/transmitir uma concepção ou outra se possam fornecer os argumentos necessários para que cada um, em seu tempo, no seu nível, construa sua concepção, como um caminho emancipador.

Com relação a essa questão, cabe conduzir o processo de forma que cada um perceba o que funda sua concepção, como e com que referenciais formulam sua leitura de mundo, considerando quais os componentes que a embasam; como se constituem, a quem defendem e que artefatos ideológicos levam a construir este ou aquele pensamento, esta ou aquela concepção. Aproximar um significativo número de literaturas, autores, dados, depoimentos, foi o caminho encontrado por esses professores e que se expressarem na maioria das experiências que trabalharam esta temática.

“Enxadas paradas e inchadas paradas” foi um recurso que contribuiu para a leitura de uma realidade tão presente no contexto do campo. Terras abandonadas, enxadas paradas, cidades inchadas. Problematizar o porquê do abandono da terra, quais as causas, olhar do ponto de vista histórico, geográfico, sociológico e filosófico a questão fundiária, compreendendo-a, dentro deste universo teórico, são questões pertinentes e que precisam integrar os currículos das escolas de um país que tem sua história fundiária tão profundamente marcada por um modelo excludente das pessoas e concentrador da terra.

Outra temática presente é a que veio problematizando o êxodo, trabalhado através da encenação, da interpretação de músicas, e do paralelo com dados da realidade, usando gráficos, estatísticas, análises que permitem identificar os principais fatores determinantes do êxodo e os interesses dominantes que contribuem para a influência dos mesmos. O trabalho apontou componentes que oportunizam aos jovens compararem a dura vida na cidade de quem não tem os recursos garantidos para sua sobrevivência, e a ilusão de uma vida urbana com muitas facilidades, produzida ideologicamente no imaginário do povo.

Nisto, poder-se-ia, ainda, perceber que é fundamental a escola, junto com outros atores sociais, desvendar o porquê da ausência de políticas públicas no campo, dentre elas, a falta da continuidade da educação em níveis mais avançados, a ausência de alternativas de lazer e cultura e a falta de políticas agrícolas que dêem condições de viabilidade às pequenas propriedades, levando o jovem a não acreditar que é viável pensar o campo como um lugar de viver com dignidade.

Neste sentido, Arroyo (2004) observa o quanto à escola tem que dar uma atenção especial as matrizes culturais as quais podem interferir no imaginário social desses sujeitos. Percebem-se como alguns componentes da cultura do campo são expressivos e poderão fortalecer a ação educativa. As músicas, por exemplo, que foram trabalhadas como recurso didático, têm fortes raízes culturais e estão sempre presentes nos momentos de alegria e de participação intensa dos educandos. “Fui no Tororó...”. Os dois séculos de industrialização não foram suficientes para acabar com essa cultura, lembra Arroyo (2004). Recuperar identidades do campo, dos bairros, das comunidades, do entorno, dos espaços de onde crescemos, vivemos e nos constituímos, é permitir que cada um estabeleça significados e identidade, é possibilitar a humanização tão negada em nossa sociedade.

A arte produtora da crítica, trabalhada nos relatos de várias formas, dentre elas com filmes, foi uma das possibilidades de despertar a sensibilidade e reconhecer outros sentidos e significados presentes nas diversas manifestações culturais. Também instigam a pergunta: existem aberturas para as novas linguagens e as possibilidades que as tecnologias estão oportunizando as escolas?

Quando é trabalhada a cultura na sua essência, outras especificidades vão sendo trazidas para o contexto da escola, outros sentidos, significados são implicados, para além daquilo que já é conhecido, padronizado, legitimado. É preciso pesquisar as diferentes culturas e formas de viver presentes no país e no mundo, (no campo e nas cidades).

Por outro lado, também precisa ser questionado se o campo é esse lugar romântico de vida farta, muitas vezes trazido em alguns estereótipos, o que é muito diferente de ser realmente um espaço de vida digna. Ainda, o que precisa mudar e fazer para que ele seja este espaço, onde as pessoas gostem de viver, de trabalhar, de cuidar-se de si, da natureza, do outro, da vida.

Compreender que o campo tem a grandiosa tarefa de produzir o alimento, alimento que é vida, numa relação de complementariedade com a cidade, com os que consomem este alimento é um passo importante a ser dado. Olhar o campo, as formas de nele viver e trabalhar, saber que tudo é também uma construção cultural que a humanidade foi elaborando e, que sempre é possível re-significar, encontrar alternativas, fortalecer-se de forma identitária, tendo no horizonte um projeto político cultural legítimo da classe trabalhadora, é uma utopia realizável.

Desta forma visualiza-se uma aproximação ao que é anunciado por Souza (2006: 101), nas Diretrizes da Educação do Campo: “florescem as experiências e trocas de saberes, que ocorrem fora dos espaços e tempos escolares, mas que guardam a intencionalidade do desenvolvimento de processos educativos necessários a formação humana”.

Para que se possa avançar na análise crítica, é preciso fixar-se numa compreensão de totalidade. Quando falamos de relações de trabalho, por exemplo, é necessário que estejamos atentos a uma série de questionamentos as quais poderiam começar por perceber o quanto esta questão é pouco tematizada em nosso meio, quase ausente nos currículos das escolas (onde o público majoritário são os filhos da classe trabalhadora).

Considerando o campo, não se pode deixar de analisar o que significa a integração às grandes agroindústrias por parte dos agricultores, por exemplo, como são as condições de trabalho? Quantas horas trabalha um agricultor, num aviário? Quais os direitos assegurados? Eles têm autonomia no que fazem ou cumprem todas as regras estabelecidas pelas integradoras? Quanto ganham e com quem fica a maior parte do lucro?

O que é o trabalhador, que gesto de mão o define
a trabalhar a noite e a dor, as agonia
na curva do horizonte,
como se esculpisse nelas
e em sua própria sombra
uma ordem do sol para aclarar o dia?

Moacyr Félix

Para concluir e reafirmar uma nova postura frente a ação pedagógica que requer pesquisa, observação, experimentação, sistematização e estudos, implica em um comprometimento reflexivo, dialógico, portanto, com outro(s). Ao entender que as práticas, ao serem difundidas poderão gerar outras referências num processo dinâmico, permitindo o surgimento de novas práticas, assume-se uma postura dialética capaz de gerar um movimento criador e re-criador, o que implica aproximar a relação teoria-prática, própria do movimento dialético.

Da mesma forma, ao comungar desta postura que rompe com o estático e coloca em movimento saberes, conhecimento, métodos, tempos e espaços, sujeitos e diálogos, somos também responsáveis pelo seu criador. Por isso, mais do que descrevê-las, publicitando-as, é preciso problematizá-las, interrogá-las, na perspectiva da práxis. A intencionalidade de desencadear esta ação é contagiar outros professores, leitores, para que se animem, também, a refletir coletivamente os processos pedagógicos, aprofundá-los, pondo-se “em movimento”, dialogando, comunicando, instaurando o desejo do ato libertador de partilhar seu pensar-fazer pedagógico.



TRILHANDO OS CAMINHOS DA SUSTENTABILIDADE COM NOVAS PRÁTICAS NA AGRICULTURA FAMILIAR/CAMPONESA: RESPONSABILIDADE DO CAMPO E DA CIDADE

“Se plantarmos para um ano, devemos plantar cereais,
Se plantarmos para uma década,
devemos plantar árvores,
Se plantarmos para toda a vida,
devemos instruir e educar o ser humano.”
(Kwanlsu, séc. III a.C.)

1. Fundamentação

A partir da leitura das experiências que compõem os quatro sub-temas cujos: “Biodiversidade, Agricultura Orgânica e Agroecológica”, “Agricultura familiar/camponesa”, “Desenvolvimento Sustentável”, e “Meio Ambiente”, organizou-se este texto. Ele é uma tentativa de recuperar elementos que se desenvolvem nos trabalhos é reflexões trazidas pelos professores que identifiquem cada um dos sub-temas de trabalhos que compõe este capítulo.

A priori registra-se os trabalhos que tratam da biodiversidade encontrada no campo, experiências que confirmam a potencialidade da produção nas pequenas propriedades, quando a biodiversidade é comprometida e é articulada com práticas de produção orgânica e agroecológica, colocando-se na perspectiva da conquista da autonomia em relação ao agronegócio. Faz parte desta postura, manter viva a produção de sementes crioulas em relação aos transgênicos, assuntos que trazem aspectos como diversidade biológica; sementes crioulas; agricultura e produção orgânica; reserva florestal e agroecologia.

Na região do NRE de União de Vitória, no município de Cruz Machado o Col. Est. Helena Colody, aproveitou o contexto da sua região para trabalhar a biodiversidade, a mata ciliar e a agricultura orgânica entre outros, que foram ponto de partida para o trabalho, assim como em Mallet, no NRE de Irati e em São João do Triunfo, pertencente ao NRE de Ponta Grossa que têm uma realidade próxima da educação do campo.

O tema da “Agricultura familiar/camponesa” retrata um pouco da angústia, dos sonhos, das dificuldades e das possibilidades do pequeno agricultor frente à agricultura familiar/camponesa, tanto daquele que reproduz o discurso empreendido pelo agronegócio, quanto daquele que prima pelas práticas de uma agricultura “saudável”. Dentre os assuntos apontados nos relatos das experiências, citamos alguns: lavoura orgânica; sustentabilidade da agricultura familiar/camponesa; alternância de culturas; fatores climáticos; reflorestamento e criação de animais.

Destacam-se os relatos como do colégio Estadual Cultural Universal, da cidade de Farol, do NRE de Campo Mourão, onde noventa por cento dos educandos são oriundos do campo e, por isso procuram trabalhar os conteúdos das disciplinas, problematizando as necessidades da realidade do povo do campo. Em Santa Helena, no NRE de Toledo, o projeto “Terra Limpa” envolve todas as disciplinas, desenvolvendo uma série de atividades que extrapolam o limite do colégio alcançando a comunidade. O Ensino Médio do Colégio Agrícola de Palmeira, NRE de Ponta Grossa, enfatiza a importância de conhecer a realidade dos educandos, mesmo que para isso se faça necessário visitar a moradia deles.

O Subtema “Desenvolvimento Sustentável”, apresenta experiências realizadas por professores que partiram da realidade sócio-econômica e cultural de seus educandos, municípios e regiões. Assim, trouxeram para a sala de aula assuntos como: desenvolvimento rural sustentável; culturas agrícolas; reciclagem; saúde e nutrição; alimentos orgânicos; desmatamento, e preservação e recuperação do solo.

Este subtema foi desenvolvido na disciplina de Geografia, da 6ª série do Colégio Estadual Dr. Arthur Miranda Ramos, do NRE e município de Paranaguá, que problematizou dentro da educação do campo as conseqüências do agronegócio, além dos problemas urbanos, o latifúndio e a qualidade de vida no campo. Também, o Colégio Pinheiral de Baixo, de Palmeira, no NRE de Ponta Grossa, realizou um simpósio, um seminário e feira cultural envolvendo todas as disciplinas e séries com o tema trazendo também o debate da cultura afro-brasileira.

Em se tratando do “Meio ambiente”, ele é o próximo tema, entendido como um dos assuntos que não pode deixar de ser problematizado em sala de aula ou em qualquer outro local, no caso em questão, ressalta-se a atenção que o sujeito do campo lhe confere, uma vez que é nele e dele que sobrevive. Dentre os assuntos citados estão: expansão do agronegócio; embalagens de agrotóxicos; conservação dos rios/mananciais e formas alternativas de energia.

Foi desenvolvido nas disciplinas de Sociologia, Filosofia, História e Biologia do Colégio Guajuvira de município de Araucária da Área Metropolitana Sul, trabalhando de forma transdisciplinar a temática da reciclagem no campo, mostrando assim a possibilidade de estudar em diversas disciplinas um mesmo tema, mesmo que sejam áreas de conhecimento distantes. Na cidade de Quitandinha, também na Área Metropolitana Sul, os professores da escola Dr. Castro Munhoz da Rocha, problematizaram o desmatamento que a região sofre pela prática de retirar a lenha para os fornos de secagem de fumo. Em Marmeleiro, no NRE de Francisco Beltrão, a 7ª série da Casa Familiar Rural trabalhou o meio ambiente, como assunto gerador para todas as disciplinas.

Considerando cada um desses sub-temas e suas especificidades, entendemos que todos se centram na questão da sustentabilidade. Assim, esse é o elemento central que norteia a fundamentação do eixo em destaque, na relação campo cidade.

Para compreender melhor este conceito, buscamos as palavras de Francisco Roberto Caporal e José Antônio Costabeber (2000: 23), entendendo que a “sustentabilidade não é algo estático ou fechado em si mesmo, mas faz parte de um processo de busca permanente de estratégias de desenvolvimento que qualifiquem a ação e a interação humana nos ecossistemas”.

Em outras palavras, a sustentabilidade é dinâmica, uma vez que articula conhecimento local, cultural, relação homem-natureza e, além disso, incorpora aspectos da modernidade que possam complementar essa relação que se dá de forma explícita na agricultura, que nem sempre respeita os conhecimentos acumulados:

... construídos mediante uma lógica indutiva – que vai sendo estabelecida na História dos grupos sociais na medida em que vê fazer, se escuta para poder dizer, explicar e devolver esse conhecimento. Sendo, pois, a agricultura uma atividade humana ela é uma construção social que além de ser ambientalmente determinada, está subordinada a determinados condicionantes socioculturais, entre os quais se destaca o conhecimento e o saber local (CAPORAL; COSTABEBER, 2000: 23).

Por outro lado, há um condicionante que tenta oprimir esse conhecimento com práticas homogeneizadoras que se dão pela imposição de novas relações econômicas, sociais, políticas e ideológicas que imprimem no sujeito do campo uma falsa identidade. Além disto, causam problemas econômicos, sociais e ecológicos, consequência da prática da monocultura, do acúmulo de grandes extensões de terra nas mãos de poucos, de práticas nocivas a terra, entre outras, resultante do modelo convencional de desenvolvimento rural.

Neste contexto, é totalmente razoável refletir sobre os modelos de desenvolvimento rurais que sejam sustentáveis, economicamente viáveis e socialmente aceitáveis. É necessário reafirmar, entretanto, que para o estabelecimento de agroecossistemas sustentáveis, não é possível separar os componentes do problema agrário, o socioeconômico e o ecológico, que evidenciam complicações sociais e políticas e nem sempre técnicas... (FERNÁNDEZ; GARCIA, 2001: 17).

Neste processo, apresentam-se dois elementos centrais: a agricultura familiar/camponesa e a agroecologia. A primeira, “é ao mesmo tempo, unidade de produção, de consumo e de reprodução e que, portanto, funciona mediante uma lógica de produção combinada de valores de uso e de mercadorias, objetivando sua reprodução” (CAPORAL; COSTABEBER, 2000: 22-23). Já a segunda, agroecologia, propõe a realização do manejo ecológico dos recursos naturais que é pensado a partir da articulação do saber local com o conhecimento científico, preservando a biodiversidade ecológica e sociocultural, através de sistemas de agricultura alternativa.

Tudo isso são tentativas de garantir o desenvolvimento sustentável que, segundo Caporal e Costabeber (2000: 17), possui um conceito ambíguo “e que (...) precisa ser relacionado não apenas com a sustentabilidade econômica, mas também, e, principalmente, com a sustentabilidade sócio-ambiental e cultural de sociedades concretas, permitindo assim a busca e a construção social de contextos de sustentabilidade crescente no curto, médio e longo prazo...”.

Sustentabilidade esta, que irá garantir a preservação do meio ambiente e da biodiversidade ecológica e sociocultural, mas que acontecerá a partir do momento em que o ser humano perceber que a sua relação com a natureza não é mais aquela de domínio, de controle, de exploração, mas sim de coexistência.

Tratar destas questões na escola, de forma direta como aqui se apresenta, pode nos soar estranho, mas é importante destacar que desde 1998, temos no Brasil uma luta em curso que quer inserir o espaço do campo com suas potencialidades e desafios no currículo escolar.

Falar desta perspectiva da sustentabilidade implica em compreender estes jovens e adolescentes que frequentam a escola, dando-lhes a oportunidade de expressarem-se na sua cultura com raízes no campo, “cabeça” na cidade e sonhos “viajando” nestes contextos que vão desde a “falsa identidade” citada acima, até as duras realidades de pobreza e exclusão, vividas no campo paranaense.

Não faz parte da tradição da escola pensar o campo. Podemos observar na literatura,¹ como nos diz Célia Regina Vendramini (2000: 181): “Sabemos que a escola não nasceu para o meio rural, senão nas cidades e por uma necessidade das cidades. Desde suas origens, a escola se configurou como um elemento estranho e, inclusive, agressivo ao mundo rural”. A escola do campo busca partir das condições reais de seu contexto, construindo propostas que considerem o espaço onde vivem os educandos e professores que fazem parte desta escola, para deixar de ser “estranha” e ser mais uma das dimensões de um projeto de desenvolvimento que é da comunidade.

É desta forma que a proposta da educação do campo busca considerar as condições de existência dos sujeitos, a partir de sua especificidade; especificidade esta, que vem de sua condição de exclusão gerada pelo modelo de desenvolvimento. Como nos mostra José de Souza Martins (2004):

O conjunto de ações executadas, com base na racionalização econômica neoliberal, gera, em toda sua extensão, sérias conseqüências sociais materializadas nos altos índices de exclusão social. (...) O que se pretende (...) é ampliar o sentido da exclusão em educação para categorias culturais e econômicas, como: os privados financeiramente do acesso à escola, os povos indígenas e, especificamente, os habitantes da zona rural, que por privação de direitos sociais cada vez mais agudas, têm o seu direito à educação negada. (...) Em uma palavra: incluir as minorias privadas de direitos pressupõe a compreensão de suas especificidades como componentes de uma totalidade na qual eles estejam inseridos. Remeter-se às especificidades das minorias excluídas e das camadas populacionais situadas à margem do processo educacional não é somente destacar suas carências, também salientar seus elementos culturais singulares, que se constituem, além de ponto de partida para uma ação pedagógica, uma “riqueza cultural” (MARTINS, 2004: 66).

Qual é esta especificidade? Este contexto? Ou quais são as condições de existência da maioria da população que vive no campo? As DCEs da Educação do Campo ressaltam alguns aspectos das regiões camponesas do estado:

1 Gritti, Fonseca, Duarte, Leite...

... em alguns municípios, o agronegócio e a plantação em larga escala são visíveis; em outros, as pequenas parcelas de terra cultivadas pela família, com auxílio de trabalho assalariado quando necessário; em outros, ainda o conflito de terras é notório e denunciado pelo confronto entre trabalhadores sem-terra e latifundiários. Nas terras indígenas, quilombolas e faxinais existem uma forma específica de organização social da vida e da produção, que pode ser mais explorada nas escolas. É dessa organização social que emergem características do desenvolvimento sustentável, da produção que evita a agressão ao meio ambiente e ao ser humano (PARANÁ, 2006: 36).

Um dos aspectos a ser considerado nesta especificidade do campo, no recorte da escola, são seus sujeitos, ou seja, a juventude e a adolescência com que os professores lidam todos os dias do ano letivo. O que dizem os jovens que estão no campo? Qual a visão quem tem de si próprios, da vida, do futuro, do trabalho? Conhecemos alguns de seus depoimentos e também algumas formas de como se relacionam com o campo e a cidade. Este conhecimento nos permite afirmar que são poucos os que têm oportunidade de refletir sobre seu trabalho no campo e as relações que se estabelecem ao seu redor, por conta deste contexto. Destacamos aqui alguns depoimentos de jovens que, hoje, vivem e trabalham no campo, estudam em escolas do campo e da cidade e que estão tendo oportunidade de refletir sobre esta condição.

...diante da sociedade, especialmente da cidade, nos sentimos discriminados, mesmo na universidade pública, onde alguns de nós estudamos, estas contradições aparecem. Este é um desafio permanente, porque a capacidade de perceber o mundo precisa sempre ser recriada. (...) Temos que pensar no que fazemos, porque tenho 21 anos e, no momento, penso em ficar na lavoura e trabalhar na agroindústria. Gosto de trabalhar na roça, temos diversão aqui e conheço a diferença daqui e da cidade. Aqui temos segurança nas diversões e a família participa junto. (...) Temos uma identidade, um jeito de ser. Na cidade é diferente, não conhecemos ninguém e o jeito de pensar é diferente (DUARTE; GRIGOLO, 2006: 107-108).

Para que o jovem visualize a possibilidade de viver no campo, ter trabalho e renda supõe uma relação forte da organização local, de políticas públicas de desenvolvimento que dêem conta de construir estas relações, pois implicam em vários elementos, dentre eles o acesso à terra, a recursos diversificados para a produção, a espaços organizados para a comercialização do alimento produzido, garantindo a remuneração da mão-de-obra das famílias, ou seja, renda e, também, de certo nível de organização do espaço comunitário, que garanta um mínimo de diversão e lazer. Desta forma é possível apontar horizontes sustentáveis nesta relação campo e cidade desde o trabalho do campo, principalmente para a juventude que vive a fase de definição de seus projetos de vida.

É possível perceber também que, para os jovens que vivem em experiências viáveis de produção e organização, esta relação campo e cidade se colocam como horizonte possível, como podemos ver no relato abaixo:

As propagandas levam a imaginar sempre uma vida melhor na cidade. Mas a maioria recebe o salário e não tem para pagar as contas e ainda tem que gastar com a imagem (moda) para ser reconhecido. No interior pensamos menos nisto, investimos mais em outras coisas. A pressão sobre o jovem no interior quanto à imagem e à moda também existe, mas é menor. É preciso ter um olhar diferente sobre a cidade na relação com o campo para melhor compreender a realidade. Não é só porque é da cidade que é ruim e não é porque é do campo que é bom. Precisamos de um olhar que mostre as contradições, tanto da

cidade quanto do campo. No campo é difícil ter um projeto claro, assumido, decidido. Parece que ao sair do campo superam-se os problemas, como se na cidade não houvesse a mesma sociedade excludente, capitalista. Cidade e campo precisam repensar-se, porque hoje são controlados pelas empresas que definem o padrão de vida e de pensamento (DUARTE; GRIGOLO, 2006: 109).

O processo educativo enquanto humanização é encarregado de formar as futuras gerações. Estas declarações dos jovens levam-nos a pensar que a forma como temos abordado o campo nas escolas, onde estão os jovens vindos destas realidades, não está dando conta de sua tarefa de humanizar, ou seja, de proporcionar-lhes a oportunidade de refletir sobre a sua condição, sobre o espaço maior que o circunda, por exemplo, sua relação com a cidade, as relações de trabalho, de profissão, de continuidade da vida, enquanto projeto humano.

Eu quero cursar agronomia e viver na roça. (...) A agronomia identifica-se com o mundo que quero viver. Tenho conversado com as pessoas que estão na faculdade e, mesmo lá, os que querem defender a Agroecologia, são entendidos como estranhos e a maioria está voltada para as empresas. Na escola um professor me disse que se eu estudar agronomia 'vou me dar bem na vida' trabalhando para uma empresa... Mas quem disse que quero trabalhar numa empresa? Porém, que conhecimentos são necessários ao campo? Gosto de lidar com plantas e animais, por isso me identifico com a agronomia, mas este conhecimento não é o único necessário para viver bem no campo. Precisamos de um conhecimento amplo, de todas as áreas, não de conhecimento dosado, limitado a cumprir técnicas. Isto leva a pensar sobre quem controla os currículos que nos ensinam? (DUARTE; GRIGOLO, 2006: 108).

Trazemos estas questões, pois entendemos que os trabalhos que serão aqui apresentados, são os primeiros passos para se assumir as questões específicas destes sujeitos que estão em nossas escolas e, partindo delas, de sua visão de mundo com os limites e as potencialidades, compreendendo então as relações maiores desde as aulas e da função específica da escola. Arroyo (2005), ao falar de escola, currículo, Projeto Político Pedagógico, nos desafia, enquanto professores, quando diz:

...o direito à educação mexe com processos de humanização, que não acontecem só na escola, dificilmente uma escola é humana quando tudo em torno dela é desumano (...) Temos que superar essa visão liberal, conservadora, de que a educação faz milagres contra formas indignas de ser gente, não faz! Esse discurso fácil sobre a educação: "o futuro do país está na educação" é um equívoco. (...) A educação não é a sobremesa, mas também não é o motor que move a História. Ela está entrelaçada com os processos mais determinantes da produção da existência digna ou indigna, humana ou desumana. Isto é muito importante para a educação do campo (...) desde que tenham lucidez para TRADUZIR tudo isso em coisas bem concretas: como organizar a escola, com que didáticas, que conteúdos privilegiar e, assim por diante (ARROYO, 2005: 5-6).

Eis mais um desafio a nós professores, como organizar esta escola, nas palavras do professor Arroyo, como traduzir esta proposta em uma nova forma de trabalhar tendo em vista os tempos, espaços, conteúdos, alternativas metodológicas da escola? Poderíamos dizer que estas soluções, só serão encontradas quando a escola, seus professores, a comunidade estiverem articulados e apoiados pelas políticas públicas, criarem estas iniciativas, estas formas, estas relações.

É o que temos nos relatos à frente. O trabalho de alguns professores, suas escolas, educandos e comunidades que se desafiaram e começaram a fazer algo diferente!

2. Relato organizado a partir do inventário de experiências

2.1. Biodiversidade, agricultura orgânica e agroecológica

Em um dos municípios do NRE de União da Vitória², um grupo de professores percebendo a grande diversidade de espécies encontradas na região, optou por desenvolver uma experiência baseada no tema biodiversidade envolvendo os educandos da 8ª série (30 adolescentes); todos provenientes de famílias que trabalham em pequenas propriedades rurais no interior do município. Estas famílias estão inseridas em uma realidade sócio-econômica preocupante, tanto na esfera social, como ambiental.

Perante o histórico, observa-se que a criação de gado e a produção agrícola anual, nestas propriedades, não são expressivas e, conseqüentemente, a venda dos produtos (feijão, milho, arroz, fumo) e a prática do extrativismo vegetal (carvão e madeira) não garantem um bom desempenho financeiro, obrigando-as a buscarem alternativas econômicas em atividades que agridem o ambiente, colocando em risco o equilíbrio ecológico, a perspectiva de um desenvolvimento sustentável e a sua integridade física e psicológica.

Portanto a realização do trabalho envolveu propostas pensadas de acordo com a realidade escolar e, neste espaço, ainda não disponibiliza o uso da sala de informática; tem-se uma biblioteca com acervos bibliográficos restrito, entre outros fatores; estes não foram impeditivos para inviabilizar o desenvolvimento da experiência, entretanto foram entendidos como fonte motivadora, pois driblam os obstáculos encontrados em uma comunidade que é carente de tecnologia, mas rica em cooperação e dinamismo.

Dentre as várias atividades desenvolvidas, destacam-se: leitura do livro: Saber e Atuar; leitura do texto: Diversidade Biológica; discussão do texto; análise da realidade local; registro coletivo sobre o conceito de biodiversidade; coleta de dados em casa, junto aos familiares; amostra de sementes nativas; amostra de remédios caseiros utilizados pelos familiares; exposição das sementes e remédio caseiros; definição de mapa conceitual; confecção de cartaz sobre o mapa conceitual de biodiversidade; avaliação conjunta do processo; leitura da cartilha: “Propriedade rural legal”; discussão do texto; pesquisa sobre leis e órgãos ambientais e elaboração de textos como forma de registro do conhecimento acumulado.

Posteriori as dinâmicas, apresentamos agora um pouco dos resultados alcançados em algumas das atividades, como a leitura e apresentação do livro “Saber e Atuar”, que auxiliou a compreender o quanto é importante incluir no planejamento escolar a discussão acerca da real condição da biodiversidade local, enquanto a leitura do texto “Diversidade Biológica”, fez com que os educandos passassem a olhar ao redor e se referirem à biodiversidade que os cerca, demonstrando seus conhecimentos sobre a vegetação local, lembrando da Mata da Araucária e de algumas espécies presentes em suas propriedades, como: o pinheiro-do-paraná, a imbuia, a canela, o cedro, entre outros. O texto também permitiu o levantamento de algumas indagações e suas respectivas respostas, como por exemplo: “O que está acontecendo com as espécies nativas? E a partir do questionamento, registramos que as mesmas estão sendo derrubadas cada vez em maior quantidade para serem usadas como lenha na produção de carvão vegetal, no reflorestamento e, para formar novas lavouras.” Além disso, tratou-se do uso indiscriminado de agrotóxicos e de outros danos provocados dentro e na vizinhança das propriedades familiares.

2 NRE - União da Vitória – Município - Cruz Machado. Col. Est. Helena Kolody. Professores: Adelina Maria Giachini; Lourdes Gural; Nelson Chuede; Sandra Milczuk.

Com estas duas leituras foi possível estabelecer um diálogo que envolveu o termo biodiversidade e os aspectos a ele relacionados, tais como: a manutenção das florestas, dos solos, da vida animal e vegetal, das espécies introduzidas na região, dos recursos hídricos. E, no decorrer do diálogo, a fim de sistematizar a discussão, todos os tópicos citados foram descritos no quadro e anotados pelos educandos. Dessa forma, o primeiro contato e o primeiro conceito de biodiversidade foram alcançados.

Em relação as atividades extraclasse, registramos que nas casas, junto aos seus familiares, a metodologia utilizada foi a entrevista que abordou temas como: as espécies de sementes crioulas que a família produz e mantém, as espécies de remédios caseiros cultivados ou dispostos na Mata da Araucária, entre outros.

Na seqüência, algumas amostras de sementes e remédios foram coletadas pelos educandos e levadas para a sala de aula com o intuito de compreender a biodiversidade não somente na floresta nativa, mas, também, em suas propriedades. A atividade foi avaliada como positiva, pois inseridos em uma realidade muitas vezes desvalorizada pelo mundo urbanizado, estes educandos fizeram múltiplos comentários referentes à cultura e sua diversidade, descrevendo os nomes locais das espécies de sementes, e, para que pudessem usar os remédios naturais trazidos.

O próximo passo foi construir junto com os educandos o conceito de “mapa conceitual”. Desta feita, eles ficaram encarregados da elaboração do mapa conceitual sobre a biodiversidade, para tanto, a turma foi dividida em grupos, e cada qual recebeu um texto referente ao tema (a falta de material literário e o não acesso à *internet* delimitaram o uso de, apenas, um texto adequado à proposta de trabalho).

Sendo assim, cada grupo realizou a leitura do texto e com a utilização de uma cartolina foram encarregados de confeccionar um mapa conceitual criativo que, posteriormente foi exposto no mural do saguão da escola. Posteriormente, os educandos fizeram uma breve avaliação oral do desenvolvimento da experiência até o momento, afirmando o quanto é importante preservar o meio ambiente e a biodiversidade.

A cartilha “Propriedade rural legal”, de Luiz Anselmo Merlin Tourinho, auxiliou nas discussões em torno de questões, como a função social da propriedade rural; as Áreas de Preservação Permanente (APPs); as Áreas de Reserva Legal; os sistemas agroflorestais; a conservação dos recursos naturais; a importância do plantio de árvores. O último texto referenciado trata diretamente da realidade vivenciada pelos educandos, ou seja, a propriedade rural, seus problemas, suas limitações e suas preocupações e, em tornar ambientalmente saudável e sustentável a propriedade rural em que vivemos?

De posse do mapa e do desenho da planta de cada propriedade, disponibilizado aos educandos, eles compreenderam e puderam visualizar a área de preservação da biodiversidade da Mata de Araucária, as reservas de água e o local da moradia na propriedade. Essa atividade permitiu que os educandos pudessem perceber se havia, ou não, áreas de reserva legal e mata ciliar em suas propriedades e nas de seus vizinhos.

Dentre os conceitos trabalhados, neste momento, um mereceu atenção - “mata ciliar”. Mereceu destaque, pois os educandos não o conheciam, mas quando tomaram ciência de sua importância, algumas preocupações foram levantadas referentes aos rios locais e as conseqüências futuras (assoreamento, poluição, extinção da vida no rio, entre outras).

As variedades de vegetais encontradas, coletadas nas reservas de cada propriedade e trazidas para a escola, foram utilizadas na organização de um livro que trazia a folha (colada) das espécies conhecidas e o nome popular de cada uma.

No transcorrer da atividade, a transdisciplinaridade se deu com as disciplinas de História, Geografia e Matemática. Em História se estabeleceram relações sobre o uso da terra feito pelos nossos antepassados, bem como um histórico das lutas pela posse da terra. Também, realizou um resgate histórico e cultural sobre a prática de partilhar e conservar sementes, as formas de trabalho em puxirões, entre outros. Na disciplina de Geografia - realizou uma discussão a respeito de aspectos do relevo, do solo, da agricultura orgânica no Brasil e, em Matemática trabalhou-se com a porcentagem da presença da mata nativa no Paraná.

Esta experiência não foi finalizada com o término do bimestre já que o interesse demonstrado pelos educandos e as inúmeras questões levantadas, principalmente, no que diz respeito à biodiversidade local, apontam para a necessidade constante de retomada do assunto.

A experiência foi bem aceita pelos educandos, uma vez que trabalhou temas ligados à realidade. Ao se questionarem muitas das práticas, frequentemente, realizadas em suas propriedades, as discussões demonstraram que há formas de se preservar o meio ambiente sem perder a produtividade e que, o conceito de produtividade e lucro, é relativo. Assim, reflete-se sobre: qual “lucro” se quer? Só o resultado financeiro ou também o bem-estar e a saúde, a continuidade da vida?

Ainda, no mesmo NRE de União da Vitória³ e no mesmo colégio, outro grupo de professores aproveitando que se iniciava um novo conteúdo para a 6ª Série - reprodução dos vegetais – decidiram dar enfoque às sementes. Iniciou-se o trabalho com a intenção de mostrar a importância de valorizar as sementes crioulas.

Pensando nisso, foi solicitado aos educandos que realizassem um levantamento que levasse em conta as sementes utilizadas por suas famílias, como eram adquiridas, qual o custo, entre outras questões. Feito isso, eles trouxeram algumas variedades para a escola o que ocasionou muita discussão em torno de quais sementes seriam viáveis para os pequenos agricultores, principalmente, no relevo acidentado do referido município.

Na seqüência, foi lida a reportagem da Revista Globo Rural, do mês de dezembro de 2003, com o título “Patrimônio em recuperação”. Após a leitura, a questão que mais chamou a atenção foi o fato de que há pessoas, no município citado, que lidam com a agroecologia e participam de um projeto de revitalização das sementes crioulas em parceria com a UEL – Universidade Estadual de Londrina - e a ONG⁴ AS-PTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa.

3 NRE de União da Vitória – Município - Cruz Machado – Col. Est. Helena Kolody. Professores: Celso Marczal; Edicleia Cristina Ksionzek; Elisandra Sueli Wionzek Dudzic; Jéferson Jose Beuren; Marcele Bankersen; Sandra Rosane Nowak.

4 OGN - Organização não Governamental, sem fins lucrativos e sem vínculos com governos. Uma ONG surge através de objetivos comuns de sujeito interessados em montar um grupo para defender, reivindicar ou trabalhar por alguma causa. Por exemplo, o Green Peace é uma ONG de alcance global que defende a preservação da natureza, no Paraná temos outras ONGs como a Assesoar, em Francisco Beltrão, o Instituto Equipe em Irati, etc.

Depois das discussões em sala de aula realizou-se uma visita à propriedade do Senhor Mariano Lulek, morador do município citado na reportagem da revista. Durante a visita, o proprietário relatou aos educandos as dificuldades enfrentadas para continuar a usar somente, as sementes crioulas e obter renda. Relatou, também, como foi a decisão para manter o uso dessas e, quais foram os motivos que o fizeram permanecer neste tipo de cultivo.

Ao longo da visita, os educandos foram se entrosando com assunto e começaram a surgir as primeiras questões e dentre as várias perguntas a que mais se sobressaiu foi. Qual a viabilidade econômica desta escolha? O Senhor Mariano Lulek disse que a renda não é grande, mas o que fez com que ele mantivesse este tipo de cultivo foi, na verdade, o “lucro” da saúde de sua família e do meio ambiente, já que abandonou o uso de agrotóxicos e insumos industriais e, sem contar na satisfação em preservar uma cultura herdada de seus pais, mães e avós.

Quando a turma retornou ao colégio, muitos foram os comentários e, também, a proposição de ações que não foram apenas propostas, mas efetivadas pelos próprios educandos. Dentre elas destacaram-se: o levantamento do consumo de agrotóxicos usados pelos proprietários da região, bem como o seu custo; preço dos insumos; produção das sementes industrializadas adquiridas para o plantio; pesquisas em revistas, jornais e em livros que tratavam da relação custo/benefício do plantio com sementes crioulas; pesquisas de agroecologia, cultivo orgânico, biofertilizantes.

Posteriori ao trabalho de campo e bibliográfico, os educandos construíram painéis para expor a toda escola o que foi aprendido durante o processo. Outra atitude interessante foi a iniciativa de convidarem suas famílias para assistirem as apresentações das sínteses dos trabalhos, bem como a explicação dos painéis preparados.

Ressalta-se que o tema estudado está ligado diretamente à realidade dos educandos e isso favoreceu tanto a análise, quanto a discussão acerca das práticas realizadas por suas famílias. Sua abrangência superou os limites da sala de aula e da escola.

No NRE de Umuarama, os professores⁵ escolheram o tema. Valorização do homem no campo e sua cultura com ênfase à agricultura de subsistência e à agricultura orgânica. Este que foi desenvolvido durante a “Feira Cultural”, realizada no colégio no mês de julho.

Para a feira foram arrecadados alimentos, como: frutas, legumes e vegetais cultivados nas propriedades, em sua maioria, dos próprios educandos, do período vespertino, que moram na zona rural; também, prepararam e trouxeram doces caseiros (abóbora, figo, pêssego, banana, mamão, goiaba, ameixa, leite), pães e bolos feitos com fermento caseiro, além, de rapadura, garapa, açúcar mascavo e outros. Ainda trouxeram aves alimentadas com produtos orgânicos e com ração das granjas, destacando as diferenças no tamanho das mesmas; enfim, tudo que colhem e comem em suas casas.

Durante a feira, os próprios educandos prepararam, na cozinha da escola, e distribuíram aos visitantes que estiveram no evento, sucos e chás naturais, bolos doces e pães.

5 NRE de Umuarama – Município - Cruzeiro do Oeste. Col. Est. Almirante Tamandaré. Professores: Fernando Rodrigo Bertuso; Sandra Maria Bottacin Mendes; Lucia Larangeiro Paizana; Cirlene de Fátima Iris; Luzia Aparecida de Melo Campos.

Entretanto, para que fosse possível a realização dessa experiência, o tema foi fundamentado em sala de aula com discussões, relatos e depoimentos dos educandos e foram norteados com a utilização de textos, reportagens e alguns capítulos dos Livros Didáticos Públicos de Geografia e Biologia da Secretaria de Estado da Educação/SEED.

A banca construída e montada na feira surgiu a partir do modelo apresentado na cartilha “Escolha, Freguês!”, distribuída pela SEED, com criação e supervisão de Zivaldo. Desta cartilha também foram retiradas frases que ilustraram os cartazes da feira.

Ao término dos trabalhos, foi notável a mudança no comportamento dos educandos, principalmente, aqueles oriundos da zona rural. Aparentemente eles se sentiram mais valorizados e importantes perante os colegas da zona urbana, estes também passaram a compreender melhor o trabalho e a importância das famílias do campo. Os reflexos do trabalho, também, foram sentidos na comunidade; isso foi percebido devido às mudanças de hábitos, ao entender, por exemplo, o que são orgânicos e a procurá-los nas feiras de produtores.

Outra questão que deve ser mencionada é o fato de estabelecer a relação das realidades culturais, entre o espaço rural e urbano. As semelhanças e diferenças dessas culturas indicaram diversas maneiras de perceber o significado da educação e da escola. Ficou muito evidente, que a vida rural e sua cultura possuem valores que são importantes para toda a sociedade.

Ainda no mesmo NRE e no mesmo município⁶, porém pertencentes a outro Grupo de Estudos da Educação do Campo, os professores elegeram como tema de trabalho a agricultura orgânica.

Durante as aulas foram realizadas discussões em torno da valorização da agricultura orgânica, do poder de escolha e compra de um produto ecológico, etc. Também foram abordadas questões que envolvem a conservação das fontes de água, o controle biológico e natural em vez de optar pelo uso de agrotóxicos, diversificação e rotatividade de culturas, fertilidade e adubos orgânicos.

Depois de realizada as discussões e por ocasião do Desfile Cívico Municipal, o tema foi escolhido para compor um carro alegórico intitulado: “Agricultura Orgânica – Melhor para a Vida”. Decidido isso, ocorre um momento de arrecadação de alimentos (frutos, verduras, legumes) dos educandos, na maioria filhos de agricultores, os quais foram utilizados para ornamentar o caminhão, além, de várias carrinhas e roupas. Também, participou do evento a Associação dos Fruticultores e Hortigranjeiros do município. Após o desfile, os alimentos foram doados a Casa Lar dos Menores e, ainda, utilizados na merenda escolar.

Este trabalho permitiu esclarecer e difundir à comunidade a importância da agricultura orgânica; a prática do consumo sustentável de alimentos; o fortalecimento da agricultura familiar/camponesa e a qualidade dos produtos que chegam à mesa do consumidor, uma vez que eleger alimentos orgânicos ou produzidos de maneira ecológica ajuda a preservar o planeta, diminuir a incidência de doenças

6 NRE de Umuarama - Município - Cruzeiro do Oeste. Professores: Clarice Martins Soares; Cleide Maria da Silva Ferrarezi; Fernanda da Silva Vieira; Maria Aparecida dos Santos; Maria Ivone dos Santos; Shoiti Yoshioka.

e conseqüentemente construirão uma vida de qualidade para as gerações atuais e futuras, além de estabelecer uma relação mútua entre agricultores familiares e consumidores urbanos, gerando, assim, uma atitude de solidariedade entre o campo e a cidade.

O desenvolvimento da produção orgânica, ou ecológica de alimentos, merece atenção especial, reflexão e iniciativa solidária, para aumentar a produção e o consumo de alimentos saudáveis.

2.2. Agricultura familiar/camponesa

A exemplo da experiência anterior, dois professores do NRE de Laranjeiras do Sul⁷, das disciplinas de Matemática e Biologia, resolveram desenvolver um trabalho extraclasse com a turma do 1º ano do Ensino Médio. O primeiro momento aconteceu nas imediações do colégio, pois este quando olhado com carinho torna-se um espaço importante, para garantir a aprendizagem dos educandos, além de estar ao alcance de todos.

Considerando a realidade econômica do município que é sustentada na agricultura e levando em conta essa característica como problematização inicial para a concretização da experiência, buscou-se valorizar a cultura local e o meio rural. Partindo desse ponto, dois grupos de estudo foram constituídos um de Matemática e o outro de Educação do Campo. O primeiro grupo desenvolveu um trabalho sobre a produção de morangos e o segundo teve como ponto de partida, a valorização da cultura regional e os valores transmitidos de geração em geração.

O grupo de Matemática organizou, junto aos educandos um levantamento das áreas territoriais de suas propriedades ou de seus vizinhos, para observar o tipo de cobertura vegetal existente. Para expressar os resultados, utilizaram-se unidades de medidas, como alqueire, quartas, litros e suas equivalências em hectares. Antes dos levantamentos se efetivarem, foram desenvolvidas simulações na quadra do colégio de como realizar as medidas, usando cordas de 11 metros de comprimento, uma vez que esta é referência utilizada pelas famílias dos educandos. Depois das medidas utilizadas em campo, o próximo passo foi desenvolvido em sala de aula, para que os educandos pudessem manusear os dados reunidos e calcular as áreas, considerando as unidades listadas acima, além disso, foram trabalhados conceitos de figuras geométricas simples e cálculos de áreas de figuras irregulares.

Na disciplina de Biologia foram tabulados os resultados dos tipos de cobertura vegetal existentes nas propriedades pesquisadas. O trabalho demonstrou, em primeiro lugar, que a maior parte das áreas é destinada as pastagens; em segundo lugar, à lavoura; e em último e terceiro lugar, às áreas de reserva (matas nativas e reflorestamento). De posse dos resultados instauraram-se discussões de como reverter este quadro sem prejudicar os rendimentos das propriedades e aumentar as reservas da mata reflorestada.

A discussão se estendeu e muitos educandos apresentaram como possível solução o reflorestamento com eucaliptos, já que perceberam essa prática em propriedades da região. Essa proposta foi pensada para aumentar a renda da propriedade, porém, o eucalipto, árvore exótica, não traz benefícios ao meio ambiente, se comparada a outras árvores nativas, isso se dá devido ao seu crescimento rápido e que exige do solo mais nutrientes e água.

Todas as discussões e pesquisas tiveram como subsídio recortes de revistas, matérias oriundas da internet, livros didáticos, vídeos do programa Globo Rural da Rede Globo de Televisão que demonstram como outros municípios do Brasil estão encontrando soluções para os problemas mencionados.

Após todo esse trabalho os professores sugeriram aos educandos a confecção de maquetes, cartazes que representassem tudo o que foi visto e discutido ao longo da pesquisa. Mas, o ponto culminante foi percebido pelos professores durante o desenvolvimento do trabalho, que permitiu sentir o entusiasmo e o empenho dos educandos tanto nos trabalhos em sala de aula, como nos trabalhos de campo. Os professores, também, apontaram como parte significativa da experiência, o fato de terem considerado como pressuposto temas que são familiares aos educandos. Isso possibilitou perceber que o trabalho em sala de aula fica mais significativo, uma vez que conhecendo de perto o assunto o educando consegue expressar sua opinião com segurança e agir de forma mais efetiva no processo educativo.

Outro ponto que merece ser destacado é o fato das possibilidades como fonte de melhoria da renda nas propriedades, mas sem perder de vista o cuidado com o meio ambiente. Sobre esse assunto todos os educandos se mostraram preocupados com a preservação, entretanto, a questão financeira ainda vem em primeiro lugar, pois, segundo depoimentos dos educandos, as propriedades não conseguem efetivar uma produção que resulta numa renda necessária para as famílias, então há um interesse dos jovens em sair do município e se aventurarem nas cidades em busca de emprego e de uma vida melhor.

Agricultura familiar/camponesa também foi a escolha de um grupo de professores que aturam em uma Casa Familiar Rural, na região Centro-Oeste do Estado do Paraná⁸. Essa idéia surgiu da necessidade de este tipo de agricultura e de ressignificar o modo de vida dos povos do campo.

O desenvolvimento do trabalho docente aconteceu em três etapas:

- 1^a) Pesquisas realizadas na biblioteca e no laboratório de informática, para levantar o conceito de agricultura familiar/camponesa, sua importância no cenário brasileiro, sua função econômica nos pequenos municípios e também a situação específica do município;
- 2^a) Confecção de maquetes e cartazes, destacando o modo de vida dos agricultores familiares do município e que foram apresentadas durante a Feira de Ciências do colégio;
- 3^a) Organização da Feira Mirim, com o objetivo de levar os educandos a pensarem a agricultura familiar/camponesa como forma de dinamizar a economia dos pequenos municípios. Esta etapa foi composta por um levantamento prévio da produção nas propriedades dos educandos que foram convidados para trazerem uma pequena parte dessa produção, para escola, principalmente, hortaliças, frutas e legumes usados para comercialização a partir da Feira Mirim realizada em datas previamente estabelecidas na quadra da escola. Através da feira, os educandos foram levados a pensar maneiras de dinamizar a agricultura familiar/camponesa em suas propriedades.

8 NRE - Campo Mourão – Município - Iretama – Col. Est. José Sarmento Filho/Casa Familiar Rural. Professores: Adriângela Milani Muriana Afonso; Beatriz Rodrigues de Farias; Edir Conrado da Silva; Fernando Facini; Durcelina Pedrosa da Mata; Márcia Aparecida Pereira Rodrigues; Salete Conrado; Silvana Aparecida Muriana Urbanski.

Todo esse trabalho objetivou resgatar a identidade dos camponeses; valorizar os produtos primários e derivados; preservar a cultura camponesa; despertar o gosto pela produção e comercialização de “produtos da roça” (frutas, legumes, verduras, salgados, geléias, pães, conservas, Artesanatos, entre outros); obter uma alternativa de renda através dos produtos comercializados na feira; estimular a policultura; desenvolver o raciocínio lógico matemático, através dos cálculos necessários, para a venda.

Dessa forma, os educandos passaram a valorizar mais a pequena propriedade, com base no trabalho familiar. Através da feira, eles puderam estabelecer bases para valores de venda de seus produtos, além de revalorizar sua posição de pequeno agricultor familiar e seu modo de vida no campo.

Já na região Noroeste, em um colégio de assentamento⁹, o tema em destaque foi produção, pensada a partir da necessidade da comunidade local, e por se tratar do período de plantio das lavouras da região e, principalmente, devido à localização do colégio.

As questões geradoras abordadas foram: diferenças entre a organização da produção na pequena e na grande propriedade; ações de cooperação na produção do assentamento; reflexão da agricultura familiar/camponesa como principal forma de complementação de renda; relações existentes entre a produção do assentamento e do comércio, levando-se em conta os custos de produção (insumo, sementes, hora máquina); comparação do valor obtido na venda com o valor do produto já beneficiado; limites e potencialidades da produção agroecológica comparada à produção convencional que utiliza queimadas e agrotóxicos; relações entre a produção e condições climáticas e o período de plantio.

Tendo como ponto de partida, o conhecimento prévio dos educandos, foi possível a realização de místicas através de músicas, poesias, mensagens e objetos de trabalho significativos à reflexão do tema gerador.

Para tanto foram realizadas discussões, reflexões, produção de textos coletivos e individuais, cálculos das áreas de plantio e do custo de produção, levantamento de questões problematizadoras da Matemática, a partir de questões concretas, levantadas pelos educandos, como por exemplo, a comparação dos gastos com produção da soja transgênica e da orgânica.

Ainda com o mesmo tema – Agricultura familiar/camponesa – um grupo de professores do NRE de União da Vitória¹⁰, objetivando levar os educandos a compreender e a valorizar o campo, organizaram uma visita ao (Centro Paranaense de Referência em Agroecologia), no município de Quatro Barras. Participaram dessa atividade educandos do Ensino Médio que pertencem a duas comunidades. Durante a visita tiveram acesso as diversas experiências que trouxeram subsídios de como diversificar as culturas e melhorar a renda familiar, mesmo em pequenas áreas; também conheceram a cultura de plantas medicinais; a montagem de estufas ecológicas com materiais alternativos; a criação de caprinos; o processo de compostagem e o aquecedor de água ecológico (luz solar) construído com garrafas *pet*.

9 NRE - Loanda – Município - Querência do Norte. Col. Est. Centrão. Professores: Cleocides Aparecida de Souza; Dulcineia Borges da Silva; João Rocha da Silva; Rosimeire Sales da Silva; Simone Santiago da Silva.

10 NRE - União da Vitória – Município - Antonio Olinto. Professores: Edicleusa Gonçalves; Ediles de F. Santos Maciel; Eliane de Fátima da Silva; Marilda de Lourdes A. Staszyszen; Susan Kelli Siqueira.

Após a visita, os educandos perceberam a importância e a possibilidade da variedade de culturas dentro de uma pequena área e do aumento da renda em todas as épocas do ano como também a contribuição para a conservação do solo. Eles demonstraram interesse, puderam refletir e ampliar seus conhecimentos sobre a vida no campo, valorizando seu espaço de vivência na propriedade familiar.

Um grupo de professores do NRE de Guarapuava¹¹, aproveitando o período de plantio de milho na região, solicitou a um dos produtores que reside próximo à escola, pai de educando, que cedesse os dados da análise do solo de sua propriedade, para estudo durante as aulas de Química da 8ª série. Os conteúdos desenvolvidos neste trabalho foram: átomos, elementos químicos, moléculas, funções Químicas (ácidos, base, sais e óxidos).

A análise do solo foi realizada em um laboratório da região e apontava o Ph (potencial de hidrogênio) do solo e a quantidade de alumínio. De posse dos dados, foi proposto a realização de outras análises em outras propriedades para comparações e estudos sobre o assunto.

O estudo constatou que o Ph do solo é ácido e para corrigi-lo é preciso aplicação de calcário, entretanto, isso não pode ser feito de forma aleatória, então, para ajudar no trabalho, a professora de Matemática realizou exercícios junto aos educandos para que descobrissem a quantidade ideal de calcário, para corrigir a acidez. Também foram trabalhadas medidas agrárias, relacionando aos de uso cotidiano com as de padrão internacional, como por exemplo: litro (605 m²), quarta (6.050 m²), quatro quartas equivale a um alqueire paulista, etc.

A produtividade também mereceu atenção: quantas taia (cinquenta mãos) de milho produzem em um alqueire e esta quantidade transformada em sacas com 60 kg e em toneladas. Lembrando que, taia é a medida utilizada pelos moradores da região para contar milho, assim: 1 taia = 50 mãos = 3200 espigas; 1 mão = 16 atío = 64 espigas; 1 atío = 4 espigas.

Além do Ph e da produtividade, os adubos utilizados nas propriedades também foram foco de estudo: NPK (nitrogênio, fósforo e potássio), os fertilizantes, os fungicidas e inseticidas, controle biológico e plantas alelopáticas.

A professora de Inglês, realizou uma pesquisa dos produtos produzidos pelos EUA e Inglaterra; o sistema agrário na Inglaterra; os nomes de produtos agrícolas; os alimentos que consomem e se esses alimentos são parecidos com os nossos, etc.

A exemplo de outras experiências aqui descritas, esta foi realizada com os educandos da 6ª série de uma Casa Familiar Rural¹² em que se envolveram as disciplinas de Língua Portuguesa e Geografia, buscando incentivar a permanência no campo e permitir que os jovens se qualifiquem e possam adaptar-se a evolução da profissão agrícola, em conjunto com a sua família e comunidades em que estão inseridos.

11 NRE - Guarapuava – Município – Pinhão. Professores: Ana Ignez Streski; Divair Terezinha Nunes Domingues de Oliveira.

12 NRE - Ibaíti – Município – Figueira. Col. Est. Anita Aldete Pacheco – Casa Familiar Rural. Professores: Edivani Costa Oliveira de Abreu; Maria Dircione da Silva.

Em Língua Portuguesa, foram trabalhados textos informativos que abordavam questões como: diversificação de produtos; reforma agrária; pesca ecologicamente sustentável; preparo do solo; horticultura; utilização de recursos naturais; área de preservação; mata ciliar; reserva legal; entre outras. Introduziu-se assim, na prática pedagógica a oralidade, a interpretação, a escrita, a pesquisa e debates; a preservação do ambiente, a utilização de recursos naturais e a diversificação de produtos foram foco deste trabalho.

Durante as leituras dos textos que tratavam da preservação ambiental, os educandos puderam observar que a cobertura do solo é fundamental para o controle ambiental, descobrindo também que a alternância de culturas quando conduzida de modo adequado e por um período longo, preserva e melhora as características do solo e, na continuidade da pesquisa, descobriram que existem outros recursos como os adubos orgânicos e o húmus. A partir das pesquisas, das reflexões coletivas, atividades realizadas e das visitas em pequenas propriedades, adquiriram informações para desenvolver na prática em suas propriedades.

Em Geografia, as pesquisas realizadas possibilitaram trabalhar temas como agricultura familiar/camponesa, agricultura e condições ambientais e agricultura rudimentar. Os educandos perceberam que o processo de revalorização da agricultura familiar/camponesa vem de um conjunto de mudanças que estão acontecendo na economia e na sociedade, principalmente, no campo tecnológico.

Com o apoio de materiais didáticos e palestras de agrônomos eles compreenderam que cada espécie cultivada necessita de um clima específico e de um determinado tipo de solo, por exemplo: o café que não tolera o frio e a geada, portanto, só pode ser cultivado em regiões de clima quente. Portanto este conjunto de fatores naturais pode não ser importante, quando a biotecnologia produz alterações genéticas e cria espécies que se adaptam a outras regiões climáticas, que não sejam as de origem, por exemplo: a soja é cultivada praticamente em todo o Brasil, mas a biotecnologia produziu diferentes espécies, algumas adaptadas às condições naturais do sul do Brasil e outras à região Centro-Oeste.

Dentro deste contexto, os educandos procuraram obter mais informações sobre o cultivo das espécies e seguiram com a pesquisa, descobrindo que em suas propriedades, também, havia algumas espécies que não eram da região e nem do país, como a alface, o arroz entre tantas outras que agora constituem parte importante de nossa alimentação. Descobriram também que essas plantas foram introduzidas no país pelos imigrantes, como a famosa batata inglesa, a soja, a mandioca e o trigo. Prosseguindo com a pesquisa, buscaram informações a respeito da agricultura rudimentar, ainda conhecida como agricultura itinerante e praticada em regiões do interior do Brasil, África e América Central.

Todo o processo aqui descrito permitiu aos educandos entender como a agricultura familiar/camponesa tem respostas para questões fundamentais da organização social contemporânea - a possibilidade de gerar emprego no campo com sustentabilidade.

Várias visitas e parceiras já foram relatadas e, neste caso¹³, as visitas foram feitas pelos educandos da 7ª Série a 2 viveiros, um municipal e outro privado. O objetivo principal foi obter conhecimentos sobre a produção de mudas, já que a sobrevivência e a qualidade da futura árvore dependerão de como foi produzida sua muda. A proposta é realizar plantios organizados nos perímetros da Casa Familiar Rural e cada educando assumirá o compromisso de durante dois meses, cuidar da nova planta. Realizaram-se também visitas em suas propriedades com distribuição de mudas nativas e frutíferas, nesta ocasião, a família assumiu a responsabilidade sobre o plantio e o bom desenvolvimento das mudas.

O trabalho teve como ponto de partida a leitura de dois textos: “As nativas e regiões recomendadas para o seu plantio”, “Preservar e Reflorestar.” Estiveram envolvidos os professores das disciplinas de Português, Matemática, História, Ciências, Geografia e Educação Física.

As atividades realizadas foram em: Língua Portuguesa - Leitura e interpretação de textos; História - Pesquisas sobre o Brasil Colônia e o início do desmatamento (trabalhos em grupo seguido de apresentação oral aos colegas); Ciências - Biodiversidade, angiosperma, gimnospermas, briófitas, pteridófitas, água, poluição e lixo (questionamento entre os educandos); Geografia - Aquecimento Global e suas conseqüências (debate em sala de aula); Matemática - Área, perímetro e porcentagem; Ensino Religioso - O índio e sua relação com a natureza (Terra Mãe); Artes - Confecção de maquetes, uma que represente floresta e outra que represente área desmatada, para que os educandos observem as diferenças, além, de petecas construídas com palha de milho; Educação Física - Jogar peteca, aprendendo as regras do jogo (Jogo dos Deuses); Inglês - Formação do verbo fazer, utilizando o verbo *To be*, sobre preservação e proteção do Meio Ambiente e exposição no mural.

Pesquisas de campo também é uma marca das experiências relatadas pelos Grupos de Estudo¹⁴ e, neste caso, o trabalho permitiu que não só os educandos, mas que toda a comunidade escolar pudesse ter um panorama da agricultura realizada no município. Partindo da suposição de que a agricultura familiar/camponesa predomina na região, foi proposta uma pesquisa de campo objetivando verificar se a suposição poderia ser sustentada com base em informações concretas, para tanto, foram consideradas todas as propriedades da micro-bacia. A intenção da pesquisa é levantar e analisar a relação existente entre os impactos ambientais e a agricultura praticada pelos produtores rurais familiares.

Outra característica importante da pesquisa e que merece ser destacada é que ela teve caráter interdisciplinar e envolveu os métodos qualitativos da Sociologia, da Geografia e os instrumentos de pesquisa da Estatística, incorporados aos das Ciências Naturais. Pensando nisso e na concretização da pesquisa, também fora trabalhado um questionário, constituído de 10 questões objetivas que versam sobre os mais diferentes assuntos, a saber: modo de gestão da produção familiar; integração com o mercado; forma de acesso a terra e à tecnologia; localização; tipo e formas de cultivo; entre outras. Estes foram aplicados pelos educandos com colaboração de 33 proprietários da região.

13 NRE - Francisco Beltrão – Município – Marmeleiro. Casa Familiar Rural – Professores: Lúcia Padilha; Luciane Dettoni; Kailly Carniel; Jaqueline Biava.

14 NRE - Ivaiporã – Município - Grandes Rios. Col. Est. Comendador Geremias Lunardelli. Professor: Carlos Francisco Tassi; João Edison Berleze; Luiz Delgado.

Com os dados em mãos foi possível perceber que a área de estudo abrangeu, aproximadamente, 1000 hectares (75% pastagens e 25% lavouras temporárias e perenes) divididos entre as mais diferentes atividades agropecuárias: cana-de-açúcar para silagem, sericicultura, feijão, milho, café, criação de gado de leite e de corte. E, assim, distribuídos: 750 ha de pastagem; 100 ha de milho; 80,3 ha de café; 24,4 ha de feijão; 17,2 ha de eucalipto; 20 ha de cana-de-açúcar; 8,4 ha de sericicultura e 2 ha utilizados para confinamento de bovinos. Quanto aos animais somaram 400 bovinos de corte, 600 bovinos de leite, 46 equinos, 1250 aves e 310 suínos. Durante a análise ficou claro que a multi-cultura predomina, já que 17 das 33 propriedades apresentam de duas a quatro atividades agrícolas e 15 mantêm a prática da monocultura.

Nas relações de trabalho ligadas às atividades agrícolas a situação era: 02 propriedades possuíam pessoal contratado (100%); em 06, o percentual era superior a 70%; em 07, o percentual era menor que 30%, e, em 16, nenhum (0%) trabalhador era contratado, a própria família era a responsável. Dois entrevistados não responderam a esse item. Aquelas propriedades que mantêm o trabalho assalariado, têm: 28% de diaristas; 11% por empreitada e 11% de porcentageiros.

Outro aspecto que chama atenção é em relação à continuidade das atividades agrícolas por um sucessor da própria família, 11 proprietários acreditam nessa possibilidade, enquanto 15 descartam e 07 não responderam à questão.

Ao final, com a análise de agrupamento e de acordo com as características dos componentes de cada grupo, foram identificados três grupos distintos, entre as 15 propriedades: a) 7 propriedades de agricultura familiar/camponesa; b) 4 propriedades de agricultura não familiar em pequenas áreas; c) 4 propriedades de agricultura não familiar em grandes áreas.

Com a realização da pesquisa também foi possível perceber que a maior parte da área em estudo baseia-se na agricultura familiar/camponesa; os impactos ambientais, principalmente na erosão do solo e na qualidade e quantidade de água do rio local e de seus afluentes; a perda de fertilidade e o aumento do processo erosivo; a má conservação do solo que provoca o assoreamento do rio e a produção agrícola, mesmo que para venda, ainda voltada, basicamente para a subsistência familiar.

Os educandos participaram ativamente de todos os momentos e se surpreenderam com os dados, além disso, ficou evidente que é necessário que a escola volte o olhar para os povos do campo e tragam para a sala de aula e para a escola toda a experiência existente.

Em outro colégio da Rede Pública de Ensino no NRE de Ponta Grossa¹⁵, aproveitando o sistema de alternância do Curso Técnico em Agroecologia integrado ao Ensino Médio, realizam-se viagens para conhecer a realidade de cada educando e, assim, o trabalho em sala de aula pode ser diferente, além do que se consegue desenvolver um trabalho que contribua com a vida das famílias.

15 NRE - Ponta Grossa – Município – Palmeira. Col. Agrícola Est. Getúlio Vargas. Professores: Ana Beatriz Rauen dos Ramos; Ana Paula Franczak Adir; Danielle Regina Beusso; José Bernadinho Peixoto de Lima; Michel Mottim Demiate; Norton Luís Bueno da Silva; Rosa Maira Tonet; Simone Madalozzo Ruppel; Taiana Baumel Kohlrausch.

Outro grupo de professores, no NRE de Cornélio Procópio¹⁶, propôs-se a realizar uma pesquisa que se iniciou com um momento de motivação em que os educandos ouviram, cantaram e analisaram a música: “Obrigado ao homem do campo”, de Tom e Ravel. Feito isso, foi realizado um debate que surgiu da leitura e da análise temática de dois textos que versavam a respeito da agricultura sustentável. Na sequência, foi proposta uma pesquisa bibliográfica com os seguintes temas: a História da luta pela terra e a questão agrária no Paraná; a história da educação do campo; a concepção de educação do campo; o campo da educação do campo; as práticas da educação do campo; a cultura e os sujeitos da educação do campo.

Durante a pesquisa de campo, os educandos construíram questões ligadas a temas como: maquinários agrícolas antigos e modernos; tipos de plantio; variações climáticas no período de plantio; comercialização dos produtos cultivados; aspectos sociais e relatos sobre as questões da agricultura sustentável com experiências realizadas no campo.

Esses temas foram divididos em seis grupos, que após toda a pesquisa de campo e bibliográfica expuseram para a classe, através de cartazes e de um mural.

2.3. Desenvolvimento sustentável

Movidos pelos textos do Grupo de Estudos e a partir das discussões e reflexões realizadas, ao longo do ano de 2007, os/as professores/as do Col. Est. Pinheiral de Baixo (NRE de Ponta Grossa)¹⁷, realizaram atividades que foram pensadas e desenvolvidas, considerando o desenvolvimento rural sustentável. Dentre elas destacam-se: 1) o momento de comparação da cultura dos moradores da Colônia Sutil, localizada entre os Municípios de Palmeira e Ponta Grossa; 2) a escolha de alguns vídeos que abordassem a discriminação racial; e, 3) o trabalho desenvolvido pelo NRE de Ponta Grossa referente ao dia 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra. Deste processo nasceu o “I Simpósio: Conhecimento e Reconhecimento da História e Cultura Africana e Afro-descendente”, organizado a partir das diferentes áreas do conhecimento e com as mais diversas atividades (como demonstra a tabela abaixo) que envolveram desde as turmas das 5ª séries até a 3ª série do Ensino Médio.

16 NRE - Cornélio Procópio – Município - São Jerônimo da Serra. Professores: Clélia Maria Costa Fogaça; Darení Portela de Oliveira; Fania Aparecida Mello Corrêa; Leinício Curvelo; Neiva Pereira Martins; Patrícia Danielle Lopes; Wellington André Jaouiche.

17 NRE - Ponta Grossa – Município – Palmeira - Col. Est. Pinheiral de Baixo. Professores: Ana Paula Brunoski; Ana Paula Marques; Andreza Hass Brustolim Senff; Julia de Paula; Jussara Passoni; Neri Teixeira de Freitas; Rafael Anton Hajo; Sílvia de Lima Matioski; Soraya Comim; Vanessa Mezzomo Hass.

DISCIPLINAS**TEMAS / ATIVIDADES**

Matemática

Culinária

Ensino Religioso

Religiosidade - África e Afro

Artes

Dança / Música / Contos e Lendas

Inglês

A cultura Afro nos EUA

História e Geografia

Racismo: África e política colonial

Língua Portuguesa

Literatura e Vocabulário

Considerando o tema escolhido – desenvolvimento sustentável – e a sensibilização realizada junto aos educandos e junto à comunidade escolar para os cuidados e a preservação dos recursos naturais e, em razão da necessidade de explorar a agricultura familiar/camponesa e a produção agroecológica, visando à alimentação saudável, foram desenvolvidas a Gincana Ambiental e a II Feira Cultural, que mereceram destaque no III Educação Com Ciência, com atividades como: dança afro; capoeira; dramatização; poesias; plantio de mudas nativas; doação de mudas à comunidade e lanche saudável.

Todo esse processo culminou no II Seminário de Educação do Campo que reuniu no colégio educandos do Ensino Fundamental e Médio, funcionários e professores. As atividades foram iniciadas com a peça teatral: Agricultura familiar/camponesa e Agroecologia, uma parceria que dá certo. Os/as professores/as foram os atores na dramatização em que estavam presentes, o desenvolvimento tecnológico e a ecologia, demonstrando que o desenvolvimento sustentável deve modernizar e crescer sem destruir e nem prejudicar o meio ambiente. Um cartaz pintado à mão pelos educandos compunha o cenário.

Após a encenação, todos se dirigiram às suas respectivas salas de aula para a leitura e o debate do texto, previamente elaborado sobre a Agricultura familiar/camponesa. Na seqüência, educandos foram eleitos como representantes para a socialização das discussões em plenária, considerando algumas questões.

O ponto chave do Seminário foi a presença e a participação da família dos educandos, que com a oportunidade receberam informações a respeito de outros cultivos e não apenas do fumo comumente plantado na região. Essa troca de informações só foi possível devido ao debate organizado pelo Diretor do Departamento Municipal de Agricultura de Palmeira, que apontou as características do plantio de produtos orgânicos descrevendo e exemplificando experiências bem sucedidas realizadas na comunidade. Mas, o foco da palestra foi o incentivo às culturas paralelas ao fumo, mostrando a importância da rotatividade agrícola. Essa proposta foi motivada pela leitura do texto, “Agronegócio e Reforma Agrária”, de Bernardo Mançano Fernandes. Em seguida, o evento prosseguiu com apresentações dos educandos com o tema: Valorização do trabalhador do campo.

No dia seguinte, professores e educandos dirigiram-se ao Colégio Agrícola Getúlio Vargas, para observarem o plantio agroecológico e participaram de palestras organizadas pelos educandos do curso de agroecologia do colégio.

As atividades realizadas demonstram que o objetivo desejado, sensibilização: consciência para a vida do campo foi alcançado. Isso se comprova devido ao aumento do plantio e do consumo de alimentos orgânicos e do interesse da comunidade (doando um viveiro de mudas e ajudando na horta escolar). Depois de todo esse trabalho algumas famílias, que já lidavam com a produção agroecológica, levaram seus conhecimentos até a escola, e assim, outras famílias também passaram a adotar essa prática. Dentre os inúmeros resultados, apontamos como mais significativo, o índice zero de reprovação no Ensino Fundamental.

Em outro colégio, agora, no NRE de Irati¹⁸, uma professora, a partir de um debate realizado em sala de aula sobre o reconhecimento das atividades agropecuárias locais, seus problemas e as possíveis soluções, constatou que os educandos, filhos das famílias agricultoras, desconheciam o trajeto percorrido pelos produtos agrícolas das propriedades até os centros urbanos. Diante disso, a professora propôs que realizassem um levantamento dos principais gêneros agrícolas da região. Muitos deles eram produzidos pelas suas próprias famílias.

Feito o levantamento, foi solicitado aos educandos, que reunissem e trouxessem embalagens de produtos consumidos no dia-a-dia, mas que fossem adquiridos nos mercados, supermercados, vendas, entre outros estabelecimentos. De posse desse material, eles deveriam verificar a origem de cada uma das mercadorias. Esta atividade se configurou como um momento de surpresa, uma vez que os educandos começaram a perceber que as embalagens eram compostas apenas pelo o nome das empresas beneficiadoras e não dos produtores rurais. Logo, entenderam que para cada produto, havia um segmento industrial distinto.

A realização desse trabalho conseguiu demonstrar o trajeto realizado pelos produtos desde o nascimento, o transporte, o processamento e o destino nas gôndolas dos supermercados. Os próprios produtores e consumidores finais, não se identificavam mais com o produto.

As atividades descritas permitiram reflexões sobre o espaço do campo e da cidade e o processo de fortalecimento das relações capitalistas e, em particular na agricultura, com destaque para a dominação que a cidade exerce sobre o campo, a modernização da agricultura, a presença de grandes complexos agro-industriais e a tendência ao domínio exclusivo da grande produção.

As embalagens reunidas também foram utilizadas pela professora de Arte, com o objetivo de repensar a sociedade, e de ampliar o olhar para leitura do mundo e, desta forma, estabelecer relações entre a Arte e a sociedade.

18 NRE de Irati – Município - Mallet e Rio Azul. Professores: Rozeni Aparecida F. Czepula; Selma Wodarczyk; Maria Lúcia Wrublewski Mernick; Maria Cassiana Rodrigues da Silva; Sandra Maria Alves de Lima Przybysz;

Outro professor, na região metropolitana de Curitiba¹⁹, opta por trabalhar em sala de aula com os temas Saúde e Nutrição. Para tanto, estabelece comparativos entre a saúde do ser humano e a saúde do meio ambiente, destacando que este sofre os efeitos das ações humanas que desencadeiam uma seqüência de impactos altamente prejudiciais ao bom funcionamento do planeta. Ele, também, chama atenção dos educandos para a qualidade nutricional e a funcionalidade dos alimentos, que no organismo humano desenvolvem ações devido aos ácidos, nutrientes, proteínas que podem oferecer melhorias ao seu funcionamento e, até mesmo, resistências às doenças, entre outras.

Na tentativa de desenvolver as comparações, o professor enfocou os impactos da agricultura atual, procurando despertar os educandos a promover mudanças na comunidade, uma vez que a agricultura convencional está distante de produzir alimentos saudáveis. Para melhor compreensão foram utilizados fatos vivenciados nas práticas usuais no sistema de agricultura convencional como, por exemplo, o preparo do solo que leva à erosão e ao assoreamento dos rios, riachos, lagos e nascentes e que causam a poluição da água pelo incremento de nitratos e nitritos, pelo aumento de matéria orgânica que favorecem a reprodução de micro-algas que diminuem o oxigênio da água, impossibilitando a vida de muitas espécies de peixes.

O desenvolvimento do trabalho foi realizado com a apresentação de pesquisas científicas organizadas em laboratórios nacionais e internacionais que apontavam para diferenças na qualidade nutricional dos alimentos consumidos. Essas pesquisas ajudaram a entender que os vegetais produzidos de forma convencional possuem uma quantidade menor de seus elementos nutricionais com relação aqueles produzidos no sistema orgânico de produção. Também, foi possível perceber e estabelecer uma relação sobre a resposta das plantas aos insumos sintéticos que ocasionam um desequilíbrio na formação das proteínas dos alimentos, desestruturando suas porções minerais. Aproveitando a oportunidade, a teoria da Trofobiose²⁰ foi recuperada pelo professor, para que os educandos passassem a compreender a relação de equilíbrio na própria natureza.

Além das pesquisas, outros materiais foram utilizados, tais como: 1) filmes didáticos: “Como Produzir Alimentos Orgânicos” (CPT), “A invasão da soja no Alto Santarém” (Green Peace); 2) apresentações de *power point* construídas com base em livros sobre manejo ecológico do solo, práticas naturais de controle de pragas e doenças, manejo de florestas e produção em sistemas agroflorestais, noções de Permacultura e outros.

Para o desenvolvimento da prática pedagógica foi necessário a utilização de conteúdos da disciplina de História, que ajudaram a entender a produção de insumos agrícolas, que até então eram usados para a produção de explosivos (década de 1940).

A disciplina de Química também contribuiu, oferecendo uma visão científica dos agro-químicos e suas ações no meio ambiente, no corpo humano e no planeta (aquecimento solar e efeito estufa).

19 NRE - Área Metropolitana Sul – Município – Quitandinha. Col. Est. Eleutério Fernandes de Andrade. Professor: Orlando Assis.

20 Sobre a trofobiose (trofo = comida e biose = vida), pode-se consultar bibliografias como (ver na internet).

A metodologia utilizada baseou-se em aulas expositivas em que os temas foram discutidos em grupos de trabalho que geraram apresentações, perguntas e respostas em plenária.

As discussões acerca do desmatamento também foram exploradas nos Grupos de Estudo, como no trabalho realizado também por um professor da região Metropolitana de Curitiba²¹ com várias turmas do Ensino Fundamental. Segundo ele, o desmatamento na região ocorre em primeiro lugar, para suprir a necessidade de lenha nas estufas de fumo e, em segundo lugar, para ampliar a capacidade produtiva da agricultura.

O desmatamento quando realizado de forma indiscriminada e sem os devidos cuidados afeta a “saúde do meio ambiente” e, dessa forma, causa desequilíbrios climáticos, desgaste dos recursos naturais, diminuição da qualidade de vida das pessoas e vários outros fatores que afetam direta ou indiretamente a “saúde do ser humano”.

As discussões, sobre os problemas ambientais, ocorreram em dois momentos um primeiro mais local no município e um segundo, global no planeta. Posteriormente, o professor deixou um espaço para que os educandos refletissem a respeito da contribuição da população e, em especial, da comunidade local para o agravamento dos problemas ambientais. Os problemas destacados foram: desmatamento; queima de lenha para cercar o fumo; queimadas; acúmulo de lixo; redução da biodiversidade na região; predominância do plantio de mudas de *pinus* e eucaliptos nos poucos casos de reflorestamento; diminuição dos lençóis freáticos; aumento da emissão de gás carbônico; aumento de combustão que colabora para o efeito estufa e variações climáticas. Em vista disso, foram discutidas em conjunto, possíveis ações a serem desenvolvidas pelos educandos e pela comunidade escolar.

Para colocar as ações em prática, o primeiro passo foi oferecer aos educandos e a suas famílias informações através de uma palestra que tratou da importância do reflorestamento, para a diminuição do efeito estufa e das variações climáticas, entre outros assuntos. Realizaram-se trabalhos de pesquisa, confecção de cartazes para a semana do meio ambiente, discussões sobre a problemática do acúmulo de lixo jogado no ambiente, além de orientações de como separar o lixo em casa, para coleta das garrafas *pet* e das caixas de leite e, assim que chegaram, passaram a ser preparadas para montar o telhado e a parede da estufa.

Paralelamente, os educandos realizaram: coletas de sementes de árvores nativas, estudos de compostos, coleta de esterco para a produção de substrato, pesquisas de preço dos pacotes para a produção das mudas, estudos junto ao IAP (Instituto Ambiental do Paraná), pesquisas de espécies de árvores nativas que se adaptam à região e que apresentam alternativas atrativas para a população em geral e pesquisas sobre estruturas alternativas com lixo reciclável.

A experiência demonstrou que o lixo pode ter diversas utilidades, inclusive no campo como, por exemplo, constituindo partes de estruturas de estufas, organizando canteiros entre outras. Além da estufa, uma composteira fez parte do trabalho, já que era nela que os alimentos e demais materiais

21 NRE - Área Metropolitana Sul – Município – Quitandinha. Esc. Est. Dr. Caetano Munhoz da Rocha. Professora: Joseane Mendes de Moura.

biodegradáveis eram depositados, e, assim foi possível demonstrar que, também o lixo orgânico pode ser utilizado como adubo. Aproveitando ainda a composteira, o professor chamou a atenção para a função dos microorganismos, os responsáveis pela decomposição.

Também foi possível focar durante a realização da experiência os processos de desenvolvimento das plantas, como necessidade de manutenção constante; germinação das sementes; controles de pragas através de receitas caseiras, entre outros.

Um aspecto muito importante foi que, mesmo após a construção da estufa, continuaram separando o lixo doméstico e o levavam para a escola, entretanto, devido à falta de espaço apropriado, tudo o que era recolhido passou a ser destinado aos catadores de materiais recicláveis do município. É importante dizer, que as discussões começaram na escola e se estenderam para a comunidade escolar.

“Em se tratando do desenvolvimento educacional: local, sustentável em educação do campo”, é o título dado à experiência desenvolvida na região Centro-Oeste do Estado do Paraná²², no colégio em que 90% dos educandos são oriundos da zona rural ou dependem dela para o seu sustento. Logo, é visível que o município, sede do colégio, vive quase que, exclusivamente, da agricultura familiar/camponesa e existe um movimento campo-cidade bastante acentuado nestes pequenos municípios, já que os mesmos não oferecem novas possibilidades, investimentos e nem apoio aos pequenos agricultores. Além disso, a idéia é possibilitar o acesso a informações e conscientizar os educandos de que eles têm o direito a uma formação profissional e intelectual de qualidade voltada para área rural.

Para a concretização dos trabalhos foi elaborado um planejamento que conduzisse os educandos a um processo de investigação sobre o trabalho e a vida no campo, para que conhecessem as várias possibilidades de exploração e uso do espaço agrícola como meio de subsistência e qualidade de vida. O planejamento contou com: visitas aos produtores rurais; levantamento bibliográfico em órgãos públicos e privados (livros, revistas especializadas com os temas de educação do campo e agricultura familiar/camponesa); pesquisa em estudos de caso, na *internet*; fotos; filmagens entre outras atividades.

A prática pedagógica pautou-se: a) na orientação metodológica das Diretrizes da Educação do Campo; b) no autodiagnóstico da região (município/escola); c) nos problemas e soluções (saúde, educação, cultura, lazer, meio ambiente, turismo, religião, organização, produção e infraestrutura); d) na identificação do tipo de categoria social e características, dependendo da composição da mão-de-obra e do capital utilizado. Também fez parte das discussões a produção orgânica de ervas medicinais e hortifrutigranjeira, leilões e exposições agropecuárias, festas de rodeio, turismo rural, educação e lazer no campo, entre outros elementos.

Dentre as atividades realizadas pelos educandos durante a experiência, destacam-se duas tabelas que retratam os resultados das priorizações dos problemas e soluções dos conteúdos trabalhados em sala de aula, a partir das pesquisas de campo; conforme:

22 NRE - Campo Mourão – Municípios - Farol e Campo Mourão. Col. Est. Cultura Universal. Professores: Adelar Candido Pereira; Dinorá Berbete; Nair Campos Grube; Irene Trevisoli de Lima; Sirlene de Fátima de França; Magnólia Silvério Moutinho Bahals; Shirley Lozove Guimarães; Marli Vieira da Silva; José Osvaldo da Rocha.

Para que a experiência alcançasse seus objetivos foi necessário estabelecer parcerias com instituições públicas e privadas do município e região, podendo assim concretizar as ações para a problematização que as pesquisas oportunizaram.

Na região Oeste do Estado do Paraná²³, região agrícola, o solo foi escolhido para compor uma experiência que visa à conscientização da comunidade escolar acerca da importância da preservação e da recuperação do solo.

Portanto, preservar e recuperar o solo são palavras que compõem a experiência intitulada Terra Limpa. Esta experiência ocorre anualmente e tem seu início marcado no dia 15 de abril. “Dia do Solo”. A partir desta data, os educandos do 2º e 3º anos do Ensino Médio, sob a coordenação de alguns professores, que realizaram grupos de estudo com todas as demais turmas do colégio. Estes estudos que enfocaram temas como: mata ciliar, agrotóxicos, solo, desmatamento, água, meio-ambiente e Floresta Amazônica entre outros.

Ao longo do ano, foram organizadas e realizadas inúmeras atividades e repassadas aos educandos, como:

- a) Produção de textos: as turmas participantes devem desenvolver textos, sejam eles dissertativos, poéticos, narrativos ou mesmo paródias, a partir dos temas desenvolvidos nos grupos de estudo, para tanto, contam com o apoio dos professores de Língua Portuguesa.
- b) Recolha e pesagem de materiais recicláveis: essa atividade só começou a fazer parte da Terra Limpa, quando se constatou que a comunidade, apesar de pequena, estava enfrentando um sério problema com o lixo que ficava espalhado por todos os lugares, como quintais, galpões e outros. Logo, foi proposto às equipes que participaram da experiência, que recolhessem os materiais recicláveis, e estes foram pesados e somando pontos para as equipes. Ocorreram duas pesagens por ano, previamente agendadas, momento em que todo o lixo separado e armazenado, pelos educandos fora entregue em pontos predeterminados. Em 2007, ampliou-se a experiência com o uso de panfletos visando combater a proliferação do mosquito *Aedes aegypti*, mosquito causador da Dengue. Todas as equipes do Terra Limpa dirigiram-se a uma comunidade vizinha e visitaram casa por casa, realizando a entrega dos panfletos e solicitando aos moradores para que recolhessem, em seus lotes, todos os tipos de lixos, separando-os em materiais recicláveis e entulhos e, que os deixassem em frente às suas casas para posterior recolhimento.
- c) Plantio de mudas de árvores nativas e frutíferas: essa idéia surgiu da necessidade de reflorestar as margens do pequeno rio de nossa comunidade e, que se encontra assoreado. Todos os anos, durante o desenvolvimento da Terra Limpa, uma semana é dedicada ao plantio das mudas. Cada equipe escolhe um local para plantar suas mudas e, a primeira tarefa é verificar:

23 NRE - Toledo – Município - Santa Helena. Professores: Geci Terezinha Edit Chassot; Ivete Maria Foletto; Magno Marcelo Britzke; Marcelo Bazanella.

		ORGANIZAÇÃO/ SOCIAL	SAÚDE	EDUCAÇÃO	PRODUÇÃO/ INFRA- ESTRUTURA	CULTURA/ LAZER	MEIO AMBIENTE
01	Problemas	Não tem organização	Atendimento péssimo	Faltam professores	Estradas ruins	Falta Casa da Cultura	Falta conscientização
	Soluções	Melhorar a organização	Melhorar o atendimento	Contratar professores	Melhorar as estradas ruins	Fazer Casa da Cultura	Fazer a conscientização
02	Problemas	É ruim, mal administrada.	Falta Posto de Saúde	Falta qualificação	Falta de Transportes	Falta Teatro	Falta informação
	Soluções	Mais participação comunidade	Implantar mais Posto de Saúde nos bairros	Fazer a Qualificação	Aumentar o Transporte	Fazer Teatro	Informar o leigo
03	Problemas	Falta participação da comunidade	Falta de médico especialista	Falta de investimento	Falta de indústrias	Faltam áreas de lazer	Falta de fiscalização
	Soluções	Melhorar administração	Contratar médico especialista	Criar investimento	Instalar indústrias	Criar áreas de lazer	Fazer de fiscalização
04	Problemas	Falta de apoio	Falta de pessoal treinado	Falta capacitação	Falta de investimentos	Faltam praças	Falta mata ciliar
	Soluções	Associações organizadas	Capacitar os atendentes	Capacitação de pessoal	Buscar investimentos	Fazer praças	Recuperar a mata ciliar
05	Problemas	Falta pessoal preparado	Faltam dentistas	Falta de administração	Falta de estrutura produtiva	Falta de espaço cultural	Falta investimento
	Soluções	Pessoal mais preparado	Contratar dentistas	Melhorar Administração	Criar uma estrutura produtiva	Criar espaço cultural	Fazer investimento
06	Problemas	Falta assistência social	Falta investimento na Saúde	Faltam cursos Técnicos.	Falta de emprego na indústria	Falta cinema	Rios poluídos
	Soluções	Contratar Assistência Social	Fazer investimentos na saúde	Criar cursos Técnicos	Geração de emprego na indústria	Fazer cinema	Despoluir os Rios

07	Problemas	Falta de emprego	Faltam hospitais públicos	Falta participação	Falta iluminação pública	Falta investimento	Lixões a céu aberto
	Soluções	Fazer o Saneamento Básico	Criar hospitais públicos	Participar mais	Fazer iluminação pública	Dar investimento	Fazer aterro sanitário
08	Problemas	Falta de saneamento básico	Faltam clínicas especializadas	Falta comunidade	Falta de asfalto	Não há incentivo a cultura	
	Soluções	Reestruturar as famílias	Comprar mais remédios p/ Posto de saúde	Participação comunidade	Fazer o asfaltamento	Dar incentivo a cultura	
09	Problemas	Falta casa de apoio	Faltam remédios nos postos		Falta agroindústria	Faltam pessoas qualificadas	
	Soluções	Conselho Tutelar atuante	Melhorar a administração		Criar agroindústria	Pessoas qualificadas	
10	Problemas	Falta de estrutura familiar	Falta uma boa administração		Falta de mão-de-obra	Falta treinamento	
	Soluções	Falta de estrutura familiar	Falta uma boa administração		Falta de mão-de-obra		
11	Problemas	Má atuação Conselho Tutelar			Falta capacitação		
	Soluções	Colocar Policia nos bairros			Capacitação		
12	Problemas	Falta segurança			Falta investimento e incentivos ao produtor rural		
	Soluções				Fazer investimento e dar incentivos ao produtor rural		
13	Problemas	Falta de policiamento nos bairros					
	Problemas	Falta associação organizada					

se as mudas plantadas, no ano passado, realmente se desenvolveram, já que cada equipe precisa plantar e cuidar das mudas para obter pontuação na Gincana. O plantio aconteceu na semana da árvore. Em 2007, uma nova ação compõe a experiência, produção de mudas frutíferas, nativas e chás no próprio colégio (sementes doadas pela Itaipu).

- d) Passeio Ciclístico: considerando a importância da atividade Física e do contato com a natureza, ficou decidido que a cada edição da Gincana Terra Limpa, um Passeio Ciclístico seria realizado até o local das atividades. Os educandos participantes pertencem a 9 (nove) turmas e pedalarão em média 5 (cinco) a 6 (seis) quilômetros. Cada turma era acompanhada de 2 (dois) pais ou mães e/ou professores regentes, mais um organizador da Gincana. Após o passeio as equipes participaram das provas da Gincana, que foram realizadas em forma de circuito, ou seja, todas competiram ao mesmo tempo, mas em atividades diferentes. As atividades exigiram união das equipes, já que faziam parte dos jogos cooperativos.

Todas as tarefas realizadas durante o ano culminaram com o dia da Gincana Terra Limpa que reuniram diversas atividades recreativas, esportivas e cooperativas. A cada nova Edição da Gincana Terra Limpa as atividades foram discutidas e analisadas pelos professores e pela Comissão Organizadora. Posteriormente, reformuladas e pensadas de acordo com a faixa etária de cada turma (desde 5ª até o 1º ano do Ensino Médio), as famílias e os professores também puderam participar, inclusive de algumas atividades desenvolvidas somente para eles. A gincana de encerramento é uma forma de estímulo, pois se realiza em algum sítio ou fazenda da região.

“Valorização do Campo e Desenvolvimento Sustentável”, foi a temática escolhida por dois professores do NRE de Ibaíti²⁴ para trabalhar com os educandos da 6ª série da Casa Familiar Rural. Para tanto, eles levaram para a sala de aula textos que tratam de questões como: diversificação de produtos, reforma agrária, pesca ecologicamente sustentável, preparo do solo, horticultura, utilização de recursos naturais, área de preservação, mata ciliar, reserva legal, cobertura do solo, reflorestamento, alternância de cultura, adubação orgânica, húmus, enfim, várias outras práticas e aprendizados que possibilitam desenvolver a agricultura sem agredir a natureza.

A partir dessas leituras, as práticas pedagógicas exploradas durante as aulas foram: investigação, escuta, troca de conhecimentos, oralidade, interpretação, escrita, análise dos dados e o debate. Todo o processo de leitura, de pesquisa e reflexão, proporcionou aos educandos a aquisição de conhecimentos – teóricos e práticos – capazes de modificar o trabalho em suas propriedades, além disso, também despertou no jovem do campo o desejo de valorizar seu trabalho, sua cultura e seus conhecimentos.

No NRE de Cornélio Procópio²⁵ através de discussões que em um primeiro momento gerou curiosidades e dúvidas que foram direcionadas para uma pesquisa sobre o assunto - biocombustíveis. No segundo momento, as pesquisas foram expostas à classe e conceitos sobre o assunto foram explicitados

24 NRE – Ibaíti – Município – Figueira. Professores: Edivani Costa Oliveira de Abreu, Maria Dircione da Silva.

25 NRE - Cornélio Procópio – Município - São Sebastião da Amoreira. Col. Est. João Turin. Professores: Elenice Felis da Silva; Elizeth Maria de Oliveira; Laura Mikiko Ogasawara; Lucilene Casaçoli Ribas; Norma Aparecida Casaçola; Rosinei Zacarias Ferreira; Shirlei Bueno De Oliveira; Silvana Cordeiro; Sueli De Fátima Martini Ramalho.

com a orientação da professora. Para aprofundamento foi priorizado o tema: “Cana-de-açúcar é a base do álcool – combustível brasileiro”, também trabalhado através do texto: “O sonho verde – Produzir combustíveis através de plantas pode ajudar o planeta – mas falta superar obstáculos”. (Matéria publicada na revista National Geographic, Ed. 91 - 01/10/2007).

No terceiro momento, com a utilização de um mapa comendo as localidades em que o plantio da cana se faz no Paraná (Fonte: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Companhia Nacional de Abastecimento/Superintendência Regional do Paraná), em grupos, foi proposto aos educandos que identificassem sua região, pois no município em que se realizou a experiência, boa parte dos trabalhadores rurais, exerce suas atividades no cultivo da cana.

Com atuação da professora de Matemática, os educandos fizeram um levantamento, a partir de entrevista e questionário de quanto seria a porcentagem de trabalhadores rurais dependentes do cultivo da cana, condições de trabalho, remuneração. Para finalizar os estudos, realizou-se uma pesquisa de campo numa usina de álcool, com a tarefa de observar os cuidados com o meio ambiente, as condições de trabalho e as etapas de produção do álcool, apresentando um relatório com as diversas visões sobre o assunto como encerramento da atividade.

2. 4. Meio ambiente

Em Paranaguá, um professor de Geografia²⁶ aproveitando que o tema para o bimestre tratava das diferenças e semelhanças socioeconômicas, regionalizando o Brasil, buscou junto aos educandos, problematizar questões que envolvem o desenvolvimento do agronegócio. Para tanto, deu início às atividades, levantando o seguinte questionamento: até que ponto o processo de modernização, imposto pelo agronegócio, expandiu as fronteiras agropecuárias e provocou as lutas pela terra no Centro Sul brasileiro?

Desta feita, o professor procurou estabelecer relações enfocando a interdependência entre os estados brasileiros que integram o complexo regional do centro sul, demonstrando que o processo de desenvolvimento do agronegócio está atrelado à expansão das fronteiras agropecuárias, como a do café, da cana-de-açúcar, da soja, além do gado leiteiro e de corte; ressaltou, também, a luta pela posse de terra com destaque aos interesses dos grileiros contra os dos posseiros.

Durante as discussões, várias foram as hipóteses construídas pelos educandos, tomando-as como ponto de partida, o professor organizou um levantamento de conteúdos capazes de auxiliar na confirmação ou não das hipóteses. E, assim uma lista composta por dez temas/conteúdos foi exposta, na seqüência, a turma foi dividida em dez grupos com quatro integrantes. Feito isso, eles foram orientados a realizarem pesquisas bibliográficas, a fim de levantarem informações que auxiliassem na atividade seguinte: confecção de banners. Nestes deveriam constar informações textuais, imagens e mapas que

26 NRE – Paranaguá - Professores: Clíce Acácia de Castro Firmo da Silva Melo; Deise da Fonseca Schneider da Silveira; Eliana de Almeida; Francelino Corrêa Neto; Karina Stella Madureira da Silva Maia; Mauro Sérgio Aparecido Mancino; Maya Onose; Reginaldo Machado.

localizassem, por exemplo: a produção de soja, café e os locais de luta pela terra.

Após as pesquisas e a confecção dos banners, a etapa seguinte foi a apresentação dos resultados, realizada em exposição no Colégio. Neste momento, os educandos explicaram e procuraram visitar os banners de seus colegas, para que houvesse a troca de conhecimentos e o cruzamento de dados.

Concluída as apresentações, o professor organizou uma roda de debates com objetivo de sistematizar as informações e verificar a aprendizagem dos educandos, também, foi um momento de autoavaliação para os educandos que tiveram a possibilidade de verificarem se as hipóteses levantadas estavam ou não corretas e, ainda, precisavam-se ser reformuladas.

A confecção de banners e cartazes também foi a atividade escolhida por um grupo de professores do NRE de União da Vitória²⁷ que preocupados com o destino das embalagens de agrotóxicos, com a poluição do solo, da água e do ar, desenvolvendo um trabalho com o tema “Desenvolvimento Sustentável”.

O primeiro passo foi realizar leituras e pesquisas que pudessem auxiliar e embasar as discussões em sala de aula. Todo esse processo culminou na confecção de cartazes (recortes e frases) em que os educandos defendiam diferentes propostas para melhorar o ambiente onde vivem.

Todas as informações reunidas foram socializadas a fim de possibilitar a produção de um novo conhecimento e de uma nova visão acerca do meio ambiente. Após essa etapa educandos e suas famílias participaram de palestras com agrônomos e, também, foram convidados a visitar o barracão de coleta de embalagens do município.

A última etapa foi a construção e a encenação de uma peça teatral que reuniu todos os assuntos estudados.

Em um município da região centro-sul do Paraná, os professores²⁸, a partir de discussões em torno de questões ambientais e das leis que envolvem esse tema, perceberam a grande preocupação dos educandos em relação ao meio ambiente, desenvolvendo uma experiência que se chamou: “Ética e Cidadania, Esperança para a Transformação” como resultado das angústias e dificuldades vivenciadas pela comunidade, pelos educandos e professores. É fruto de uma rede de trabalho colaborativo que procura superar esta situação e pretende atingir educandos, professores e profissionais que valorizam o trabalho pedagógico e percebem a metodologia como “*uma arte no processo de ensino aprendizagem*”. Um trabalho extremamente sensível e delicado que necessita de muitos cuidados, métodos e técnicas específicas para trabalhar caso a caso.

A escola para desenvolver a tarefa já mencionada, justifica-se devido à presença da agricultura em suas vidas, pois uma grande parte deles vive no campo e são filhos e filhas de pequenos proprietários.

27 NRE - União da Vitória – Município - São Mateus do Sul. Professores: Dagmara de Santana Skaldi; Maria Verônica Bieszczad; Raul Juarez Ferreira; Viviane Koupak Sanches; Zenaide Maria Juaski.

28 NRE - Ponta Grossa – Esc. Est. Gil Stein Ferreira. Professores: Daniel Donato de Souza; Elisangela Sauter de Cristo; Elizangela Domareski Metnek; Irene Krevey; Katya Schastai Schreiner; Rosecléia Kiel; Taciane Mirelle Reifur; Vera Regina Batista.

Além disso, a atividade econômica do município depende da agricultura desenvolvida em pequenas propriedades voltadas para produção de alimentos que comercializam o excedente como: feijão, milho, fumo, erva-mate, criação de gado leiteiro e de corte.

Os professores também perceberam outra preocupação dos educandos, de 5ª a 8ª série, no que diz respeito à falta de reconhecimento de suas atividades familiares e da consciência da importância social, que é a produção de alimentos.

Em vista disso, este trabalho pretendeu auxiliar os educandos a se compreenderem como cidadãos, ajudá-los a pesquisar, a se informar para que possam vislumbrar formas de viver melhor, preservando o meio ambiente e valorizando o ser humano.

Frente a essa realidade, o trabalho teve como objetivos principais: 1) esclarecer junto aos produtores rurais, pais e mães de educandos, pontos referentes às leis ambientais de reflorestamento e mata ciliar; 2) buscar alternativas de melhorias para as pequenas propriedades, sem prejuízos ao meio ambiente; 3) valorizar o trabalho no campo com respeito ao meio ambiente; 4) evitar a saída de famílias do meio rural, por falta de informações; 5) fazer um exercício de cidadania em que o educando perceba que a informação correta liberta o cidadão e torna sua vida melhor; 6) explorar as alternativas de recuperação do ecossistema, a partir do reflorestamento.

Para a concretização dessa experiência foi organizada uma pesquisa junto aos produtores rurais para verificar: a) o conhecimento das leis ambientais em vigência; b) as áreas de preservação e mata ciliar; c) o tamanho das propriedades; d) e o aproveitamento econômico (esses dois itens foram elaborados em forma de questionários e enviados pelos próprios educandos).

De posse dos dados, os educandos realizaram leituras, em jornais e revistas para identificar e conhecer espécies de vegetais consideradas adequadas para compor as reservas legais e para entender as questões ambientais. Participaram de uma palestra, organizada pelas entidades públicas, responsável pelo meio ambiente no município, que versou sobre legislação ambiental e as alternativas de trabalho aos pequenos agricultores respeitando a natureza. Em seguida os educandos formularam boletins com as informações obtidas e os enviaram para os produtores, e também, produziram mudas para reflorestamento a partir das orientações obtidas.

Outra experiência que merece ser relatada aconteceu na região de Curitiba²⁹, mas esta apresentou um encaminhamento diferente das demais, os professores não estabeleceram um tema a ser trabalhado, oportunizaram aos educandos a liberdade de escolha e por estarem inseridos ao meio rural desenvolveram pesquisas baseadas nas questões ligadas a sua própria cultura, tanto social, econômica, como folclórica, focando principalmente as questões ecológicas e do meio ambiente. Assim surgiram pesquisas relacionadas à preservação do meio ambiente e na auto-suficiência das propriedades, como: energia elétrica, conservação dos rios e mananciais, indústrias tocadas por rodas d'água, energia renovável, efeito estufa, conservação do solo e reaproveitamento de lixo orgânico.

29 NRE - Área Metropolitana Sul – Município - Araucária. Professores: Alessandro Vieira Rosa; Hamilton José Napela; Marli Terezinha Kulla; Orestes Kawa; Renato Martins.

A metodologia de ensino utilizada em todos os trabalhos foi de incentivo à pesquisa. Assim, estimular os educandos a desenvolverem estudos; proporem os problemas existentes e apresentarem propostas de adequação entre a teoria apresentada pelos professores e pesquisada pelos educandos na prática de cada um deles em seu dia a dia.

Nas demais áreas do conhecimento como: biologia: conhecimentos em meio ambiente, em geração de energia, conhecimentos do corpo humano, efeito estufa, etc.

História/Filosofia/Sociologia: culturas, conhecimentos étnicos, origens, as causas e conseqüências de alguns de nossos atos, etc.

Os temas desenvolvidos foram apresentados de forma expositiva, maquetes e cartazes a respeito da tecnologia fumageira que focou a evolução, conseqüência e conscientização. Este tema foi desenvolvido na região de Ponta Grossa³⁰ que buscou trabalhar esta temática numa concepção que atenda a todas as áreas do conhecimento.

Na sociedade atual, onde os recursos e tecnologias se fazem presentes, tanto na educação como nos vários setores que a compõem, é importante a reflexão do desenvolvimento tecnológico que vem ocorrendo no meio rural e suas aplicações diretas ou indiretamente na vida humana.

Deste modo, defendemos a importância de criar formas para que os homens possam participar das discussões sobre os rumos da ciência, participando ativamente neste processo de transformação.

3. Problematização

Historicamente, o desenvolvimento do campo não privilegiou todos aspectos da vida a que o ser humano tem direito, uma vez que este espaço foi concebido como um lugar apenas para produzir e não para viver.

É preciso considerar então que a escola não pode ser refém desta concepção, entendendo que deva desenvolver apenas temas “do campo”, numa proposta de educação do campo. Deve sim, buscar ampliar o conceito de campo e o direito dos povos que vivem ali, de terem acesso a todas as dimensões do desenvolvimento, dentre elas o lúdico e o lazer, aspectos que estão sempre muito distantes deste espaço. Por isso são fundamentais atividades que consigam relacionar as várias dimensões, não apenas o conteúdo de uma disciplina. O relato mostra isto, quando numa ação, envolve-se desde o estudo, até as brincadeiras e o lazer, trazendo no todo, uma nova visão de desenvolvimento do campo que pode até ser incorporada como uma política de desenvolvimento local.

30 NRE - Ponta Grossa – Município - São João do Triunfo. Professores: Fabio Antonio Gasparelo; Vilma Aparecida Menocci Breda; Marilda Z. Santos; Adão Gelinski; Antonio Dilermando L. de Paula; Sandro Silva Rosa; Maria Lusia Borges; João Migues Franco Andrade; Joana D. Kwiatkowski Distéfano.

Muitas vezes já ouvimos: agora só vamos falar de campo? Não vamos preparar o jovem para ir para a cidade? O campo não tem saída, eles precisam conhecer a cidade! Como se faz para falar de campo e cidade, mantendo o foco no campo, na vida dos educandos? Os professores que trabalharam com a questão do alimento, que sai da região *in natura*, vai para os grandes centros, voltando com outra marca e muito mais caro, estudaram o tema partindo do campo e, ao mesmo tempo, apresentaram um debate polêmico com relação à cidade.

Poderíamos acrescentar, por exemplo, porque no Brasil, as agroindústrias que tem como base os produtos da roça como frango, milho, trigo, porco, gado, etc. Estão localizadas na cidade? Ora, se são “agro”, por que não estão situadas no campo? Pois é, a indústria de alimentos no Brasil, está situada na cidade... quem planta? Quem Colhe? Como será que se sente o jovem que planta os alimentos, cuida da terra, colhe e só vê a marca da empresa? Na cidade, na agroindústria, quem transforma os produtos? Pensa a embalagem? Manipula para a comercialização? Qual é a renda destas pessoas? Como se sentem estas pessoas na sociedade? Qual o resultado social de um alimento que é produzido no campo e transformado na cidade?

Estas reflexões e tantas outras mostram que ter presente o contexto e as relações do campo ao propor o estudo das disciplinas, necessariamente, não separa campo e cidade, pelo contrário, podem mostrá-los como dois espaços em relação.

Ao reconhecer a importância do trabalho das famílias camponesas/agricultoras, explicitando que há concepções, teorias que se constroem para afirmar formas de produzir e se relacionar com o campo, percebe-se como a escola pode contribuir com isto, sem medo de provocar um debate e a explicitação dos conflitos presentes no campo hoje. Por exemplo, ao mostrar que se criam animais à base de hormônios e produtos de aceleração do crescimento, como os educandos que estavam na feira tiveram oportunidade de perceber os efeitos colaterais no organismo humano podemos perguntar: quem sai ganhando com isto, se os animais servem para alimento e o alimento com hormônio é altamente prejudicial à saúde? Existe alguma relação entre a indústria que fabrica o hormônio para os animais e a indústria que fabrica o remédio para curar as doenças que são consequência deste alimento artificial? Na feira também, os educandos apresentaram a diferença de tempo para o aproveitamento de um animal alimentado com hormônio e de um animal alimentado sem hormônios. Como seria um projeto de campo onde os animais pudessem crescer no seu tempo, sem aceleradores de crescimento, sem hormônios? Isto teria consequências na organização social e cultural do campo?³¹

31 Nas comunidades tradicionais de Faxinais do Estado do Paraná, a propriedade privada é de uso coletivo, onde estes constroem suas habitações, criam animais soltos e utilizam os elementos naturais da preservada Floresta com Araucária. Neste espaço o tempo de plantar, de criar e de viver é diferente da aceleração vivida na industrialização do campo, do qual a criação de animais, com aceleradores de crescimento que, é um dos elementos. É nesta terra de uso coletivo que o cotidiano, as rodas de conversa e chimarrão, a divisão do trabalho, a forma de construção das casas, as festas religiosas e pagãs, compõem uma estrutura e as representações de um modo de vida faxinalense.

É preciso considerar que estes conhecimentos estão ausentes ou distantes dos conteúdos escolares e da formação dos professores, mesmo dos inúmeros professores que tem suas raízes no campo ou ainda vivem nele ou tem vínculos de trabalho juntamente com suas famílias. Estes conteúdos abririam um espaço imenso para a pesquisa dos educandos uma vez que seu cotidiano seja de positividade ou não, está diretamente relacionado a isto, pois muitas das famílias que vivem no campo, ficam inviabilizadas também pela falta deste conhecimento que seria base para sua profissão – produzir alimentos.

Em se tratando da relação com as disciplinas podem se dar desde o cruzamento dos conteúdos como no caso das medidas agrárias, onde se utilizam os conhecimentos populares, para teorizar e avançar nos conhecimentos matemáticos específicos, quando se estabelecem relação entre as características químicas do solo e os elementos da disciplina de química. Pode também estar articulada aos objetivos maiores como a relação entre Arte e Sociedade que, em muitos momentos da História, foi de denúncia de situações de exploração, pela defesa da vida e, hoje que pode ser facilmente reconhecida, quando se desafia a transformar o lixo que inviabiliza a “saúde do meio ambiente” e das pessoas.

As Ciências Naturais, como a Biologia, por exemplo, fazem um recorte na disciplina que quase não estabelece relações com a forma como a vida se desenvolve de fato diante das intervenções na natureza. Por exemplo, será que existem mesmo animais nocivos? Será que existem pragas (insetos)? Qual é a relação de equilíbrio que a natureza organizou para que evolua durante milhares de anos? Como explicar isto, relacionando com os estudos que se fazem nas Ciências Naturais? Portanto a escola que apresentou a Teoria da Trofobiose inicia este caminho de desvendar a forma como a natureza se organiza para evoluir. Esta teoria é base para a produção de alimentos saudáveis, pois vai apresentar soluções para um manejo, onde a própria natureza dá conta de resolver o desequilíbrio que pode impedir o desenvolvimento dos vegetais necessários para a alimentação humana. Poderíamos estudar também teorias como a Alelopatia, a Cooperação e o Mutualismo³², entre outras.

Há que se reconhecer que a escola com seu currículo e conteúdo, enfoca determinadas concepções, priorizando aspectos do desenvolvimento, do trabalho, da cultura, das tecnologias. Neste sentido, pode-se ressaltar o estudo realizado sobre concepções e conceitos específicos da agricultura como os que foram desenvolvidos em algumas experiências, dentre eles as formas de fazer agricultura como permacultura, agricultura orgânica, agroecologia, etc. Outro aspecto é que ele se sentirá desafiado a articular o conhecimento científico com a sua prática social, além do que, poderá empenhar-se na investigação de outros conceitos e suas possíveis relações, avançando e interessando-se pelo estudo das disciplinas. Isto permitirá uma nova relação com a socialização do conhecimento na escola, avançando do tradicional que, normalmente, passa pelo “estudo-trabalho-prova-nota”.

A pesquisa é fundamental, há que se ter o cuidado, no caso da pesquisa, para que não seja mais um levantamento de dados que fiquem no papel, por isso, reforçamos a importância do projeto da escola estabelecer vínculos com as famílias, as associações, as entidades dos camponeses/agricultores, para não frustrar os educandos, pelo menos em alguns aspectos.

32 Pode-se consultar autores como Kautoniam, Primavesi.

Os estudos comparativos com os dados de pesquisa têm fortes impactos junto aos jovens do campo, pois além de comprovarem os dados que muitas vezes ficam no discurso, ainda podem permitir a construção de problemas de Matemática e áreas afins. Por isso, estudos comparativos de dados devem estar articulados às disciplinas para que não pareçam coisas diferentes: um estudo do conteúdo do campo e outro estudo das disciplinas. Muitas vezes esta visão e metodologia são entendidas e mantidas, mesmo pelos professores que chegam a argumentar neste sentido, como se a disciplina fosse um conteúdo e o tema do campo, outro conteúdo.

O trabalho feito com a cultura do milho, apresentado no relato mostra os muitos temas de disciplinas que podem ser trabalhados apenas partindo de um cultivo. Um outro exemplo que podemos trazer dos relatos é sobre o uso de adubos ou fertilizantes utilizados no campo. Qual a relação que existe entre adubo de síntese química e adubo orgânico? Adubo orgânico pode equivaler aos adubos de síntese química em relação ao fornecimento de nutrientes às plantas? Então o que chamamos de adubos químicos, não seriam adubos solúveis? Que são adubos solúveis? E há muitas outras perguntas por fazer... O uso de adubo solúvel (adubos solúveis são adubos de síntese Química, são sinônimos) é sabidamente insustentável, por vários motivos. O adubo orgânico dá uma maior possibilidade de sustentabilidade, principalmente quando associado à produção e manejo da biomassa. O que é biomassa? A sustentabilidade da fertilidade não é possível com o uso de adubo e calcário que colocamos no solo, mas está na relação entre o manejo do solo e o manejo da biomassa sobre a terra. Estes estudos podem ser amplamente articulados com as disciplinas das Ciências Naturais e também das exatas e humanas, quando o professor tem conhecimento destas relações de sustentabilidade que se impõem, hoje, para “salvamos o planeta” e termos alimentos saudáveis.

Para dar conta destes conteúdos presentes na vida das famílias e dos jovens camponeses/agricultores que freqüentam nossas escolas, é preciso conhecer o campo brasileiro, o campo do estado do Paraná, as nossas regiões e localidades. Mais que isso: É preciso conhecer o que, hoje, se diz da agricultura e para onde as práticas de expansão das culturas convencionais estão levando a sustentabilidade.

O professor conhece o mundo do campo? O que acontece, hoje, com a agricultura a nível mundial? Como está o desenvolvimento na relação com o aumento do agronegócio? Qual a origem da palavra agronegócio? É algo novo ou algo travestido de novo? Como seria a História do agronegócio na relação com a História da agricultura brasileira? Quais são as relações entre o grande mercado, o mercado de sementes e de insumos? E o lugar do Brasil na divisão internacional do trabalho? Que caminhos seguiu a agricultura brasileira desde o descobrimento?

Se analisarmos os livros didático-pedagógicos, veremos que este conteúdo está um pouco em cada livro, um pouco em cada disciplina... E nós professores? Ficamos na correria de trabalhar 40hs semanais e não temos tempo de pensar um projeto para a escola que trabalhamos...

A abundância e a tecnologia que existe, hoje, como citado num trabalho, não significam justiça, sociedade para o povo do campo, muitas vezes, nossos educandos vivem no campo e passam fome, suas famílias não dão conta de suprir suas necessidades básicas. Como relacionar os estudos, mesmo da educação do campo, para que os educandos percebam estas contradições? Para que a comunidade tenha na escola um espaço que a ajude a construir um projeto para as famílias?

Queremos destacar que isto não significa trabalhar com a metodologia de projetos, que nos parece ter um limite, uma vez que não se organiza para a continuidade. Temos o exemplo deste trabalho com biodiversidade, se relacionarmos o conteúdo da biodiversidade na perspectiva da educação do campo, o trabalho deveria articular-se à comunidade, que teria um projeto de escola e comunidade, articulado a questões locais, envolvendo as famílias, o desenvolvimento local e a escola. O texto mostra isto, quando destaca o que faltou: *“Este projeto sobre biodiversidade, não se finalizou, pois devido ao interesse em participar por parte dos educandos, refletindo sobre a problemática local no qual os educandos estão inseridos, faz-se necessária uma constante retomada do assunto, pois novas perguntas são feitas constantemente sobre a maneira de agir com relação a natureza, ao meio ambiente.”*

Falamos de um projeto social no qual a escola está inserida pelo espaço onde se encontra, ou seja, a dinâmica que se estabelece para fazer avançar o desenvolvimento local que poderá ser um dos conteúdos de onde o trabalho da escola parte. No caso da biodiversidade, se este fosse o enfoque da escola, não seria retomado, mas seria parte do currículo permanente, esta é a diferença. Este tema da biodiversidade é muito importante de ser compreendido e desenvolvido na escola. Acreditamos que a biodiversidade seja um dos temas que podem encantar a adolescência e a juventude por trazerem um conteúdo de gratuidade, uma relação forte com a natureza, uma vez que pela sua amplitude, permite compreender a possibilidade de reconstruir os ecossistemas, gerando um encantamento pela natureza e suas relações.

Um outro aspecto trazido pelas Casas Familiares Rurais é o da pedagogia da alternância. Será que a alternância não poderia ser uma saída para as escolas do campo, principalmente aqueles que estão situadas em regiões onde a nucleação faz andar por longas estradas de chão e que, em períodos de chuva, se perde muita aula? Porque só na CFR temos professores/professoras com outra formação como agronomia, veterinária, economia doméstica, entre outros, que trabalham ao lado dos professores das áreas? O que a educação do campo provoca para avanço desta política de educação?

Nos diversos trabalhos que envolveram o tema de “Desenvolvimento Sustentável”, conforme vimos no relato, destaca-se a importância de articular o trabalho da escola à comunidade e que pode dar-se de diferentes maneiras: uma delas envolvendo a comunidade através de pessoas, de organizações e entidades para que participem e tragam seus conhecimentos, experiências e seu trabalho. Outras formas podem ser incluído como um todo, mas principalmente as famílias dos educandos, em atividades que façam a síntese dos estudos feitos, ou mesmo integrando-se em momentos de lazer, gincanas, jogos, entre outros para, posteriormente dar continuidade às novas ações que possam nascer destes momentos fortes vividos na escola. É fundamental para os sujeitos do campo que os estudos, debates e proposições, principalmente, no caso das pesquisas, tenham continuidade na e pela comunidade, pois esta não é tarefa específica da escola.

Ainda, conforme as possibilidades da organização local se pode estabelecer relações mais concretas com as entidades, sejam elas públicas como Emater, IAP, SEAB, entre outras ou sindicatos da agricultura familiar/camponesa, movimentos sociais organizados (MPA, MAB, MST), associações,

cooperativas, entidades como a CPT, ONGs,³³ todas que têm uma especificidade de trabalho e conteúdo na relação com o campo, podendo contribuir com atividades, estudos, palestras, intercâmbios e organização das grandes atividades que a escola poderá desenvolver.

Se tomarmos o exemplo da construção das estufas com garrafas pet e caixas de leite, observa-se que é uma atividade que pode ser aproveitada ao longo de um período que vai para além do ano letivo, porque: como a escola vai cuidar das mudas no período de recesso e de férias? Se forem mudas de plantas nativas e mesmo outras, o tempo desde a coleta da semente, plantio, crescimento, vai no mínimo de uma primavera à outra, neste tempo temos as férias escolares, o avanço para outras turmas, a mudança de professores ou de gestores, entre outras questões específicas da escola. Então, “amarrar” as ações com a comunidade e mesmo as entidades e organizações das famílias camponesas/agricultoras, é fundamental. Será que isto poderia ser feito pelos educandos? No ensino fundamental e médio, geralmente, eles já tem iniciativas comunitárias ou pelo menos tem noções, uma vez que já participam das comunidades religiosas católicas, evangélicas e outras. O trabalho da escola poderia fortalecer este sujeito jovem, que é histórico e, muitas vezes, não encontram espaço ou até, em muitos casos, se manifestam-se em ações e organizações que eles criam e acabam prejudicando os próprios adolescentes e jovens.

O resultado dos frutos do nosso trabalho tem muito a ver com a auto-estima de cada um? Quem gostaria de estar trabalhando e não ter resultado econômico? Ficar a cada ano endividado? Onde está o debate da renda: no dinheiro e “lucro” ou na função social da agricultura que é produzir alimento saudável?

Hoje, produzimos comida para os animais na Europa através da soja exportada. As frutas e verduras, grãos e outros alimentos que consumimos, vêm normalmente de localidades distantes, não são produzidas localmente. Quando a escola se propõe a contribuir para organizar uma feira, esta deve ser a semente de uma nova relação entre alimento e produção, família que produz (no campo) e família que consome (na cidade).

A juventude tem coragem de ousar, basta que encontre um projeto! Este espaço da feira poderia tornar-se permanente, começando com os professores e arredores da escola que poderiam “fazer a feira” ali. Isto é potencialidade que a escola pode apontar, é emancipação e autonomia que a escola pode criar!

Lembremos que a continuidade da feira, não é tarefa da escola, mas das entidades específicas dos agricultores? O conteúdo permanente da escola, neste caso, será as relações que a Feira estabelece e que os educandos têm, ou poderão ter se ainda estão “desligados” deste acontecimento. estamos tendo renda? Estamos tendo problemas de produção? Com o solo? Com o manejo das plantas? Com insetos que atacam e devoram tudo? Que conhecimentos a Biologia, a Química tem para conhecer e transformar em tecnologia aplicada ao trabalho? E que conhecimentos das Ciências naturais, por

33 No final deste material podem-se encontrar sites que possibilitam pesquisas mais detalhadas sobre as organizações citadas.

exemplo, não estão nos conteúdos da escola e podem apresentar novas concepções para lidar com a agricultura, poderiam ser ensinados?

Mesmo que estas atividades sejam fundamentais para construir vínculos com a vida e o trabalho no campo, é preciso destacar que temos uma cultura escolar excessivamente pontual, ou seja, como já dissemos, desenvolve-se uma atividade que depois da prova, normalmente é esquecida. É fundamental que, ao se desenvolver atividades como estas citadas acima ou atividades de pesquisa que envolvem grande quantidade de temáticas, densidade de problemas vividos, soluções levantadas e apontadas, como o relato apresentou, faça-se um planejamento de trabalho, evitando que seja apenas mais um levantamento de dados para um trabalho escolar, mas que o conteúdo pesquisado ou trazido pela atividade, seja articulado entre as diferentes disciplinas e se negocie o nível de trabalho em cada uma delas, e o enfoque que cada disciplina pode dar.

Há que se ter presente que o professor é um mediador entre a comunidade, o educando, e construção do conhecimento na escola, e não vai depender somente dele a execução de toda a proposta discutida e mesmo concebida na escola. A efetivação deverá dar-se numa nova relação que poderá nascer entre escola, comunidade e organizações que podem ser um grupo de famílias organizadas, a associação ou mesmo o sindicato, que se mobilizam em torno desta nova perspectiva gerada, a partir do estudo que a escola propôs.

Uma outra questão muito importante é compreender a viabilidade econômica do que se propõe aos educandos, relacionando ganhos econômicos e sociais por exemplo, com preservação da natureza, saúde, etc. Numa sociedade em que os bens, dentre eles o dinheiro, é central. Esta dimensão é difícil, mas necessária para perceber outros ganhos além do econômico, e também não frustrar aqueles que se dispõem a mudar alguns aspectos de suas atividades no trabalho. Nós, professores, dificilmente temos condições de construir estas análises de viabilidade, uma vez que não tivemos esta formação, então será muito importante contar com outros profissionais das entidades e de outras áreas de conhecimento.

Um das escolas, ao contar a realização dos trabalhos durante o ano, refere-se à superação da reprovação na escola, como um avanço. Pode-se dizer que isto está também relacionado à autoestima dos educandos, pois eles sentirão aquele espaço escolar como legítimo, do qual eles, suas famílias com trabalho e cultura, fazem parte.

Cabe lembrar que a autoestima se constrói de forma concreta, ou seja, não é com palestras num salão que a constrói, mas é na concretude da vida. Em outras palavras, o trabalho das famílias normalmente escondido e desvalorizado, é mostrado no coletivo da escola ou da comunidade, ao tematizar problemáticas reais sobre: problema com solo, com pastagens, com erosão, como fazem ao incorporar novas tecnologias de manejo na produção ou no solo; são espaços em que os educandos têm o que dizer de seus afazeres, ou seja, o trabalho de sua família é visibilizado. Pode-se dizer que esta é uma relação social nova destes sujeitos com a escola.

Quando os educandos trazem os alimentos que produzem para comercializarem em feiras promovidas na escola, onde os professores adquirem estes alimentos, onde os colegas ajudam a divulgar e pessoas de famílias que não cultivam alimentos, também compram nestas feirinhas, são

formas concretas de dar visibilidade ao trabalho das famílias do campo. Normalmente, estas famílias só produzem (plantam e colhem) e o alimento leva o nome da empresa que adquire o produto *in natura*, por exemplo, o leite será LACTO, ou FRIMESA, não vai ter o sobrenome família: RIBEIRO, ZANOTO ou LICHESKI...

Muito importante destacar aqui, que estes trabalhos realizados e, quiçá os muitos que se fazem presente no estado, e que não tivemos acesso, remetem-nos a repensar o tempo e o espaço da escola, como um aspecto central na construção de uma proposta de educação do campo, que vai se desenhando efetivamente, como algo mais que uma atividade isolada de uma disciplina ou de uma turma ou mesmo de um professor que assuma a causa, mas como um “Projeto de Escola, de Sociedade”.

Os trabalhos aqui apresentados e desenvolvidos, certamente, imprimiram um outro ritmo à escola, à hora aula, as relações hierárquicas historicamente construídas, permitindo a abertura de algumas janelas para a comunidade, para os sujeitos individuais e coletivos que ali vivem, trabalham, produzam cultura e vida.

Esperamos poder avançar, construindo outros referenciais que animem nossos adolescentes e jovens a buscar com vontade, com disciplina e aproveitamento o conhecimento e a oportunidade que a escola representa para suas vidas e para a vida das famílias camponesas/agricultoras.

Calendário da Educação

EXPERIÊNCIAS QUE ENVOLVEM
A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO
PEDAGÓGICO DA ESCOLA: DISCIPLINAS,
METODOLOGIAS, PLANEJAMENTO,
ESPAÇOS E TEMPOS

EDUCAÇÃO DE NÍVEL MÉDIO: TEORIAS E PRÁTICAS INTEGRANDO O CURRÍCULO DO CURSO

(Colégio São Francisco do Bandeira¹ – Dois Vizinhos/PR)

“Fica estabelecida
a possibilidade de sonhar coisas impossíveis
e de caminhar livremente
em direção aos sonhos.”
(Luciano Luppi)

A proposta de que trata este relato é desenvolvida no Curso de Ensino Médio do Colégio Estadual São Francisco do Bandeira, localizado no Município de Dois Vizinhos – PR, a 20 km da cidade. Uma das poucas escolas do campo que, atendendo uma reivindicação das comunidades, desde 1998, passa a implementar Ensino Médio, dando continuidade ao trabalho desenvolvido no Ensino Fundamental. Atualmente, desenvolve junto aos três anos do curso de Ensino Médio, uma proposta diferenciada que vem chamando de Educação de Nível Médio do/no Campo.

As comunidades de abrangência do curso estão envolvidas no Projeto Vida na Roça – PVR², o

-
- 1 Jurisdicionada NRE de Dois Vizinhos. Destacam-se professores, direção e coordenação que nestes dois anos fizeram parte do projeto: Giselle Cazella, Santina Martins Gomes, Marileide Teresinha Zanini, Rosimeri Isidorio, Ionara Regina Marion, Gisele Ângela Isoton, Keli Naiane Zanelatto, Leidiane Carla Silvestro, Jaqueline Dartoran Denes, Expedito Pedrinho Isoton, Maribel Cappelleso Bedra, Diovane Grando, Rosalba Koerich Borghesan, Jussara Manica, Marizete Perin, Liliâne Martins Zanini, Lidiane Bratti Barp, Olidete Lúcia Gava, Edinéia Maria Guzzo, Elizangela Oliveira da Silva, Giovanni Grando, José Juarez Bido e José Dias de Castro.
 - 2 As discussões em torno da implantação do projeto Vida na Roça (PVR) em Dois Vizinhos ocorreram entre os representantes da agricultura familiar/camponesa e da Prefeitura Municipal de Dois vizinhos, da Assesoor e da UNIOESTE, na sede da Assesoor, em Francisco Beltrão em setembro de 2001. Neste ano acontece a I Conferência de Educação do Campo da região Sudoeste do Paraná, onde se discutiu a relação entre Educação Pública do Campo e Desenvolvimento. Com a Conferência, se fortalece e re-anima o debate entre as entidades da Agricultura familiar/camponesa do município e a Prefeitura Municipal que, além da decisão política, acabam assumindo o desafio de colocar em prática as primeiras ações. Nestas condições, a Assesoor firmou sua intenção de assessorar o PVR em Dois Vizinhos e, no dia 19 de dezembro de 2001, acontece a primeira reunião de trabalho entre a Assesoor, Entidades da Agricultura familiar/camponesa, UNIOESTE e Prefeitura Municipal de Dois Vizinhos (na época participaram a Secretaria de Educação e a de Agricultura), objetivando conhecer as formas possíveis de iniciar o Projeto Vida na Roça, incluindo de imediato o Programa de Formação de Professores do Campo.

qual pode ser definido como uma dinâmica que vem sendo capaz de gerir desenvolvimento, a partir dos Sujeitos locais, de forma multidimensional³ imprimindo mobilização e capacidade organizativa nas comunidades do campo.

O PVR fundamenta-se no princípio de que o ser humano é um ser de trabalho que se constrói nas relações sociais e de que, independentemente de seu lugar social, toma decisões, cria, transforma e age de forma coletiva e organizadora na defesa de seus interesses de classe. A partir desta concepção, todas as ações realizadas na comunidade buscam consolidar uma nova forma de organização local com autonomia e respeito às diversidades. A participação das pessoas (crianças, jovens, idosos, mulheres e homens) na elaboração, execução e avaliação dos projetos, possibilita que as mesmas tenham o controle, interno e externo, tanto no processo como no produto.

Desta forma, as pessoas vão construindo um projeto de desenvolvimento que não se reduz às atividades econômicas isoladas, fragmentadas ou de dependência. Ao contrário, a concepção de desenvolvimento busca dar conta da totalidade da existência humana, envolvendo os aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais, construída tanto na educação formal como na educação não formal, imprescindível para ir atingindo novos níveis nas diferentes formas de organização.

Assim, o PVR vem possibilitando que os sujeitos envolvidos instaurem processos de compreensão da situação em que estão inseridos e, ao analisar a mesma, ao estabelecer prioridades coletivas de ação, as negociem nos aportes das políticas públicas, intervindo assim, inclusive nas concepções e rumos da gestão pública.

Esse projeto envolve quatro comunidades do município de Dois Vizinhos, chamadas Linha Piracema, São Francisco do Bandeira, São José e São Miguel do Canoas, contando também com um conjunto de parcerias do município e da região⁴, que se encontram, mensalmente, para gerir a coordenação do processo.

3 O PVR tem o diferencial de construir processos de desenvolvimento procurando abranger as múltiplas dimensões, tais como: educação, saúde, saneamento, cultura, gênero e gerações, produção e renda, dentre outras demandas que possam emergir. Neste sentido, “democratizar o poder, construir hegemonia popular, sacudir o imobilismo, superar a impotência criada por práticas clientelistas e fragmentadas, tão comumente usadas na política, canalizar e focalizar esforços em nome de um projeto coletivo, e acima de tudo, permitir que os próprios sujeitos co-mandem o processo, a partir de suas escolhas conjuntas, tem sido as grandes potencialidades do PVR.” (Caderno Pedagógico: “A prática pedagógica fundamentada nos princípios freireanos do tema gerador: sistematizando uma experiência em construção nas escolas do campo de Dois Vizinhos – em fase de publicação).

4 Prefeitura Municipal de Dois Vizinhos, (Secretarias de educação, Saúde, Agricultura e Viação e Obras) a Associação de Estudos e Orientação e Assistência Rural - ASSESOAR, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais - STR; a Cooperativa de Crédito com Interação Solidária – CRESOL, a Cooperativa de Leite da Agricultura familiar/camponesa – CLAF, Casa Familiar Rural - CFR, Núcleo de Regional de Educação - NRE, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER – Dois Vizinhos, Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR – Faculdade Vizinhança do Vale do Iguaçu - VIZIVALI, Cooperativa da Agricultura familiar/camponesa - COOPAFI; Associação das Famílias do Projeto Vida na Roça - AFAVIR.

A partir de 2005, o PVR levantou a proposição de re-pensar a proposta do Ensino Médio, voltando-o para o debate do campo e para as propostas da Agricultura familiar/camponesa. Construídas algumas proposições, criou-se um Grupo de Trabalho com integrantes da Direção da Escola, alguns professores, a coordenadora da Educação do Campo do NRE e o Projeto Vida na Roça através da Assessorar⁵.

O grupo de trabalho foi sistematizando as proposições e elaborando a proposta. Para que a mesma pudesse avançar, o PVR provocou discussões com as comunidades envolvidas, estudos com os professores, debates com os educandos, colocando-os em diálogo com as concepções e a trajetória da educação do campo e com as propostas alternativas desenvolvidas em outros locais. Houve também vários momentos de estudos, apresentação das proposições ao NRE de Dois Vizinhos o qual foi analisando-as do ponto de vista técnico e da viabilidade de implementação. Também se encaminhou o processo à SEED junto a Coordenação da Educação do Campo que agendou uma audiência com o Departamento Técnico da Secretaria, onde estiveram presentes os representantes da Coordenação do PVR do município.

Após muitos debates, inclusive com uma análise de qual modalidade mais atenderia a juventude do campo⁶, no final de 2006, obteve-se um parecer favorável a aprovação de uma proposta diferenciada. Pôde-se compreender com os estudos que não havia necessidade de aprovação de um Novo Regimento ao Curso de Ensino Médio como o grupo pensava, porém de um Projeto Político-Pedagógica para o Ensino Médio em andamento. Para aprovação desta proposta foi preciso explicitar como as práticas que integrariam o curso seriam articuladas com os conteúdos e como se estaria garantindo a participação e presença de todos os educandos acompanhados por professores em todos os momentos das práticas, ficando assegurado o cumprimento da carga horária mínima de um curso de Ensino Médio.

Com a aprovação da proposta, intensificou-se o debate da educação nos encontro do PVR. Realizou-se uma rodada de encontros nas comunidades onde se debateu a educação a partir da questão *“que escola temos e que escola queremos”*. Trabalhou-se um diagnóstico onde as famílias foram visitadas, expressando sua opinião sobre a escola e o papel de uma educação emancipadora na formação da juventude do campo. O debate com os educandos, mediante aprovação da proposta, levou-os a investigar um conjunto de temáticas, as quais mesmo sendo próximas à sua realidade mostraram que eles não conheciam os dados e não tinham todas as informações ou não haviam refletido sobre o cotidiano da sua vida, o trabalho e suas relações.

Com estas ações, começou-se tematizar o campo, os impactos da modernidade, as mudanças provocadas pela revolução verde, quais as possibilidades que existem, que alternativas poderiam ser

5 Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural – Entidade localizada no município de Francisco Beltrão, que assessora o PVR e, por meio deste vínculo, acompanha o curso dando suporte pedagógico ao projeto, especialmente na formação de educadores e os momentos de práticas desenvolvidas fora do espaço de sala de aula.

6 Chegou-se construir alguns passos de uma proposta de Ensino Médio Integrado com o Profissionalizante com Habilitação em Agricultura. As comunidades do PVR avaliaram que o ensino profissionalizante para a juventude que ingressa no ensino médio ainda em tenra idade (14, 15 anos) não seria o mais indicado. O interesse era para que houvesse uma sólida formação nas diversas áreas do conhecimento que permitissem ao jovem fazer uma leitura de mundo e articulação com a realidade local.

fortalecidas, discutiu-se as políticas públicas e porque muitas vezes essas não estão presentes no campo, o direito pelas mesmas, avaliar o que os impede de perceber que o campo possui potencialidades e pode ser um lugar de viver e construir projetos de vida. Assim, elaborar uma leitura de mundo que poderá permitir uma opção de escolha além de apenas descartar o campo, assumindo o rumo fatalista de buscar emprego na cidade.

Esses momentos de diálogo, de escuta, foram sendo aproximados da escola, onde os professores foram aos poucos contemplando em seus planejamentos. As questões levantadas, os interesses, os depoimentos, os novos sujeitos e os novos diálogos, abriram-se outros tempos e espaços que levaram a ampliação do período de 45 min., lugar este compreendido como aula ou seja, o trabalho de ensinar apenas entre as quatro paredes da sala de aula, num tempo restrito. Outras temáticas começaram fazer parte do mundo da escola, trazendo consigo também muitas dúvidas geradoras de necessidades, de mais subsídios, de trocas, de momentos coletivos de planejamento, que foram imprimindo um novo jeito de trabalhar com a juventude da escola, e também foram dando uma nova cara ao curso.

Nesse sentido, construiu-se como principal diferencial nesta proposta a integração de práticas da agricultura ligando-as ao currículo do curso, articuladas em Eixos Temáticos que integram as áreas do conhecimento. Para isso, além da contribuição da comunidade e do PVR, está previsto 20 h/a de Coordenação Pedagógica para articulação e coordenação de todo esse processo. Estas horas de Coordenação específica para o curso, foi uma solicitação feita à SEED (Secretaria de Estado da Educação), encaminhada junto ao pedido de aprovação da proposta. O trabalho de acompanhamento realizado por um pedagogo é muito importante, para que haja a efetivação da proposta pedagógica e,

nesta perspectiva, é possível observar que a Secretaria de Estado de Educação, progressivamente, veio aumentando a percepção das possibilidades de infraestrutura, para acompanhar a educação do campo, fator que levou à definição deste um plano de formação que vem se estruturando não só para os professores de escolas onde existe o Projeto Vida na Roça, mas para os professores do campo de todo município, isto tudo em sintonia com o Núcleo Regional de Educação (Reunião da Coordenação do PVR -Dez/04).

A proposta está no seu segundo ano de implementação. No primeiro ano, as práticas foram desenvolvidas quinzenalmente, contando com a parceria do PVR. Nos dias de prática, os educandos não tinham aula na sala, e eram acompanhados nos trabalhos por lideranças, técnicos ligados ao PVR e um ou dois professores. Aproveitava-se que a maior parte dos professores ficava na escola e realizava-se um planejamento coletivo com o conjunto de professores. Alguns momentos dos planejamentos envolviam além dos professores, educandos, lideranças do PVR e a comunidade educativa.

Contudo, as avaliações ainda demonstraram que a desassociação entre as práticas e os conteúdos desenvolvidos em sala de aula era grande. Foi-se construindo alguns aprendizados, entre eles, o de desenvolver um planejamento mais dialógico, deixando as dificuldades serem socializadas, permitindo mais tempo para falas, em que cada professor de forma mais espontânea, ia apontando como sua área do conhecimento poderia integrar-se ao eixo temático. Também se avaliou e construiu o programa de práticas com maior participação dos educandos.

Neste segundo ano de desenvolvimento da proposta, além de alguns momentos de práticas desenvolvidas, definiu-se ainda por duas semanas intensivas de práticas, uma no primeiro semestre e outra no segundo, as quais também têm o papel de socialização do que veio sendo trabalhado, sendo a mesma coordenada e avaliada pelos professores.

Apresentamos os principais itens da avaliação desenvolvida junto à comunidade, famílias educandos e professores realizada no final de 2007:

Destacamos alguns dos maiores entraves encontrados no processo: a) a dificuldade do grupo de professores encontrarem-se para planejarem coletivamente; b) o próprio tempo de planejamento que é escasso; c) falta de subsídios teóricos que permitam aproximar as áreas do conhecimento as questões concretas levantadas pelas práticas; d) a rotatividade de professores, tendo em vista o custo de transporte que estes assumem, onde os próprios professores precisam arcar com os custos. Como potencialidades poderíamos apontar: a) avanço no envolvimento, aprendizagens e construção de conhecimento dos educandos e de suas famílias; b) escola que começa re-conceber-se rompendo com tempos, espaços, conteúdos - fragmentados transmissivos - contemplando outros sujeitos, outras relações, outras práticas; c) O planejamento pedagógico, o estudo, o aprofundamento teórico, a troca, a busca de outras fontes, outros materiais começa a ser uma necessidade na escola; d) Os educandos - jovens do campo - já dizem que não querem sair do campo, interagem nas práticas com pertença... começam a sujar a mão de terra.

Desse modo, pode-se perceber que a proposta veio permitindo a abertura da escola à prática social do campo, possibilitando aos jovens interrogarem-se, situarem-se, produzirem leitura de mundo, dialogarem sobre si e seus projetos de vida. Percebemos que os educandos envolvem-se mais, participam e constroem conhecimentos que são também resultantes de uma prática concreta.

Junto ao coletivo de professores, o maior aprendizado foi relacionar o conhecimento historicamente produzido com sua realidade e com o meio, onde os educandos estão inseridos. Neste sentido, há consonância com as DCEs da Educação do Campo, “os povos do campo querem que a escola seja o local que possibilite a ampliação dos conhecimentos; portanto, os aspectos da realidade podem ser pontos de partida do processo pedagógico, mas nunca o ponto de chegada” (PARANÁ, 2006: 25).

Outro aspecto relevante da proposta dos cursos é a participação das famílias e principalmente das comunidades do PVR que, desde o início, demonstraram interesse e acompanharam principalmente a realização das atividades práticas como por exemplo: as visitas nas propriedades das famílias envolvidas no PVR.

O projeto em seu segundo ano já demonstra muitos avanços. Contudo, ainda é preciso que o quadro de professores seja mais estável, pois com a rotatividade de professores ocorre uma ruptura do desenvolvimento do trabalho. Também, sente-se a necessidade de uma permanente formação voltada para o campo, onde os professores possam aprofundar seus conhecimentos e, conseqüentemente, realizar um trabalho diferenciado junto aos educandos.

A seguir, apresentaremos um planejamento no qual estão especificados apenas os conteúdos mais relacionados à temática integradora e que orientará o trabalho por aproximadamente 3 meses. Após, destacam-se as práticas realizadas durante uma semana e que buscam ser a culminância das discussões que vinham, anteriormente, sendo trabalhadas. Muitas vezes, mais que culminância, estas práticas passam a ser geradoras da necessidade de pesquisa, de outros conteúdos, de novos conhecimentos, como foi no caso da elaboração do projeto da cisterna que demandou da Matemática muitos cálculos, e também outros conhecimentos que permitissem compreender a metragem de um telhado e quanta água a cisterna poderia captar. Utilizou-se o termo “eixo integrador”, pois permitia ao grupo de professores compreenderem o papel articulador do eixo entre as práticas e o conteúdo.

Eixo Integrador – Sustentabilidade e Vida no Campo

Sub-temas: agrofloresta, sementes, culturas variadas, lixo e água

Disciplinas	Conteúdos Priorizados
História Geografia Filosofia Sociologia	Surgimento da agricultura, gênero, ciência e tecnologia, sustentabilidade x capitalismo, entrada da revolução verde, movimentos agrários, êxodo, globalização, vegetação, mata nativa e ciliar, água, solos, paisagem natural e modificada, clima, aquecimento global.
Biologia Física Química Matemática	Biotecnologia, controle de pragas, adubação orgânica, melhoramento genético, sementes transgênicas e crioulas. Produtos industrializados - embalagens, sobras e desperdícios que viram lixo – o lixo e o meio ambiente. Interferência do lixo radiativo - como bateria dos celulares. Pousio de solo, adubação orgânica, o solo e os agrotóxicos; Levantamento e produção de gráficos, tabelas, estatísticas dos produtos mais consumidos nas famílias naturais e industrializados – custos; valor nutricional e propriedades medicinais dos alimentos.
Inglês E d u c a ç ã o Física Português Artes	O que é uma vida saudável; alimentos - nomenclatura – textos da vida cotidiana – tradução. (Inglês); hábitos alimentares, valor calórico dos alimentos, higiene e saúde (Ed. Física); Comparativos campo e cidade, interpretação de composições de músicas, acrósticos, tipologias textuais, figuras literárias (Mazzaropi, Jeca Tatu), paródias, jograis com temáticas relacionados ao camponês, poética brasileira e os temas ligados a questão agrária.

Práticas:

<p>Dia 25/08</p> <p>Água</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Abertura da semana com teatro preparados pelo ensino fundamental “A fábula da água”; • Vídeos discutindo a problemática da falta de água e os impactos das barragens hidroelétricas; • Apresentação de Cisterna como alternativa para captação de água. (Participação lideranças do PVR, UTFPR, CETAP); • Projeto Cisterna na Escola – Realizou-se um diagnóstico da quantidade de água consumida na escola e pavilhão. Montou-se uma comissão com a participação de educandos para participar de todo o processo de elaboração do projeto e encaminhamento aos Órgãos Públicos que contribuirão financeiramente com o mesmo. A construção deverá ser participativa levando a comunidade apropriar-se da técnica.
<p>Dia 26/08/08</p> <p>Culturas Variadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Visita à UTFPR – Caminho na trilha ecológica, horta, herbário, laboratório de fungos. (Manhã). • Visita a propriedade ecológica observando diversidade de culturas, variedades de sementes e de vegetais - (Tarde)
<p>Dia 27/08/08</p> <p>Lixo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Teatro trabalhado com a participação do ensino fundamental sobre o tema lixo; Discussão do lixo orgânico, reciclagem, durabilidade de resíduos; • Construção de um espaço para compostagem na escola. • Estabelecer um acordo de como proceder com a separação do lixo e re-aproveitamento; • Circuito de Oficinas: a) Sabão - re-aproveitamento de óleo; b) brinquedos, sacolas, utensílios; Garrafa pet – c) compostagem; d) confecção de lixeiras para separação do lixo;
<p>Dia 28/08/08</p> <p>Agrofloresta</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Re-plantio no espaço de Agrofloresta da escola; • Implantação de uma agrofloresta em terreno cedido para experimentos da escola com plantio realizado pelos educandos.

<p>Dia 29/08/08</p> <p>Troca de sementes, mudas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de oficina de biofertilizante; • Construção de um minhocário; • Replanteio do horto medicinal da escola; • Fechamento da Semana com avaliação e coleta de sugestões para os próximos momentos de prática;
<p>Dia 30/08/08</p> <p>Festa da semente</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Culminância da semana com realização da Festa das sementes. Celebração religiosa com partilha de sementes. Troca de sementes, mudas, ovos... Apresentações de danças, cantores mirins, teatro, jogos integrando toda a comunidade;

Deste planejamento, destacaremos uma atividade desenvolvida na disciplina de português⁷, cujo conteúdo estruturante é o discurso como prática social. Ao trabalhar com texto normativo, desenvolveram-se os seguintes passos:

- Organização da turma em pequenos grupos para desenvolver estudos sobre questões ligadas a realidade do campo (sustentabilidade, agronegócio, agroecologia).
- Apresentação do estudo desenvolvido no grupo para a turma.
- Leitura do Artigo 5º da Constituição Federal, onde estão definidos os Direitos e os Deveres Individuais e Coletivos com o objetivo de conhecer o texto que define os parâmetros da nossa cidadania e tomar contato com um tipo diferente de texto: *texto normativo*, que vamos encontrar em leis, estatutos e regimentos definindo as práticas sociais civis.
- Contato com texto normativo do poeta Thiago de Mello bem como à Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- Produção do próprio estatuto do homem do campo dentro do tema gerador desenvolvido. Para isso, primeiramente, cada grupo produziu seu Estatuto. Após, coletivamente, elegendo fragmentos de cada produção, chegando-se ao poema abaixo.

7 Trabalho desenvolvido pela Professora Marizete Perin.

Estatuto do Campo

Artigo I

Fica decretado que agora vale a vida

A produção do campo

E de mãos dadas pela natureza

As fontes águas limpa e pura.

Artigo II

Fica decretada que todos tem direito à terra

A produção da sustentabilidade

E a preservação do meio que vivemos

Portas janelas se mantenham abertas

Para o verde da esperança.

Artigo III

Fica decretada que a partir de agora

Haverá produção em todas as terras

Onde predomina a razão

Que com verde da natureza

Levam a esperança e o pão.

§ Único

A natureza passará a confiar nos sujeitos

que vivem no campo.

Artigo IV

Fica decretada que o indivíduo e o campo

Serão o centro do discurso do projeto

Que o homem confiará no campo
Como animais confiam na floresta
Como o peixe confia na águas
E como pássaro confia no vento para voar.

§ Único

O homem cuidará da natureza como a rosa
Que mesmo rodeada de espinhos,
Deixa à mostra sua beleza.

Artigo V

Fica decretado que a natureza
Será livre para produzir as suas próprias espécies

Sendo que nunca mais haverá a necessidade de usar veneno que possa extinguir várias espécies de animais e vegetais

Assim a vida será preservada.

Artigo VI

Fica estabelecido durante todos os séculos das vidas
A prática da cultura da terra
A prática sonhada pelos trabalhadores
Que as plantas também crescerão com direito a vida
O homem confiará no campo como um meio de sobrevivência.

Artigo VII

Fica decretado que a partir deste momento
Reinará a justiça e a liberdade no campo
Que a alegria e a generosidade

Falarão mais alto na alma do povo do campo.

§ Único

Que essa liberdade seja o começo de uma longa vida de felicidade entre os seres humanos, animais e plantas.

Artigo VIII

Fica decretado que a grande luta por dignidade no campo

Está acima da vida

E que a maior justiça

Sempre foi e sempre será

“Dar amor à natureza”

E saber que é a água

Que dá à planta o milagre da vida.

Artigo IX

Fica decretada que o alimento e a floresta, seja para o ser humano

Um símbolo de riqueza

E que a luta por educação do campo seja reconhecido pelos governantes uma transformação social.

§ Único

Fica permitido que todas as pessoas possam se envolver e colaborar com a construção da educação do campo.

Artigo X

Fica decretado que qualquer pessoa

Tem o direito a um pedaço de terra

Água limpa em abundância

E qualquer pessoa a qualquer hora da vida

O uso do campo.

§ 1º Inclusive para os irmãos, que moram nas
favelas e embaixo de pontes

§2º Para isso lembramos da reforma agrária.

Artigo XI

Fica decretado por consenso

Que homem é um animal que ama

E por isso protege a natureza

E todo ser vivo que nele existe.

Artigo XII

Fica decretada vida no campo

A liberdade expressão campesina

O direito de produzir o alimento

Como símbolo da vida.

Artigo XIII

Fica decretado que o dinheiro

Jamais trouxe e nem trará felicidade

A partir desse instante

A água será pura e transparente

Veremos o pôr do sol e a noite estrelada

Nossas moradas serão a natureza protegida.

Artigo Final

Fica proibido o uso da palavra desmatamento

A qual será apagada da memória das pessoas

A partir desse momento

A floresta será algo vivo

O homem nela poderá plantar a semente para seu sustento

E a vida no campo

Será a esperança da natureza sobreviver

E o homens e mulheres terão consciência

Que o campo é sua razão de viver.

EDUCAÇÃO DO CAMPO E DESENVOLVIMENTO LOCAL – UMA MUDANÇA PARA ALÉM DA ESCOLA

(Sistema Municipal de Ensino – Porto Barreiro/PR)

O município de Porto Barreiro, situado na região centro-oeste do Paraná tem mais de 90% da sua população vivendo no campo, motivo pelo qual sempre foi referência para a educação do campo, também, porque sua História foi fortemente marcada por este debate quando sediou a II Conferência Estadual, da qual nasce a Carta de Porto Barreiro¹, um dos documentos que é marca da educação do campo.

Mesmo assim, o projeto educacional de modo geral tinha dificuldade de vincular-se a esta realidade e é por isso que em 2006, constrói-se uma equipe específica de trabalho que passa a desenvolver uma proposta na perspectiva do desenvolvimento e educação do campo. Tal proposta buscava apontar também um projeto para o município que articulasse as dimensões do desenvolvimento, partindo das referências econômicas e sócio-culturais dos diferentes sujeitos que ali vivem. Construiu-se então um projeto como mediação para implementar a proposta, que se chamou Projeto Comunidade, Família e Educação – PCFE, que

... busca atingir como centralidade primeira as comunidades e núcleos escolares, provocando um “movimento” onde as famílias e comunidades passam a dar-se conta de que sua vida não é apenas uma fatalidade sujeita a decisões de projetos externos mas, que está inserida num processo, numa História (...) faz parte também de um primeiro momento onde se pretendeu iniciar um trabalho com educação do campo, pois, conforme apontam estudos e experiências até aqui elaborados nesta perspectiva, educação do campo é mais que escola, implica, portanto, em rever e reconstruir um “paradigma de Campo”... (PCFE, 2007: 07).

O PCFE dividiu-se em três fases definidas de acordo como “movimento” da realidade local, organizando-se em eixos: a) Escolas, Projeto Político Pedagógico e Formação dos/as Professores/

1 No ano 2000 se realizou no município de Porto Barreiro-Pr, um encontro que reuniu educadores/as, camponeses/as, dirigentes de movimentos sociais populares e outras lideranças, que se chamou II Conferência Estadual “Por uma Educação do campo” (POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2000: 54).

as; b) Comunidade, Família, Crianças, Jovens e Formação; c) Saúde, alimentação, sementes e geração de renda; d) Cultura (música, teatro, dança) e lazer. Esta proposta, que desenvolve outras dimensões além da educação, baseia-se nas muitas discussões já feitas sobre o campo e suas relações tão bem sintetizados por Arroyo (2005), quando diz que o direito à educação vem como um primeiro direito do ser humano, porém, a educação como direito está entrelaçada com a totalidade do processo de produção da existência, com a luta por todos os direitos, como terra, vida, alimentação e dignidade.

Na perspectiva da escola, este processo buscou propor uma forma de pensar e agir onde o ensinar na escola não é apenas o cruzar uma disciplina com outra disciplina, mas é traduzir as totalidades da vida humana, dos conhecimentos já sistematizados e das possibilidades de desenvolvimento para uma vida digna e humanizada, apostando na função da escola de somar com os processos de humanização que já acontecem na sociedade, com uma concepção de educação alargada, isto é, que seja capaz de considerar os aprendizados da vida presentes na família, na religião, nos costumes, nas comunidades, nos diferentes grupos e etnias, entre outros (ARROYO, 2005).

Como este projeto foi coordenado pela Secretaria Municipal de Educação, uma prioridade foi a formação dos professores, pois teriam participação ativa na construção do projeto. A formação articulou-se em dois eixos que se aproximavam da proposta geral do PCFE: Construção de uma Proposta de Desenvolvimento e Educação do Campo e Projeto de Vida Pessoal e Profissional. A metodologia desenvolveu-se com três linhas de ação: a) possibilitar a reflexão sobre o processo de desenvolvimento local e municipal a partir do envolvimento nas ações desencadeadas, b) construir de forma coletiva a relação entre escolas e comunidades e, c) fortalecer a prática da leitura e escrita na produção de conhecimento refletindo sobre as práticas dos professores.

Na perspectiva de se trabalhar o PCFE², enquanto uma proposta de educação do campo houve um amplo envolvimento de todas as escolas e dos/as professores/as, sempre preparado previamente com um aprofundamento dos fundamentos e da metodologia com as professoras. As atividades do PCFE envolveram dias de estudo, preparação e organização das comunidades, estudo e preparação das crianças para participarem dos encontros em suas comunidades, até a problematização e os debates com o grupo específico das crianças e adolescentes, durante os encontros nas comunidades. Cada professor escolhia mais que uma comunidade, onde preferia participar, normalmente as mais próximas de sua residência ou comunidades das quais recebem um número considerável de educandos.

Sua função principal durante o primeiro momento do projeto nos encontros com as comunidades foi atender os grupos de crianças de forma específica, conforme a proposta de trabalho. Os educandos, da comunidade em que era realizado o encontro, eram dispensados das aulas para participarem, até mesmo os educandos de 5^a a 8^a Séries e Ensino Médio³, pois o projeto pretendia envolver todo o município. Na volta para a escola, os temas eram retomados e os trabalhos realizados e expostos.

2 A metodologia deste trabalho nas comunidades está melhor descrita na publicação: Projeto Comunidade, Família e Educação – PCFE: Sujeitos “em movimento” uma contribuição para processos de Desenvolvimento e Educação do campo. Porto Barreiro-PR, 2007: 10-15.

3 Cabe destacar que as escolas do sistema estadual de educação também se envolveram na construção da proposta e na execução com a participação dos educandos em suas comunidades, e também nos momentos coletivos.

Foi escrito um texto base para subsidiar os encontros desta 1ª Fase com seis temas: a) Família, juventude e crianças; b) Mídia e Cultura local; Modelos de Agricultura, mão de obra e trabalho nas famílias; c) Função da comunidade, sentido do lugar, onde se vive e nucleação e/ou desnucleação das escolas; d) Saúde, alimentação e vida com qualidade; e) Escola e projetos de educação e formação para as famílias agricultoras/camponesas. Cada tema foi estudado pelos participantes das comunidades e depois deste momento, as comunidades ficaram com uma tarefa de reunir-se novamente e definir quais projetos seriam necessários. O resultado deste trabalho foi socializado num Seminário Municipal, juntamente com uma apresentação cultural de cada comunidade, sempre acompanhados pelo trabalho das professoras.

Ainda na 1ª Fase do PCFE, as comunidades que aderiram ao Projeto, recuperaram suas Histórias, refletindo-as diante das questões que se colocam hoje no contexto do campo. As professoras assumiram esta tarefa juntamente com a coordenação do Projeto. Grande parte delas aprofundou a pesquisa de sua comunidade, entrevistando as famílias mais antigas do lugar, revisando outras fontes de pesquisa e contribuindo com a escrita dos textos.

Já na 2ª Fase do PCFE, houve mais um momento onde todas as comunidades organizaram encontros para debater as relações vividas no campo e planejaram as ações de forma concreta, onde as professoras também participaram ativamente com a mesma metodologia, ou seja, estudando, compreendendo, colaborando com os debates e o processo e com os encaminhamentos nas comunidades e na escola.

O Projeto Comunidade, Família e Educação contou também com coordenações de pessoas das comunidades que tinham a tarefa de manter no local o “movimento” criado, dando andamento ao planejamento que era feito pelas comunidades. Esta coordenação reunia-se periodicamente para aprofundar o estudo e a construção das metodologias.

Várias iniciativas nasceram nesta 1ª Fase, desenvolvendo-se e firmando-se, muitas vezes diminuindo seu ritmo, outras vezes consolidando-se, conforme podemos perceber nas ações que se destacam nos eixos abaixo.

Eixo 1 – Escolas Projeto Político Pedagógico e Formação dos/as Professores/as: Desnucleação das escolas; Construção de parquinhos alternativos através de mutirões; Reorganização dos espaços pedagógicos escolares; (embelezamento das escolas, construção e reativação de hortas escolares); Reconstrução coletiva dos PPPs; Trocas de sementes e mudas; Reagrupamento dos educandos por necessidade de aprendizagem; Recreio Pedagógico; PAIE (Pasta de Acompanhamento Individual dos Educandos) e Seminários de troca de experiência entre os professores.

Eixo 2 – Comunidade, Família, Crianças, Jovens e Formação: Telecentros com formação dos adultos; Escrita do 1º Volume do Projeto Comunidade, Família e Educação; Rodadas de conversas nas comunidades e Inserção do município no Programa Saberes da Terra.

Eixo 3 – Saúde, alimentação, sementes e geração de renda: Proteção de fontes e recuperação da água saudável; Estudo de tecnologias de produção familiar; I Seminário da Agricultura familiar/camponesa/camponesa de Porto Barreiro; organização de grupos de famílias para trabalhar com plantas medicinais; Resgate de sementes crioulas e Feira de comercialização de alimentos.

Eixo 4 – Cultura (música, teatro, dança) e lazer: Cinema nas comunidades; Grupo de teatro e Grupo de danças gauchescas.

Com relação às escolas, destaca-se a construção dos PPPs que se tornaram necessidade na medida em que a reflexão sobre desenvolvimento e educação do campo passou a tomar corpo. Esta construção, além do processo já vivido no Projeto, contou ainda com visitas das professoras às famílias dos educandos e estudo de temas para fundamentar o PPP.

Da análise das práticas da escola, das necessidades existentes e do processo vivido no PCFE, construíram-se algumas mediações pedagógicas que articulam o projeto de desenvolvimento local e a escola, a aprendizagem das crianças e seu avanço com bom aproveitamento e uma maior aproximação entre escola, famílias e comunidade. Destacamos algumas destas mediações que foram realizadas neste período de 2006-2008.

a) Reagrupamento⁴ – é comum termos na escola seriada, grandes diferenças nos níveis de aprendizagem das crianças. No reagrupamento acontece um diagnóstico e os educandos são agrupados em torno de suas necessidades, sejam elas da alfabetização e letramento ou dos conhecimentos de Matemática. Cada grupo terá um professor, não necessariamente o “seu professor”. As atividades são organizadas a partir da compreensão destas necessidades que acontece num planejamento coletivo. O trabalho deverá ser diferente daquilo que é comum na sala de aula todos os dias, de forma que, em contato com outro grupo de colegas, outros professores e atividades diferenciadas, as crianças tenham oportunidade de desenvolver os conhecimentos que lhe falta na relação idade-série. Normalmente acontece duas vezes por semana.

b) Recreio Pedagógico - O recreio passa a ser incorporado pela escola como um espaço e um tempo significativo, com uma intencionalidade voltada tanto ao desenvolvimento quanto a aprendizagem dos educandos. Organizam-se várias modalidades de brincadeiras, com brinquedos que podem ser construídos pelas próprias crianças, e que elas terão acesso no horário do recreio. O tempo do recreio deverá ser maior, de forma que as crianças tenham um tempo para o lanche e um tempo para brincar de forma organizada e intencional.

c) Quintais e hortas agroflorestais - Foram aproveitados os espaços vazios em torno da escola, as crianças e pessoas de suas famílias participam do cuidado da terra, da busca de mudas e sementes, do plantio e posteriormente da colheita. Este espaço é permanente e organizado também para criar uma dinâmica que articule as disciplinas no sentido de uma problematização que faça a diferença entre estudar no caderno, no quadro de giz e no livro didático e estudar analisando os processos de recriação e reconstrução da natureza no próprio quintal agroflorestal.

d) A troca de sementes e mudas – é um momento em que se desenvolvem várias atividades em torno da ação: resgatar sementes antigas, estudá-las, catalogar o que trazem, desenvolver trabalhos nas disciplinas e conhecer as sementes e mudas. No dia marcado, todas as comunidades que fazem parte da escola vêm participar; organizam-se peças de teatro, palestras e falas de agricultores para contar suas experiências. O momento forte é a socialização das sementes e mudas que é feita em grandes bancas pelas crianças e suas professoras. Todos levam as variedades, com o compromisso de no ano seguinte, trazer novamente para que a biodiversidade cresça na comunidade.

e) Parques Infantis e embelezamento da escola – são construídos no espaço maior da escola, incluindo também o plantio de flores e árvores, nestes arredores. Foram construídos de forma coletiva, com os pais, as mães e

4 O reagrupamento e o recreio pedagógico são mediações da organização da escola por ciclos de formação humana.

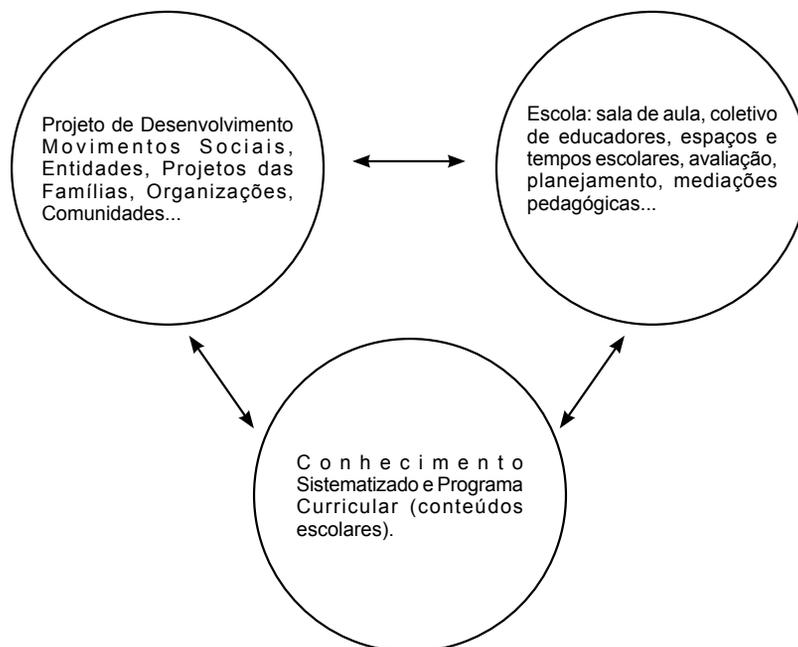
também as crianças e com aproveitamento de materiais alternativos.

f) Planejamento bimestral coletivo - O planejamento bimestral é o espaço articulador que busca construir um diálogo entre as mediações pedagógicas que aconteceram, as atividades desenvolvidas na relação com o tema trabalhado, os conteúdos que alcançaram os objetivos ou não, os níveis de participação e as relações construídas. Debatem-se as ações do tema geral e os resultados das práticas de aprendizagem registradas, através de relatos que apresentam o realizado e a avaliação dos limites e avanços conseguidos, reencaminhando o planejamento.

g) Seminários de Socialização com as famílias e a comunidade – É um espaço onde a escola vai socializar com a comunidade o trabalho realizado em cada semestre, desde as produções individuais das crianças, os trabalhos coletivos dos bimestres a partir dos temas planejados e desenvolvidos, apresentando às famílias os resultados do trabalho. Desta forma se criam laços entre as famílias e a escola.

Como vimos, há momentos em que os professores vão até as comunidades, contribuem com a organização das famílias e há outros em que as famílias vêm até a escola e contribuem com suas necessidades bem como com o processo educativo. Porém, continuar e implementar este projeto de desenvolvimento e educação do campo é um desafio, uma vez que será preciso ainda por um tempo de uma boa quantidade de diretividade e acompanhamento de uma equipe às escolas e comunidades, para garantir esta relação entre o que se propõem e a possibilidade da prática destes aprendizados.

O Programa Comunidade, Família e Educação está na sua terceira fase nesse ano de 2008 e deverá avançar para recriar os Projetos de Vida das famílias, principalmente os que foram nascendo, a partir dos temas estudados e das ações desenvolvidas, por exemplo, para ter uma vida com mais qualidade, através da diversificação da produção e preparação dos alimentos, da saúde a ser cuidada, superando a dependência de remédios alopáticos, visualizando possibilidades de aumento da renda familiar que inclua as mulheres, os jovens, as crianças e um avanço no nível de conhecimento, através da educação formal e não formal, entre outros. (PCFE, 2007).



Com relação aos PPPs, as escolas se desafiam a colocá-los em prática, porém com dificuldades, que se referem, principalmente, ao horizonte de consumo que se coloca quase sempre como o único horizonte, tanto nas comunidades e famílias, bem como nos professores, aumentando o desafio de sustentar atividades de luta e resistência como estas do projeto. O consumo exacerbado, normalmente situa o sujeito apenas no nível do ter, da aparência, desenvolvendo uma estratégia de vida pragmática e superficial, de interesses próprios e individualistas, onde o projeto maior é o dinheiro. Este jeito de viver cria uma aparência de sucesso e aceitação social imediatos, porém, isto impede que se sustentem projetos de médio e longo prazos, que exijam processo, empenho, estudo, trabalho, dedicação e espírito de sacrifício.

Este processo, ainda em curso, nos coloca diante de muitas perguntas e dúvidas, porém com uma certeza da qual não podemos abrir mão: o desafio maior que temos para colocar em prática a educação do campo; refere-se à necessidade de rompermos com os “muros” que separam a escola da vida. Isso nos levará, inevitavelmente, a construir um processo educacional vinculado a um projeto de desenvolvimento multidimensional, contemplando a construção do ser humano, não apenas como consumidor de bens, mas como sujeito construtor de História, de cultura e de vida com dignidade.



SUGESTÕES DE FILMES, LIVROS SÍTIOS E REFERÊNCIAS

FILMES

1. Filme: Saneamento Básico

Direção: Jorge Furtado

Sinopse: Os moradores de Linha Cristal, uma pequena vila de descendentes de colonos italianos localizada na serra gaúcha, reúnem-se para tomar providências a respeito da construção de uma fossa para o tratamento do esgoto. Eles elegem uma comissão, que é responsável por fazer o pedido junto à sub-prefeitura. A secretária da prefeitura reconhece a necessidade da obra, mas informa que não terá verba para realizá-la até o final do ano. Entretanto, a prefeitura dispõe de quase R\$ 10 mil para a produção de um vídeo. Este dinheiro foi dado pelo governo federal e, se não for usado, será devolvido em breve. Surge então a idéia de usar a quantia para realizar a obra e rodar um vídeo sobre a própria obra, que teria o apoio da prefeitura. Porém, a retirada da quantia depende da apresentação de um roteiro e de um projeto do vídeo, além de haver a exigência que ele seja de ficção. Desta forma, os moradores se reúnem para elaborar um filme, que seria estrelado por um mostro que vive nas obras de construção de uma fossa.

2. Filme: Tristeza do Jeca

Direção: Amácio Mazzaropi

Sinopse: Um simples e popular caipira chamado Jeca (Mazzaropi) é obrigado a se envolver em política quando os líderes da região, que estão competindo na eleição para prefeito da cidade, querem a todo custo seu apoio. Atrapalhado, Jeca faz propaganda para dois políticos, ao mesmo tempo, provocando divertidas confusões. Primeiro filme colorido de Mazzaropi.

3. Filme: Jeca Tatu

Direção: Milton Amaral

Sinopse: Jeca é um caipira preguiçoso e simplório que tem sua propriedade ameaçada pela ganância de um latifundiário.

4. Filme: Tapete Vermelho

Direção: Luiz Alberto Pereira

Sinopse: Quinzinho (Matheus Nachtergaele) tem uma promessa a cumprir: levar seu filho, Neco (Vinícius Miranda), à cidade para assistir ao filme do Mazzaropi. Eles moram num pequeno sítio no interior de São Paulo. Nessa verdadeira odisséia por cidades do interior paulista, ele também leva sua esposa Zulmira (Gorete Milagres), que parte a contragosto, e o burro Policarpo. Na jornada, eles encontram peculiaridades regionais e passam por situações mágicas, relacionadas à credence popular.

5. Filme: Encontro com Milton Santos: ou o Mundo Global visto do lado de cá

Direção: Silvio Tandler

Sinopse: O filme trata do processo de globalização com base no pensamento do geógrafo Milton Santos, que, por suas idéias e práticas, inspira o debate sobre a sociedade brasileira e a construção de um novo mundo.

6. Filme: Estado de Resistência

Direção: Berenice Mendes

Sinopse: trata do avanço dos produtos transgênicos e os reflexos desse processo nos diferentes modos da produção agrícola e nos hábitos alimentares.

7. Filme: Central do Brasil

Direção: Walter Salles

Sinopse: Dora escreve cartas para analfabetos na Central do Brasil. Uma das clientes de Dora é Ana, que vem escrever uma carta com seu filho, Josué, um garoto de nove anos, que sonha encontrar o pai que nunca conheceu. Na saída da estação, Ana é atropelada e Josué fica abandonado. Mesmo a contragosto, Dora acaba acolhendo o menino e envolvendo-se com ele. Termina por levar Josué para o interior do nordeste, à procura do pai. À medida que vão entrando país adentro, estes dois personagens, tão diferentes, vão se aproximando.

8. Filme: Narradores de Javé

Direção: Eliane Caffé

Sinopse: Nada mudaria a rotina do pequeno vilarejo de Javé se não fosse o fato de cair sobre ele a ameaça repentina de sua extinção: Javé deverá desaparecer inundado pelas águas de uma grande hidrelétrica. Diante da infausta notícia, a comunidade decide ir em defesa de sua existência, pondo em prática uma estratégia bastante inusitada e original: escrever um dossiê que documente o que consideram ser os “grandes” e “nobres” acontecimentos da história do povoado e, assim justificar a sua preservação. Se até hoje ninguém preocupou-se em escrever a verdadeira história de Javé, tal tarefa deverá agora ser executada pelos próprios habitantes. Como a maioria dos moradores de Javé são bons contadores de histórias mas mal sabem escrever o próprio nome, é necessário conseguir um escrivão à altura de tal empreendimento. É designado o nome de Antônio Biá, personagem anárquico, de caráter duvidoso, porém o único no povoado que sabe escrever fluentemente. Apesar de polêmico, ele terá a permissão de todos para ouvir e registrar os relatos mais importantes que formarão a trama histórica do vilarejo. Uma tarefa difícil porque nem sempre os habitantes concordam sobre qual, dentre todas as versões, deverá prevalecer na memória do povoado. Na construção deste dossiê, inicia-se um duelo poético entre os contadores que disputam com suas histórias - muitas vezes fantásticas e lendárias - o direito de permanecerem no patrimônio de Javé.

9. Filme: Nenhum a menos

Direção: Zhang Yimou

Sinopse: Na cruel pobreza da China rural, uma jovem mulher é enviada para uma remota vila para ser a professora substituta. Pouco mais velha que os seus alunos, a tímida jovem é encarregada de manter a turma intacta por um mês, ou então não será paga. Tendo de encarar grandes dívidas familiares, o seu aluno mais traquina desaparece na cidade à procura de trabalho. A teimosa professora, no entanto, está determinada a seguir o rapaz e trazê-lo de volta para a escola. Uma vez na cidade, os seus pedidos e inquisições caem em ouvidos moucos e, só quando o canal de televisão local a ajuda, é que a sua busca tem frutos.

10. Filme: Kiriku e a Feiticeira

Direção: Michel Ocelot

Sinopse: Na África Ocidental, nasce um menino minúsculo, cujo tamanho não alcança nem o joelho de um adulto, que tem um destino: enfrentar a poderosa e malvada feiticeira Karabá, que secou a fonte d'água da aldeia de Kiriku, engoliu todos os homens que foram enfrentá-la e, ainda pegou todo o ouro que tinham. Para isso, Kiriku enfrenta muitos perigos e se aventura por lugares, onde somente pessoas pequeninas poderiam entrar.

11. Filme: Ser e Ter (Être et Avoir)

Direção: Nicholas Philibert

Sinopse: O documentário acompanha os estudantes de uma escola rural da França, do jardim da infância até o último ano do primário, dos quatro aos 11 anos. O período mostra as crianças em pleno processo de formação do conhecimento e da identidade pessoal, acompanhando-as em sua transição do universo familiar, para um ambiente no qual é levado em conta sua individualidade sem pressupostos.

12. Filme: A Corporação (The Corporation)

Direção: Mark Achbar, Jennifer Abbott

Sinopse: O filme é inspirado no livro “The Corporation - The Pathological Pursuit of Profit and Power” (A Corporação - A Busca Patológica por Lucro e Poder), de Joel Bakan. Interessa a todos, por refletir sobre a expansão mundial das grandes empresas que se tornaram mais poderosas que alguns governos. Portanto, seriam essas corporações que dominam o mundo.

13. Filme: Memórias do Cativo

Direção: Guilherme Fernandez e Izabel Castro

Sinopse: Filme desenvolvido a partir dos depoimentos de descendentes de escravos, com roteiro baseado no livro “Memórias do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição”, de Ana Lugão Rio e Hebe Mattos.

14. Filme: Sementes da Memória

Direção: Paulo Carrano

Sinopse: O filme acompanha o cotidiano de trabalho e o lazer de jovens da Comunidade de Remanescentes de Quilombos São José da Serra, localizada no município de Valença/RJ. A comunidade é conhecida pela dança do jongo originada em terreiros de escravos. O documentário trata das relações entre tradição e inovação cultural que os jovens estabeleceram com os mais velhos e da luta pela conquista de direitos: à titulação da terra, à educação e ao trabalho. Os jovens e as jovens do quilombo se apresentam nas fronteiras entre o tradicional e o moderno, o campo e a cidade, individualidades e identidades coletivas.

15. Filme: Guerra de Canudos

Direção: Sérgio Rezende

Sinopse: Em 1893, Antônio Conselheiro (um monarquista assumido) e seus seguidores começam a tornar um simples movimento em algo grande demais para a República, que acabara de ser proclamada e decidira por enviar vários destacamentos militares para destruí-los. Os seguidores de Antônio Conselheiro apenas defendiam seus lares, mas a nova ordem não podia aceitar que humildes moradores do sertão da Bahia desafiassem a República. Assim, em 1897, esforços são reunidos para destruir os sertanejos. Estes fatos são vistos pela ótica de uma família, que tem opiniões conflitantes sobre Conselheiro.

16. Filme: Morte e Vida Severina

Direção: Zelito Viana

Sinopse: Retirante nordestino atravessa o agreste e a zona da mata fugindo da seca e esperando encontrar em Recife uma vida melhor. Adaptação do poema de João Cabral de Melo Neto, musicado por Chico Buarque de Holanda.

17. Filme: Madadayo

Direção: Akira Kurosawa

Sinopse: O último filme de Akira Kurosawa conta a história das últimas décadas de vida de Hyakken Uchida, professor e escritor que se aposenta no início dos anos 40. Com saudades e reconhecendo o talento do professor, seus antigos alunos fazem constantes reuniões para matar as saudades do professor, em um ritual que o prepara para a morte, que pode estar mais perto a cada ano. Enquanto isso, a vida continua.

18. Filme: Meu Japão Brasileiro

Direção: Glauco Mirko Laurelli

Sinopse: Em uma comunidade rural nipo-brasileira, Mazzaropi é um agricultor chamado Fofuca que enfrenta a exploração descarada do “seu” Leão, responsável por intermediar os negócios entre os produtores e o comércio na cidade. Após muito penar em suas mãos, ele articula com os camponeses a formação de uma cooperativa agrícola. Mas seu Leão e seus filhos não vêem com bons olhos esta iniciativa e vão fazer de tudo para impedir Fofuca e seus amigos para conseguirem se dar bem neste Japão - Brasileiro. Acompanhe Mazzaropi em mais esta aventura no campo e colha risadas pela frente!

LIVROS

- ALMEIDA, R. Passini, **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1994.
- ALMEIDA, Paula. **Semente da paixão: estratégia comunitária de conservação de variedades locais no semi-árido**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2002.
- ARCO-VERDE, Yvelise Freitas de Souza. **Reformulação curricular no Estado do Paraná – um trabalho coletivo**. In: **Primeiras reflexões para a reformulação curricular da educação básica no Estado do Paraná**. Curitiba: CETEPAR, 2004.
- ARL, Valdemar; **“Agroecologia”**; Caderno Técnico no. 01; Editora Gráfica Berthier; Curitiba, 2006.
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba: Palotti Gráfica Editora, 2002.
- BAKHTIN, M. Voloshinov. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- BHABHA, H.K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- BLOCH, Mara. **A terra e seus homens – Agricultura e vida rural nos séculos XVII e XVIII**. Bauru: Edusc, 2001 – p.557.
- BRAGA, Odoniza Farias. **Trabalhando com Charges**. In. Revista do Professor. Julho/Setembro, 2005, p. 25 – 27.
- BRASIL. Diretrizes **Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO; CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, Parecer nº 04/1998, 29/01/1998. Regina Alcântara de Assis.
- BIGODE, Antonio José Lopes, **Matemática hoje é feita assim – São Paulo: FTD, 2000-** (Coleção matemática é feita assim) 3 v. p. 384.
- CALLADO, Antonio. **Entre o Deus e a vasilha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CALHEIROS, R. **Dignidade para os brasiguaios**. 06/11/1998. Disponível em <http://www.senado.gov.br/web/senador/renancl/artigos/cidadania-para-os-brasiguaios.htm>, acesso em 01/07/2003.
- CANÁRIO, Rui. **O que é a Escola? Um Olhar Sociológico**. Ed. do Porto, 2005.
- COELHO, M. A. **A questão da terra no Brasil: histórico da estrutura fundiária**. São Paulo: Moderna, 1988.
- DUARTE, V. P. GRIGOLO, S. C. (orgs). **Agroindústria associativa/familiar: o mito da viabilidade**. Francisco Beltrão/Pr, ADMR, 2006.
- FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. London, New York: Gongman, 1992.
- FELIX, Moacyr. **Singular Plural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel – Campinas: Assoeste – Unicamp, 1984.
- GÖRGEN, Frei Sérgio Antonio (org). **Os novos desafios da agricultura camponesa**. 2ª ed. 2004.
- GUSMÃO, M. Limpeza étnica. **Paraguaios invocam rancores da guerra de um século atrás para expulsar colonos brasileiros**. Revista Veja (São Paulo), disponível em <http://veja.abril.com.br/180899/p-103.html>, acesso em 29/09/2007.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2000.
- HOBSBAWN, Eric J. **A era das revoluções**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. Paraíba: UFPB, 1995.
- KUENZER, Acácia; “Ensino Médio- **Construindo uma Proposta Para os Que Vivem do Trabalho**”; Editora Cortez; São Paulo-SP; 2002.
- LAMARCHE, H. (coord). **A agricultura familiar: comparação internacional**. Campinas: UNICAMP, 1993. 336p.
- LAZIER, Hermógenes. **Análise histórica da posse da terra no Sudoeste paranaense**. Francisco Beltrão: Grafit, 1997.
- LIBÂNIO, José Carlos; “**Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática**”; Editora Alternativa; Goiânia-GO; 2001.
- LOPES, José de Souza Miguel; TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. **A escola vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **O princípio educativo em Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- MARTINS, L. dos S; “**A pedagogia da Alternância**”; Editora AFEFACOT; Orizona-GO; 2004.
- MARTINS, José de Souza. **Sobre o modo capitalista de pensar**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- MARTINEZ, Paulo. Reforma Agrária: **Questão de terra ou gente?** São Paulo: Editora Moderna, 1989.
- MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- MEIRELLES, William Reis, **Manhosos, Sapecas e matreiros**. Revista de História da biblioteca nacional, ano 2, nº 17, fevereiro – 2007.
- MELO Neto, João Cabral. **Morte e Vida Severina, e outros poemas em voz alta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- MOITA LOPES, L.P. **Identidades fragmentadas**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- MOITA LOPES, L.P. **Discursos de Identidades**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- MUSSOI, E.M. **Agricultura familiar... agricultura “insuficiente”?** Agropecuária catarinense, Florianópolis, v.10, n.3, p.59, 1997.
- PARANÁ. Diretrizes Curriculares da Educação do Campo. Secretaria de Estado da Educação/SEED. Curitiba, 2006.

- PARANÁ. **Caderno Temático da Educação do Campo**. Secretaria de Estado da Educação/SEED. Curitiba, 2005.
- PECORA, Alcir. **Problemas de redação**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- PUNTEL, Luiz. **Açúcar Amargo**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- ASSESOAR. **Revista Cambota**. N. 251. Francisco Beltrão: Assesoar, Junho/2002.
- REIJNTJES, Coen. **Agricultura para o futuro: uma introdução à agricultura sustentável e de baixo uso de insumos externos**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1999.
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 1999.
- SANT'ANNA A. R. de. In Falkembach, E. M. F. **Sistematização... juntando cacos, construindo vitrais**. Ijuí, Ed. Unijuí, 1995.
- SCHELLING, Vivian. **A presença do povo na cultura brasileira**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora ; GARCIA, Tânia Braga. **A História guardada no Baú**. Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 1, nº8, fev/mar, 2006.
- SIGNORINI, I. **(Des)construindo bordas e fronteiras: letramento e identidade social**. Em: **Lingua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998c, p.139-172.
- SILVA, Ezequiel T. da. **Elementos da pedagogia da leitura**. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SILVA, José Herculano da e ARAUJO, José Marcos. **Novo manual Cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998.
- SILVA, J.G. da. (coord). **Diferenciação camponesa e mudança tecnológica: o caso dos produtores de feijão em São Paulo**. Campinas: UNICAMP, 1982. p42.
- SILVA, Tomas Tadeu Da. MOREIRA, Antonio Flávio. **Território Contestado: o currículo e os novos mapas políticos culturais**. (orgs.) Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- SPRANDEL, M. A. **Brasiguaios: conflitos e identidade em fronteiras internacionais**. Dissertação (Mestrado em antropologia social). Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- SIQUEIRA, João H. Sayeg de. **O texto**. São Paulo, Selinunte, 1990.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. **A escola vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- STÉDILE, João Pedro. **A questão Agrária no Brasil**. São Paulo: Atual, 1997.
- THOMPSON, Edward P. Introdução: **Costume e Cultura**, (p13-24). In. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, Edward P. **A voz do passado: História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VANOYE, Francis. **Usos da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1987.
- VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Ed. Autores Associados, 2003.
- VENDRAMINI, C. R. **Terra, trabalho e educação: experiências sócio-educativas em assentamentos do MST**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

WACHOWICZ, Ruy. **Paraná, sudoeste: ocupação e colonização**. Curitiba: Vicentina, 1987.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**. São Paulo: CIA Letras, 1989.

SÍTIOS

Ministério da Ciência e Tecnologia – MCT – www.mct.gov.br – é um local rico em pesquisas relacionado às ações desenvolvidas na área de pesquisas tecnológicas. Podemos encontrar neste sítio assuntos relacionados com: biotecnologia, nanotecnologia, energia e recursos minerais, gestão de ecossistemas, ciências do mar, mudanças climáticas, entre outros. Assuntos atuais e polêmicos que poderão auxiliar o professor nas discussões a cerca das temáticas ambientais.

Ministério da Educação – MEC – <http://portal.mec.gov.br/secad> – traz informações específicas que se referem à Educação Ambiental: histórico, programas, projetos e ações, bem como, documentos de referência.

Ministério do Meio Ambiente – MMA – www.mma.gov.br – É um local rico em pesquisas relacionado às ações desenvolvidas na área de Educação Ambiental. Podemos encontrar neste sítio assuntos relacionados com: Agenda 21, Amazônia, assuntos internacionais, biodiversidade e florestas, qualidade ambiental, entre outros. Assuntos atuais e polêmicos que poderão auxiliar o professor nas discussões acerca das temáticas ambientais.

Planeta sustentável – www.planetasustentavel.com.br – aborda com uma linguagem acessível e atualizada aspectos relacionados ao ambiente, energia, casa, cidade, lixo, desenvolvimento, saúde, educação e cultura. Há muitos infográficos, vídeos, jogos/simuladores que podem ser utilizados didaticamente. Artigos e entrevistas estão disponíveis, bem como sugestões de bibliografia para aprofundamento teórico.

Recicloteca – www.recicloteca.org.br – especializado em reciclagem de lixo, pesquisas, serviços com boa qualidade e quantidade de informações.

Refloresta – www.refloresta.com – oferece recursos para que você possa se informar sobre as questões ambientais, de uma forma educativa. Esta página apresenta vários temas interessantes como: água, ecossistema, que ao serem consultados possuem textos que podem ser utilizados como material de apoio pedagógico, como também, outros links como: animais, eco dicas, notícias ambientais, entre outros, que possuem textos curtos ou dicas e podem ser aproveitados também pelo educador de diferentes maneiras. É um sítio bem didático e de grande proveito à educação.

SANEPAR – Companhia de Saneamento do Paraná – www.sanepar.com.br – É um *site* institucional que traz notícias sobre a qualidade da água e as ações da empresa.

SEMA – Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos – www.sema.pr.gov.br - oferece informações sobre o meio ambiente no estado do Paraná. Aborda a Educação Ambiental por meio de um histórico e documentos importantes. Apresenta alguns agentes financiadores, legislação, além de informações sobre a Agenda 21.

SPVS – www.ecoar.org.br – tem como desafio garantir a proteção das áreas naturais, visando o equilíbrio entre o homem e o meio ambiente, e despertar em cada cidadão o respeito pelos direitos da natureza.

UNILIVRE – Universidade Livre do Meio Ambiente – www.bsi.com.br/unilivre – referência obrigatória em pesquisa, recepção e difusão de conhecimento ambiental, a UNILIVRE visa criar e consolidar nos cidadãos uma consciência e uma postura que efetivamente contribuam para o aprimoramento da qualidade de vida global.

Universo Verde – www.universoverde.com.br – sítio onde você encontra cinco links que remeterão o professor a navegar pela legislação (ambiental federal, estadual e municipal); por publicações (monografias, trabalhos científicos e bibliografias); por uma relação de ONGs e um espaço livre em que o professor poderá enviar imagens, textos, mensagens para serem divulgados neste sítio.

WWF-Brasil – www.wwf.org.br – rede em prol da biodiversidade e do uso sustentável dos recursos naturais.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Uma Celebração da Colheita. In: LOPES, José de Souza Miguel Lopes; TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. **A Escola Vai ao Cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____; CALDART R. ; MOLINA M. (Org.) **Por uma Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

_____. Palestra Proferida no Seminário Nacional “Educação Básica nas Áreas de Reforma Agrária do MST”, realizada em Luziânia/GO de 12 a 16 de setembro de 2005.

ASSESSOAR. **Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural**, Francisco Beltrão/PR: ASSESSOAR, 2007.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo**. CNE/MEC, Brasília, 2002.

BRASIL. **Consumo Sustentável: Manual de Educação**. MMA – MEC – IDEC. Brasília: Consumers International. Brasília, 2005.

CALDART, Roseli Salette. **Por Uma Educação do Campo: Traços de uma Identidade em Construção**. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salette e MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

CALDART: Roseli Salette. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CALDART, Roseli Salette. **Por Uma Educação do Campo: Traços de uma Identidade em Construção.** In: Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas – Caderno 4. Brasília: Articulação Nacional “Por Uma Educação do Campo”, 2002.

CALDART, R; CERIOLI, P. R; KOLLING, E. J. Educação do Campo: **Identidade e Políticas Públicas.** Brasília/DF: Anca, 2002.

FALKEMBACH, E. M. F. Sistematização... **Juntando Cacos, Construindo Vitrais.** Ijuí: Unijuí, 1995.

FERNANDES, B. M. **Espaços Agrários de Inclusão e Exclusão Social:** Novas Configurações do Campo Brasileiro. Revista do Laboratório de Geografia Agrária - v.I São Paulo: DG/FFLCH/USP, 2004.

FERNANDES, B. M.; CERIOLI, P. R. & CALDART, R. S. Primeira Conferência Nacional “**Por uma Educação Básica do Campo**” In: ARROYO, M.G.; CALDART, R. S. & MOLINA, M. C. (org). Por Uma Educação do Campo. Petrópolis: Vozes, 2004.

GOMES, Iria Z. 1957: A Revolta dos Posseiros – **Organização e Resistência no Sudoeste do Paraná.** Curitiba: Criar Edições, 1986.

GRITTI, M. S. **Educação Rural e Capitalismo.** Passo Fundo/RS: UPF, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Investigação e Metodologia da Investigação Temática do “Tema Gerador”** In: TORRES, Carlos Alberto. **A Práxis Educativa de Paulo Freire**: SO: Loyola, 1979.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação – Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

JARA, Oscar. **Para Sistematizar Experiências**. Paraíba: UFPB, 1995.

